

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

GILBERTO FREYRE E CÂMARA CASCUDO:
entre a tradição, o moderno e o regional

JOSÉ LUIZ FERREIRA

NATAL/RN
2008

JOSÉ LUIZ FERREIRA

GILBERTO FREYRE E CÂMARA CASCUDO:
entre a tradição, o moderno e o regional.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - Departamento de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para a obtenção do título de DOUTOR EM LETRAS.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo.

NATAL-RN
2008

JOSÉ LUIZ FERREIRA

A tese **GILBERTO FREYRE E CÂMARA CASCUDO**: entre a tradição, o moderno e o regional, apresentada por JOSÉ LUIZ FERREIRA, foi aceita como requisito para obtenção do título de DOUTOR EM LETRAS, e aprovada em ____/____2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo
(orientador)

Prof. Dr. Fernando Cerizara Gil
(examinador externo – UFPR)

Prof. Dra. Irenísia Torres
(examinadora externa – UFC)

Prof. Dr. Afonso Henrique Fávero
(examinador interno – UFRN)

Prof. Dr. Raimundo de Alencar Arrais
(examinador interno – UFRN)

A Alda Lúcia (companheira), Igor e
Ingrid (filhos), José Ferreira (meu
pai) e *in memoriam* de Eulália
Henrique (minha mãe),

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Durante os quatro anos do curso, várias pessoas e instituições contribuíram para a realização desse trabalho. Dentre elas, gostaria de agradecer especialmente:

À minha família pela compreensão diante dos momentos de ausência em que estava dedicado ao curso;

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte pela licença e bolsa de estudo concedidas;

À Prefeitura Municipal de Santo Antônio, na administração da Sra. Liliane Barbalho, pela licença concedida;

Ao professor Humberto Hermenegildo pela amizade e a longa parceria intelectual que data desde o ano de 1991, quando ingressei na graduação de Letras na UFRN, no campus de Nova Cruz.

À professora Suely da Costa pelo companheirismo acadêmico e pelas idéias trocadas quase que diariamente, uma vez que a nossa temática de estudo é a mesma;

Ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) pela permissão para pesquisarmos em seus arquivos;

Aos colegas da base de pesquisa “Estudo da modernidade”: Suely Costa, Wellington Medeiros, Isabel Cristina, Cássia Matos, André Pinheiro, Humberto Hermenegildo e Éldio Pinto pelas leituras e discussões realizadas;

À professora Andréa Jane pela revisão textual deste trabalho e pela amizade;

À Secretária do PPgEL Elizabete Dantas pela atenção dispensada;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem;

Aos colegas professores do Departamento de Letras Vernáculas da UERN.

RESUMO

Este trabalho faz uma leitura da produção esparsa de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, no período que compreende os anos iniciais da atuação intelectual dos dois escritores, a segunda década do século XX. O *corpus* da pesquisa está delimitado em torno dos textos publicados por Gilberto Freyre, no período de 1918 a 1926, que foram reunidos na obra *Tempo de aprendiz* (1979), e dos textos publicados por Câmara Cascudo nos jornais natalenses, *A Imprensa* e *a República*, nos anos de 1924, 1927, 1928 e 1929. No tocante aos textos de Câmara Cascudo, a delimitação desses anos se dá pelo fato deles terem representação significativa para a história cultura e literária do Rio Grande do Norte. As discussões contidas nos textos desses dois escritores se dão, principalmente, em torno das idéias modernistas e regionalistas acontecidas no espaço circunscrito à região Nordeste e tem por base as relações entre a literatura e a cultura. Assim, o conjunto das colaborações dos dois escritores serve como amostra do pensamento intelectual da região. Além disso, é representativo da forma como se deu o debate cultural no país, o qual, por sua vez, exigia a incorporação das realidades locais com vistas a acertar o passo com o processo de renovação do pensamento mundial e, desse modo, configurar um novo processo na tradição literária brasileira. Sendo assim, o estudo objetiva estabelecer as posições assumidas pelos dois escritores frente aos novos desafios que se impunham à realidade brasileira daquele momento. A fundamentação teórica do trabalho está centrada nos estudos acumulados sobre o modernismo, regionalismo e literatura brasileira, destacando os textos de Candido (2006, 2004, 2002, 1995, 1993 e 1989), Schwarz (1999, 1997a e 1997b), Perrone-Moysés (2007), Pallares-Burque (2005), Azevedo (1996), D'Andrea (1992), Araújo (2006, 1998, 1997 e 1995), dentre outros. É significativa, portanto, a participação dos dois escritores naquele momento que marca a renovação do pensamento nacional e a formação da modernidade cultural brasileira, mesmo que as posições assumidas por ambos revelem, por vezes, posturas diferentes em relação à literatura e à tradição sem, contudo, serem divergentes.

Palavras-chaves: cultura, tradição, literatura, modernismo, regionalismo, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo.

ABSTRACT

The present work makes some comments on the scattered productions of Gilberto Freyre and Luís da Câmara Cascudo, in the period which includes the early years of their intellectual performance, the second decade of the twentieth century. The *corpus* of the research is delimited on the texts published by Gilberto Freyre, from 1918 to 1926, which were gathered in the book *Tempo de aprendiz* (1979), and from the ones published by Câmara Cascudo in Natal local newspapers, such as *A Imprensa* and *A República*, in 1924, 1927, 1928 and 1929. Concerning Câmara Cascudo's texts, the delimitations of these years is due to they had a relevant importance for the literary and cultural history of Rio Grande do Norte. The included discussions in these writers' texts mainly happen around the modernist and regionalist ideas that happened restrictively in the Northeast region of Brazil, and are based on the relationships between literature and culture. Thus, the set of collaborations of both writers is useful as a sample of the intellectual thinking of the mentioned region. Besides, it is representative in the way the cultural debate got along in the country, which in turn, demanded the inclusion of the local realities in order to follow the renewing process of the worldwide thinking, and as matter of fact, arrange a new process in the Brazilian literary tradition. In this way, the study goals to set the positions taken by the two writers faced to the new challenges that the Brazilian reality of that moment was imposed on. The theoretical basis of this work is focused on the accumulated studies about the Brazilians modernism, regionalism and literature, pointing out the Candido's texts, (2006, 2004, 2002, 1995, 1993 and 1989), Schwarz's (1999, 1997a and 1997b), Perrone- Moysés's (2007), Pallares-Burque's (2005), Azevedo's (1996), D'Andrea's (1992), Araújo's (2006, 1998, 1997 and 1995), among other authors. Therefore, It is relevant the participation of both writers in that moment which highlights the renewing of the national thinking and the formation of the Brazilian cultural modernity, even the positions taken by them reveal, at times, different views concerning literature and tradition without being disagreeing, however.

Key-words: culture, tradition, literature, modernism, regionalism, Gilberto Freyre and Câmara Cascudo.

RESUMÉ

Ce travail a pour but de parcourir la production éparse de Gilberto FREYRE et Luís da CAMARA CASCUDO, dans la période comprenant les premières années de vie intellectuelle des deux écrivains, la deuxième décennie du XX siècle. Le *corpus* de la recherche tourne autour des textes publiés par Gilberto FREYRE, dans la période de 1918 à 1926, rassemblés dans l'oeuvre *Temps d'apprenti* (1979), et des textes publiés par CAMARA CASCUDO dans les journaux de Natal, *La Presse et la République*, dans les années 1924, 1927, 1928 et 1929. Touchant les textes de CAMARA CASCUDO, la délimitation de ces années se produit parce qu'elles ont une représentation significative pour l'histoire, culture et littérature du Rio Grande do Norte. Les discussions contenues dans les textes de ces deux écrivains tournent, notamment, autour des idées modernistes et régionalistes provenant de l'espace circonscrit à la région Nord-est et elles ont comme base les relations entre la littérature et la culture. Ainsi, l'ensemble des collaborations des deux écrivains sert comme échantillon de la pensée intellectuelle de la région. En plus, on y retrouve la façon dont s'est passé le débat culturel au pays qui, à son tour, exigeait l'incorporation des réalités locales, soucieux de faire un pas vers le processus de rénovation de la pensée mondiale et, de cette manière, présenter une nouvelle configuration au processus dans la tradition littéraire brésilienne. Donc, cette étude a pour but d'établir les positions assumées par les deux écrivains face aux nouveaux défis qui s'imposaient à la réalité brésilienne de ce moment. La base théorique du travail est centrée sur les études accumulées sur le modernisme, régionalisme et littérature brésilienne, en particulier les textes de Candide (2006, 2004, 2002, 1995, 1993 et 1989), Schwarz (1999, 1997a et 1997b), Perrone-Moysés (2007), Pallares-Burque (2005), Azevedo (1996), D'Andrea (1992), Araújo (2006, 1998, 1997 et 1995), entre autres. La participation des deux écrivains est donc significative, à ce moment-là qui marque la rénovation de la pensée nationale et la formation de la modernité culturelle brésilienne, bien que les positions assumées par eux révèlent, parfois, points de vue différents par rapport à la littérature et à la tradition sans être pourtant divergents.

Mots-clés: Culture, tradition, littérature, modernisme, régionalisme, Gilberto FREYRE et CAMARA CASCUDO.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:	10
2. A TRADIÇÃO, O MODERNO E O REGIONAL	21
2.1. GILBERTO FREYRE E O <i>TEMPO DE APRENDIZ</i>	21
2.2. O TRADICIONAL E O MODERNO: forças em movimento.....	26
2.3. REGIONALISMO: uma força que (res)surge.	56
3. A TRADIÇÃO E OS ELEMENTOS REGIONAIS NA PREGAÇÃO MODERNISTA	78
3.1. 1924: surge um aprendiz modernista.....	78
3.2. 1927: intensificação da ação modernista.....	107
3.3. 1928 E 1929: Câmara Cascudo recebe Mário de Andrade.....	113
4. GILBERTO FREYRE E CÂMARA CASCU DO: PERSPECTIVAS DO ELEMENTO REGIONAL	143
5. MODERNISMO: DO DESRECALQUE LOCALISTA À INCORPORAÇÃO DA DIMENSÃO REGIONAL	175
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
7. BIBLIOGRAFIA	201
7.1. CONSULTAD.....	201
7.2. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO DO ANO DE 1924.....	205
7.3. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO NO ANO DE 1927.....	207
7.4. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO NO ANO DE 1928.....	207
7.5. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO NO ANO DE 1929.....	209

1. INTRODUÇÃO

Mediante a euforia de transformação vivenciada no cenário mundial e no Brasil, no início do século XX, as várias regiões do país mais distanciadas do Centro-sul - o espaço onde se concentrou a movimentação com ares renovadores no período - também reagiram às mudanças que se processaram naquele momento, e os elementos da cultura que, até então estavam limitados às realidades locais, foram incorporados à pauta de discussão artística e ao mundo da arte erudita. Tal processo foi assim caracterizado por Roberto Schwarz, ao analisar a poesia de Oswald de Andrade:

[...] É o primitivismo local que devolverá à cansada cultura européia o sentido moderno, quer dizer de maceração cristã e do utilitarismo capitalista. A experiência brasileira seria um ponto cardeal diferenciado e com virtualidade utópica no mapa da história contemporânea (algo semelhante está insinuado nos poemas de Mário de Andrade e Raul Bopp sobre a preguiça Amazônica). Foi profunda portanto a viravolta valorativa operada pelo Modernismo: pela primeira vez o processo em curso no Brasil é considerado e sopesado diretamente no contexto da atualidade mundial, como tendo algo a oferecer ao capítulo (SCHWARZ, 1997, p. 37-38).

A incorporação do elemento primitivo e recalcado, conforme assinala Antonio Candido, à experimentação artística foi a maneira encontrada para que outras realidades nacionais, segregadas por anos e anos de colonialismo e de um pensamento artístico moldado ao academicismo, fossem tratadas como matéria apta à manipulação estética. Para Candido (2006, p. 127), “o primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. Isso na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem”.

O período que nos interessa nesta pesquisa, a partir da configuração que compreende a inserção das realidades locais, é o que está relacionado às duas primeiras décadas do século XX, na região Nordeste. Conforme constata os estudos realizados sobre a questão, a região foi o espaço onde se configurou o capítulo da história cultural do país que se iniciou a partir dos anos 1920, e ficou conhecido amplamente como o movimento regionalista tradicionalista nordestino. A região foi também o espaço em que as idéias do modernismo de origem paulista tiveram ampla divulgação. Neste caso, foi através da articulação entre o modernismo e o regionalismo que se trouxe à tona as discussões sobre a realidade artística e cultural da região. Essas discussões favoreceram e aprofundaram o debate sobre as idéias regionalistas,

principalmente no campo da cultura. Além disso, ofereceram alguns dos elementos que formariam a matéria-prima para o romance de 1930, um dos produtos artísticos mais significativos resultante das experiências vividas durante o modernismo. Aliás, se vistas isoladamente, as idéias iniciais discutidas no Nordeste estavam em oposição quase que direta às propostas estéticas e ideológicas defendidas pelo grupo de São Paulo, uma vez que o regionalismo em sua essência política e ideológica foi um movimento que tentou revalorizar, na vasta tradição patriarcal do Nordeste açucareiro, um passado que, visto sob a nova ótica capitalista, daquele momento, representava o atraso.

Ainda na década de 1920, o país buscava, através da atualização da economia e do debate em torno das novas idéias capitaneadas pelo mundo europeu, inscrever-se na nova ordem do capitalismo de base industrial. Nessa ordem, o poder da região, representado pelo seu passado glorioso, e em acelerado estágio de decadência, deveria ser a força motriz para uma reação contra as ameaças que advinham de uma nova força econômica e cultural, sediada no Centro-sul, liderado pelo estado de São Paulo. O embate entre o antigo centro econômico, que representa aqui também um estágio ultrapassado desse processo, e a nova força propulsora da economia, representando a atualização com a modernização mundial, pode ser entendido como o embate entre um mundo de bases tradicionalmente rurais, herdadas do passado colonial, e o mundo do capital moderno, representado pelo processo da industrialização urbana. Esse enfrentamento entre essas duas forças pode ilustrar também toda a nossa trajetória de nação, uma vez que são os elementos próprios do Brasil-colônia e do Brasil-burguês que animarão essa trajetória. Segundo Schwarz (1997b, p. 13), “A nossa realidade sociológica não parava de colocar lado a lado os traços burguês e pré-burguês, em configurações incontáveis, e até hoje não há como sair de casa sem dar com elas”.

Ainda sobre a importância da região Nordeste, na configuração geral dos acontecimentos ocorridos a partir da segunda década do século XX, podemos destacar a análise de Gilberto Freyre (1987), quando ele trata de uma espécie de vanguarda brasileira representada pelas cidades de São Paulo e Recife, que estariam numa disputa direta pela hegemonia de uma modernidade brasileira. Portanto, não é por acaso, segundo nos faz entender o pensador pernambucano, que os dois movimentos mais importantes da arte e da cultura brasileira do século passado aconteçam sob a influência direta desses dois pólos emblemáticos da história cultural do país¹. Sobre as duas cidades, Gilberto Freyre faz a seguinte observação:

¹ Dentre as situações elencadas por Gilberto Freyre, as quais, digamos de passagem, têm um tom de exagero, que configuram esse espírito de vanguarda da capital pernambucana, em relação ao espírito moderno, destacamos:

No Brasil, quase tudo que é manifestação de modernidade ou explosão de modernismo em política, em literatura, em indústria, em pintura, até em religião e em ética, tem partido de São Paulo ou de Recife. Ou de paulistas ou de pernambucanos.

[...] Paulista e Pernambucanos se confundem em vir sendo no Brasil os brasileiros de espírito mais constantemente moderno e às vezes exageradamente modernistas (FREYRE, 1987, p. 99 e 100).

Com o objetivo de compreender as discussões geradas em torno das idéias culturais e estéticas surgidas na região Nordeste, naquele período, o trabalho *Modernismo e Regionalismo*: anos 20 em Pernambuco, de Neroaldo Pontes de Azevedo, faz um estudo da trajetória dos dois movimentos que dominaram esses debates. O estudo aponta como fato desencadeador para defesa do elemento local uma campanha que reagiu às intenções políticas intervencionistas do Presidente Epitácio Pessoa, em relação ao estado de Pernambuco, travada pelos grupos políticos oligárquicos que dominavam esse estado naquele momento: o “borbismo”, grupo ligado ao senador Manoel Borba e o “pessoismo”, liderado pela família Pessoa de Queiroz. A campanha, liderada pelo grupo do senador Manoel Borba em Pernambuco, ficou conhecida por “Reação Republicana” ou “Movimento da Autonomia”: “[...] Tal movimento que provoca um clima de lutas e desmandos, contribui para a chamada geral em torno dos interesses pelo local, pelo regional, reforçando as denúncias de uma política centralizadora” (AZEVEDO, 1996, p. 28).

Contudo, o movimento regionalista, expressando idéias ligadas ao campo da arte e da cultura, só ganhará força ao se iniciar uma intensa campanha em torno da defesa dos elementos tradicionais e de uma contraposição direta às idéias modernistas do grupo paulista, entendidas inicialmente como futuristas. Neste sentido, a grande polêmica entre futurista e passadista estava criada e duraria um bom tempo. O embate entre as duas linhas de pensamento aconteceu principalmente através do *Jornal do Comércio*, órgão da imprensa pernambucana que encampava a divulgação do modernismo, e o do *Diário de Pernambuco*, jornal ligado à divulgação das propagandas do regionalismo. Do lado futurista, destaca-se a

“Nos dias de Nassau, o Recife foi um centro tão escandaloso não só de modernidade como de modernismo que os burgueses da Holanda não conseguiram acomodar-se a tanta inovação. Um dia Nassau quase surrealisticamente anunciou aos recifenses que ia fazer um boi voar. E no fim de oito anos de arrojo experimentais do conde – um europeu do norte enamorado do trópico - desembarçaram-se aqueles burgueses rotineiros de um dos maiores volutuosos do modernismo na arte política e na arte da administração que já floresceram na América. Desde então parece ter ficado no pernambucano o gosto de modernidade às vezes extremado em furor modernista” (FREYRE, 1987, p. 99-100).

figura de Joaquim Inojosa, seu principal defensor. Em defesa do passado e da tradição patriarcal, articula-se um grupo que tem na figura de Gilberto Freyre, sua principal liderança, e de José Lins do Rego, paraibano atuante, seus mentores².

O acirramento da polêmica entre os dois grupos ocorreu a partir da visita de Joaquim Inojosa a São Paulo, em 1922, momento em que ele entrou em contato direto com os principais líderes do movimento modernista, tornando-se o mais ávido divulgador daquelas idéias no estado de Pernambuco e na região Nordeste:

Claro está que esse desfile de nomes de intelectuais do Sul, praticamente desconhecidos em Pernambuco e agora apontados como modelos a serem seguidos, provocaria reações. O ataque generalizado ao passado, por sua vez, feria sensibilidades afeitas ao culto da tradição como forma de sobrevivência. Por tudo isso Inojosa será, durante um bom tempo, voz solitária a pregar a necessidade de uma arte nova. “Um ano faz, escreverá ele em 1924, em *A arte moderna*, “que no Recife, falar de arte nova (para muitos – de ‘futurismo’), era despertar o riso irônico da multidão de letrados, ou dos não-literatos. Eu, só – posso dizê-lo -, reagia contra essa atitude de indiferença de zombaria dos nossos homens de letras” (AZEVEDO, 1996, p.45).

Em relação à posição do líder regionalista, Azevedo (1996, p. 46) destaca:

² Sobre a forte ligação entre o paraibano José Lins do Rego e Gilberto Freyre, é interessante destacarmos o artigo “Recordando José Lins do Rego” (FREYRE, 1987) no qual o autor faz toda uma retrospectiva das influências que um exerceu sobre o outro. Na verdade, o tom do texto deixa bastante claro a forte influência que Gilberto Freyre exerceu em José Lins do Rego e, conseqüentemente, nos escritores do romance e da poesia regionalista da década de 1930. Senão, vejamos: “Foi José Lins do Rego que do Recife levou algumas daquelas influências, primeiro para a Paraíba – onde José Américo de Almeida se preparava, em parte sugestionado pelo movimento regionalista do Recife, em parte sob o estímulo do seu próprio sertanejismo, inspirado em José de Alencar e em Euclides da Cunha, para escrever o extraordinário romance regional que é *A bagaceira*; e depois para Alagoas, onde Jorge de Lima e Graciliano Ramos, um tanto por sugestões recifenses, outro tanto por sugestões ‘modernistas’ vindas dos Sul, voltaram-se para temas telúricos e para assuntos regionais – regionais de uma nova espécie de regionalismo [...]. Eu seria, entretanto, mais do que exagerado em minha galanteria de vivo para com os mortos, se me prestasse à farsa de aceitar em silêncio aquela suposta coincidência, omitindo-me nos acontecimentos daquela época e fingindo-me espectador do aparecimento, em nosso país, de uma nova literatura de ficção e de uma nova poesia que tivesse surgido no Nordeste por geração espontânea; ou apenas como repercussão do modernismo Rio-São Paulo. Não surgiu. Também o Recife contribuiu para o aparecimento de semelhante literatura através de um José Lins do Rego como que irradiante e até evangélico na influência que, do Recife, transmitiu a vários pontos do Nordeste; e que confessa não em uma, mas em várias cartas, que possui dele – e algumas das quais não devo ainda publicar – ter sido influência recebida por ele de alguém que prezou então como o maior dos seus amigos e o mais completo dos seus guias. [...] Completamo-nos na influência que, juntos, exercemos sobre escritores, artistas, homens de estudo e até homens de ação, tanto mais velhos como mais novos do que qualquer um de nós, da nossa região e do nosso país” (FREYRE, 1987, p. 58-59). E ainda: “Fui mestre e – repito – até professor de José Lins do Rego [...]. Não procurei fazer dele uma repetição do que eu era mas dar-lhe quanto pude lhe dar pra que sua personalidade se refizesse para a expressão literária de acordo com as suas características e suas predisposições já reveladas pelo panfletário e pelo jornalista” (p. 70 e 71).

Gilberto Freyre também se coloca do lado daqueles que criticam o “modernismo” em geral e, em particular, as idéias futuristas vindas de São Paulo. Sua postura polêmica, neste momento, decorre da preocupação em resguardar os valores tradicionais e em apontar a necessidade de valorização das realidades regionais.

O grupo liderado por Gilberto Freyre discutiu, conforme já dissemos, questões ligadas à cultura da região através de um debate que punha na linha de frente a importância econômica do Nordeste através da sua tradicional história do cultivo da cana-de-açúcar que remonta à época colonial. Cultura essa ameaçada, naquele momento, por outra ordem de valores comerciais, advindos do processo de industrialização de bases efetivamente modernas.

Gilberto Freyre começa a ter uma vida intelectual com maior visibilidade quando viaja aos Estados Unidos, na condição de estudante universitário, onde permaneceu por mais de quatro anos e quatro meses. De lá, ele começa a escrever para o *Diário de Pernambuco* crônicas e artigos que foram reunidos e publicados em 1979, com o título de *Tempo de aprendiz* e o subtítulo de “Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)”. Nessa viagem de estudos, o pernambucano ficou, ainda, oito meses na Europa de onde, segundo ele, teve contato direto com as idéias regionalistas dos franceses Mistral e Maurras. Em 1923, ele retorna do exterior e começa a intensa campanha em defesa do processo de retraditionalização da região. As propostas defendidas por Gilberto Freyre, em torno da retomada do aspecto tradicional do Nordeste, tinham como base de sustentação os aspectos que faziam dessa região, segundo ele, a mais original do país. Culinária, arquitetura, o modo de viver dos senhores patriarcais, a arborização das cidades, enfim, eram esses os principais temas em torno dos quais foi desenvolvida a campanha regionalista. Desse modo, podemos afirmar que a pregação dos regionalistas de Recife girava em torno de um Nordeste situado, principalmente, na parte litorânea, na fértil região da Zona da Mata, cuja atividade da cana-de-açúcar proliferara desde os idos coloniais. Séculos se passaram e a região permaneceu intacta na sua forma de cultivo do principal produto de exportação do país à época, bem como permaneceram intactas às várias formas de relacionamentos sociais e políticos, todos subordinados aos mandos dos senhores de engenhos. Enfim, a região preservara uma forma de cultura que, vista aos olhos da modernização do início do século XX, tornava-se anacrônica em relação às novas metas que o país precisava alcançar diante das novas exigências do contexto internacional.

A situação de enfraquecimento da atividade açucareira teve seus reflexos, também, na vida econômica e política do Rio Grande do Norte, conforme acontecia em Pernambuco e

em todo o Nordeste. Com esse enfraquecimento, a oligarquia Albuquerque-Maranhão, que comandava a política do local, “[...] perdeu o poder e iniciou-se um novo período para a história do estado e, particularmente, para a cidade do Natal, que começou a apresentar algumas características de vida urbana” (ARAÚJO, 1995, p.25). É evidente que o estado, naquele instante, passava por um acentuado processo de transformação, graças à atuação da nova mentalidade que passou ao comando da política, o grupo representante da atividade algodoeira-pecuária, cujas bases eram de origem sertaneja. Sendo assim, várias das ações político-administrativas foram direcionadas para o interior, uma vez que o propósito era a integração entre aquela população e a capital do estado, que, por anos e anos, permaneceu isolada devido à falta de uma infra-estrutura que possibilitasse esse contato. Essa atitude trouxe à capital os elementos culturais do sertanejo que, aos poucos, passaram a ser discutidos e valorizados pela intelectualidade local. Assim, diferentemente do grupo pernambucano referido, que buscava a valorização e a permanência dos elementos culturais da população da faixa litorânea, e de certo modo, pregando a resistência ao processo de modernização, o grupo de intelectuais potiguares considerados neste trabalho atuava em outra frente, uma vez que estava ligado a uma nova mentalidade política que buscava um processo de integração, através da construção de estradas e campos de aviação, tentando aproximar os modos de viver entre o interior e a capital.

É nessa mesma década em questão que surge, no cenário das letras potiguares, a figura de Luís da Câmara Cascudo, cuja atividade literária, nas primeiras décadas do século passado, contribuiu para que a cidade do Natal comesse, naquele momento, a acertar os passos no processo de atualização, entrando no compasso das discussões literárias e culturais em curso no mundo. A atividade literária desse escritor norte-rio-grandense ganha maior visibilidade quando ele publica, em 1921, o livro *Alma Patrícia*. Na verdade, ele já tinha uma vida intelectual atuante, publicando textos esparsos no jornal *A Imprensa*, que era de propriedade de sua família. O primeiro artigo publicado por Câmara Cascudo foi “Bric-à-brac”, em 18 de outubro de 1918³, quando ele tinha apenas 18 anos de idade. Em 1920, o autor organizou o livro *Versos*, do poeta Lourival Açucena, que fora publicado, segundo Mamede (1970), pela tipografia do jornal da família Cascudo. A partir de então, vários foram os artigos e livros publicados por ele, sobre os mais variados assuntos, fato que caracteriza a sua extensa produção bibliográfica.

³ O texto publicado foi “Críticas sobre os livros *Bric-à-Brac*, *Bosque Sagrado* e *A mulher na poesia brasileira*, de Leal de Souza (MAMEDE, 1970, vol. 1, p. 163).

A partir desses e de outros elementos, podemos dizer que, igualmente a Gilberto Freyre, Câmara Cascudo foi um dos principais protagonistas da história literária da região Nordeste, nas primeiras décadas do século XX. Ao lado de outros artistas locais, ele ajudou a construir na capital potiguar um ambiente cultural que foi capaz de absorver as discussões estéticas vivenciadas por grande parte da intelectualidade brasileira. Entretanto, a movimentação intelectual do autor não se restringiu somente ao espaço literário da capital norte-rio-grandense. Na qualidade de estudante universitário, ele também frequentou outros espaços fora da sua cidade natal. Inicialmente, na faculdade de Medicina, em Salvador, depois no Rio de Janeiro. Após desistir da carreira médica, primeiro pela escassez de recursos da família, depois porque “não tinha vocação médica” (CASCUDO, 1968, p.47), o futuro folclorista dedicou-se à vida literária e ao curso de Direito, indo estudar na tradicional Faculdade de Direito do Recife para onde ia “[...] três meses por ano, levando as economias pessoais, hospedado em pensões humildes e típicas. Em dezembro de 1928, disse como Guerra Junqueira: - *Sou como toda a gente um bacharel formado!* Ele em Letras. Eu, em Ciências Jurídicas e Sociais” (CASCUDO, 1968, p.48).

A cidade do Recife, naquela época, estava envolta em um clima de discussão que contemplava os dois principais movimentos culturais do momento. Sendo assim, Câmara Cascudo pôde testemunhar toda a euforia dessa discussão, seja pessoalmente, seja através da leitura das publicações jornalísticas e editoriais da capital pernambucana. Através do jornal da família, Câmara Cascudo procurou atualizar a intelectualidade provinciana, resenhando as novidades editoriais locais, de outros estados do Centro-sul do país e da região Nordeste. Neste sentido, ele puxara a discussão com vistas a uma atualização estética e uma maior articulação entre os artistas da cidade e as outras mentalidades país afora, com o objetivo de incluir a atividade literária local no processo de construção da moderna literatura brasileira. A partir desse propósito, alguns dos escritores regionais tiveram suas obras enviadas a outros estados. Jorge Fernandes foi um desses escritores com maior projeção fora do estado. Uma outra característica de Câmara Cascudo era a de “apresentar” em seus artigos e resenhas escritores de outros estados do país e do estrangeiro.

A tarefa mais importante empreendida pelo autor, naquele momento, foi a sistematização das práticas literárias e teatrais da cidade do Natal, através da publicação do livro *Alma Patrícia*. Se anteriormente, com a organização do livro de versos de Lourival Açucena, Câmara Cascudo já dera bons sinais de que a tradição literária local seria uma questão importante, com a publicação do seu segundo livro sobre literatura, *Joio* (1924), ele reforça o interesse pela tradição ao dedicar uma parte do estudo a outro poeta local, Ferreira

Itajubá. Sendo assim, Câmara reuniu o que existira de mais expressivo na literatura local, uma vez que “[...] estes dois poetas representaram as primeiras manifestações literárias de algum valor, entre o século XIX e o início do século XX” (ARAÚJO, 1995, p. 21). A proposta seria, então, a sistematização daqueles elementos que representariam uma tradição literária incipiente e, a partir dela, inserir na intelectualidade local o debate sobre as práticas literárias e culturais ambientadas no espaço da cidade do Natal para, em seguida, entrar no compasso das discussões mais amplas, vivenciadas na conjuntura da tradição cultural ocidental, especialmente no contexto brasileiro.

A atividade intelectual do nosso escritor se intensificaria no decorrer da segunda década do século XX. Com a propagação do movimento e dos ideais modernistas do grupo paulista, a partir do ano de 1924, Câmara Cascudo assumiria um papel importante na divulgação dessas idéias no estado. Sobre o assunto, ele publicou vários artigos ligados diretamente às propostas modernistas. Ao lado de toda essa movimentação do autor, soma-se, ainda, uma longa amizade com o escritor Mário de Andrade, que inclui duas visitas do paulista ao Rio Grande do Norte e trocas de cartas, entre ambos, que vão de 1924 a 1943⁴. Foi ao lado de Mário de Andrade e de outros intelectuais modernistas, que Câmara Cascudo percorreu, entre os meses de janeiro e fevereiro de 1929, várias cidades do sertão norte-rio-grandense, chegando até a Paraíba⁵.

Entendemos que os textos publicados por Câmara Cascudo e Gilberto Freyre, mesmo eles estando voltados, nos seus aspectos mais gerais, à discussão dos elementos das realidades locais, principalmente, àqueles que se referem aos estados de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, possuem uma importância fundamental pelo fato de que eles ultrapassam as fronteiras territoriais de cada um desses estados para circunscreverem-se na história da moderna literatura brasileira, uma vez que os temas cultura, literatura, modernismo e regionalismo foram o objeto de preocupação dos dois escritores naquele momento. Confrontar as idéias, as opiniões e, sobretudo, os posicionamentos adotados por Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, perante os temas referidos, será de fundamental importância para uma maior compreensão desse importante capítulo da história cultural e literária da região Nordeste e do país.

⁴ Conferir o estudo *Correspondência*: leituras das cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade (GOMES, 1999).

⁵ Conferir os detalhes da viagem de Mário de Andrade em *O turista aprendiz* (1976). Câmara Cascudo também publicou seis textos esparsos sobre a viagem no jornal *A República*, todos com os títulos de “Diário dos 1.104 klmts”, entre os dias 29, 30 e 31 de janeiro e 1º, 02 e 03 de março de 1929.

Considerando a atuação dos dois escritores, cujas atividades intelectuais iniciais, em torno das questões literárias e culturais, se desenvolveram no espaço circunscrito à região Nordeste, este trabalho objetivará fazer uma leitura da produção esparsa publicada por eles, especificamente, na segunda década do século XX. Os textos de Gilberto Freyre escolhidos para objeto de nossa análise são aqueles publicados no jornal *Diário de Pernambuco*, entre os anos de 1918 e 1926, e reunidos em livro no ano de 1979. Já os textos referentes a Câmara Cascudo foram publicados nos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República*, em 1924, 1927, 1928 e 1929. Em relação aos textos cascudianos, a escolha por essa delimitação temporal deve-se ao fato de que eles têm uma significação para a história literária do estado, ou seja, eles representam, respectivamente, os seguintes fatos: início da divulgação do modernismo no Rio Grande do Norte, ano de publicação de *O livro de poemas de Jorge Fernandes* e os anos das visitas de Mário de Andrade ao estado.

O material produzido por Câmara Cascudo, especificamente os textos publicados nos jornais *A Imprensa* e *A República* nos de 1924, 1927, 1928 e 1929, já foi objeto de estudo em nossa dissertação de mestrado. Na ocasião, o objetivo da pesquisa era discutir sobre a atuação de Câmara Cascudo durante a década de 1920 no estado do Rio Grande do Norte. Dentre outras questões, a pesquisa concluiu que:

[...] o modernismo na sua feição manifesta no Rio Grande do Norte tem um dado singular, pois acontece de uma forma que, além de interferir e estabelecer procedimentos na vida artístico-literária, se apresenta como um movimento responsável pela tentativa de compreensão e estabelecimento de uma identidade cultural para o estado, uma vez que através da atuação de Câmara Cascudo se dá início a uma sistematização da memória coletiva, dado significativo na teia dos estudos modernistas, e na busca da compreensão da complexa identidade coletiva brasileira (FERREIRA, 2000, p. 122).

A partir daquela pesquisa, entendemos que seria necessário fazer a ampliação do estudo do material acima referido, tendo em vista que os textos publicados por Câmara Cascudo apontavam para uma intensa articulação do escritor, em torno dos assuntos literários e culturais, discutidos amplamente na região Nordeste e no país e, de certa forma, na América Latina, na segunda década do século passado. Tal fato requeria, de nossa parte, um aprofundamento da questão como forma de ampliarmos o debate sobre a atividade literária do escritor, da vida cultural do estado e do país. Assim, encontramos nos textos do escritor

pernambucano Gilberto Freyre o contraponto inicial para o confronto com os textos cascudianos.

A relação comparativa entre os textos levou em consideração a representatividade de cada um dos seus autores, diante dos temas abordados, como também considerou a importância literária que os textos exerceram nos espaços em que estavam circunscritos, tendo em vista a liderança intelectual que os dois escritores exerceram nas suas respectivas cidades, isto é, no confronto entre esses textos, procuramos estabelecer quais os caminhos percorridos e as posições assumidas por Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Sendo assim, nos debruçamos novamente sobre os textos publicados por Câmara Cascudo, objetivando ampliar a discussão sobre a atuação do autor nos movimentos modernismo e regionalismo, além de confrontarmos os posicionamentos dos dois escritores sobre esses movimentos, haja vista que as posições ideológicas de cada um deles apontavam para a não confluência de idéias sobre esses temas, mesmo não existindo um confronto direto entre elas, conforme acontecera entre os pernambucanos defensores do regionalismo e do modernismo.

Devido à diversidade de artigos e de temas apresentados no conjunto de textos delimitado para a pesquisa, elegemos como material para a análise aqueles textos que se interligam através das temáticas: tradição, modernidade, regionalismo, literatura e cultura. Estabelecemos o critério de analisar os textos publicados por Gilberto Freyre, que interessam diretamente ao nosso estudo, agrupando-os em três grandes grupos: tradição, modernismo e regionalismo, uma vez que esses assuntos se impõem no conjunto da obra. Entretanto, esclarecemos que, devido ao inter cruzamento desses temas na maioria dos textos selecionados, é impossível falar de cada uma isoladamente. Sendo assim, a alternativa encontrada para a análise foi seguir a seqüência cronológica das partes apresentadas na obra (“Série da Outra América”, “Artigos numerados” e a “Série de artigos com títulos”), interrompendo-a quando existem outros textos que não pertencem àquela seqüência temporal, mas que se ligam através do assunto. Para os textos cascudianos, a metodologia abordada seguiu a cronologia de publicação dos textos nos jornais, haja vista que tínhamos interesse em demarcar as posições assumidas pelo autor em cada ano delimitado pela pesquisa.

Os estudos acumulados sobre o modernismo, regionalismo e literatura brasileira foram os norteadores para situarmos o material em questão. Assim, os textos de Candido (2006, 2004, 2002, 1993, 1995 e 1989), Schwarz (1999, 1997a e 1997b), Perrone-Moysés (2007), Pallares-Burque (2005), Azevedo (1996), D’Andrea (1992), Araújo (2006, 1998, 1997 e 1995), dentre outros, nos serviram como o referencial teórico básico para esse estudo que ora apresentamos.

Estruturalmente, esta tese está assim dividida: introdução, quatro capítulos, considerações finais e bibliografia. No primeiro capítulo, denominado de “A tradição, o moderno e o regional...”, realizamos a leitura do material referente ao escritor Gilberto Freyre, publicado originalmente entre 1918 e 1926 e republicado, em formato de livro, em 1929 com o título de *Tempo de aprendiz*. No segundo capítulo, “A tradição e os elementos regionais na pregação modernista”, fizemos uma leitura dos textos esparsos publicados por Câmara Cascudo nos anos de 1924, 1927, 1928 e 1929. No terceiro capítulo, “Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: perspectivas do elemento regional”, a análise é sobre o elemento regional, perante o posicionamento de cada um dos dois escritores sobre o assunto. E, no último capítulo, “Modernismo: do desrecalque localista à incorporação da dimensão regional”, abordamos o posicionamento de Câmara Cascudo frente ao ideário modernista.

2. A TRADIÇÃO, O MODERNO E O REGIONAL...

[...]
 Recife,
 Ao clamor desta hora noturna e mágica, Vejo-te
 morto, mutilado, grande,
 Pregado à cruz das novas avenidas.
 E as mãos longas e verdes
 Da Madrugada
 Te acariciam (Joaquim Cardozo, *Recife Morto*).

2.1. GILBERTO FREYRE E O *TEMPO DE APRENDIZ*

A vida intelectual do escritor pernambucano Gilberto Freyre começa na adolescência, quando ele publica uma série de artigos para o *Diário de Pernambuco*, reunidos posteriormente na obra *Tempo de aprendiz*¹. No total, são duzentos e sessenta e oito textos que estão divididos em três grandes partes. Na primeira delas, foram agrupados aqueles textos escritos nos Estados Unidos entre os anos de 1918 e 1923, os quais recebem a denominação de série “Da outra América”. Essa parte contém sessenta e um textos identificados pela numeração e quatro textos com títulos. A segunda parte possui cem textos numerados e três com títulos, textos que foram publicados entre 22 de abril de 1923 e 15 de março de 1925. Essa parte está identificada como a série de “artigos numerados”, inexistindo, então, o texto 28, provavelmente, devido a um erro de enumeração do autor, quando da publicação no jornal. Já a terceira parte é composta também por cem textos, todos eles com títulos, publicados no período de 22 de março de 1925 a 22 de dezembro de 1926². No livro, temos ainda o prefácio escrito por Nilo Pereira e a Introdução escrita pelo próprio autor.

Na verdade, a vida intelectual do jovem estudante pernambucano Gilberto Freyre teve início quando ele se encontrava no exterior, numa estada que durou aproximadamente cinco anos, sendo quatro anos e quatro meses nos Estados Unidos e oito meses na Europa. A experiência americana e depois a europeia, aliadas, é claro, à própria experiência brasileira, vivida principalmente no espaço da região Nordeste, ou ainda no seu “glorioso estado de

¹ Segundo Pallares-Burke (2005, p.29-30), Gilberto Freyre fez alterações nos textos que compõem a obra *Tempo de aprendiz*, uma vez que “apesar de, ao que tudo indica, ser verdadeiro que os artigos aí reproduzidos são em geral fiéis aos originais e contêm alterações ligeiras, ainda assim torna-se necessário estar alerta para modificações que possam alterar a reconstituição da trajetória intelectual que se quer reconstituir, já que ao menos um dos artigos conferidos apresenta modificações substanciais”.

² Gilberto Freyre não deu nenhum título a essa última série de textos como fizera com as outras duas. Entretanto, para efeito didático de nosso estudo, a denominaremos de “Série de artigos com títulos”.

Pernambuco”, parecem ter sido decisivas para a construção de uma obra com a qual o autor contribuiu para redimensionar a compreensão não só da Sociologia, mas, de forma geral, do pensamento intelectual brasileiro do século XX.

A análise em conjunto dos artigos esparsos, publicados em *Tempo de aprendiz*, mostra como a obra do escritor pernambucano começa a se configurar e dá uma visão dos rumos que suas idéias seguiriam dali por diante³. O ponto de partida para a compreensão de pensamento de Gilberto Freyre gira em torno da formulação a respeito da tradição, o traço inicial para a pregação de defesa do regionalismo. As idéias a respeito desses dois elementos são ancoradas por discussões mais gerais, dentre elas o processo de modernização, seja do espaço americano, bem mais acentuado no período, seja do espaço brasileiro que, aos poucos, entrava no clima das mudanças da época. Diante dessas questões, o autor vai delineando os seus conceitos sobre os costumes, a arte, a literatura, o cotidiano da sua cidade natal, e de várias idéias ligadas ao momento vivido por ele.

Na parte da obra denominada de “Introdução do autor”, Gilberto Freyre faz, cinqüenta e seis anos após a publicação do último artigo no *Diário de Pernambuco* que foi reproduzido no *Tempo de Aprendiz*, uma espécie de resumo do que seria o objetivo principal desses artigos escritos na fase inicial da sua vida intelectual:

[...] na defesa de valores da arquitetura tradicional e regional brasileira; na defesa das árvores e plantas brasileiras ou tropicais nas ruas e nos jardins brasileiros; na defesa de assuntos e de linguagem atraentes para crianças, ao mesmo tempo de regionais, tradicionais, em livros brasileiros para meninos; [...] na defesa das cozinhas regionais e tradicionais do Brasil [...] a repulsa a uma então dominante exaltação, no Brasil, de motivos, temas ou modelos humanos europeus, na estatuária, na pintura, na literatura de ficção, inclusive a colocação desses modelos em ambientes também estritamente brasileiros, em vez de europeus e antibrasileiros; a defesa de nomes regionais e tradicionais de ruas; [...] a defesa de perspectivas brasileiras nas literaturas de ficção e nos estudos sociais brasileiros; [...] o destaque dado à *Paraíba e seus Problemas*, de José Américo de Almeida, como exemplo de um também novo e superior tipo de ensaio regional; [...] a exaltação em artigo do ainda adolescente escrito em inglês para uma revista de Boston, de Augusto dos Anjos que, como poeta, devesse ser situado dentre os maiores em língua portuguesa, dada a sua audácia ao mesmo tempo regional e modernizante, uma de suas audácias modernistas sendo a de juntar a doces vogais consagradas como lusitana ou brasileiramente líricas, consoantes de polissílabos científicos quase antilusitanos ou antibrasileiros na aparência quase que deixavam de conter novas possibilidades, além de líricas, dramáticas (FREYRE, 1979, vol. I, p. 31-33).

³ Para uma compreensão maior dos elementos que constituem a trajetória intelectual do autor, conferir *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, Pallares-Burke (2005).

Como podemos perceber, a atmosfera do livro está toda voltada para a configuração das idéias em torno do regionalismo e de uma tradição em que o cenário principal é o estado de Pernambuco com irradiações para a região Nordeste e para o país nos seus aspectos mais gerais. O movimento regionalista - traduzido através das idéias que amalgamadas às idéias modernistas do grupo de São Paulo, depois de depuradas as contradições e os conflitos de ordem estética, ideológica e política, é claro, caracteriza-se como um momento de ampla expressão cultural e estética com forte inserção na literatura brasileira, cujo produto final são as bases para o chamado romance regionalista da década de 1930. A respeito da gênese do movimento, Gilberto Freyre faz a seguinte observação:

No momento em que se pretende ter havido pura coincidência entre uma nova filosofia ou uma nova sistemática, tanto artística como científica de interpretação da vida brasileira, em particular, e do homem situado no trópico e, até, do homem em geral – filosofia ou sistemática esboçada desde 1920, em artigos sobre temas principalmente literários e como que definida, mas não exposta, no livro *Casa-grande & senzala*, publicado em 1933 - e o começo do chamado “romance do Nordeste”, sou obrigado a recordar que alguns dos principais iniciadores desse movimento de literatura de ficção foram de algum modo tocados por influências que tiveram seu ponto de partida naquela filosofia: uma filosofia de certa altura em diante, tão de José Lins do Rego quanto minha. Mas sempre irradiada do Recife, e cuja elaboração primeiro se fez durante o contato do seu mais remoto idealizador com meios universitários estrangeiros e com movimentos intelectuais e artísticos de vanguarda dos Estados Unidos e da Europa, no segundo e no terceiro decênios do século atual (FREYRE, 1987, p. 57).

Entretanto, Araújo (2006, p. 33)⁴, no estudo que faz referência ao movimento e levando em consideração a produção literária daí resultante, observa que:

É necessário esclarecer, contudo, que diferentemente do plano dos programas, a produção das obras surgidas no terreno propício ao Regionalismo nordestino, mas já situadas na estética do Modernismo, anula o sentido de qualquer divisão entre propostas de “paulistas” e “nordestinos” no que se refere ao “estético” e o “histórico”, pois estas questões já estavam contempladas, inclusive no discurso teórico dos modernistas, na época em questão.

É evidente que a atuação intelectual de Gilberto Freyre é de uma importância capital para a história político-cultural brasileira no século XX, uma que vez que sem a sua influência direta os fatos ocorridos na região Nordeste naquele período, provavelmente, não seriam os

⁴ Sobre o mesmo assunto conferir também Azevedo (1996).

mesmos e não possuiriam as dimensões que possuem hoje. Sobre essa importância de Gilberto Freyre para região, Nilo Pereira escreve no prefácio de o *Tempo de Aprendiz*:

A década de 20 é para Gilberto Freyre o cadinho das idéias, o grande teste do espírito humano.

No Recife essas idéias se misturam com a cor local, com a paisagem da infância e da adolescência. E começa a surgir no escritor todo um cosmorama de sugestões e pensamentos: o universalismo das indagações humanas e o regionalismo que ele vai animar, a ponto de influir decisivamente no romance regionalista de José Américo de Almeida e José Lins do Rego e na poesia de Jorge de Lima e Ascenso Ferreira, além de outros (PEREIRA, 1979, p. 21).

O mesmo Nilo Pereira lembra, contudo, que “Não se pode dizer que Gilberto Freyre seja, nesses artigos, um crítico literário em todo o rigor da expressão. Mas é um espírito que tudo vê e em tudo penetra, agudamente” (p.20).

Os textos de o *Tempo de Aprendiz*, em conjunto, podem nos revelar a figura de um homem preocupado com a realidade cultural de sua região e do seu país. Neste sentido, D’Andrea (1992, p.53) nos esclarece sobre os limites da região naquele período:

Não se pode falar neste conceito de região nordestina e da concepção de regionalismo apregoados por Gilberto Freyre, sem antes atentar para mais um fator contraditório desta homogeneização. [...], em nível de região, Pernambuco impunha-se hegemonicamente sobre os estados vizinhos, atrelados a esse conceito de regionalidade. O sentido de pernambucanidade foi, àquela altura principalmente, a representação da emblemática regional, espécie de mata-borrão no qual os outros estados nordestinos (notadamente seus contíguos Paraíba e Alagoas) foram simbioticamente absorvidos pela glória histórica do “Leão do Norte”.

É nas pegadas desses elementos, que constituem o patrimônio cultural da região Nordeste, que o pensamento de Gilberto Freyre vai tomando forma e se afirmando, principalmente, ao longo das duas primeiras décadas do século XX⁵. Esse dado torna-se mais evidente quando somos submetidos às explicações do próprio escritor. Na sua análise feita quase sessenta anos depois da publicação dos textos no jornal, ao escrever a introdução da obra, conforme já salientamos, ele volta ao passado e tenta explicar a ação “aventureira” do

⁵ Não podemos esquecer que, no mesmo período, Gilberto Freyre colaborou em várias revistas literárias do país, a exemplo da *Revista do Brasil*, *Boletim de Ariel*, dentre outras. A maioria dos textos publicados nas revistas foram aqueles já publicados no *Diário de Pernambuco* e que se encontram também no *Tempo de Aprendiz*.

jovem adolescente abastado, que tinha como principal herança um patrimônio cultural que será o norteador de toda a sua ação intelectual: a cultura nordestina. Esse patrimônio cultural da região Nordeste seria, por assim dizer, a peça chave na construção do pensamento do escritor que desde bem cedo já tinha em mente quais os caminhos que trilharia: a defesa da tradição como forma de defesa da sua pátria, da sua história, do seu estado Pernambuco, da sua origem, da região Nordeste, que traduzidas em suas próprias palavras refletem os “[...] desejos de harmonização do homem com o meio ou com o ambiente inclusive do brasileiro com o Brasil e do brasileiro do Nordeste com o Nordeste” (FREYRE, 1979, vol. I, p. 33). Intensificando essa idéia, os artigos escritos, principalmente, nos Estados Unidos e publicados no *Diário de Pernambuco* de 03 de novembro de 1918 a 20 de agosto de 1922, na série “Da outra América”, são textos que revelam, segundo o autor,

[...] uma quixotesca busca. Experimentos de adolescente. Adolescentismo. Aventura de um adolescente brasileiro de província, estudante universitário no estrangeiro. Aventura. A procura de uma expressão literária diferente das consagradas [...] Procurou o experimentador ainda adolescente tais influências ao seu modo de ser começo anglo-saxonizado de homem sem deixar de conservar-se fiel ao que fora quando brasileiríssimo menino Pernambucano. Menino do Recife e por algum tempo um tanto menino de engenho: do Engenho São Severino dos Ramos (FREYRE, 1979, vol. I p.27).

Feitas essas considerações mais gerais, esclarecemos que, devido à diversidade de idéias e de textos apresentadas no conjunto da obra, entendemos que a tentativa de rastrear as pegadas do autor, ao longo dos duzentos e sessenta e oito textos publicados, não foi tarefa fácil. Sendo assim, optamos por trabalhar com as temáticas que mais se impõem: tradição, modernidade e regionalismo. Por outro lado, entendemos que, muitas vezes, os textos deixados de lado podem ser reveladores no processo de compreensão do pensamento do autor, porém, como precisamos delimitar os temas a serem estudados, esse é um risco que corremos. Sendo assim, elegemos como prioridade extrair do conjunto da obra aqueles textos que se interligam através das temáticas referidas, ou das posições assumidas pelo autor, para que possamos, na configuração geral da obra ter uma visão respeito do que ele defende a partir do que foi delimitado. As temáticas delimitadas serão abordadas, então, de acordo com a recorrência delas nos textos, sendo impossível, assim, tratá-las separadamente. Somente para efeito didático, fizemos uma divisão, uma vez que elas perpassam uma pela outra. Seguiremos, então, durante a análise, a seqüência cronológica dos textos, interrompendo-a

quando uma das temáticas aparecerem na mesma discussão, momento em que agruparemos os outros textos com assuntos afins.

2.2. O TRADICIONAL E O MODERNO: forças em movimento

Os artigos enviados dos Estados Unidos por Gilberto Freyre para serem publicados no *Diário de Pernambuco* são escritos, inicialmente, em forma de cartas, dando-nos conta do cotidiano do então estudante universitário no primeiro momento em que ele chegou àquele país. Jovem eloqüente e bem relacionado, o principiante escritor fica bem à vontade para nesses textos/cartas criticar e elogiar o modo de viver dos habitantes do país que lhe servira de anfitrião. As cidades, as universidades, o dia-a-dia, ou seja, o modo do viver norte-americano passa a ser ponto de observação de Gilberto Freyre nessas missivas enviadas ao jornal pernambucano do qual ele se tornou uma espécie de correspondente na América do Norte. Muitos dos aspectos não passavam despercebidos ao seu olhar de estrangeiro curioso e, também, de um estudante-turista-viajante. É importante notar que a primeira escala da viagem de Gilberto Freyre nos Estados Unidos foi na cidade texana de Waco, onde estava localizada a Universidade de Baylor. A respeito da cidade, Pallares-Burke (2005, p. 60) informa que:

Apegada às tradições sulistas e orgulhosa da “civilização do Old South” a Waco que Freyre conheceu em agosto de 1918 ainda tinha muito frescas as marcas deixadas pela derrota da Guerra Civil americana de 1866; não era, pois, de esperar que nesse ambiente conservador houvesse muitas oportunidades de se entrar em contato com movimentos culturais metropolitanos e inovadores⁶.

No primeiro texto/carta, escrito em setembro de 1918, publicado pelo *Diário de Pernambuco* em 03 de novembro do mesmo ano, já começam a aparecer os traços que nortearão o conjunto da obra que ora estudamos. A partir do início de uma viagem pelo universo norte-americano em que aparecerão elementos da arquitetura das cidades, dentre outros aspectos ligados à vida intelectual e ao modo de viver daquele povo, o escritor

⁶ Entretanto, a autora acrescenta que o professor A. J. Armstrong “conseguia promover atividades intelectuais que representavam sopros de ar fresco nesse meio potencialmente asfíxiante”. Por ocasião dessas atividades, os poetas William Butler Yeats, Vachel Lindsay e Amy Lowell foram algumas das personalidades com quem Gilberto Freyre conviveu na Universidade de Baylor, sendo, então, sempre lembrados pelo escritor.

pernambucano começa a traçar os elementos que constituirão a sua trajetória de vida, na primeira metade do século XX, a qual é amparada por uma postura intelectual pautada na identificação e definição de uma tradição. A base de referência é a sociedade patriarcal do nordeste açucareiro, espaço que conservava grande parte dos elementos do seu passado colonial, ou para concordar com D’Andrea (1992, p. 13): “Firmando-se pelo empenho de resgatar o mito colonial, Gilberto Freyre procura referendar o Nordeste através do prestígio que a longa prática colonizadora lhe deixou”. Por sua vez, o contraponto desse modelo de sociedade, defendido pelo autor, é o processo de modernização que se consolidava em grande parte do mundo sob a influência do capitalismo industrial, a exemplo dos Estados Unidos. Louisville é a primeira cidade que chama a atenção do nosso escritor pelo fato de ser uma “cidade antiga” e, ao mesmo tempo, “é um empório industrial onde fumegam os bueiros de não sei quantas fábricas”. Em outros textos da série prevalece a análise sobre o viver dos norte-americanos, e as reflexões que permitiram ao autor fazer comparações entre a realidade de lá e a brasileira:

[...] Eu quisera ver nos nossos centros acadêmicos - pelo menos nos mais tradicionais, Recife e São Paulo - práticas semelhantes às das Universidades dos Estados Unidos. Tornariam a vida nessas instituições menos monótona e menos banal. Porque são duas coisas que o observador não encontra aqui nas universidades: monotonia e banalidade.

[...] Quão bom seria se no Brasil a gente celebrasse o natalício dos figurões plantando árvores! (FREYRE, 1979, vol. I, p.49-50).

Um dos assuntos recorrentes na atmosfera geral dos textos, ou se quisermos dizer o principal da obra, é a questão da tradição. Referindo-se ao tema de forma mais geral, seja para falar dos norte-americanos, europeus ou brasileiros, o autor vai gradativamente depurando suas idéias e chegando à especificidade do seu pensamento. As reflexões e análises do autor nesses textos têm, direta ou indiretamente, a tradição nordestina como ponto de discussão, pois ele sempre se refere ao assunto seja para se situar no tempo e no espaço ou delimitar sua própria identidade. Para configurar a atmosfera geral da tradição, Gilberto Freyre apresenta escritores, poetas, personalidades políticas e religiosas dos Estados Unidos ou ligadas à cultura e à literatura européia⁷, além de outros elementos que dizem respeito ao espaço em

⁷ Segundo Pallares-Burke (2005, p. 61), “amante dos livros e anglófilo, pelo menos no que diz respeito à literatura, Armstrong foi o grandemente responsável por acentuar o amor de Freyre pelos livros e pela literatura inglesa, amor que, a crer no seu diário de juventude, havia sido primeiramente estimulado por Mr. Williams, o inglês que o ensinara a ler e escrever”. Por outro lado, acrescenta a autora, “a confessa preferência de Freyre pelo

que viveria por mais de quatro anos. A exemplo do texto sobre o escritor negro René Maran, publicado em 06 de agosto de 1922, podemos perceber como o autor estava preocupado em atualizar a cidade do Recife em torno do que era publicado naquela outra parte do mundo:

René Maran acaba de mostrar, incisivamente, triunfalmente, em *Batouala*, que o escrever de bons romances não é monopólio de ruivos europeus. Nem dos “snobs” cá das Américas, como o Sr. Graça Aranha. E cingindo com os louros do “Prix Goncourt” o autor, aliás dolicocefálico, de *Batouala*, deliberadamente ou não, saudaram no individuo os finos juízos parisienses, as belas possibilidades artísticas, em termos europeus da gente negra (FREYRE, 1979, vol. I, p.227).

Ao divulgar, através do *Diário de Pernambuco*, os nomes que apareciam no cenário intelectual americano e europeu, o jovem estudante estava, de certa forma, atualizando a mentalidade brasileira, especialmente a do seu estado natal, com as novas expressões do pensamento que surgiam naqueles contextos. Sendo assim, Gilberto Freyre preparou o ambiente intelectual da cidade do Recife e, por conseguinte, da região Nordeste, durante o período em que esteve fora e nele atuou, posteriormente, como líder intelectual. Atuação essa exercida a partir do seu retorno dos Estados Unidos e da Europa, em 1923⁸. Os poetas e escritores por ele divulgados causavam, por vezes, certa estranheza, segundo declara o autor, pois sendo “[...] então de todo, ou quase de todo, desconhecidos no Brasil, chegando a haver quem – em cartas anônimas que recebia – considerasse invenções nomes como o de Angel Ganivet, o de Carco, o de Apollinaire, o de Joyce” (FREYRE, 1979, vol. I, p. 33). A atitude do pernambucano revela os primeiros indícios para o conflito em torno das discussões das idéias sobre arte, cultura, modernismo, tradicionalismo, regionalismo, etc., travado entre os dois pólos culturais brasileiros mais significativos da época: o Centro-sul do país (Rio de Janeiro e São Paulo) e a região Nordeste. Se por um lado, as idéias discutidas pelos intelectuais do Sul tinham como fundamentação teórica as questões ligadas ao pensamento

Velho Mundo tinha evidentemente muito a ver com o seu interesse, ou mesmo paixão, por tudo o que tinha a marca de tempo. Logo a chegar a Paris ele deixou registrado seu entusiasmo por estar sorvendo, ‘com a gula dum esfaimado’, a ‘poesia do tempo’, da qual sentira ‘falta a vida inteira’. Em contraste, o Mundo Novo, mesmo com suas inovações monumentais, perdia em atrativos para ele: ‘...tudo novo, tudo cru ou meio cru, tudo cheirando a verniz ou tinta fresca, sem essa névoa de encanto que até ao que foi, quando novo, feio, faz bonito’” (p. 85).

⁸ Mesmo tendo se firmado no seu estado natal, após o retorno do exterior, “definitivamente Pernambuco não era o único destino que Gilberto Freyre tinha em mente ao voltar para o Brasil em março de 1923. Não podia mudar sua sina de não ter nascido nórdico – ‘inglês ou alemão ou americano’ -, mas, diante do iminente retorno ao seu país, ocorreu-lhe a idéia de mudar de cidade e tentar a vida numa nova região brasileira” Pallares-Burke (2005, p.149).

européu, que se guiavam pelas polémicas idéias “futuristas”; por outro, Gilberto Freyre buscava na América as bases para a consolidação do seu pensamento intelectual em meio a um discurso em que reaparecia a defesa da Doutrina Monroe⁹, por exemplo.

Um dos fatos que nos parece bastante importante na vida do escritor é a escolha dos Estados Unidos como local ideal para seus estudos universitários¹⁰. Neste sentido, Gilberto Freyre parecia ter em mente a importância e as conseqüências dessa opção na sua vida futura no Brasil, uma vez que ele se tornou o principal líder intelectual da Região Nordeste nas décadas de 1920 e 1930, sendo também um dos mais festejados intelectuais no campo da sociologia ao longo do século XX. Essa importância pode ser entendida, inicialmente, pela idéia de que os estudos realizados em universidades norte-americanas possuíam certa superioridade em relação a outros centros de estudos da América. O próprio depoimento do autor, ao longo dos textos, pode confirmar esse fato. A respeito da questão, ele observa que “dos estudantes estrangeiros do Tio Sam, muitos se tornarão, na idade madura, “leaders” em suas terras. Serão ‘leaders’ na política nacional e na exterior, nas finanças, na educação, nas profissões liberais” (FREYRE, 1979, vol. I, p. 66).

Em texto publicado a 11 de setembro de 1921, Gilberto Freyre demonstra toda uma intimidade com aquele ambiente, fruto de uma relação bastante familiar com as cidades norte-americanas, e confessa gostar da cidade de Washington afirmando:

A linda cidade, apesar de seu acre cheiro de verniz (como diria meu amigo inglês), continua a me interessar e, em certos respeitos, a me encantar. Confesso-me enamorado dela: sobretudo do seu arvoredo, agora, no meio do verão, de um verde muito vivo, quando não azulado como o dos bosques fictícios de Boucher.
[...]

⁹ Este fato, de certa forma, apontaria para uma tensão nas relações entre americanos e europeus. Segundo Gilberto Freyre, o Presidente norte-americano Sr. Warren Gamaliel Harding no seu discurso, ao inaugurar a estátua de Simón Bolívar, ofertada a Nova Iorque pela República da Venezuela, reitera a solene profissão de fé monroísta: ““Os Estados Unidos pegariam em armas para defender a Doutrina Monroe”, disse o Sr. Presidente” (FREYRE, 1979, p. 127). A chamada *Doutrina Monroe* foi anunciada pelo presidente norte-americano James Monroe em dezembro de 1823 em meio aos tumultos que explodiam por toda a América Latina a partir de 1810 - ocasionados pelas insurreições nativistas que buscavam a independência das suas regiões do domínio do império espanhol e português e consistia em três pontos principais: a não criação de novas colônias nas Américas; a não intervenção de qualquer país europeu nos negócios internos ou externos de países americanos; e a não intervenção dos Estados Unidos em conflitos relacionados aos países europeus como guerras entre seus países e suas colônias.

¹⁰ Em seu caderno de anotações, Gilberto Freyre registra, no ano de 1917, o desejo de estudar na Europa: “é verdade: Heidelberg é lugar onde eu gostaria de estudar. Ou Heidelberg ou Paris ou Oxford. Mas se for para os Estados Unidos, há um consolo; e é que, afinal, dos Estados Unidos é um certo William James, que talvez seja o filósofo moderno mais capaz de dar ao mundo de agora uma filosofia adequada a várias formas novas de experiências humanas. Ele e o francês Bérgeon” (FREYRE, 2006, p. 44). A guerra fora o motivo que impedira o pernambucano de ir anteriormente à Europa, mundo que ele ansiava conhecer desde a adolescência.

É bem nova. Foi outro dia, quase que emergiu à riba do Potomac. Parecem estar ainda à volta dela os andaimes levantados pelos engenheiros. Faltam-lhe por isso tradições. Exatamente como as tais casas novas: sem fantasmas, sem mal-assombrado (FREYRE, 1979, vol. I, p.139).

Porém, mesmo se declarando encantado pelo frescor da cidade de Washington, o jovem estudante não esquece que sua grande paixão é pelas cidades antigas e, por assim dizer, pelas cidades que têm na tradição o aspecto mais eminente:

Eu também prefiro, com o meu amigo inglês, às cidades novas as velhas. Isto pelo mesmo motivo por que prefiro o tagarelar de uma mulher a Balzac (“femme a 30 ans”) ao de uma criaturinha a Bernardim Ribeiro (menina-moça). E uma casa antiga e mal assombrada a um “chalet” novo. O tempo poetiza as coisas e as pessoas. Porém assim como existem toleráveis raparigas de 16 anos e casas novas onde eu gostosamente abancaria com meus livros, há cidades novas com o seu encanto e o seu interesse. Entre essas, Washington (FREYRE, 1979, vol. I p.139).

Nesse mesmo contexto, em que o, até então, menino provinciano vai experimentando as novas sensações oferecidas pela cidade grande e moderna, podemos percebê-lo encantado, mas, ao mesmo tempo, sentindo-se elemento estranho em torno daquela complexidade em que o novo se fazia perceber e imperar por todos os lados¹¹. A movimentação e a euforia experimentadas durante uma viagem de trem elétrico - os *subways*, em Nova Iorque -, o posicionamento sobre as questões políticas, aliadas à defesa de idéias aparentemente contraditórias - o boicote ao uso do telefone -, demonstram a atitude e o posicionamento do jovem brasileiro que não se intimidou e tampouco se deixou seduzir pelas facilidades tecnológicas postas a sua frente. Neste sentido, a sua aversão aos instrumentos da tecnologia moderna se faz tamanha que ele sugere aos comerciantes e aos negociantes que eles “[...] deveriam ser os primeiros a reagir contra a telefonite, a cortar o mal pela raiz cortando o telefone dos seus escritórios e de suas lojas” (FREYRE, 1979, vol. I, p. 162). Está clara aqui a reação do brasileiro às novidades tecnológicas, novidades essas advindas da

¹¹ Mesmo entusiasmado com o modo americano de viver, “[...] muitas das críticas que Freyre dirigiu aos Estados Unidos que conheceu foram afiadas, maduras e se revelam ainda hoje pertinentes. Irritava-o sobremaneira a mania americana de tudo avaliar pelo preço e se impressionava com o poderio do que chamava de ‘tentáculos do Senhor Dólar todo-poderoso’. Atento às discussões políticas, aos discursos presidenciais, às políticas governamentais e ao comportamento religioso e social do cidadão médio, Freyre notou durante sua permanência uma forte tendência norte-americana à mediocridade, ao puritanismo, ao comercialismo e ao imperialismo, que o incomodava ao extremo e sobre os quais falava abertamente aos seus leitores do *Diário de Pernambuco*” Pallares-Burke (2005 p. 86).

necessidade do estreitamento das relações comerciais, pautadas pelo imperativo aumento dos lucros e pela consolidação das fronteiras do capital como força hegemônica em uma cidade como Nova Iorque, por exemplo. Essa situação era bem diferente da realidade do nosso escritor, a realidade nordestina, brasileira, na qual os traços do passado colonial eram bastante presentes. Aqui, as transações comerciais ainda eram feitas à base da negociação direta ou de forma rudimentar, diferentemente dos padrões inaugurados pelas transações de bases capitalistas que se acentuavam em outros contextos. A situação brasileira refletia também outras formas de relações que iam além do aspecto econômico e se acentuavam no próprio processo de organização social do país em que as precárias condições de atraso eram bastante evidentes. Neste ponto, podemos questionar se a atitude de Gilberto Freyre reflete a posição de um indivíduo que se encontrava completamente fechado para as novidades postas pela modernização tecnológica ou se sua atitude esconde outras razões de cunho ideológico. Entendemos que, sendo ele um homem possuidor de idéias avançadas, ou usando um termo mais apropriado, sendo um cidadão cosmopolita, tais idéias podem esconder outros motivos, senão vejamos.

No livro *Duas meninas* (1997), em que estuda a obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro* e a *Minha vida de menina*, de Helena Morley, Roberto Schwarz vê a questão da inadequação, por parte dos brasileiros, ao mundo do desenvolvimento, moderno, como fruto do processo de constituição da própria sociedade, uma vez que a herança escravocrata, que ele chama de “anomia social”, será um peso enorme que nos colocará nesse dualismo entre o mundo civilizado, moderno e o do atraso. Na verdade, o crítico faz a seguinte problematização: “como ser moderno e civilizado dentro das condições geradas pelo escravismo?” Neste sentido, parece que o jovem Gilberto Freyre estava vivendo esse paradoxo. Mesmo estando diante de um centro financeiro, econômico e tecnológico avançado, o menino provinciano do nordeste brasileiro resiste à incorporação de grande parte desses avanços, ao seu cotidiano, pelo fato de que tais elementos instituíam novas ordens de valores, as quais iam de encontro a sua maneira de pensar, que, por sua vez, estava alicerçada em uma visão tradicionalista e conservadora.

A princípio, dissemos que a idéia nos parece contraditória com a atitude do brasileiro que se aventurou a estudar em um país símbolo da modernidade capitalista e do progresso pelo fato de que se fosse qualquer outro indivíduo que lá estivesse, provavelmente, ele se deslumbraria com as novidades tecnológicas postas a sua frente. Esse deslumbramento seria, consideravelmente, maior se tal indivíduo fosse estrangeiro e tivesse como origem uma realidade marcada pelo atraso e por uma forte permanência do passado colonial, como é o

caso de Gilberto Freyre. Porém, não podemos esquecer de um detalhe: naquele momento Gilberto Freyre falava para um público definido, o leitor do *Diário de Pernambuco*, e que seus objetivos eram, na verdade, bem definidos também, uma vez que ele pretendia preparar a opinião daquele público leitor, ou de parte da intelectualidade da região sob sua influência, para uma forte resistência a toda forma de mudança, incluindo-se aí os avanços tecnológicos. Ou seja, do centro irradiador daquelas mudanças, o autor dá claros sinais de que essas transformações não seriam benéficas no espaço que ele elegera como modelo de uma representatividade cultural que remonta a um passado de glórias na formação histórico-social brasileira e que, por isso, precisava ser preservado. Porém, não podemos desconsiderar também que o autor estava bastante informado dos fatos ocorridos na Europa, os quais, de certa forma, tinham ampla repercussão no Brasil, a exemplo das polêmicas em torno das badaladas idéias futuristas de Marinetti, já que o espaço europeu, naquela época, era um forte reduto de artistas e intelectuais brasileiros à busca de novidades¹². Encerrando a questão, ele mostra porque era necessário se repudiar tanto esse novo instrumento que vinha desagregar mentes sãs:

Outro pecado do telefone: contra a arte gentil da conversação. Por que não mais existe o “salon” e a “coffee-house” e os saraus que os nossos avós pachorrentos tanto saborearam? Porque somos todos uns doentes de telefonite – uns mais outros menos [...] Conversa através do telefone nenhum encanto tem. O telefone é para ser odiado pelos homens positivos e pelos homens artísticos e pelos pensadores. Para estes um telefone em casa é pura desgraça. Telefonite faz desaparecer a sensibilidade aos ruídos ásperos. Embota. Endurece. Faz de pessoas delicadas monstros insensíveis (FREYRE, 1979, vol.I, p. 161- 163).

Mesmo assim, a euforia do “menino” provinciano diante da cidade moderna é grande, uma vez que ele parece não se sair tão imune às belezas e às tentações que esta lhe oferece aos olhos. A vontade de conhecer e descrever para os seus leitores tudo que Nova Iorque tem de atrativo, traduz o desejo e a vontade que o autor tem em conhecer outras realidades. A esse respeito, ele escreve:

¹² Conforme anotara no seu caderno-diário, Gilberto Freyre tinha conhecimento do que estava se processando no Brasil em torno das discussões estéticas, pois, segundo ele, “no Brasil, estamos ainda sob o domínio de uma retórica rococó em arquitetura, em literatura, em escultura. Mas não tanto em pintura ou em música, nas quais, segundo pude me informar em Paris, conversando com Tarsila do Amaral e com Vicente – e vendo trabalhos de Vicente – há audácias novas” (FREYRE, 2006, p.168).

Nesta primeira carta de New York procurarei espremer o suco das impressões aqui recolhidas, em onze curtos dias, pela minha gana de “mirar algo nuevo”. As sensações desta semana e meia de gula intelectual – que é talvez pecado como o do estômago – não sei como as reunir: apresentam-se-me baralhadas e confusas como os arabescos e as cores de um tapete persa, misturadas pela arte do tecelão. O que se segue, portanto, é uma idéia vaga, toda em meias-tintas, da New York que se me revelou “au premier abord”. Provinciano encontrado na maior das cidades, minha situação é psicologicamente a mesma de menino guloso diante de enorme travessa de canjica ou de pudim: sem saber por onde começar (FREYRE, 1979, vol. I, p.90).

Podemos perceber, então, que as provocações oferecidas aos olhos pela cidade grande e moderna e as sensações que elas desencadeiam parecem causar uma confusão na mente do estudante que se diz provinciano. Por outro lado, podemos perceber também que, ao transpor suas impressões para o mundo da escrita, o autor tente atenuar tais sensações, já que o seu grande propósito era resistir a toda e qualquer influência provocada pelos elementos ditos modernos. O novo, representado pela imponência dos edifícios gigantescos e “arrogantes” da cidade símbolo da modernização, causa uma dúvida que o autor traduz no dilema apresentado para um menino guloso entre escolher uma “enorme travessa de canjica ou pudim”. A alusão ao “menino guloso” revela, de forma clara, a indecisão de Gilberto Freyre, primeiro pelo fato de que o indivíduo, na fase de menino, encontra-se em um estágio psicológico em que as escolhas são feitas atendendo mais aos apelos dos desejos e das emoções do que em virtude da razão; segundo, imaginemos essa indecisão do menino diante de dois pratos, cujas simbologias gastronômicas não faria nenhuma diferença ao seu paladar. Porém, para o autor, tal diferença é fundamental, uma vez que ele fica indeciso entre aceitar o que é oferecido pela cidade grande e moderna e as formas do passado que representam o tradicional, ou seja, a imagem associada à culinária conduz a sua dúvida a dois pólos: de um lado encontra-se a canjica, prato bastante apreciado na região Nordeste, feito a base de milho verde, e do outro o pudim, prato originário da culinária européia. A partir dessa dualidade, o autor encontra na culinária uma forma de expressar seu conflito, o qual reside no fato de ele ser provinciano e, ao mesmo tempo, estar envolto a uma atmosfera cosmopolita em que o elemento moderno é um dos seus vários aspectos.

Nessa atitude de Gilberto Freyre, podemos dizer que reside, ainda, um tipo de *flâneur* descontextualizado no espaço e no tempo, uma vez que a cidade em questão não é a cidade natal do observador, bem como o momento histórico é outro bem distinto daquele vivido pelo poeta francês Baudelaire. Na concepção de Walter Benjamin (1989, p. 50), o *flâneur* era “ocioso, caminha como uma personalidade, protestando assim contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Protesta igualmente contra a sua

industriosidade”. Em relação a Gilberto Freyre, a conjuntura mundial já era outra, pois o domínio do capital já estava bastante consolidado, e a cidade que serve de cenário é Nova Iorque modernizada, diferentemente da Paris de Baudelaire. Na verdade, Nova Iorque é uma cidade que já nasceu sob o signo da modernidade, não sendo, então, igual a Paris do poeta, cidade cheia de conflitos, contradições e uma longa tradição que atravessa séculos. Por outro lado, Nova Iorque é bem diferente também da cidade natal do brasileiro, Recife, a qual, por sua vez, é diferente também de Paris. Mesmo assim, podemos dizer que a cidade brasileira possuía, àquela época, em sua configuração arquitetônica e social, fortes traços da tradição cultural européia que lhe serviu de modelo e que, pelo fato de se encontrar na periferia dos acontecimentos modernos, preservava vários desses aspectos, motivo que pode ter sido decisivo no traço nostálgico de Gilberto Freyre. É preciso lembrarmos também que a formação intelectual do autor pernambucano é creditada a vários desses elementos que constituem a tradição européia, principalmente no aspecto literário. Diante disso, o estudante brasileiro demonstra uma espécie de conflito em sua maneira de ver esse outro modelo de cidade, moderna, que possui diferenças e contradições. Como forma de tentar resolver tal conflito, ele cria em torno de si uma forte proteção através de idéias que o fazem resistir e reagir às influências que possam colocar em desequilíbrio a harmonia da cidade, da vida, ou das relações pessoais pautadas pelo aspecto da tradição. Tal atitude fica bastante evidenciada no momento em que ele declara um boicote ao uso do telefone, por exemplo. Sendo assim, o progresso, representado pelos edifícios gigantescos, que recebem dele a denominação de “monstros”, seria o devorador da cidade antiga, a qual é imediatamente percebida pelo autor em contraposição aos outros símbolos que a nova paisagem oferece. Os olhos do escritor, mesmo maravilhados diante do novo, do moderno, dissimulam e amenizam a sua natureza espetacular que modifica a paisagem, transforma comportamentos, idéias, atitudes e o modo de ver o mundo e nele se situar. O secular segredo da esfinge parece ter seu efeito contrário, pois, ao vislumbrar o monstro fabuloso da modernidade, o estudante-viajante provinciano se vê obrigado a revelar as suas idéias de cunho tradicionalista, ao invés de se deixar seduzir por ele e ser devorado. Com essa atitude, parece ficar claro que, mesmo com os olhos diante do novo e do moderno, os pés do menino provinciano estavam fincados definitivamente no seu solo natal e que a sua cultura, de bases tradicionais, era o norte para o entendimento de todas as outras formas de ver e de se relacionar com o mundo. Em sua voz de narrador, existe um certo tom de desprezo pelo que acabara de conhecer:

Ontem subi ao minarete do Woolworth Building, o mais alto dos “skyscrapers” de New York, feio e arrogante, um desafio a Deus e ao mundo. Vêm-se de lá, em redor, os outros monstros – isto é, os outros “skyscrapers”, fumando com insolência de “parvenus”, de arrivistas, de novatos espavoridos, os charutos negros de suas chaminés. O resto de New York – seus edifícios, suas pontes de ferro, suas igrejas – tudo, reduzido ao tamanho, de uma cidadezinha de brinquedo, feita por menino engenhoso, com caixas de bombom e de charuto (FREYRE, 1979, vol. I, p. 92).

É evidente que toda essa repulsa de Gilberto Freyre, em relação às transformações implementadas pelo processo de modernização, deve ser entendida mais pelos aspectos das posições político-ideológicas, em torno do projeto de arte e cultura por ele assumido, do que propriamente por uma postura individual de negação ao que era novo, por assim dizer. Em uma análise sobre a atuação de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, dois dos mais importantes escritores e líderes intelectuais do Nordeste naquele período, Araújo (2006, p. 27-28) comenta:

Ambos pertencentes a uma classe social inserida em uma sociedade que se modernizava e permanecia, contudo, sob o signo do atraso, os dois intelectuais referidos marcaram as suas experiências no processo de modernização social de um modo que lhes permitiu tirar partido da situação: usufruíram a tecnologia moderna com privilégios e ao mesmo tempo coletavam, na própria intimidade do lar, dados sobre a cultura tradicional nordestina que estava situada em um pólo oposto do “moderno”. Essa posição social permitiu a ambos a apresentação de elementos para a construção das suas próprias biografias, que foram usadas como pontos de apoio para reafirmar uma tradição na qual se inserem as suas vidas pessoais.

A busca por esses elementos que configuram o espírito ligado à tradição ultrapassa o aspecto da arquitetura das cidades e se encaminha para as relações políticas e institucionais. No artigo intitulado “A democracia nos Estados Unidos”, publicado no *Correio da Manhã* de Lisboa e transcrito no *Diário de Pernambuco* de 03 de abril de 1923, Gilberto Freyre comenta sobre uma forte corrente de opinião antidemocrática que tomava conta daquele país e faz comentários elogiosos sobre o “espírito histórico” dos americanos:

O Americano, cuja capacidade inventiva é notória, cujo amor à aventura é das notas mais vivas do seu caráter, tem, entretanto, sabido alimentar o culto pelo passado. [...] o tradicionalismo americano, longe de ser como um saudosismo coletivo, vago e passivo, é ativo, dinâmico, pragmático. Reconhecendo a influência dos mortos

sobre os vivos¹³, o povo que, em tantos sentidos, é mais contemporâneo da posterioridade do que do nosso tempo, volta-se constantemente para o passado, como para um velho mestre. Isto é talvez paradoxal. Mas é pelo paradoxo que o bom senso se manifesta (FREYRE, 1979, vol. I p.235 e 236).

A literatura também é comentada na série de textos “Da outra América”, mesmo o autor se declarando “um mau estudante de poética”, fato que é sustentado também pelo prefaciador de *Tempo de aprendiz*, Nilo Pereira, quando escreve que “Não se pode dizer que Gilberto Freyre seja, nesses artigos, um crítico literário em todo o rigor da expressão. Mas é um espírito que tudo vê e em tudo penetra, agudamente” (p.20). Entretanto, Gilberto Freyre não deixa de fazer sua avaliação a respeito dos poetas e escritores que leu e com os quais teve contato. Conforme indicam os dados bibliográficos, postos em anexo à obra que ora comentamos, Gilberto Freyre “Conviveu nos Estados Unidos com o filósofo John Dewey, os poetas William Butler Yeats, Vachel Lindsay e Amy Lowell, os críticos H. L. Mencken e Carl van Doren, com o escritor Tagoré” (FREYRE, 1979, vol. II, 391). Talvez, a intenção maior do escritor fosse mesmo no sentido de divulgar esses nomes no espaço do Recife, conforme já salientamos, já que a cidade se configurava como um importante centro cultural do país e da região e que necessitava de ser atualizado constantemente com as novidades artísticas editoriais surgidas em outros espaços, e, a partir daí, aprimorar o debate em torno das discussões estéticas. Isso pode ser justificada também pelo fato de Gilberto Freyre estar no exterior, não na Europa, mas no outro pólo da economia mundial, a América do Norte, o que se constituiu para os seus compatriotas pernambucanos em novidade, uma vez que a freqüente correspondência, tornada matéria jornalística, fez com que a ação do escritor atraísse a atenção da intelectualidade local e formasse em torno de si um grupo de admiradores que resistiria fortemente às idéias advindas das discussões intelectuais que tinham o Velho Mundo – encampadas estas pela ação do grupo paulista, é claro, conforme demonstra Azevedo (1996) - como referência. Por outro lado, mesmo sendo os Estados Unidos um país desenvolvido, cujo processo de modernização da indústria, da economia, do conhecimento, etc., era bastante

¹³ Paulo Arantes (1997) faz uma distinção entre essa noção de tradição passiva, tomando por base as idéias esboçadas por T. S. Eliot e a idéia de tradição defendida por Antonio Candido, para quem a tradição acontece através de um processo de continuação, simbolizada pela tocha que passa de mãos em mãos entre corredores. Nesse caso, existe uma analogia entre o pensamento de Gilberto Freyre e o de T. S. Eliot. Para este último, segundo Arantes (1997, p.29) “[...] não se pode apreciar devidamente o significado de um escritor a não ser por comparação e contraste, situando-o idealmente entre os mortos, de tal sorte que a ordem constituída pelos monumentos literários se modificaria toda vez que entrasse em cena uma obra verdadeiramente nova. [...] A continuidade nunca é de problemas, nem se constrói dando forma aos impasses históricos a que se referem – a tradição é sempre inespecífica e de universalidade máxima”.

avançado, são freqüentes as declarações do nosso escritor em torno de modo de viver daquele povo, caracterizado por um certo conservadorismo em relação à história e ao passado:

Hoje o tradicionalismo nos Estados Unidos é talvez mais forte e generalizado do que no fim do século décimo-nono. Nas universidades e escolas os estudos históricos atingiram grande desenvolvimento e, livres da mania especializadora, seu poder dinâmico é maior e seus horizontes são mais vastos (FREYRE, 1979, vol. I, p. 236).

Talvez seja a admiração pelo conservadorismo americano, então, um fato que pode justificar a intensa resistência, de grande parte dos intelectuais de Pernambuco e do Nordeste daquele período, às idéias defendidas pelo grupo modernista paulista. Ou ainda, é partir das idéias de Gilberto Freyre sobre o modo de viver americano e da relação com o passado que se vai aprimorando o movimento de resistência em torno das idéias modernas, ou futuristas, conforme se dizia naquele momento. Diante do movimento de defesa em torno do passado, sentimos a falta de uma maior atenção à literatura, não só na primeira parte da obra em questão, mas em todo o seu conjunto, uma vez que Gilberto Freyre dedicou grande parte dos seus textos a outras questões ligadas ao mundo das idéias naquele momento. Mesmo assim, minimamente, a literatura entra para a pauta de discussão dos textos.

Ao tratar do tema, diretamente, Gilberto Freyre publica um texto, em 08 de maio de 1921, dando-nos conta da conferência que assistiu de Rebindranath Tagoré, “o maior poeta da Índia”. Ele recomenda o autor hindu aos brasileiros, observando: “e como a França, seguindo o exemplo da Inglaterra e da América do Norte, já traduziu Tagoré, é provável que no Brasil lhe conheçam a obra cheia de beleza e de unção espiritual” (FREYRE, 1979, vol. I, p 113). Por sua vez, a norte-americana Amy Lowel seria a poeta a quem Gilberto Freyre dedicou grande parte da sua atenção. Sobre ela, escreveu um texto, em 15 de agosto de 1920, além de estar, freqüentemente, citando seu nome em vários outros textos da obra em questão. Nessa leitura sobre a poeta, ele faz bastantes elogios e destaca que “Miss Lowell escreve a maioria dos seus poemas no que ela chama de ‘verso cadenciado’, e que corresponde ao ‘vers libre’ dos franceses”. O autor afirma ainda que:

Sem que a autora procurasse fazer sensação o livro foi um “coup de pistolet”. É que trazia para a poética na língua inglesa ritmos novos e processos novos. Discutiram-no os críticos. Receberam-no com meia desconfiança alguns, e com desfavor os

mais ortodoxos. Porém não foi pequeno o número dos que se confessaram “sous lê charme” da arte nova, muito pessoal, um pouco colorida pela influência dos parnasianos franceses, de Miss Lowell (FREYRE, 1979, vol. I, p. 80).

No momento em que volta aos Estados Unidos para participar de um congresso de jornalistas, Gilberto Freyre escreve novamente sobre a poeta. Escrito em Nova York, em maio de 1926 e publicado em 20 de junho do mesmo ano, na série com títulos, o texto “Amy Lowell” destaca as qualidades da obra da poeta, chamando a atenção para o aspecto da sua poesia, afirmando que “Ela deu ao idioma inglês uma deliciosa sensualidade de cor”. Ainda sobre essa questão Gilberto Freyre acrescenta que:

Amy Lowell tinha essa difícil técnica ou divina intuição da palavra, que consiste em recriar o poeta ou escritor – “dichter”, em suma – certas palavras para uso próprio ou expressão toda pessoal das suas mais pessoais emoções ou sensações. No seu caso eram as sensações da cor. Foi essa qualidade de seus versos, ao lado de sua intelectualidade, que me atraiu a eles (FREYRE, 1979, vol. II, p. 305).

Nesse mesmo texto, o escritor faz questão, ainda, de demonstrar certa intimidade com a poeta e sua obra. Segundo ele, o Professor Armstrong escrevera que “[...] Amy Lowell uma vez lhe dissera não haver ninguém penetrado melhor do que eu – ainda um adolescente – nas qualidades de seus poemas. Exagero da americana, decerto” (p. 305).

A admiração pela poeta norte-americana não se encerra por aí. Em outra obra, *Vida, forma e cor*, publicada em 1ª edição no ano de 1962 e em 2ª em 1987, o autor volta a escrever sobre ela no artigo “Amy Lowell: uma revolucionária em Boston”. Nesse texto, ele faz uma intensa análise da obra, do estilo e da influência da poeta em outros escritores da língua inglesa, pois “[...] no movimento chamado *new poetry* nos Estados Unidos, a situação de Amy Lowell entre as grandes figuras do movimento continua de destaque [...]” (FREYRE, 1987, p. 28)¹⁴. Dando continuidade à discussão sobre a poeta americana, Gilberto Freyre revela, no mesmo artigo, que um dos desejos dela era vê-lo

¹⁴ Na verdade, esse outro depoimento, já distanciado daquele do início do século, torna-se meio suspeito, uma vez que o autor parece estar reivindicando com ele uma postura modernista para si. No momento em que não confere ao texto uma data precisa, parece ficar claro que Gilberto Freyre está fazendo uma leitura da poeta com os mesmos elementos anteriores, porém essa atitude pode revelar outros interesses, já que no momento de publicação da obra, o ano de 1962, a historiografia literária já consagrara o movimento modernista. Os demais textos dessa obra apresentarão essa mesma problemática: sejam aqueles já publicados anteriormente, conforme coloca o autor no prefácio, ou aqueles ditos inéditos, nenhum apresenta data da publicação anterior ou a data da escritura. Em 1961, ao escrever o prefácio à primeira edição da obra, Gilberto Freyre esclarece que “O ensaio

[...] embaixador da nova poesia americana dos Estados Unidos e inglesa – a dos imagistas, revolucionários intelectuais como ela e Ezra Pound (que quis que eu conhecesse em Paris, do mesmo modo que desejou que eu visitasse, também em Paris, o então esquisitíssimo James Joyce) – no Brasil (FREYRE, 1987, p.30).

Mesmo declarando que “[...] nada disso fui no meu país depois de ter conhecido de perto Yeats, Vachel Lindsay, Amy Lowell”, Gilberto Freyre destaca que a poesia imagista exerceu uma certa influência em alguns dos nossos poetas, dentre eles Manuel Bandeira. Vejamos, então, o que escreveu o autor:

Um daqueles poetas brasileiros – digo-o um tanto ancho de vaidade ao recordar que em livros dados a mim por Amy Lowell, Constance Lindsay Skinner e A. Joseph Armstrong, iniciaram-se vários brasileiros na *new poetry* – que, por meu intermédio, se aproximaram da *new poetry* em língua inglesa, foi Manuel Bandeira. Outro, foi Ronald de Carvalho.
Amy Lowell – é curioso – não impressionou fortemente Manuel Bandeira. Deixou-o um tanto frio (FREYRE, 1987, p. 33-34).

Diante de tais constatações, fica claro que Gilberto Freyre tinha também em mente um modelo de modernismo a ser seguido que ele tentou disseminar entre os poetas e escritores que faziam parte do seu círculo de amizade. Porém, conforme ele mesmo observa, as idéias dos modernistas americanos não causou muita simpatia entre os brasileiros. O fracasso na divulgação daquelas idéias teriam levado também o jovem intelectual a abandonar o projeto de ser um representante do modernismo imagista no Brasil? De fato, a historiografia literária não registra como certa nenhuma atitude mais concreta do autor e de outros intelectuais nesse sentido. Parece que a falta de recepção das idéias imagistas foi um dos fatores que fez com que Gilberto Freyre reestruturasse seu projeto intelectual e fosse atuar na perspectiva que tinha o passado e a tradição como elementos norteadores, o que fez ressurgir o regionalismo de bases tradicionalistas já presente na cultura do Nordeste.

sobre Amy Lowell inclui trechos de um trabalho, também escrito em inglês, aparecido num jornal nos Estados Unidos, quando o autor era ainda estudante da Universidade de Baylor. Vários outros são inéditos. Alguns, porém, são retirados de trabalhos já publicados [...]”. Um outro fato, relacionado a essa problemática com as datas, pode ser encontrado também na publicação do Manifesto Regionalista o que pode ajudar a ilustrar essa situação presente na obra em questão. Segundo Azevedo (1996), existem várias situações envolvendo o momento da escritura reivindicado por Gilberto Freyre e o ano em que fora publicado pela primeira vez o manifesto. Para o autor, “Ressalvando o caráter polêmico das publicações de Inojosa, particularmente quando se refere ao regionalismo, fica provado que o Manifesto, tal como se conhece, foi elaborado em 1952” (p. 152-153).

No conjunto de textos publicados em *Tempo de aprendiz*, Gilberto Freyre dá pouco destaque à literatura brasileira¹⁵. Sobre o tema, ele publicou, em 16 de abril de 1922, um texto que dá conta da amizade com o Dr. Branner, um profundo conhecedor das coisas do Brasil que acabara de falecer, comentando os estudos do americano em solo brasileiro, bem como aproveita para discutir *Urupês*, de Monteiro Lobato, obra que lhe foi apresentada pelo americano:

Urupês eu li no exemplar, em encadernação de luxo, que o autor oferecera ao Dr. Branner. Encantou-o o livro pela sua nudez e sinceridade. Mandou-me com uma carta entusiástica. “É muito brasileiro e muito bom”, escreveu-me do Sr. Monteiro Lobato. E noutra carta: “... é um verdadeiro artista com coragem e habilidade”. Li o livro e também por ele me encantei: ali estava viva e nua, pegada em flagrante, e todo o seu sabor original, em toda a sua cor, no vagar quase gemente de sua ação, a vida brasileira (FREYRE, 1979, vol. I, p. 213).

Terminado o período de estudos no exterior, Gilberto Freyre retorna ao Brasil no ano de 1923 e passa a viver na capital pernambucana uma intensa vida intelectual, cuja preparação se dera no momento em que ele esteve fora do país, conforme já foi comentado. A partir de então, a pregação em torno da cultura local toma mais força e o autor irá se dedicar intensamente a essa questão. Os textos publicados no *Diário de Pernambuco*, nesse primeiro instante que marca o seu retorno, saíram numa série de cem artigos numerados. O autor justifica o fato da enumeração dos artigos acrescentando (ao concordar com o amigo Guilherme Felipe, pintor que também tem dificuldade em intitular seus quadros) que:

Guilherme é até radical neste assunto: para ele os artistas deviam simplesmente numerar os seus trabalhos, dando tempo ao tempo e deixando que eles – os trabalhos dissessem os seus nomes mais tarde, “quando tivessem a idade da fala...” Com a idéia de numeração concordei plenamente, mesmo porque já a trazia dos Estados Unidos, onde há tão belas coisas sem nome... A Quinta Avenida por exemplo. E a Quinta Avenida faz pensar na Quinta Sinfonia (FREYRE, 1979, vol. I, p. 245).

A enumeração é logo discutida no texto número “1”, inaugurando a série de artigos, com data de 22 de abril de 1923. No primeiro instante, a defesa do autor, em relação a essa

¹⁵ Por outro lado, ele não se esqueceu de comentar obras que possuíam um aspecto mais universal, a exemplo de *Salomé*, obra de Oscar Wilde. Nesse texto, escrito em 04 de abril de 1922, o autor tece inúmeros elogios ao drama do escritor inglês, posto em música por Richard Strauss, famoso no mundo inteiro.

atitude, pode nos levar a indicar que, contrariamente à pregação tradicionalista por ele defendida, esses elementos apontam para uma atitude em que o fascínio e a repulsa serão o norte para delimitar as fronteiras do Gilberto Freyre anti-modernista, ou seja, o fato de copiar dos americanos a mania de tudo enumerar revela uma atitude modernista do autor. No texto, o autor comentou o mais recente livro de Mário Sette, *Palanquim Dourado*. Aqui, é preciso fazermos um corte na seqüência cronológica dos textos e voltarmos ao ano de 1921, momento em que Gilberto Freyre ainda estava nos Estados Unidos e escreveu pela primeira vez sobre o escritor Mário Sette. Escritor esse que, segundo ele,

[...] o Sr. Mário Sette tomou um assunto que vem nitidamente reafirmar o seu propósito de fazer literatura regional. Regional e tradicionalista. Aliás de tradicionalismo, já o Sr. Mário Sette, em discurso de liturgia acadêmica, fizera a mais solene das profissões de fé (FREYRE, 1979, vol. I, p.245).

Ao comentar a obra de Mário Sette, *Senhora de Engenho*, em texto publicado a 30 de outubro de 1921, ainda na série de artigos “Da outra América”, Gilberto Freyre já se mostrava preocupado com a temática local/regional. Contudo, não existe na obra o *Tempo de Aprendiz* um número considerável de textos relativos à divulgação dessa literatura regional, ficando o assunto restrito praticamente às questões de ordem cultural como a gastronomia, a arquitetura e o modo de viver patriarcal dos senhores de engenho do Nordeste. Ao comentar o livro, o crítico destaca que Mário Sette “não obteve na sua novela o máximo do que os ingleses chamam ‘local colour’, isto é cor local, obteve-a em porção suficiente”. Aliás, a idéia defendida em favor do romance regional é fruto de um discurso de Oliveira Lima na Academia Pernambucana de Letras, conforme Gilberto Freyre se refere no mesmo artigo¹⁶: “Vejo em *Senhora de Engenho* resposta não sei se deliberada, ao apelo do Sr. Oliveira Lima, e discurso na Academia Pernambucana de Letras, a favor de romances de cunho regional” (FREYRE, 1979, vol. I, p.150). Segundo Azevedo (1996, p. 101e 102):

¹⁶ Oliveira Lima aparece como uma das figuras da época que exerceu forte influência intelectual em Gilberto Freyre, conforme atestam as freqüentes referências feitas ao longo dos textos publicados em o *Tempo de Aprendiz*.

[...] cabe assinalar a importância do discurso de posse de Oliveira Lima na Academia Pernambucana de Letras, a 13 de maio de 1920, divulgada pelo *Diário de Pernambuco* no dia seguinte.

O discurso reveste-se de grande importância, porquanto veicula algumas idéias que serão retomadas posteriormente por Moraes Coutinho e Gilberto Freyre.

Oliveira Lima aborda a questão do regionalismo. Para ele, a base das diferenças regionais está na verdade da paisagem física do Brasil, o que provoca a existência de “letras regionais com suas peculiaridades e particularidades”. Detendo-se sobre a literatura pernambucana, ele constata que a poesia prosperou em Pernambuco, enquanto que a sensibilidade dos romancistas foi contida especialmente pelas exigências do naturalismo, que é “na sua essência, cosmopolita, pois que tende a desdenhar as feições locais”. Oliveira Lima faz, então, um apelo aos ficcionistas para que levem em consideração, na sua atividade literária, a realidade tradicional da região, pois, segundo diz, “nós, pernambucanos, estamos intelectualmente em dívida com um passado que já deveria ter inspirado lindas páginas”.

A novela de Mário Sette agradara bastante Gilberto Freyre, porém o autor em sua análise sobre a obra não poupa críticas, chegando a dizer que “A linguagem dos personagens soa aos meus ouvidos artificial”. Indo mais além no comentário e, mais precisamente em relação ainda ao aspecto da linguagem, Gilberto Freyre acrescenta:

Porém estou criticando a ausência do que chamarei, à falta de um melhor termo, intimidade, no falar de Nestor, de Lúcio, do Padre, de D. Inacinha. O falar de Lúcio – cidadão de tendências tão práticas e simples, e creio de bacharel, o que não é decerto razão de peso para falar correto – é parecido com o estilo enfático dos artigos de fundo e dos “Em Defesa” que ocasionalmente saboreio nas “solicitações” deste “Diário de Pernambuco” [...]

Minha Impressão é esta: que a gente de Tracunhaém, adivinhando por milagre da Nossa Senhora local que ia ser retratada em livro pelo Sr. Mário Sette, decidiu falar bonito enquanto o Sr. Mário Sette andasse por lá, atento e indiscreto como um Boswell, a recolher-lhes as conversas num “carnet”. Daí o falar postiço de todos, exceto André, a preta e Zé – dois cidadãos e uma cidadã absolutamente sinceros (FREYRE, 1979, vol. I, p.151 e 152).

O aspecto postiço da linguagem que Gilberto Freyre observa na obra de Mário Sette foi analisado posteriormente por Antonio Candido ao comentar as obras de outros regionalistas, Coelho Neto e Simões Lopes. Esses dois autores encontram-se situados em um contexto anterior ao regionalismo nordestino, fato que demonstra a problemática da linguagem nos vários momentos em que a literatura brasileira envereda pelos caminhos do regional. Para Candido (2002, p. 89):

O Regionalismo de Coelho Neto [...] mostra a dualidade estilística predominante entre os regionalistas, que escreviam como homens cultos, nos momentos de discurso indireto; e procuravam nos momentos de discursos direto reproduzir não apenas o vocabulário e a sintaxe, mas o próprio aspecto fônico da linguagem do homem rústico. Uma espécie de estilo esquizofrênico, puxando o texto para os dois lados e mostrando em grau máximo o distanciamento em que se situava o homem da cidade, como se ele estivesse querendo marcar pela dualidade de discurso a diferença de natureza e de posição que o separava do objeto exótico que é o seu personagem.

Porém, segundo o crítico, o contra-ponto para essa linguagem postiça vem do exemplo da obra de Simões Lopes, pois ele

[...] começa por assegurar uma identificação máxima com o universo da cultura rústica, adotando como enfoque narrativo a primeira pessoa de um narrador rústico, o velho cabo Blau Nunes, que se situa *dentro* da matéria narrada, e não raro do próprio enredo, como uma espécie de Marlowe gaúcho. Esta mediação (nunca usada por Coelho Neto encastelado numa terceira pessoa alheia ao mundo ficcional, que hipertrofia o ângulo do narrador culto) atenua o máximo o hiato entre criador e criatura dissolvendo de certo modo o homem culto no homem rústico. Este deixa de ser um ente separado e estranho, que o homem culto contempla, para tornar-se um homem realmente humano, cujo contato humaniza o leitor (CANDIDO, 2002, p. 90-91).

Ainda em relação à obra de Mário Sette, outro aspecto problemático, apontado por Gilberto Freyre em *Senhora de Engenho*, é o enredo. Segundo ele, a obra do romancista pernambucano, se comparada a outras do gênero, principalmente, aos modelos dos norte-americanos, não poderia ser classificada de novela, pois

Se uma novela tivesse que ser antes de tudo “uma boa história” (*good story*), como quer idiotamente o crítico americano Dr. Phelps, *Senhora de Engenho* não seria novela. Não há aqui “plot” (enredo?) definido no que se parece com a deliciosa novela americana da última “book season” [...] O “plot” definido – com seu começo, sua complicação, sua crise, seu “dénouement” – isto fica com as fitas de cinema que não pode passar sem ele (FREYRE, 1979, vol. I, p.152).

Mesmo diante dessas limitações, o crítico não poupa elogios à obra que é “um trabalho de arte que deveras me interessou e em certos respeitos me encantou” (p. 152).

Já no artigo número “1”, da série de “artigos numerados”, Gilberto Freyre volta a comentar sobre Mário Sette afirmando que o livro *Palanquim Dourado*, cujo título não

agradara muito ao crítico, “Contrasta com o nome, tão lindo e tão bem posto, do romance precedente do autor: “Senhora de Engenho”. Mesmo elogiando a idéia de Mário Sette estudar o regionalismo, aliado ao tradicionalismo, o que segundo ele, é bem aceita, outro aspecto chama a atenção, qual seja:

A muita perícia do Sr. Mário Sette para a colocação da paisagem, corresponde uma vasta incapacidade para animar o elemento humano. Falta mesmo a *Palanquim Dourado* a expressão característica da época. Igualmente artificiosa me parece, em vários trechos, a linguagem dos personagens (FREYRE, 1979, vol. I, p.247 e 248).

Contudo, o crítico observa que *Palanquim Dourado* é “Obra de valor social”, pois “[...] concorrerá para comunicar a esse público a flama de são tradicionalismo. Concurrerá também para divulgar interessantes e úteis noções de indumentária e mobiliário coloniais” (p.249). Outro aspecto relevante, apontado por Gilberto Freyre, e aí se percebe claramente uma forte crítica à literatura modernista, é o fato de o livro contrapor-se a uma atitude do ambiente que acolhe “[...] como boa a literatura banalmente ‘modernista’ de caixeiro viajante [...]”. Em outro artigo, o de número “46”, publicado em 1º de março de 1924, Gilberto Freyre novamente escreveu sobre Mário Sette. Dessa vez, o crítico dirige-se também a mais dois escritores que se aventuraram na temática regional, Humberto Carneiro e Lucilo Varejão. Nesse texto, o crítico repudia a obra dos outros dois escritores, e destaca, mesmo com ressalvas, a atuação de Mário Sette:

Aliás, não me cansarei, como pernambucano, de louvar no Sr. Mário Sette as boas tendências da sua obra, impregnada de são regionalismo e são tradicionalismo. Seus romances vão por certo levando a muita cesta de costura a propaganda do sentimento de reintegração nacional; despertando em muita imaginação de menino o amor às nossas coisas; iniciando no gosto da nossa paisagem e do nosso passado (FREYRE, 1979, vol. I, p. 375).

No conjunto de textos apresentados na “série de artigos com títulos”, podemos ter uma amostra de como o autor se situava em torno da questão literária. Nesses textos, encontramos comentários a respeito de escritores e poetas nacionais e estrangeiros. “A propósito de Manuel Bandeira”, texto publicado em 21 de junho de 1925, demonstra a

afinidade que Gilberto Freyre tinha com o poeta também pernambucano¹⁷. No texto, o autor escreve que os versos do seu conterrâneo trazem para a “nossa pobre poesia toda uma onda de sangue vivo e jovem”. A doença que acometia o poeta foi outro aspecto lembrado pelo crítico: “Para o Sr. Manuel Bandeira a emoção da doença é antes uma cultura íntima. De sua ‘fina e doce ferida’ lhe escorre o fio da emoção por alguns versos mórbidos ou doentios”. Contudo, em sua análise crítica ele declara ainda que:

Nunca se falou em voz tão baixa na poesia brasileira. Nunca entre nós, poeta nenhum cantou o amor por uma mulher nessa voz misticamente grave, a que, entretanto, não falta a aguda vibração emotiva. Esse poeta tem o seu ritmo próprio – sem o que nenhum poeta é verdadeiramente escritor (FREYRE, 1979, vol. II, p.179).

Gilberto Freyre ocupou-se ainda da tradição literária. No texto “Literatura do desaforo”, publicado em 4 de outubro de 1925”, ele faz uma forte crítica às literaturas portuguesa e brasileira dizendo que “A nossa tradição é antes a do desaforo; é a da graçola pesada; é a da pilhéria sem malícia; é a tradição do sal grosso, tão caro ao paladar vulgar” (FREYRE, 1979, vol. II, p.214). Dando continuidade a essa questão, ele acrescenta:

De Eça e de Ramalho e de Machado de Assis, de Santo Thyro e de Carlos de Laet – destes escritores, recentíssimos e todos com um sabor estrangeiro, inglês ou francês, na sua sátira ou na sua ironia – **ainda não há tradição firmada**. O que eles trouxeram de íntimo para a psicologia da língua ainda não se incorporou a ela definitivamente. Vaga por aí, ao alcance de raros. (FREYRE, 1979, vol. II, p.214. Grifo nosso).

É bem provável que a ida do escritor para o exterior ainda adolescente, bem como a sua forte admiração pelos escritores e pensadores europeus, mais precisamente pelos ingleses, tenha feito com que a literatura brasileira não tivesse destaque no seu processo de formação intelectual. Diante disso, entendemos que, naquele momento, o conhecimento que Gilberto

¹⁷ Em outros momentos dessa parte da obra, Gilberto Freyre faz a divulgação de várias obras e de seus autores. De fora do país foram apresentados os trabalhos do poeta norte-americano Vachel Lindsay (“Recordação de um poeta”, publicado em 30 de agosto de 1925); a apresentação da tradução francesa do livro *Aventuras extraordinárias de Júlio Jurenito*, escrito pelo russo Ilya Ehrenbourg (“Júlio Jurenito e seus discípulos”, publicado em 20 de dezembro de 1925); e o romance *Cahiers de Malte Laurids Brigge* escrito por Rainer Maria Rilke (“Rainer Maria Rilke”, publicado em 19 de dezembro de 1926). Do Brasil, foi apresentado o livro *Amazônia misteriosa*, escrito por Gastão Cruls (“O livro do Sr. Cruls”, publicado em 27 de dezembro de 1925).

Freyre tinha dos escritores e da literatura brasileira talvez não fosse suficiente para ele compreender que o país possuía uma tradição literária formada. Contrariando a idéia de Gilberto Freyre e em defesa da tradição, os modernistas paulistas propagavam aos quatro cantos do país que “[...] estudávamos a arte tradicional brasileira e sobre ela escrevíamos” (ANDRADE, 1972, p. 235). No estudo *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, Antonio Candido estabelece os meados do século XVIII e a primeira metade do século XIX como o momento em que se definiu na literatura brasileira “uma continuidade ininterrupta de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literária” (CANDIDO, 1993, p. 24-25). Continuando a análise sobre a questão, Antonio Candido acrescenta:

Sem desconhecer grupos ou linhas temáticas anteriores, nem influências como as de Rocha Pita e Itapirica, é com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais **ilustrados**, que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer **literatura brasileira**. Tais homens foram considerados fundadores pelos que os sucederam, estabelecendo-se deste modo uma **tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações** (CANDIDO, 1993, p. 24-25. Grifos nossos).

É bem verdade que a análise de Antonio Candido acontece no final da década de 1950, porém, na década de 1920, esse sentimento de tradição literária já era bastante acentuado, mesmo ele ainda não estando definido nos moldes de sistema, conforme é pensado pelo crítico. Por outro lado, não podemos esquecer que o Romantismo brasileiro representou um momento de grande expressão no pensamento do país, acentuando também o desejo de escritores e poetas em evidenciar, principalmente no campo das letras, a consolidação de uma tradição nacional a partir dos elementos de nossa gênese cultural, habilitando-nos ao processo de formulação de uma possível identidade nacional e procurando, dessa forma, “superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil” (CANDIDO, 2006, p. 199). Sendo assim, é visível que Gilberto Freyre não apreendera ainda a discussão em torno da tradição literária brasileira, estendendo a sua percepção à literatura portuguesa que, pela tradicional história política e social, tem uma forte inserção na tradição literária ocidental. Desse modo, o jovem escritor pernambucano coloca em dúvida não só a tradição brasileira, mas a tradição literária em língua portuguesa.

Ainda na “série de artigos com títulos”, dois outros textos nos chamam a atenção. Mesmo que não estejam ligados diretamente ao regionalismo, esses textos estão pautados no

princípio da tradição, especialmente no aspecto ligado à tradição oral, uma vez que o autor lamenta, em um deles, a perda do elemento responsável por este tipo de tradição entre as crianças. Diante de tal perda, Gilberto Freyre lamenta ainda que não existam livros infantis suficientes que supram essa falta. No primeiro texto, “Livros para criança”, publicado em 19 de julho de 1925, ele destaca que “[...] o menino brasileiro não tem o que ler” (FREYRE, 1979, vol. II, p.183). Por outro lado, o autor salienta que a imaginação infantil cada vez mais sofre com “Insuficiência outrora suprida pelas histórias orais, de um delicioso frescor, contadas pela vovó, ou pela negra velha da casa. Hoje, porém, quase não há avós ou negras velhas que saibam contar histórias” (p.184). No outro texto, “Gasparinho”, publicado em 29 de outubro de 1926, o autor faz referência à personagem Gasparinho, criado por Dona Mimosa Ferraz, destacando que a personagem “É uma caricatura. Mas caricatura de realidade bem brasileira. E daí o seu grande sucesso entre os meninozinhos do Brasil” (FREYRE, 1979, vol. II, p.343). Esses textos refletem ainda as preocupações do autor em escrever uma, segundo anotações no seu caderno-diário, “‘História da vida de menino’ no Brasil que venha dos primeiros tempos coloniais (cartas jesuíticas, relações, diários de viajantes) aos dias atuais” (FREYRE, 2006, p.211). Tal livro, parece que não teve seu projeto concretizado.

Intensificando o combate às novas tendências estéticas que se disseminavam pelo país afora, Gilberto Freyre volta a atacar o grupo modernista de São Paulo, em 20 de maio de 1923, no texto número “5”, quando faz uma análise sobre a falta de conhecimento das obras clássicas por parte de muitos escritores brasileiros, cuja leitura é “ruim e imprópria”. Nesse texto, as posições do pernambucano são bastante claras e combativas em relação às influências das vanguardas européias no grupo paulista. A esse respeito ele afirma:

A mocidade de São Paulo que eu suponho a mais culta do Brasil, sofre neste momento a nevrose do que entre nós se chama indistintamente *futurismo*. É pena. E esta mocidade devia estar a ler o *D. Quixote*, *Romeu e Julieta* e *Menina e Moça*. Mas está, sem nenhuma noção do ridículo, arremedando Dada na Europa, onde o cansaço dos museus, das bibliotecas, das grandes coisas estratificadas amolece o espírito criador que não é senão o espírito da juventude. Mas entre nós! Ou estão os moços de São Paulo, como os de todo o Brasil, a ler-se uns aos outros nos romancezinhos e nos livros de versos que o Sr. Monteiro Lobato vai publicando às centenas. Agora mesmo ele prepara cento e tantos livros. Cento e tantos romancezinhos e volumes de versos que vão tomar lugar das leituras sérias [...] (FREYRE, 1979, vol. I, p.261).

Entretanto, a crítica mais forte em torno dos modernistas paulistas está anotada no caderno-diário do autor, mais precisamente na parte referente ao ano 1924, momento de

expansão das idéias do movimento pelo país. Nessa anotação, Gilberto Freyre observa um fato comum entre os intelectuais mundo afora: “[...] os inquietos hoje de vinte e de trinta anos buscam, talvez com mais intensidade do que nunca, mundos ideais distantes ou remotos [...]” (FREYRE, 2006, p.196). Diante de tal constatação, o autor assim escreveu sobre os modernistas do Rio de Janeiro e São Paulo, acentuando o tom da crítica mais especificamente aos últimos:

Enquanto isto, os chamados modernistas do Rio e de São Paulo são para a França, para a Europa, alguns para os Estados Unidos, como Ronald de Carvalho que se voltam como para mundos ideais, dando as costas ao Brasil: ao que no Brasil há de verdade digna de ser descoberta ou redescoberta por jovens poetas, jovens críticos, jovens pensadores dispostos a fazer alguma coisa de diferente, de novo, de moderno; de contrário ao estabelecido; de oposto ao aceito. Mário de Andrade talvez não vá a tanto; não dá as costas ao Brasil. É bem diferente do Graça Aranha do “todo universal”. Mas não deixa de ser, o Mário de Andrade, postigo, em grande parte de sua modernice mais copiada dos modernismos europeus que inspirada em sugestões da situação brasileira. Justiça lhe seja feita, porém; está agora procurando inteirar-se da situação brasileira além de São Paulo – até da Amazônica. E mais catártico que Mário talvez seja Oswald de Andrade (FREYRE, 2006, p. 196-197).

Entretanto, outra anotação no caderno-diário do autor, ainda no ano de 1924, revela uma opinião contraditória em relação aos modernistas, a quem ele denomina de “novos”. Neste sentido, Gilberto Freyre atesta que conheceu o movimento de atualização da literatura brasileira por intermédio de José Lins do Rego. Eis o que escreveu autor:

Devo a J. L. do R. [José Lins do Rego] minha iniciação em A.G.¹⁸ [Agripino Grieco]. Também J. L. do R. já me iniciou noutros “novos” que trazem de fato um novo vigor à literatura brasileira. Ronald, Renato Almeida, Mário e Oswald de Andrade, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Alceu Amoroso Lima, Jackson de Figueiredo (deste já me falara Fidelino em Lisboa como dos dois Andrades me haviam falado em Paris Tarsila do Amaral e Brecheret, com os quais convivi em café de gente de vanguarda nas artes. Também são de interesse – de grande interesse – novos pensadores como Pontes de Miranda, Vicente Licínio Cardoso, Oliveira Viana, Fernando de Azevedo, que se juntam a Gilberto Amado e Roquette Pinto – sem nos esquecermos do extraordinário João Ribeiro -, todos já meus conhecidos, para a realização de uma obra renovadora da cultura brasileira. É uma cultura que precisa justamente do que eles lhe estão começando a trazer: novas perspectivas. Necessitamos de novo sentido de relações do Brasil com a Europa.

¹⁸ No primeiro parágrafo dessa anotação, Gilberto Freyre tece elogios à figura do crítico literário Agripino Grieco a quem ele chama de “uma espécie de Mencken brasileiro que tivesse também alguma coisa de um Leon Daudet: do Daudet que se ocupa da literatura às vezes de modo triunfal. E que conheci em Paris” (FREYRE, 2006, p.212).

Com a Europa e com os Estados Unidos. Também de uma nova consciência de nossas origens africanas e nossas raízes ameríndias (FREYRE, 2006, p.212).

Sabemos, pois, que a opinião de Gilberto Freyre não será a que prevalecerá em torno do movimento liderado pelo grupo paulista, uma vez que o registro da história literária confirma a hegemonia do movimento. Por outro lado, a publicação dos livros pela editora de Monteiro Lobato contribuiu, de certa forma, para que as várias realidades artísticas locais fossem conhecidas pelo país afora, desgeografizando, assim, o mapa editorial que estava restrito aos grandes centros. Foi a partir de atitudes como essas que o modernismo procurou revelar as várias faces culturais do país. Neste sentido, Mário de Andrade destaca os três princípios básicos do movimento, quais sejam: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional. Ao fazer um balanço do movimento, em 1942, o escritor paulista destaca que o processo de “descentralização da Inteligência” só foi possível graças, principalmente, ao “movimento nacional das editoras provincianas” (ANDRADE, 1972, p. 248), fato que talvez tenha sido alavancado a partir da experiência de Monteiro Lobato. Contudo, nos chama a atenção o fato de que, em um determinado momento, o pernambucano tenha um posicionamento crítico bastante contundente em relação aos modernistas e, em outro momento, apresente opinião diversa, reiterando inclusive que a cultura brasileira necessitava da renovação que os “novos” estavam implementando.¹⁹ Por sua vez, a acusação de que os jovens não estão dispostos a descobrir ou redescobrirem os valores da cultura nacional depõe contra a própria atitude do autor, pois ele foi um dos que deixaram o país para estudar no exterior. Podemos dizer, ainda, que, conforme bem acentua o estudo de PALLARES-BURKE (2005, p.37), toda a formação intelectual de Gilberto Freyre estava inicialmente voltada para a cultura anglo-saxônica, fato que fez dele um anglófilo de primeira linha: “Gilberto Freyre pode ser visto, pois, como um representante brasileiro de uma lista de anglófilos [...]”. Por outro lado, conforme revelam as anotações no seu caderno-diário, o

¹⁹ Vale lembrar que as anotações no caderno-diário só chegaram ao conhecimento do público em 1975, com a publicação da primeira edição de *Tempos mortos e outros tempos*. Neste caso, muitas das opiniões do autor configuram-se como opiniões de bastidores da cena cultural brasileira daquele momento. A esse respeito, pode ser verificado, novamente, outro momento em que o autor faz comentários em tom elogioso aos modernistas: “[...] Entretanto temos que estar atentos ao que nos prometem os bons modernos do Rio e de São Paulo, que, não fazendo do ‘modernismo’ seita, começam a escrever a língua portuguesa e a tratar de assuntos – inclusive os velhos ou de sempre – com uma nova atitude ou lhes dando um novo sabor: Bandeira, Ribeiro Couto, Drummond, Emílio Moura, Prudente, Sérgio, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Andrade Murici, Grieco” (FREYRE, 2006, p.191).

retorno ao Brasil representou para ele um grande sacrifício: “verdade é que meu maior amigo, nestes dias difíceis de readaptação ao Brasil que venho atravessando, vem sendo meu irmão U [Ulisses]. A ele venho fazendo ler os livros dos meus autores prediletos, de modo a termos assuntos para nossas longas conversas” (FREYRE, 2006, p.226-227). Fora isso, podemos acrescentar, ainda, que o próprio movimento que Gilberto Freyre reivindica como sendo ele o principal articulador tem fortes características do pensamento de alguns intelectuais e de movimentos estrangeiros, conforme ele declarara ao longo da vida:

Com Geddes, Le Play, Mistral e Maurras e um tanto sob a influência de movimentos literários por assim dizer antimetropolitanos, aqui nos Estados Unidos, como o do Oeste Médio, o do Oeste, o do Sul, e sobretudo o de Yeats, na Irlanda, venho me orientando para o estudo dos problemas sociais e culturais sob critério regional; e para valorização do regional nas artes. [...] Acompanho o movimento intelectual francês pelas revistas e pelas conversas com os jovens franceses desse Círculo (FREYRE, 2006, p.90).

Outro fato que nos parece interessante neste momento são as várias referências feitas por Gilberto Freyre a Mário de Andrade, seja enaltecendo a posição do paulista - neste caso os elogios sempre ocorrem nas anotações fora da cena pública, no caderno-diário - ou em vários momentos em que o tom da crítica dirigida a Mário revela a posição do crítico combativo em relação às idéias modernistas. Além das críticas, feitas ao autor de *Macunaima*, publicadas no *Diário de Pernambuco*, destacam-se mais dois trechos, do caderno-diário de Gilberto Freyre, que demonstram esse momento de tensão nas idéias do pernambucano. No primeiro trecho, Gilberto Freyre está se referindo à inovação feita pelos “bons modernos” do Rio e São Paulo em relação à língua portuguesa. Sobre o assunto, ele destacou:

Há o perigo oposto: o do artificialismo dos antipuristas por “modernismo” sectário. Um modernismo tão postiço que suas vozes me soam sempre carnavalescas. Não consigo me entusiasmar por certas andradices de Mário. Prefiro as andradices “modernistas” do outro Andrade, embora “Noturno de Belo Horizonte” – de Mário – me parece um belo poema numa nova língua portuguesa (FREYRE, 2006, p.191).

Em outro trecho, o tom da crítica saiu do plano intelectual para revelar que Gilberto Freyre nutria certa antipatia pelo escritor paulista. Mesmo assim, o pernambucano não deixa de reconhecer as qualidades do líder modernista:

Má impressão pessoal de M. A. [Mário de Andrade]. Sei que sua obra é das mais importantes que um intelectual já realizou no Brasil. [...] Mas me parece artificial e postiço em muita coisa. E sua pessoa é o que acentua: o lado artificioso de sua obra de renovador das artes e das letras no Brasil. Seu modo de falar, de tão artificioso, chega a parecer – sem ser – delicado em excesso. Alguns dos seus gestos também me parecem precários. Mesmo assim, um grande, um enorme homem-orquestra, que está sendo para o Brasil uma espécie de Walt Whitman. Um semi-Walt Whitman (FREYRE, 2006, p. 286).

O combate às tendências modernistas esteve presente ainda no texto numerado “12”, publicado em 8 de julho de 1923. Nesse texto, o autor comenta o aspecto tradicionalista da Faculdade de Direito do Recife. No início do artigo, Gilberto Freyre afirma que o estado de Pernambuco fora o lugar de “onde partiram no Brasil os primeiros sinais telegráficos da cultura” (FREYRE, 1979, vol. I, p.279). Seguindo essa linha de raciocínio, o autor observa que “Sob o ponto de vista moral, estou que a Faculdade do Recife tenda nesse momento a refluir para as suas melhores tradições. Vai o Dr. Neto Campelo admiravelmente imprimindo à sua ação de diretor, como de passagem salientei, vinco tradicionalista” (p.280). Acentuando o desejo de retraditionalização da Faculdade de Direito do Recife, o autor acrescenta que esta já comungara de tais práticas e tinha “seu ritual e suas praxes”, porém, continua o autor, “Descontinuou-as o delírio ‘modernista’ sob o pretexto idiota de serem velharias” (p. 280).

A cidade do Recife sempre foi um dos pontos de referência do escritor pernambucano dentro dessa análise sobre a realidade cultural, econômica, arquitetônica, enfim nessa análise sobre os elementos que compõem o modo de viver do Nordeste patriarcal. Sendo assim, a arquitetura do Recife mereceu atenção especial do autor, seja quando se refere à velha tradição das construções ou quando simplesmente ocupa-se de sua arborização. Na série de artigos numerados, encontramos esse tema em pelo menos cinco textos. No número “4”, publicado em 13 de maio de 1925, Gilberto Freyre destaca que a cidade “dá a quem chega a impressão de uma cidade sem árvores; e a quem demora uns dias a impressão de uma cidade sem música”. No artigo, a partir da introdução da questão sobre o problema da arborização, o autor aproveita e destaca outro ponto, considerado por ele como problemático para a vida da cidade: a música. É importante ressaltar este aspecto da música, uma vez que para o autor o processo de harmonia da cidade será dado a partir do conjunto de elementos que a compõem, seja através das construções antigas, da arborização ou da sinfonia emanada através do gosto musical. Para o autor, a música que falta à cidade “não é a chamada *jazz*

music que acompanha as danças modernas; esta deve embrutecer”. Na defesa de um estilo musical, ele opta por aquele que busque no indivíduo o processo do refinamento, uma vez que ela, a música, “É a mais dinâmica das artes”. Em outro texto, o de número “37”, publicado em 30 de outubro de 1923, o autor discute a criação da Lei Municipal nº 1379 que limita a plantação de árvores na cidade, taxando os terrenos “por todas as faces onde possa haver edificação”. Diante desse fato, Gilberto Freyre lamenta o desprezo dos brasileiros perante a variedade de árvores com que a natureza nos contemplou. Neste sentido, ele acrescenta: “em relação à natureza, não passamos ainda, nestes quatrocentos anos, de inquilinos a donos”. Outros três textos da série de artigos numerados voltam a comentar sobre a questão da arborização. São os textos “39”, “71” e “94”, publicados em 13 de janeiro, 24 de agosto de 1924 e 1º de fevereiro de 1925, respectivamente. O artigo “39” volta a comentar a lei nº 1379, uma vez que a Prefeitura revogara o artigo nº 7, parágrafo 2, esclarecendo que só estariam passíveis de taxaçaõ os “terrenos não edificados”, “quando não forem aproveitados em pomares, hortos, bosques, jardins, hortas etc” (FREYRE, 1979, vol. Vol I, p.355). Por sua vez, o texto número “71” começa discutindo a questão do corte de cabelo feminino “à la garçonne”, o qual, segundo o autor, “dá a certos rostos um íntimo e especial encanto. Questão de moldura” (FREYRE, 1979, vol. II, 62). Por sua vez, ele faz comparações entre o corte de cabelo e o corte das árvores que são os “cabelo das cidades”. O autor acrescenta que, como as mulheres, a maioria das árvores “repele os cortes e as aparas”. Fechando a questão ele observa: “A questão do cabelo das árvores é muito parecida à questão do cabelo das mulheres”. Já o texto número “94” faz uma espécie de historicização da luta pela preservação de nossas matas. Essa tentativa, segundo Gilberto Freyre, é uma questão antiga, pois data da era colonial, quando, em 17 de março de 1796, o governo de Lisboa baixou “um ato régio criando uma nova magistratura com o cargo de Juiz Conservador das Matas”. Em Pernambuco, destacou-se a figura do Governador Colonial Dom Tomás José de Melo pelas medidas em favor da arborização do Recife. Dando continuidade ao assunto, o autor destaca:

E sucederam-se durante a era colonial os avisos régios mandando os governadores “vigiar sobre as matas”, punir os devastadores, punir os incendiários, reivindicar para a Coroa matas de particulares “dando-se-lhes em compensação datas de terras devolutas” (FREYRE, 1979, vol. II, p.116).

Entretanto, Gilberto Freyre destaca que, mesmo com toda essa campanha em torno da proteção e da conservação da natureza, “a devastação das matas fez-se, entre nós, neste

século brasileiro de Independência, Democracia e Direitos do Homem, com uma semcerimônia espantosa” (FREYRE, 1979, vol. II, p.115). A partir das considerações do autor sobre a questão da arborização da cidade e da preservação ambiental, podemos perceber como o seu pensamento, setenta anos depois, continua bastante atual. Sendo assim, podemos entender ainda que a natureza das idéias de Gilberto Freyre ultrapassa o espaço local da cidade do Recife, no momento em que o processo de transformação ainda era incipiente, para tomar maiores proporções e converter-se hoje em uma questão que afeta todo o planeta, uma vez que a devastação ambiental tornou-se o principal ponto de discussão da pauta dos governos e ambientalistas do mundo inteiro. Enfim, esse é um problema que tem suas raízes naquele processo de transformação que começou desordenado e para o qual o pernambucano chamou a atenção ainda nos anos de 1920.

Na série de artigos com títulos, encontramos também um conjunto de textos cuja temática discutida é, de certa forma, ligada à questão da modernização, uma vez que o autor evoca alguns dos elementos que apareceram como novidade naquele momento para discutir o cotidiano das pessoas. No artigo “Viver às claras”, de 17 de maio de 1925, Gilberto Freyre comenta os efeitos da luz elétrica nas residências e a conseqüente dispersão provocada pela iluminação na forma de se relacionar das famílias. O autor afirma que “Por essa ética do viver às claras, eu devo confessar – ai de mim! – a mais decidida antipatia” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 161). Em outro texto, “Uma história de automóvel”, publicado em 13 de dezembro de 1925, o autor nos conta um episódio no qual o automóvel é a personagem principal. Segundo ele, na Altrúria, todo fim de semana um trovador, “glória nacional da Altrúria”, um sociólogo acadêmico, “também glória nacional da Altrúria” e um fotógrafo, “terceira glória nacional da Altrúria”, saíam pelo interior da província a bordo de um automóvel de 15 cavalos e “entregavam-se inteiramente à dura e acre missão de elevar intelectualmente e moralmente as ásperas gentes provincianas [...]” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 237). O automóvel simbolizaria, então, o mundo do avanço que levaria a bordo os anunciadores do conhecimento, da modernização, da ciência, possibilitando, assim, aos povos das rudes e longínquas províncias “um pouco da elegância e da alta cultura da Corte”.

Ainda versando sobre a idéia de modernização, o autor publica, em 25 de fevereiro de 1926, o texto “Da tirania da pedra azul, livra-nos ó senhor!”. Nesse texto Gilberto Freyre comenta o sonho de um recifense em ver a capital pernambucana completamente planejada em linha reta, “Um Recife geométrico como um jardim de Loire”. Entretanto, o autor reage à idéia dizendo:

Aquele sonho de um “Recife ideal” para mim seria um Recife antirecife. Um horrível Recife Judas Isacariotes. Traidor de si mesmo. Olhei o monstro. Olhei o sonhador. No dedo hirto e duro com que sublinhava pedagogicamente as palavras, em traços rígidos no ar mole da tarde de calor, faiscava enorme pedra azul. O anel de engenheiro. O anel fatídico (FREYRE, 1979, vol. II, p. 270).

Continuando os seus argumentos, Gilberto Freyre acrescenta que as cidades “perfeitamente geográficas” que ele conhece “são monótonas. São tristemente monótonas”, a exemplo de Washington. Por outro lado, ele enfatiza que o urbanismo inteligente tem muito vivo o respeito das “velhas igrejas, dos velhos chafarizes, das velhas fontes, e até de seções inteiras características de uma cidade como Washington Square em New York” (FREYRE, 1979, vol. II, p 271). Ele elogia a ação de Saturnino de Brito, “sábio engenheiro sanitário que é uma das mais puras glórias do Brasil”, citando as palavras do próprio engenheiro: “Projeto ruas novas sem a preocupação inconveniente e hoje condenada de alinhar ruas retas e largas, cortando-se em ângulos retos” (FREYRE, 1979, vol. II, p 271-272). A 07 de junho de 1925, Gilberto Freyre publica o texto “Acerca do Recife”. Neste artigo, o autor destaca, logo no início, que o “Julio Belo não ama o Recife” e, em seguida, traça um perfil da beleza da cidade evocando sua tradição que começa a contrastar com o novo modelo de cidade que desponta. A respeito da cidade, ele acrescenta:

Existe ainda um Recife cheio de sugestões deliciosas. Sem os “patíbulos erguidos” a que, em belos versos, comparou o Sr. Joaquim Cardozo os andaimes dos maus modernistas empenhados numa empreitada macabra: a de destruírem bons sobrados e boas igrejas antigas. Espécie de Revolução Francesa – ou antes italiana à la Marinetti – contra a nobreza e o caráter da cidade. Da cidade que foi o encanto de Eduardo Prado quando aqui esteve. Felizmente ainda há um pouco do Recife de Eduardo Prado (FREYRE, 1979, vol. II, p. 169).

O assunto da urbanização da cidade volta à tona no texto “A propósito de urbanismo”, publicado em 14 de novembro de 1926. No texto, o autor faz referência a uma conversa entre ele e Sr. Eduardo de Moraes. Nessa discussão, Gilberto Freyre destaca que um dos grandes sonhos do engenheiro é ver a cidade do “[...] Recife menos suja de velhice e mais brilhante de modernidade; e todo avenidas largar e retas; não importa - pra ele – com o sacrifício de quanta igreja velha” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 352). Entretanto, Gilberto Freyre coloca os vários pontos em que ele e o engenheiro estão em desacordo, pois o escritor ama

nas “cidades velhas o ‘sujo de velhice’ [...]; e também o a vontade das ruas estreitas, dessas que dão voltas ou se quebram no meio [...]”(FREYRE, 1979, vol. II, p 352). Mesmo diante dessa diferença de pensamentos, o autor destaca que o entusiasmo do velho engenheiro e sua sinceridade devem ser levados em consideração. O escritor anuncia, ainda, que o Centro Regionalista do Nordeste promoveria naquele período um “Mês da Cidade” para discutir sobre os problemas de urbanismo no Nordeste e que o nome do Sr. Eduardo de Moraes “é o principal representante entre nós de uma corrente do moderno urbanismo que não sendo a do “Centro”, convém que seja exposta com toda a vantagem por um dos seus apologetas mais entusiásticos” (p 353).

Em outro texto, publicado a 13 de maio de 1926, “H.P.”, escrito a partir da segunda visita de Gilberto Freyre aos Estados Unidos, ocorrida por ocasião do Primeiro Congresso Panamericano de Jornalistas, ele faz uma comparação entre o “cavalo de New York” e o animal cavalo, descrevendo a forma e a imponência da máquina na cidade símbolo do capitalismo. Em sua comparação, ele diz: “[...] quando a máquina inteiramente vencer o último cavalo, plagiando-lhe a plástica romana, a forte beleza, a música do trote – a recordação do animal exemplo, espécie de pré-história da Máquina Triunfante, persistirá nas iniciais H.P.” (FREYRE, 1979, vol. II, p.284).

Como podemos perceber, o processo de modernização é um dos temas do qual se ocupa o nosso escritor. De certa forma, o processo referido já se encontrava naquele período em forte evidência nas principais cidades brasileiras, a exemplo de Recife. Por outro lado, nada do que estava acontecendo no Recife ou no país, de forma geral, era novidade para Gilberto Freyre, uma vez que ele já vivenciara esse processo em escala muito mais ampla quando esteve na América do Norte e na Europa, os principais centros de onde se irradiava toda a onda de transformação. Foi lá também que Gilberto Freyre se municiou de idéias que o fizeram, já em solo brasileiro, liderar um movimento de reação a essas idéias transformadoras. Neste sentido, o homem Gilberto Freyre vivia, naquele período, em meio a ações que podemos caracterizar como contraditórias: por um lado, ele vivenciou e desfrutou pessoalmente de várias situações propiciadas pela modernização, e por outro, tentava difundir na mente da provinciana Recife²⁰ uma reação à entrada ao mundo da modernização. Diante dessa situação, podemos entender ainda que essa reação ao mundo da transformação seja dada também pela necessidade que Gilberto Freyre tinha em romper definitivamente com o mundo

²⁰ Neste caso, o termo provinciano se estabelece em relação aos centros europeus e americanos onde o autor viveu, uma vez que, em relação a outros centros brasileiros, Recife se constituía em uma cidade com ares de desenvolvida.

em que vivera por quase cinco anos. O forte apego aos costumes e tradições, principalmente da Europa, fato que o fazia usar “heroicamente”, aqui no Brasil, roupas inglesas, além do seu difícil processo de reintegração, conforme fica bastante evidente no seu caderno-diário, apontam para que tal rompimento tenha como um dos prováveis motivos a nova situação de vida do autor, uma vez que ele assim escreve:

Estou num mundo tão diferente daquele em que vivi com esses amigos em Paris e em Oxford que não me sinto com ânimo de lhes explicar o que encontrei no Brasil: o mundo em que vivo aqui. Ou em que procuro viver. Suas cartas ficarão sem respostas (FREYRE, 2006, p. 229).

2.3. REGIONALISMO: uma força que (res)surge

O regionalismo é um dos temas que se impõem com bastante intensidade no conjunto de textos do livro *Tempo de aprendiz*. Na terceira e última parte da obra, vários desses textos discutem o assunto mais diretamente, uma vez que ele já fora posto ao longo de muitos outros textos dessa mesma obra. No artigo “Einstein, regionalista”, publicado em 5 de abril de 1925, o autor pernambucano aproveita a visita do matemático ao Brasil para adicionar as suas idéias à política em defesa dos elementos locais. Gilberto Freyre afirma que “Nunca um estrangeiro fez entre nós uma mais nítida apologia do nacionalismo e até do regionalismo” (FREYRE, 1979, vol. II, p.140). Um trecho do discurso de Einstein é reproduzido, no texto, no momento em que ele aponta para a questão fundamental em defesa do regionalismo, qual seja:

Cada país conservaria as peculiaridades e aptidões nacionais, cultivando mesmo seu regionalismo, o qual contribui tanto para dar a cada povo sua fisionomia própria, característica e interessante. Eu não quero a homogeneidade espiritual porque esta faria o mundo demasiado monótono (FREYRE, 1979, vol. II, p.141).

Outro aspecto levantado por Gilberto Freyre, ao longo do texto, envolve a natureza dos elementos locais, o que, segundo ele, também é defendida por Einstein. No caso específico, Gilberto Freyre está se referindo às ruas estreitas. Sobre esse tipo de rua, o autor destacou:

No Recife Einstein teria elogiado não as avenidas novas, que esplendem ao sol com os seus horríveis postes, mas estas nossas ruas de São José, tão deliciosamente nossas. Ruas estreitas e de doces sombras e de um ar quase mourisco e de um aconchego de ruas da Idade Média. Ruas ainda virgens da estética dos engenheiros; do huysmanismo oficial.

[...] A mesma observação que agora fez, no Rio, o matemático judeu. De modo que antes de Einstein, já nós, regionalistas, tradicionalistas e a nosso modo modernistas do Recife, éramos pelas ruas estreitas (FREYRE, 1979, vol. II, p 142).

Outro texto que dá conta da temática regional é “A propósito de regionalismo no Brasil”, de 11 de outubro de 1925. O autor inicia o texto acusando o recebimento de *A Revista*, publicada pela mocidade de Minas Gerais, cujo propósito, segundo transcreve Gilberto Freyre, é “construir o Brasil dentro do Brasil e, se possível dentro de Minas” (FREYRE, 1979, vol. II, p216). A partir dessa proposição, o regionalista pernambucano vê certa confluência entre as propostas dos nordestinos e as dos mineiros, uma vez que “O jovem grupo d’ ‘A Revista’ surge com um programa de idéias e de ação que o aparenta muito de perto com o ‘Centro Regionalista do Nordeste’” (p. 217). Dentre os jovens de Minas, Gilberto Freyre cita a participação de Martins de Almeida, Carlos Drummond, Emílio Moura e Gregoriano Canedo. Outro ponto destacado pelo pernambucano é o editorial da revista no momento em que seus autores acentuam que “um dos nossos fins principais é solidificar o fio de nossa tradição” (p. 217). Necessariamente, essa questão chama atenção do pernambucano pelo fato de ser a tradição, defendida por ele e por seus aliados, o motivo que aproxima ideologicamente os dois grupos. Indo além na aproximação, Gilberto Freyre ainda acrescenta que:

O que eles sentem na tradição mineira, em particular, como na brasileira, em geral, é o que os chamados “neotradicionalistas” do Recife sentimos na tradição nordestina: uma força viva e plástica a ser desenvolvida em valores novos, atuais, ativos. Nunca um peso-morto a ser tristemente arrastado pela vida (FREYRE, 1979, vol. II, p.217).

Entretanto, o autor busca distanciar o programa do “Centro do Nordeste” do grupo mineiro quando o assunto é a ação política. Neste sentido, ele acrescenta que o grupo mineiro “[...] assemelha-se antes ao dos tradicionalistas e regionalistas franceses do tipo de Gustave Boucher, políticos e, mesmo, rasgadamente monárquicos na sua política”(p. 217). Mesmo

sem ter consciência do seu posicionamento, uma vez que todos aqueles conceitos se encontravam em processo de construção, discussão, Gilberto Freyre nos levar a pensar que a idéia de tradição, em destaque, difere daquela que ele vinha construindo anteriormente, em que as coordenadas gerais em torno do movimento regionalista se situavam na defesa de uma tradição cristalizada que se valia do patrimônio cultural da região como forma de criar um escudo para reagir às transformações que a cada dia se faziam mais presentes. Sendo assim, o autor não deixa claro quais seriam então esses “valores novos, atuais, ativos” que impulsionariam a tradição nordestina.

Dando continuidade à questão que envolve a temática regional, um artigo bastante polêmico, “A propósito de Guilherme de Almeida”, publicado em 15 de novembro de 1925, destaca a reação de Gilberto Freyre à conferência do poeta paulista em Recife, no momento em que era grande o embate entre os modernistas e os passadistas. Nesse texto, a discussão gira em torno das questões entre modernismo, futurismo, regionalismo e passadismo. No seu entendimento, Gilberto Freyre se contrapõe às idéias de Guilherme de Almeida²¹ mostrando que ele “[...] coloca-se diante das coisas como se as avistasse pela primeira vez: quase um alumbramento” (FREYRE, 1979, vol. II, p.226). O autor estabelece, ainda, que:

O chamado “futurismo” de certos poetas e artistas jovens do Brasil tem mais de “primitivismo” ou “instintivismo” que de “futurismo” ou “modernismo”. E sendo uma revolta contra o passado imediato não é, nos melhores novos, uma revolta total. Eu poderia sobre este ponto recordar o muito que deve o traço, hoje deliciosamente brasileiro, do Sr. Vicente do Rego Monteiro – um modernista à sua maneira: nada a la Semana de Arte Moderna – à influência dos primitivos e dos pré-rafaelistas (FREYRE, 1979, vol. II, p.226).

Indo mais além em sua crítica, Gilberto Freyre destaca que não se pode dar ao “[...] primitivismo ou ao instintivismo na criação artística nenhum sentido absoluto [...]” (p.226). Por outro lado, o autor aponta que, mesmo diante de atitudes conservadoras no trato com o idioma, existe uma reação entre os jovens poetas, fato que, segundo ele, os aproxima do movimento poético americano “New Poetry”. Vejamos o que escreveu o autor:

²¹ O nome de Guilherme de Almeida já era bastante conhecido pelos pernambucanos. Sobre o poeta, Azevedo (1996, p. 87) destaca que “Nos artigos de imprensa em que vinha divulgando o modernismo, Joaquim Inojosa por diversas vezes escrevera sobre Guilherme de Almeida, em notas cheias de entusiasmo, apresentando-o, quase sempre, como o melhor dos poetas modernos. Aliás, deve ser dito que o autor de *Nós* já era conhecido em Recife, mesmo antes da divulgação do modernismo, sendo seus poemas reproduzidos em jornais e revistas, recitados em salões e teatros, em reuniões íntimas, em serões familiares. Em sua *A arte moderna*, Inojosa transcrevera “A coluna”, versos de *A fruta que eu perdi*”.

E hoje, só hoje, e com muita promiscuidade e entre muito rufe-rufe de pandeiro de lata de gás, se acentuam entre nós tendências renovadoras a animarem de um sabor brasileiro nossa expressão artística. Na jovem poesia de Manuel Bandeira, de Mário de Andrade, de Ronald de Carvalho, de Osvaldo de Andrade, de Menotti, de Ribeiro Couto, de Guilherme de Almeida, de Joaquim Cardozo, se sente que para o Brasil começa uma “New Poetry” semelhante a de Vachel e Carl Sandburg e Mesters e Frost e Amy Lowell nos Estados Unidos. O Sr. Paulo Prado, em recente alusão ao movimento norte-americano – o qual creio ter sido eu o primeiro brasileiro a comentar – nos faz pensar nas afinidades do movimento brasileiro com o do Norte.

De fato, como a “New Poetry”, a nossa poesia é uma ânsia de falar de coisas próprias, nacionais, regionais, locais e nunca dantes poetizadas, antes havidas como vergonhas (FREYRE, 1979, vol. II, p.228).

De fato, o mesmo problema, identificada por Gilberto Freyre como sendo motivo de vergonha para a poetização das coisas próprias nacionais, será mais tarde constatado por Antonio Candido em estudo sobre a cultura brasileira a partir dos elementos trabalhados pela estética modernista. O ponto de partida dessa questão foi a configuração de uma identidade própria gerada no seio da literatura e expressada como forma de equilibrar os desajustes existentes no país liberto do domínio português em um enfrentamento direto com aquelas culturas que lhes serviram de modelo até então. No entendimento de Candido (2006, p. 127), “O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura. Isso na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem”. Por outro lado, podemos constatar que a filiação com a *New Poetry* americana, requerida por Gilberto Freyre para a nova poesia brasileira daquele período, não se concretizou. Coincidentemente, no mesmo período, são fortes os indícios que dão como certas as influências das vanguardas européias em vários procedimentos artísticos produzidos no país. Conforme já assinalamos, Gilberto Freyre via a *New Poetry* americana como um tipo de modernismo por ele divulgado e no qual ele procurava enquadrar a nova poesia brasileira. Neste sentido, o crítico parecia esquecer que, mesmo com fortes influências da arte vanguardista européia, a nova poesia brasileira possuía características próprias. É interessante notar ainda que, de certa forma, ao tentar a vinculação da poesia brasileira modernista ao que se estava fazendo na América do Norte, o pernambucano estava validando a proposta brasileira mesmo não admitindo que tal proposta possuía ares de renovação e que os modernistas estavam revolucionando o conceito de poesia naquele momento.

Ainda fazendo considerações sobre Guilherme de Almeida e a sua conferência, Gilberto Freyre questiona se o poeta estaria apto para ser o teórico que aquele novo tipo de

poesia exigia, a exemplo do que acontecera nos Estados Unidos com Miss Amy Lowell. O autor mesmo responde, afirmando que “A julgar pela sua conferência em Recife, não. Não está apto. Como Rubem Dario, o Sr. Guilherme de Almeida diz tolices quando quer doutrinar” (p. 229). E acrescenta ainda que, entre outras coisas, Guilherme de Almeida não distingue a “tradição que se vive, da tradição que se cultiva a discurso e a fraque e a hino nacional e a vivas à Republica” (p. 229). Diante dessa situação, o autor faz ainda o seguinte questionamento:

E como é que um nordestino – criado em reminiscência, memórias, experiências agudamente locais de pastoril de engenho, caldo de cana, faca de ponta de Pasmado, Megaípe, Paulo Afonso, Itajubá, Igaráçu, pé-de-moleque, água de coco, banho de Tambiá com caju e cachaça; como é que o nordestino de vida assim vivida a poderá desprezar por um vago brasileirismo? Vago brasileirismo que o Sr. Guilherme de Almeida não chegou a definir. O bom brasileiro é o que junta regionalismo. Regionalismos válidos (FREYRE, 1979, vol. II, p.229).

Com base na citação acima, podemos dizer que, depois de todas as dificuldades que teve para se readaptar à sua terra natal, Gilberto Freyre encontra-se completamente reintegrado ao espaço que passou a defender, adotando tal espaço como escudo para uma contraposição clara às idéias do grupo modernista de São Paulo. A crítica principal feita a Guilherme de Almeida diz respeito ao fato de ele não saber distinguir “a tradição que se vive da tradição que se cultiva a fraque e a hino nacional e a vivas a República”. No entanto, não podemos esquecer que a idéia de tradição defendida pelo nosso autor era aquela que via o passado como um momento de glória da região e que, por assim ter sido, essa tradição deveria ser reabilitada ao momento presente como forma de dar continuidade a um modelo de sociedade, a patriarcal açucareira, em um instante em que as formas de relações sociais e de trabalho já não aceitavam como viáveis aqueles modelos anacrônicos. Ou seja, Gilberto Freyre defendia a transplantação da tradição sem a mediação necessária para aquele momento de um presente transformador. Por fim, ainda se referindo a Guilherme de Almeida, o autor conclui que os conceitos, as pretensões críticas e filosóficas do poeta desaparecem diante da sua poesia, sendo ele “o vitorioso começo de um grande poeta brasileiro” (p. 229). O comentário de Gilberto Freyre referenda a idéia da poesia como sendo aquele espaço de autenticidade, superior em relação ao discurso ideológico dos programas e manifestos, ou seja, a idéia de que obra de arte sempre supera os ideais programáticos dos movimentos artísticos que dão os pontapés iniciais para a sua criação.

Ainda sobre a questão regional, é publicado, em 7 de fevereiro de 1926, o texto “Ação regionalista no Nordeste”. O artigo noticia a realização do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste a ser inaugurado à noite naquele mesmo dia. No texto, o autor sai em defesa da ação regionalista, refutando a idéia daqueles que vêem o movimento como uma ação separatista. Destaca, ainda, que outra confusão tenta acinzentar a idéia regionalista, a exemplo daqueles que supõem com o “Sr. Guilherme de Almeida que a expressão artística do regionalismo seria a literatura caricaturesca do ‘caipirismo’ ou do Jeca Tatu” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 264). Seguindo em defesa do movimento, o autor apresenta, em linhas gerais, qual seria, então, a essência do movimento:

Um Brasil regionalista seria um Brasil não dividido, mas unido nas suas diversidades. E coordenando-as num alto sentido de cultura nacional. Um Brasil livre das tutelas que tendem a reduzir a feudos certas regiões.

[...] O Regionalismo é um esforço no sentido de facilitar e dignificar atividades criadoras locais desembaraçando o que há de pejorativo em ‘provinciano’. Reabilitando qualidades e condições geograficamente provincianas de vida, de paisagem de arte.

[...] A grandeza futura do Brasil virá do desenvolvimento autônomo de suas províncias. [...] Do concurso das diversas aptidões das províncias é que deve sair nosso progresso (FREYRE, 1979, vol. II, p.265).

“O Nordeste separatista”, texto publicado em 26 de março de 1926, novamente volta à questão regionalista. Mais uma vez, o autor utiliza o espaço do jornal *Diário de Pernambuco* para sair em defesa do movimento, que era, então, fortemente entendido como uma ação separatista. Gilberto Freyre rechaça veementemente a idéia separatista e fortalece a defesa dos elementos da tradição nordestina como a culinária, a arquitetura, etc, contrapondo-os à forte onda de imitação vivenciada na capital do país, pois, segundo ele,

Nada pior do que o exemplo do Rio às cidades dos Estados. Nada pior do que o usineiro ou negociante de algodão do Nordeste que vem ao Rio e leva do Rio, em cartão postal ou na memória, o modelo da casa que vai levantar no Recife ou na Paraíba ou em Maceió. Contra essa superstição de imitar-se o Rio é preciso reagir. Como cidade de arquitetura incaracteristicamente nova; como conjunto de horríveis borrões - basta ao Brasil a sua, nestes últimos anos, desorientada capital (FREYRE, 1979, vol. II, p.278).

O autor defende, ainda, que “O Nordeste, Minas, São Paulo, o Rio Grande do Sul, é que devem influir sobre a arquitetura e a vida do Rio; e não o Rio *parvenu* sobre eles” (p.278). Aqui, Gilberto Freyre toma a região Nordeste como sendo um estado, o qual, juntamente com os demais citados, comporia uma cartografia da tradição cultural do país. Por outro lado, quando se refere ao Nordeste, geograficamente, o pernambucano está nomeando os estados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba como entes federados com características similares para compor o quadro regional defendido por ele no texto em destaque. Entretanto, é de se indagar o motivo pelo qual o estado do Rio Grande do Norte, cujas características geopolíticas, culturais e econômicas o ligavam fortemente ao estado pólo da região, naquele período, não se enquadraria nessa configuração regionalística organizada pelo grupo de Recife. Um dos motivos que fizera com que o Rio Grande do Norte ficasse de fora desse mapeamento regional, pode ter sido a ação do grupo que assumiu o poder político local, e redirecionou muitas das atividades culturais para o sertão. Essa era a região de origem dos novos líderes que implementaram no estado ações administrativas que talvez o tenham levado a adquirir uma certa autonomia política. Outro fato que pode também explicar a situação é o de que o grupo regionalista não encontrou, no Rio Grande do Norte, sujeitos interessados em difundir suas idéias, uma vez que Câmara Cascudo se encontrava, naquele momento, bastante envolvido com o grupo modernista do Centro-sul, mesmo freqüentando regularmente a vida literária da capital pernambucana, local onde cursava a faculdade de Direito.

Voltando à série de “artigos numerados”, outro assunto que merece destaque é a política de Portugal, vivenciada através da ação integralista naquele país. O texto não faz referência direta ao assunto regionalismo, porém a natureza do tema está inserida no aspecto da permanência da tradição do país, elemento considerável no processo de construção do projeto freyreano. O assunto está publicado no artigo número “11” que saiu em 1º de julho de 1923. Nele, Gilberto Freyre se contrapõe ao sentido que o Sr. Júlio Dantas quis dar à reação crítica que ali se fez sentir “agudamente contra a democracia jacobina” (FREYRE, 1979, vol. I, p.277), dizendo que esta tinha o caráter infantil e passageiro. Entretanto, Gilberto Freyre discorda de Júlio Dantas e afirma que o “inegável é que há na reação atual um elemento pensante e inteligentemente crítico” (p. 277). A opinião do brasileiro, em relação a esse movimento, é no sentido de que a reintegração do país se dê no “seu caráter e nas suas tradições, desfiguradas por uma como espessa camada de cem anos de constitucionalismo acaciano e, ultimamente, demagógico” (p.277). Finalizando o artigo, o autor reitera a opinião de que a reação dos jovens portugueses é em defesa do amor à tradição. Escreve ele:

Contra isto se insurge a inteligência crítica das gerações mais novas. Principalmente os chamados **integralistas**. Querem o regresso absoluto ao passado? “Muito ao contrário, responde voz autorizada do grupo: pedimos à experiência **do que foi** as normas seguras **do que deve ser**”(FREYRE, 1979, vol. I, p.278. Grifos do autor).

Novamente, o assunto relacionado ao reestabelecimento da ordem monárquica em países da Europa reaparece na série de textos numerados. Dessa vez, o autor volta a sua atenção para a França. Nesse texto, o número “20”, publicado em 2 de setembro de 1923, Gilberto Freyre comenta “duas cartas contraditórias” que recebera de uns correspondentes franceses, as quais tratam da mesma questão: a *Action Française*. Na verdade, uma carta defende a ação e o seu líder, Maurras, e a outra os condena. Aqui, a posição adotada pelo brasileiro parece ser em favor da *Action Française* e do seu líder. A esse respeito, escreve ele:

Maurras, que completado por Leon Daudet é hoje uma espécie do “verbo em marcha”, vai de fato arrastando a geração moça da França para a monarquia? Tive a impressão, do que vi em Paris em curtos meses, que sim. Por mais de um ano eu estivera em contato com a literatura anti-revolucionária de Maurras; sabia-o mestre influente e inquietante. Mas nem assim me preparara para o choque da força que é hoje a *Action Française*.

[...]Essa *Action Française* – já o disse – pareceu-me ser hoje uma força enorme. Dá-lhe Maurras o máximo de tensão mental e Daudet, sua malícia rabelaiseana, a irradiação de sua personalidade. O movimento deita raízes até pelos laboratórios: opõe a Darwin, Quinton. E aos filósofos da Revolução, da liberdade e da igualdade, opõe os da autoridade, da ordem e da hierarquia (FREYRE, 1979, vol. I, p. 302 e 303).

Aliás, será a ação do pensador político francês, Maurras, a quem Gilberto creditará grande parte da influência para a sua ação regionalista. Segundo o autor, esse pensador francês desenvolveu as idéias sobre a questão regionalista, cuja origem está lá no poeta, também francês, Mistral. Ou seja, o poeta francês pensou a questão do regionalismo como sendo aquela parte que Paris havia desconsiderado – o Sul da França, na influência sobre a formação francesa. Esse regionalismo passou a ser defendido por Maurras, a quem Gilberto Freyre conheceu, na viagem à Europa, tendo assistido a várias conferências sobre a ação regionalista²².

²² O autor faz referência, sobre a influência do poeta francês, na entrevista concedida às pesquisadoras Rosa Maria Godoy Silveira e Moema Selma D’Andrea, em 15 de março de 1983, e se encontra publicada em anexo ao

Ainda sobre o regionalismo, é interessante lembrar que nesse mesmo período, ou um pouco antes, mais precisamente no início do século XX, a Europa fora varrida por uma forte onda de transformação artística que se irradiou pelo mundo afora. As várias correntes vanguardistas difundiam uma total e radical transformação na forma de se conceber a arte e de se ver a cultura. Entretanto, Gilberto Freyre parece ficar imune à questão ou, talvez, ele tenha desviado o tema do foco das atenções. Em seus textos, tanto naqueles escritos na América, quanto naqueles que têm a Europa por temática, ele quase que ignora essas transformações estéticas ocorrida na continente europeu. Na verdade, ele buscou outras alternativas para construir, a seu modo, um movimento de resistência às transformações que a cada dia se aproximavam e ameaçavam o espaço que ele elegera como o núcleo de uma genuína e tradicional forma de viver que, por si só, reivindicava o *status* de uma original cultura brasileira. Essas alternativas tinham por fundamentação o grande legado visto pelo autor na tradição dos americanos do norte e na literatura anti-revolucionária do francês Maurras ou em alguns escritores britânicos, como sugere Pallares-Burque (2005). Gilberto Freyre seguia essa orientação de reação vivenciada na América do Norte e na Europa, espaços dos conflitos entre o novo e o tradicional/local naquele momento. Assim, a atitude do autor parece ser também a de inserir nessa “vanguarda de enfrentamento” de discussões o Brasil, oferecendo a cultura nordestina como elemento tematizador para engrossar o caldo das polêmicas, postas no cenário mais geral, e apimentar também a discussão no plano nacional, contrapondo-se ao grupo do chamado modernismo paulista, cuja base de teorização estava alicerçada naquelas teorias advindas da Europa. Tudo isso amalgamado daria o suporte para sustentação do movimento com bases na tradicional cultura do Nordeste brasileiro, o contraponto inicial ao modernismo dos sulistas. Dessa forma, o movimento regionalista nordestino não surge como uma reação direta ao modernismo paulista, mas como uma contraposição, ambos os movimentos com existência simultânea e raízes externas, fator que constata o aspecto cosmopolita deles.

livro *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a Literatura Regionalista*. Entretanto, no estudo sobre a trajetória intelectual de Gilberto Freyre, Pallares-Burke (2005, p. 180-181), a autora coloca que existem indícios de que essa filiação acontecera de fato com os escritores britânicos: “É verdade que, em algumas ocasiões, Freyre referiu-se às idéias descentralizadoras e antidemocráticas de Charles Maurras e Georges Sorel – não em sua forma pura, mas desenvolvidas e deformadas a seu modo, conforme certa vez sugeriu – como apoio ao seu peculiar regionalismo. [...] Diferentemente do caso de Maurice Barrès, há fortes indícios de que foram alguns britânicos e vitorianos que auxiliaram mais profundamente Freyre a se readaptar ao Recife, estimulando sua imaginação e sensibilidade a elaborar as idéias tradicionalistas e regionalistas pelas quais ele e seu grupo iriam arduamente batalhar. Quer ensaístas, quer literatos, quer artistas todos eles eram vitorianos mais ou menos descontentes com o mundo em que viviam: John Ruskin, Dante Gabriel Rosseti e os pré-rafaelistas, William Morris, Walter Peter, Thomas Hardy, Lafcadio Hearn, George Moore, George Gissing e William Butler Yeats”.

Cronologicamente, o regionalismo tem seu desfecho inicial posterior ao movimento paulista, uma vez que o Recife e a região Nordeste só passaram a discutir diretamente temas ligados à literatura e ao regionalismo quando Gilberto Freyre retornou do exterior e começou a fazer um enfrentamento mais direto com Joaquim Inojosa que, até aquele momento, fora uma voz dissonante na propaganda do movimento iniciado em São Paulo. Por sua vez, o movimento dos paulistas, a partir do ano de 1924, começou a ter maiores proporções saindo do eixo Rio - São Paulo para atingir outros lugares do país. Tal fato fez com que vários artistas e intelectuais do campo cultural não ignorassem a existência do movimento, o que permitiu, ainda, a partir daquele momento, que o processo de descentralização da inteligência brasileira tomasse outro aspecto. Segundo Mário de Andrade:

O movimento modernista, pondo em relêvo (sic) e sistematizando uma “cultura” nacional, exigiu da Inteligência estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguazes. E si (sic) as cidades de primeira grandeza fornecem facilidades publicitárias sempre especialmente estatísticas, é impossível ao brasileiro nacionalmente culto, ignorar um Erico Veríssimo, um Ciro dos Anjos, um Camargo Guarniere, nacionalmente gloriosos do canto das suas províncias [...] Dantes, esta exigência estava relegada... aos historiadores (ANDRADE, 1972, p.248).

Percebemos, assim, que a tradição nordestina se configura como sendo um dos principais assuntos discutidos por Gilberto Freyre ao longo desses artigos jornalísticos publicados entre os anos de 1918 e 1926. Para discutir o tema, ele cria uma atmosfera cujos protagonistas são a cidade do Recife e o viver pernambucano. Viver esse que, no entendimento do autor, tem nos costumes e, principalmente na cozinha, sua principal característica. Sendo assim, a gastronomia da região, cuja referência é Pernambuco, adquire uma importância fundamental e passa a ser valorizada como o instrumento principal na construção de uma cartografia geográfico-cultural que reivindica uma autenticidade na construção da identidade nacional. No texto numerado “26”, publicado em 14 de outubro de 1923, ele planeja um espaço gastronômico, a exemplo do que irá fazer com a idéia da criação de um museu da história de Pernambuco, onde seriam oferecidas aos visitantes estrangeiros as mais diferentes iguarias da cozinha regional. O projeto, ele assim descreve:

Estive outro dia a imaginar um café ao meu jeito para o Recife. Café ou confeitaria. Ou mesmo um restaurante. Um café ou restaurante ou confeitaria que possuísse cor e características locais. Que possuísse atmosfera.

Vejo, porém, que ainda não disse o que seria o tal café do meu jeito. Caracteristicamente pernambucano. Regionalmente brasileiro. Capaz de fazer sentir ao estrangeiro um pouco de nossa vida e do nosso pitoresco local.
 [...] À noite, menestréis – cantadores! – cantando ao violão trovas de desafio; num canto uma dessas petralhonas vastas e boas, assando castanha ou fazendo pamonha. Ao seu lado, quitutes e doces, ingenuamente enfeitados com flores de papel recortados, anunciando uma culinária e uma confeitaria que constituem talvez a única arte que verdadeiramente nos honra. Isso sim seria uma delícia de café²³. (FREYRE, 1979, vol. I p.320 e 322).

Ainda dentro dessa atmosfera que configura o aspecto da tradição, um texto publicado em 04 de maio de 1924, o de número “55”, se destaca pelo seu conteúdo, uma vez que nele Gilberto Freyre faz a defesa de um empreendimento que colocaria a cidade em sintonia direta com os equipamentos da arquitetura moderna. Nesse texto, o autor comenta sobre a possibilidade da cidade do Recife ganhar seu primeiro “grande hotel” e acrescenta que “Não se compreende uma cidade moderna sem o seu hotel [...] Nada mais representativo da cidade moderna [...] que o “grande hotel” (FREYRE, 1979, vol. II, p.23). O que nos chama a atenção nesse texto é a abertura do autor para a implantação desse empreendimento. Entretanto, ele acrescenta que a construção do hotel deve ser submetida a certas condições, as quais deveriam ser impostas pelo poder público municipal, como por exemplo, a de que “o edifício não seja violentamente antiestético” (p. 24). Em relação à cozinha regional, ele dá a impressão de que a utilização dos recursos gastronômicos seria o fator de redimensionamento da vida da cidade, e da região, dando continuidade às suas tradições, uma vez que o seu grande apelo é para “que a cozinha não despreze as tradições do forno e do fogão pernambucanos, especializando-se mesmo no feijão de côco e seus derivados” (p 24). Ou seja, naquele momento, Gilberto Freyre deu uma trégua na luta contra o processo de modernização da cidade do Recife e acenou com a possibilidade de que os elementos que representavam o novo pudessem atuar como aliados ao projeto de manutenção e conservação de alguns aspectos do passado glorioso. Na prática, esse procedimento aconteceu com a literatura produzida na região naquele período, uma vez que ela combinou elementos da estética

²³ No *Manifesto Regionalista* (1976), Gilberto Freyre aponta como proposta principal, a ser aceita pelos participantes do congresso, a criação, no Recife, de “um café ou restaurante a que não falte a cor local” (p. 71) e que teria à porta, além de outros elementos regionais, “uma preta de fogareiro, fazendo grude ou tapioca” (p.71). Dentre as várias questões esboçadas no texto, a que ganha maior relevância é a culinária, que já vinha sendo esboçada ao longo dos textos esparsos publicados por ele. Neste sentido, as idéias presentes no texto acima se encontram ampliadas no texto-manifesto, que, além de reiterar a criação do restaurante regional, propõe também a criação, perto do restaurante, de “[...] uma loja de brinquedos e objetos de arte regional e popular: bonecas de pano, renda do Ceará, farinheiras e colheres de pau, chapéus de palha de Ouricuri, alpercatas sertanejas, cabaços de mel de engenho, cachimbos de barro, manés-gostosos, figuras de mamulengos, carrapetas, panos da Costa, balaios, cestos, bonecos de barro, potes, panelas, quartinhas, bilhas”.

moderna com o conteúdo regional. Na poesia, o pernambucano Ascenso Ferreira pode ser o exemplo maior dessa combinação. Sobre ele, Azevedo (1996, p. 180) fez a seguinte observação:

Amostra elucidativa do espírito da década de 20 em Pernambuco é a figura de Ascenso Ferreira, ligado comprovadamente às diversas tendências surgidas na época. Sua produção poética não pode ser atrelada, de maneira mecânica, a um determinado movimento de idéias. Sua poesia, de dicção nova, tem débitos para com a proposta modernista, particularmente no que tange à liberdade formal, mas também tem compromissos diretos com o regionalismo, na medida em que se alimenta, de modo especial, da vida da região e de suas tradições. Ascenso Ferreira conseguiu realizar, para além dos pressupostos dos diversos grupos, uma poesia cuja marca pode ser definida como a brasilidade... nordestina.

Fica evidenciado, então, conforme demonstrou o escritor em toda a trajetória de vida, que a sua principal intenção, ao fazer a propaganda em torno da conservação da cozinha regional, principalmente, era no sentido de que tal conservação fortaleceria a região com os seus costumes e tradições, uma vez que esses elementos possuíam uma importância fundamental para o projeto de nacionalidade que se consolidaria a partir da valorização do paladar, conforme ele deixa claro no texto número “43”, publicado em 10 de fevereiro de 1924. Para Gilberto Freyre,

[...] O paladar é talvez o último reduto do espírito nacional; quando ele se desnacionaliza está desnacionalizado tudo o mais. Opinião de Eduardo Prado. Nem creio haver despropósito em afirmar que na conservação da nossa cozinha, ameaçada pela francesa, está todo um programa de ação nacionalista. “Rumo à cozinha”, deve-se gritar aos ouvidos do Brasil feminino. Rumo ao livro de receita das avós (FREYRE, 1979, vol. I, p.366 e 367).

Novamente o assunto do paladar volta à pauta de discussão na sessão de textos numerados. O Texto número “74”, de 7 de setembro de 1924, faz toda uma defesa em favor da cozinha regional, além de propor a colocação de “uma seção de culinária e confeitaria pernambucanas” (FREYRE, 1979, vol. II, p 69), na Exposição Geral de Pernambuco, marcada para o mês de outubro daquele ano. Gilberto Freyre faz a sugestão destacando que “se há jóia de família que ainda nos resta, aos pernambucanos, é a tradição que se refugiou no forno e no fogão de algumas casas” (p 69). Porém, o forte argumento do autor para a defesa de sua idéia

é o de que “a nutrição é fator poderosíssimo do tipo social e de tipo nacional. O laboratório da química social é antes a cozinha que a escola” (p.70).

A partir da defesa de Gilberto Freyre, principalmente, no momento em que ele projeta um modelo de café, restaurante ou confeitaria para a cidade do Recife, podemos perceber uma visão meio que caricaturizada dos tipos representativos do Nordeste – “num canto uma dessas petralhonas vastas e boas, assando castanha ou fazendo pamonha” -, em que o fator da culinária e da tradição serviriam mais como objeto de adorno ou de deleite degustativo para o estrangeiro, e não como um elemento fruto da cultura capaz de interagir com outros elementos do presente. Assim, dificilmente essas formas de expressão estariam colaborando com o redimensionamento da cultura para além das fronteiras do caricato e do pitoresco. É necessário lembrarmos aqui que, nesse mesmo período, era grande a discussão que se dava no movimento modernista em torno dos questionamentos estéticos e na busca de um redimensionamento artístico. A tradição, neste outro caso, era o motivo forte que embalava as idéias, porém era uma idéia de tradição que objetivava impulsionar a arte e a cultura numa perspectiva futura e transformadora e não como instância de um passado cristalizado e imóvel.²⁴

A alimentação seria uma temática a qual o autor voltaria sempre ao longo dos textos de o *Tempo de Aprendiz*. Na série de textos com títulos, na terceira parte da obra, ele volta a discutir a questão em um artigo bastante interessante, “A propósito da campanha do Sr. Hardmam”, publicado em de 12 de abril de 1925. O texto tem como ponto de partida uma campanha de Samuel Hardmam em “prol da maior cultura de cereais em Pernambuco” (FREYRE, 1979, vol. II, p 143), atividade que se encontrava em declínio, principalmente nos engenhos. O declínio dos cereais escasseava, então, segundo é defendido no texto, a mesa colonial que já fora, outrora, bastante farta. Gilberto Freyre destaca que um dos motivos da perda da culinária local foi o processo de extinção dos engenhos, substituídos pelas usinas, uma vez que “onde morreu um fogo de bangüê, morreu também um fogo de cozinha à antiga” (p. 143). Diante do problema, ele faz uma espécie de retrospectiva sobre a origem da culinária pernambucana destacando que:

²⁴ No seu manifesto da *Poesia pau-brasil*, publicado em 18 de março de 1924, Oswald de Andrade também chama a atenção para a valorização de aspectos da cultura nacional, destacando também “A cozinha. O vatapá o ouro e dança” (citado por TELES, 1999, p. 326).

E nos fornos e fogões das “casas-grandes” dos engenhos pernambucanos, o patrimônio culinário dos portugueses, já enriquecido pelos contactos com o Oriente e a África, adquiriu novos sabores, aguçou-se de adubos esquisitos.

Aquelas moças, parentas suas ou de sua mulher, trazidas de Viana de Castelo por Duarte Coelho; e aquelas “órfãs nobres”, educadas com esmero (naturalmente nos conventos), a que se refere o Dr. Elysio de Carvalho, vindas de Portugal para casar com os principais da colônia e ser donas-de-casa – decerto trouxeram dos fornos medievais dos solares e dos conventos de freiras, para os primeiros fornos de Pernambuco, as ricas tradições gastronômicas. E a estas tradições adaptaram a matéria virgem aqui encontrada, e depois influenciada diretamente pelos adubos africanos, resultando desse processo a cozinha colonial pernambucana (FREYRE, 1979, vol. II, p.144 e 145).

Outra idéia freyriana, defendida em torno do aspecto da tradição, enquanto elemento sustentador da hegemonia pernambucana, é a que propõe a criação de um museu. Dessa vez, seria através da construção de uma instituição que o autor concretizaria o projeto de conservar e difundir os quase quatrocentos anos de história do estado. O texto que discute sobre a criação do museu foi publicado em 23 de setembro de 1923, sob o número “23”. Nesse texto, o autor destaca que:

Pernambuco, pela sua riqueza de tradições, não tem o direito de contentar-se com o seu atual museuzinho: o do Arqueológico.

É um museu, o do Arqueológico, sem orientação que deva ter: a de aprimorar-se em pitorescamente documentar os quatrocentos anos de vida histórica de Pernambuco.

Devia, ao meu ver, um nosso museu, contentar-se com ser pernambucano. Uma espécie de lição de história e arte pernambucanas. E estou que oficializado ou semi-oficializado muito aumentariam suas possibilidades. Contanto que não fosse dirigido por burocrata também oficial (FREYRE, 1979, vol. I, p. 313 e 314).

O tema da criação de um museu voltou a ser discutido no texto “A propósito de artes retrospectivas”, publicado em 10 de maio de 1925. Dessa vez, o autor faz referência à criação de um Museu de Artes Retrospectivas no Rio e acrescenta que “bem poderia cogitar Pernambuco, ao menos por elegância, de estabelecer o seu, como documento à vida local” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 158).

A tradição local ainda será tema de vários e vários artigos presentes no *Tempo de Aprendiz*. Outro motivo, escolhido pelo autor, para discutir a questão, é o que diz respeito aos nomes antigos de ruas. No texto numerado “32”, publicado em 25 de novembro de 1923, Gilberto Freyre dirige uma forte crítica ao prefeito da cidade do Recife pelo fato de ele estar constantemente mudando nos nomes das ruas. O autor propõe ao Prefeito, ironicamente, que as “placas com os nomes das ruas fossem entre nós de ardósia; e os nomes escritos a giz,

bastando criar-se um lugar de calígrafo na prefeitura” (FREYRE, 1979, vol. I, p.336). Para o autor, esses nomes de ruas têm sempre alguma coisa de íntimo, espontâneo e até poético. Sendo assim, ele traça um perfil dos principais nomes de ruas e chega à conclusão de que apagar um nome de rua “seria destruir imensidades”, pois os “nomes de ruas são tradições a zelar” (p.337). Esse tema, os nomes de ruas, reaparece nos textos nº “75”, “95” e “98”, publicados, respectivamente, em 21 de setembro de 1924, 8 de fevereiro e 1º de março de 1925. No texto número “98”, Gilberto Freyre se revolta contra a atitude do Instituto Arqueológico que, contrariamente, ao que deveria defender, aprovou a mudança de nome de “Encanta Moça” para “Santos Dumont”. Para tal atitude, os membros do Instituto, mais precisamente o Sr. Secretário Perpétuo, Mário Carneiro do Rego Melo, justificaram dizendo que o nome “Encanta Moça nada significa em nossa história”(FREYRE, 1979, vol. II, p.126). A reação do autor é no sentido de que o secretário desconheça que as “superstições podem ter tanto significação histórica quanto os fatos” (p. 126). Indo mais além no caso, o autor do artigo defende que “são as superstições e os mitos que animam a história, dando-lhe uma nota de poesia que é ao mesmo tempo uma nota de viva humanidade” (p. 126).

No texto numerado “34”, de 9 de dezembro de 1923, o assunto ainda é a tradição. A partir da idéia de um deputado pernambucano, que propôs a criação de “uma inspetoria de monumentos históricos”, o autor lamenta toda uma perda do aspecto tradicional e diz que “É o Recife novo uma obra inestética de engenheiros de que se envergonharia o mais rude ‘cementarius’ medieval” (FREYRE, 1979, vol. II, p341). Uma forma encontrada para reverter a situação seria, então, segundo o autor, a criação de um dia do passado ou da tradição. Exemplificando que, em vários países do mundo, existe este culto pelas coisas antigas, como na Inglaterra, Gilberto Freyre estabelece que o Dia do Passado ou da Tradição seria:

Um dia em que nos recolhêssemos misticamente ao Brasil brasileiro dos nossos avós; e falássemos deles. Um dia de romagem aos edifícios velhos: tantos deles cheios de boas inspirações para bons edifícios modernos (FREYRE, 1979, vol. I p.343).

No final do texto, Gilberto Freyre se volta, novamente, contra a atitude modernista, “futurista”, pois ela seria uma das fontes motivadoras da perda dessa tradição. Para justificar o ataque, ele diz que “o instinto de criação alimenta-se do passado” e que uma “estética ou uma ordem política adquirida apenas é um empréstimo a 90%; não identifica um tipo nacional de

cultura” (p. 343). Neste sentido, ele condena a posição dos paulistas acrescentando que “Daí o ainda feder a goma arábica nosso regime político de 89; e o ridículo do atual “futurismo” dum grupo de rapazes em São Paulo” (p 343).

Já no texto número “36”, publicado em 23 de dezembro de 1923, a tradição é esboçada a partir de uma visita do pernambucano à cidade da Paraíba, antigo nome da capital do estado de mesmo nome. Nessa visita, Gilberto Freyre constata que a cidade estava passando por um processo de transformação em sua arquitetura, pois “a Paraíba não se quer deixar esverdear. Quer à maneira do Recife, arrebicar-se toda de alfenins de açúcar de segunda” (FREYRE, 1979, vol. I, p.347). Diante de todo esse quadro que modifica o cenário da cidade paraibana, o autor destaca a ação do engenheiro Baeta Neves, responsável pelo projeto de saneamento da cidade, uma vez que ele “[...] é um raro’ para o Brasil pelo seu talento de organização. Vai conseguindo milagres e conseguindo sem grande espalhafato” (p.348). Gilberto Freyre viaja ainda ao interior do estado e se deslumbra com a paisagem rural da Paraíba, onde o aspecto da antiga tradição dos engenhos e do viver daquela atividade econômica está impregnado por toda parte, resistindo ao processo de transformação em vias de se concretizar. Neste aspecto, ele destaca que:

Contra essa paisagem tão doce, vê às vezes repontar, rebarbativamente, um bueiro enorme de usina nova, dá a idéia de um charuto insolente de novo-rico. E para as usinas tentaculares passam, dos engenhos, sob o sol forte, grandes molhes de cana madura (FREYRE, 1979, vol. I, p.349).

Ainda sobre a tradição, o texto número “60”, publicado em 8 de junho de 1924, discute sobre a onda de imitação que invadia os vários setores da vida nacional. Neste sentido, ele aponta como principal alvo a arquitetura, principalmente a arquitetura das igrejas antigas de Pernambuco. A essa onda Gilberto Freyre chama de “barato cosmopolitismo”, pois, segundo ele, “Estamos a virar – já uma vez o escrevi – verdadeira bola de cera, cuja plástica diariamente se altera à influência das fitas de cinemas, das modas americanas e da literatura francesa” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 36). Já no texto número “73”, publicado em 07 de setembro de 1924, a tradição volta a ser discutida. Dessa vez, Gilberto Freyre faz referência ao “absentismo”, ou seja, o abandono das terras pelos senhores de engenho, uma vez que estes já não sabem ser “donos do que possuem”. Esse absentismo, segundo o autor, se dá devido à “atração da grande cidade”. Sobre a situação ele acrescenta também que:

A usina trouxe para a nossa paisagem rural os charutos horríveis de suas chaminés que parecem charutos de novos-ricos. Viajando pelo interior, já não nos encanta o olhar a doce brancura de cal das antigas “casas-grandes” nem o ar das terras é aquele, tão ingênuo e tão bom, das pinturas de Post (FREYRE, 1979, vol. II, p.67).

O assunto novamente é discutido no texto numerado “83”, de 15 de novembro de 1924. No texto, o autor faz referência ao quinto aniversário de restauração da capela do engenho Megaípe de Baixo. A capela “é uma lição viva de brasilidade e de fé”. Já o engenho é aquele que, segundo Gilberto Freyre, “é da época em que os senhores de engenho pernambucanos sabiam ser donos de suas terras” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 91). Gilberto Freyre elege a capela e a casa grande do engenho como sendo os modelos que representam o passado da família patriarcal.

Na série de artigos com títulos, o assunto da tradição local também se fará presente. Nesses textos, a discussão será pautada através dos mais diferentes aspectos. No texto “A cerca dos jardins”, publicado em 3 de maio de 1925, o autor combate uma mania que estava tomando conta da cidade: a destruição dos jardins e canteiros locais para em seus lugares serem implantados outros modelos, cuja inspiração vinha do estrangeiro. Noutro texto, o autor defende a forma de dar nomes aos filhos (“A propósito de nomes”, 24 de maio de 1925), a qual, segundo ele, tinha tradicionalmente um caráter religioso. Além disso, era costume dos mais antigos dar aos seus filhos o nome do padrinho e agregar os nomes das propriedades e dos engenhos aos dos futuros herdeiros. Porém, ressalta o autor, no século XX:

Hoje não é “chic” dar ao menino que nasce nem o nome do padrinho nem o do avô nem o do santo da folhinha; e ao contrário daqueles ingênuos patriarcas do tempo quase da carochinha da Constituinte, a elegância está nos nomes estrangeiros, colhidos às vezes nas fitas de cinema (FREYRE, 1979, vol. II, p. 165).

Em outro texto, “A traição ao passado”, publicado em 16 de agosto de 1925, Gilberto Freyre comenta o livro do português Hipólito Raposo que “tomou para assunto de um romance que lembra os de Barres e no qual pôs muita vibração, o caso de uma antiga família portuguesa, desenraizada da sua tradição rural pelo urbanismo e pelo liberalismo” (FREYRE, 1979, vol. II, p. 195). Dentro dessa perspectiva de perda da valorização da

tradição, o autor faz uma comparação entre o que acontecia lá em Portugal, retratado no livro, e o que acontecia na cidade do Recife que “[...] manda derrubar árvores velhíssimas e destruir ou acatitar casarões [...] para a edificação amiudada, catita e espaventosa de modernices” (p. 196). A tradição ainda aparecerá de forma bastante explícita nos textos: “Impressões de Pernambuco”, “Bahia à tarde”, “Casa de senhor de engenho”, “A catedral dos estudos brasileiros”, “Sugestão de um museu”, “O Sr. Oliveira Lima em Washington”, “Ruas de doces sombras”, “Rua Larga do Rosário”, “Em torno de duas teses” e “Queimados”.

Outro tema, abordado por Gilberto Freyre, nos artigos publicados no *Diário de Pernambuco*, é a pintura. Em vários textos, ele se refere a essa modalidade artística para comentar os trabalhos de alguns pintores que passaram pelo Recife. O texto numerado “18”, publicado em 19 de agosto de 1923, faz referência à pintura do russo Gagarin. Os comentários aos quadros de Gagarin se fizeram a partir de um pedido do pintor para que Gilberto Freyre avaliasse sua obra exposta. Sobre o pintor, o autor comenta que “é um artista jovem que ainda não conseguiu a absorção pelo próprio temperamento, da influência, aliás parcial de certos mestres” (FREYRE, 1979, vol. I, p.297). No texto “25”, publicado em 7 de outubro de 1923, ele analisa o estilo do pintor De Garo, chamando a atenção para o fato de que “Tudo na sua pintura é ansiosamente pensado” (FREYRE, 1979, vol. I, p.318). Gilberto Freyre classifica a arte de De Garo como sendo uma arte de idéias, a qual não combina com a cidade do Recife, tropical, cheia de sol, de luz e de suor, onde o “puro pensar é como uma tortura de virgindade de adolescente [...] Natural em nós tropicais, a obsessão pela cor. E o desdém pelo desenho puro [...]” (p.319).

A pintura será discutida novamente no texto número “41”, de 27 de janeiro de 1924. Dessa vez, Gilberto Freyre escreve sobre a pintura na paisagem local, destacando a obra de vários pintores que se aventuraram em retratar o tema. Começando por Frans Post, ele verifica que à pintura deste “falta uma vibração interior”, uma vez que ele é um “pintor mais histórico que estético” (FREYRE, 1979, vol. I, p.361). A análise se estende também à obra de Teles Júnior. Segundo Gilberto Freyre, este é um “[...] grande pintor de nossa paisagem; e no sentido histórico, no sentido de fiel documentação, ele o é por certo” (p.361). O crítico vai mais adiante e acrescenta que a pintura de Teles de Júnior representa para Pernambuco um íntimo e alto valor, pois ele nos documentou admiravelmente “toda uma etapa de vida e de paisagem: o Pernambucano dos engenhos que o das fábricas e usinas vai rapidamente empurrando para o passado, na ânsia de mais à vontade fumar os charutos de suas chaminés vitoriosas” (p.361). Entretanto, essa perspectiva não satisfaz a idéia de pintura da paisagem local defendida por Gilberto Freyre. O crítico entende que os valores mais íntimos de uma

paisagem “não se alteram de ano a ano com os simplesmente históricos” (p. 361). Diante dessa constatação, ele defende, então, que a pintura da paisagem local seja inclinada mais fortemente para o aspecto estético e,

[...] por conseguinte, mais universal na sua vibração, da pintura que se poderia chamar psicológica: a que procura da paisagem, não reproduzir-lhe as exterioridades a todos acessíveis, mas esses valores íntimos que só uma espécie de premonição consegue interpretar (FREYRE, 1979, vol. I, p.362).

Mesmo diante de tais limitações, Gilberto Freyre acrescenta que o esforço verdadeiramente em torno da paisagem local é recente e parte de “um grupo de pintores que nos tem visitado: Carlos Chambeland, Paulo Gagarin e, última e notadamente, Nicolas de De Garo” (p.362). No final do texto, o autor apresenta uma pintora que satisfaz a idéia de retratar a paisagem local por ele defendida. Trata-se de Fédora do Rego Monteiro. Em suas considerações, Gilberto Freyre enfatiza que “a volúpia selvagem da ‘praia’ consegui-a fixar e interpretar o senso impressionista da pintora pernambucana” (p.262). Finalizando o texto, ele sintetiza a essência da obra dessa pintora dizendo que de “todos eles conseguiu Fédora do Rego Monteiro arrancar, como dum teclado, certa vibração interior, um especial encanto de intimidade sob a crosta das brilhantes exterioridades” (p.362).

Novamente, o tema da pintura volta a ser comentado no texto número “44”, publicado em 17 de fevereiro de 1924. Nesse texto, Gilberto Freyre dá conta da pintura de dois irmãos pernambucanos com os quais ele se encontrara em sua viagem à Europa. Trata-se de Joaquim do Rego Monteiro e de Vicente do Rego Monteiro. Do primeiro pintor, Gilberto Freyre acrescenta que “é ainda com um pouco daquele ar colegial que ele agora nos traz de Paris e de Nice vinte e nove telas que são simplesmente espantosas para um principiante” (FREYRE, 1979, vol. I, p.370) e que seus trabalhos são todos “paisagem e marinhas”. Por sua vez, o autor estabelece um vínculo entre a pintura de Joaquim do Rego Monteiro e a de Jorge Barradas, apontando que as duas têm um aspecto “deliciosamente ingênuo”. Na verdade, acrescenta o crítico, “sendo uma pintura, a de ambos, sobretudo decorativa, evita, entretanto, os grandes brilhos de cor” (p. 370). Nessa mesma série de artigos numerados, Gilberto Freyre já falara da pintura do português Jorge Barradas. O texto número “6”, publicado em 27 de maio de 1923, faz comentários sobre a exposição do pintor em Recife, dizendo que “Economicamente, sua exposição foi um grande fiasco” (FREYRE, 1979, vol. I, p.263). O ponto alto da crítica ao pintor português se dá quando o pernambucano observa que “Falta ao

Sr. Jorge Barradas o ar dum grande pintor. Falta-lhe ao porte, convicção” (p. 262). Mesmo diante de uma atitude crítica bastante severa, Gilberto Freyre ameniza o discurso dizendo que “ousarei escrever ligeiras notas; mas de puro impressionismo; porque em assunto de pintura não possuo – ai de mim! - noção de valores bastante fixa e bastante clara para outra espécie de crítica” (p. 263).

Retornando às idéias discutidas no texto “44”, sobre os irmãos Rego Monteiro, destacamos, ainda, outro ponto da comparação entre Jorge Barradas e os pernambucanos. Neste ponto, a comparação é feita com Vicente do Rego Monteiro, irmão mais moço de Joaquim, e nela o crítico destaca que a obra de Vicente “é ainda mais radical que a do pintor português” (FREYRE, 1979, vol. I, p.370). Ainda comentando sobre os três pintores, Gilberto Freyre destaca que o “futurismo” (as aspas colocadas pelo autor identificam a desconfiança e as ressalvas com relação a esse tipo de arte) de Jorge Barradas “desfaz-se em fácil ‘bom-bom’ comparado com o ‘futurismo’ de Joaquim” (p.370). A crítica em relação à arte futurista fica ainda mais clara quando Gilberto Freyre acrescenta:

Compreendida a diferença entre “compor” e “reproduzir” está iniciada a mais simples das criaturas no “futurismo” de Joaquim como no de De Garo e no de Jorge Barradas.
Futurismo, pintura de composição? Futurismo, a arte de Joaquim? Pura conversa. Conversa de idiotas. A arte oriental tem sido sempre de composição (FREYRE, 1979, vol. I, p.370).

Ainda sobre o tema pintura, podemos encontrar no texto número “78”, publicado em 12 de outubro de 1924, alguns comentários sobre a exposição dos quadros do Sr. Mario Tullio, bem como comenta a exposição do Sr. Euclides Fonseca. Ao primeiro pintor ele diz que a obra é desconexa, sem unidade. Em relação ao segundo, ele aconselha que o pintor estude sobre o assunto em outros centros como Alemanha e Itália.

O tema paisagem local na pintura volta a ser discutido pelo autor na série de textos com títulos. O primeiro texto publicado nessa sessão “Qu’ é dos pintores que não vem pintar”, de 22 de março de 1925, retoma o tema e reivindica aos pintores a inclusão da paisagem da “Nossa civilização nordestina de senhores de engenho, e produtores de açúcar, de trabalhadores de cana” como temática da “expressão plástica” (FREYRE, 1979, vol. II, p.135). Ele afirma, ainda, que “A técnica da produção do açúcar oferece elementos para uma pintura tão nossa que é verdadeiramente espantoso o sempre lhe terem sido indiferentes os

pintores da terra” (p.134). Em outro texto dessa série, “O Norte, a pintura e os pintores”, publicado em 19 de setembro de 1926, Gilberto Freyre retoma a discussão sobre a pintura da paisagem local concordando com o pintor Carlos Chambelland que diz ser impossível pintar a natureza brasileira, principalmente do Norte, da mesma forma que se pinta a paisagem européia pelo fato de ser no Norte onde se tem o “o verdadeiro espírito da nacionalidade, o sentimento exato de brasilidade. Em tudo isso e em vários pontos de interesse” (FREYRE, 1979, vol. II, p.327).

A partir da leitura do conjunto de textos esparsos publicado na obra *Tempo de aprenderiz*, podemos ter uma visão geral das idéias iniciais defendidas por Gilberto Freyre para a construção do conceito de tradição, em que os elementos que compõem o legado cultural da região Nordeste se transformaram em matéria prima para animar o chamado movimento regionalista, na segunda década do século XX. Neste sentido, o autor, que se movimentou pelos mais diferentes espaços, seja na América ou na Europa, traz consigo a experiência do conceito de tradição por lá vivenciados, bem como traz consigo a experiência de conviver nesses ambientes que, aceleradamente, se modernizavam e discutiam também a renovação dos elementos de natureza estética. A tudo isso, Gilberto Freyre aliou a própria experiência de quem nasceu e viveu sob uma influência cultural, herdada do farto legado histórico de um tipo social que dominou por séculos o Nordeste brasileiro e deixou expresso nos seus costumes um modo de viver bastante diferenciado de outras partes do país. As raízes dessa cultura remontam ao passado colonial com largos traços dos antepassados europeus, ameríndios e africanos. Além disso, a cultura do Nordeste traz consigo os vários elementos decorrentes dos embates travados entre os colonizadores e os outros invasores na luta pelo domínio da região. Na perspectiva de configuração da cultura tradicional do Nordeste, um dos grandes fatores que marcaram a hegemonia da região é creditado à influência da sua principal atividade econômica, o cultivo da cana-de-açúcar, que dominou tanto o mercado interno, como, ainda, foi o principal produto na pauta de exportação do mercado internacional desde o início da colonização até meados da segunda metade do século XVIII.

A iniciativa de criar um campo de blindagem para a região, preservando os elementos símbolos do seu passado, fato que a diferenciaria das demais regiões brasileiras, defendendo-a das transformações anunciadas no contexto da modernização, faz Gilberto Freyre projetar ao mundo das idéias e das discussões esse espaço que, para ele, se constitui em um autêntico lugar onde se forjaram os singulares elementos de “onde partiram os primeiros sinais telegráficos da cultura nacional”. Por tais motivos, o modo de viver da região deveria permanecer intocável em sua natureza constitucional, o que preservaria a cultura

nacional em suas reminiscências. Era falando do (ou a partir do) Recife que Gilberto Freyre buscou compor as matrizes de um movimento que, alicerçado nos primórdios do Brasil-colônia, se contrapunha, em princípio, ao processo de modernização dos principais centros econômicos e culturais brasileiros em um momento em que eram bastante visíveis as mudanças na economia, no modo de pensar e na estrutura do país que, em alguns aspectos, também se modificava.

Assim, Gilberto Freyre e vários outros escritores e intelectuais contribuíram para trazer à tona a discussão entre os dois pólos conflitantes naquele momento, uma vez que de um lado estavam aqueles que, como os modernistas, se identificavam com o processo de transformação e reivindicavam para o campo da arte essas mudanças e, do outro, estavam os que, como ele, defendiam a permanência e conservação das estruturas tradicionais herdadas do passado colonial. Mesmo defendendo idéias que, no aspecto geral, se opunham, as duas correntes de pensamento tinham em comum a defesa da identidade cultural do país e cada uma, a seu modo, expressava uma busca pela brasilidade.

3. A TRADIÇÃO E OS ELEMENTOS REGIONAIS NA PREGAÇÃO MODERNISTA

E regionalismo? Meio termo. Escreva o que sentir disposto em igual intensidade [...] O que se devia fazer era um mais sério e formidável trabalho de conhecimento entre o sul e o norte. É deixarmos de julgar o nortista como matuto e o sulista, um frívolo (CASCUDO, *A Imprensa*, 11 de julho de 1924. Grifo nosso).

3.1. 1924: surge um aprendiz modernista

O início da vida intelectual do escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo ganha maior visibilidade quando ele publica, no início da década de 1920, seu primeiro livro, *Alma Patrícia* (1921). Esse livro teve por objetivo fazer um balanço das atividades literárias e teatrais no estado, estabelecendo os elementos iniciais para a construção da identidade e da tradição literária local. No ano de 1924, Câmara Cascudo publicou outro livro dedicado às letras, *Joio*. No momento de publicação dessa segunda obra, a intenção do autor era atingir um público mais amplo e já inserido na atmosfera de discussão do modernismo, uma vez que, além de focar a atividade literária local, através da atuação do poeta Ferreira Itajubá, ele escreveu sobre escritores e poetas nacionais e estrangeiros. Podemos dizer, também, que nesse livro Câmara Cascudo se divide entre o ficcionista e o crítico literário¹. Contudo, a vida intelectual do escritor, naquele período, não se resumiu apenas à publicação dos livros mencionados. A partir daquele momento, ele intensificou uma atividade intelectual cujas conseqüências vão desde a articulação para o incremento do ambiente intelectual na, segundo ele, “pacata cidade do Natal”, até a uma política de integração entre os intelectuais e escritores do estado com os nomes mais expressivos das artes nacionais e estrangeiras. Essa articulação do intelectual potiguar possibilitou, assim, um processo de intercâmbio entre a capital norte-rio-grandense e alguns dos centros produtores de cultura do país e do exterior naquele período, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Buenos Aires². Diante dessa

¹ Sobre os livros *Alma Patrícia* e *Joio*, dedicamos, em nossa dissertação de mestrado, o capítulo “A vida literária na província: das manifestações ao sistema literário nacional”, defendida no ano de 2000 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL), cujo título é *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo na década de 20*.

² A esse respeito conferir Araújo (1995; 1997; 1998) e Ferreira (2000).

atuação do escritor, um dos pontos que nos chama a atenção é a publicação dos textos esparsos em jornais, revistas locais e em revistas de circulação nacional.

Conforme estudos já realizados, a atividade da publicação dos textos esparsos, nas décadas de 1920 e 1930, teve uma importância fundamental na vida literária norte-riograndense pelo fato de que esses textos alimentaram a discussão sobre o que era produzido no espaço interno e, ainda, trouxeram notícias sobre as novidades literárias, apresentando novos escritores e discutindo a pauta da renovação estética que estava na ordem do dia, a qual foi deflagrada pelo movimento modernista iniciado no Centro-sul do país. Câmara Cascudo soube usar esse recurso do texto esparsos de forma bastante proveitosa, pois foi através da publicação deles, escritos, primeiramente, para o jornal de propriedade de sua família, *A Imprensa*, e, depois, para *A República*, que ele divulgou e discutiu com a intelectualidade local o assunto modernismo. É possível dizer, então, que, a partir de sua ação, o estado, naquele período, teve contato com o que existia de mais expressivo na literatura nacional e estrangeira. O resultado disso tudo pode ser verificado através das obras publicadas e da transformação da mentalidade dos artistas e intelectuais da cidade, que, após a movimentação iniciada na década de 1920, entraram em sintonia com a produção intelectual brasileira de forma mais sistemática.

A retomada do estudo desses textos esparsos publicados pelo autor, principalmente aqueles escritos nos anos de 1924, 1927, 1928 e 1929³, se dá pelo fato de que é através deles que buscaremos uma compreensão maior em torno das idéias discutidas no ambiente literário local, confrontando-as mais diretamente com as idéias de outro intelectual que exerceu forte influência na região Nordeste naquele período, o pernambucano Gilberto Freyre. Neste sentido, buscaremos ainda confrontar, de forma mais geral, essas idéias às idéias discutidas pelo modernismo dentro da conjuntura estético-literário brasileira da época. A escolha das datas acima se deu pela importância delas para a vida literária e artística norte-riograndense: 1924 marca o início do processo de divulgação do modernismo pelo país; 1927 é o ano de publicação do *Livro de poemas de Jorge Fernandes*; e 1928 e 1929, são os anos das visitas do modernista Mário de Andrade ao Rio Grande do Norte. Diante de tais esclarecimentos, acreditamos ser possível estabelecer, a partir das diretrizes dadas pelos textos, vários outros elementos que possam ajudar a circunscrever a atuação do escritor potiguar às idéias e aos movimentos que tomaram conta da cena intelectual brasileira nas primeiras décadas do século passado.

³ O conjunto de textos esparsos também foi estudado em nossa dissertação de mestrado juntamente com as obras *Alma Patrícia* e *Joio*.

Por se tratar de um material que, em grande parte, se encontra inédita, informamos que, para a realização deste trabalho, não fizemos a atualização ortográfica, sendo, portanto, utilizada a versão colhida na pesquisa dos jornais.

Inicialmente, tomamos como ponto de partida os textos escritos por Câmara Cascudo no ano de 1924. O fato marcante para a escolha desse ano, conforme já dissemos, é o início da divulgação do movimento deflagrado em São Paulo, na famosa semana de 1922, bem como a intensificação da discussão em torno do movimento regionalista de Pernambuco, articulado por Gilberto Freyre⁴, após o seu retorno dos Estados Unidos e Europa, onde esteve estudando por um período de cinco anos. Referente ao ano de 1924, a pesquisa identificou cinquenta textos, todos eles publicados pelo jornal *A Imprensa*. Desse total, fizemos a transcrição de quarenta e seis textos, já que os demais foram publicados, em anexo, no livro *Modernismo: anos 20 no Rio Grande de Norte*, escrito por Araújo (1995). Adotamos o critério de juntar os textos pelas temáticas abordadas, porém aqueles cujos assuntos gravitam em torno de contextos mais amplos foram colocados em um mesmo grupo e denominados de assuntos variados.

Câmara Cascudo inicia a publicação dos textos do ano de 1924 fazendo a divulgação de um poeta estrangeiro, Froylan Turcios. A divulgação de poetas e escritores estrangeiros se prolongará ao longo de todo ano, tendo a pesquisa identificado dez textos sobre o tema. No texto “Froylan Turcios”, publicado pela *A Imprensa* em 30 de janeiro de 1924, o autor declara que o poeta de Honduras, “O influenciado de Maeterlinck, Ibsen, Semain, e Verlaine, é a grande voz, a *vox clamantis* do Centro-America contra o polvo que se aninhou em White House”. A exemplo do poeta de Honduras, todos os demais textos escritos em 1924, que tratam dos escritores estrangeiros, se referem aos de nacionalidade latino-americana.⁵ Diante desse fato, fica bem claro que o objetivo de Câmara Cascudo é no sentido de promover a

⁴ Conferir neste sentido o trabalho de Azevedo (1996).

⁵ Outros textos publicados sobre escritores estrangeiros, no ano de 1924, foram: “Algo... sobre o século XX”, *A Imprensa*, 1º de fevereiro, momento em que Câmara acusa o recebimento de dois livros de escritores estrangeiros, doados por Peregrino Júnior, *O copa de David*, de Fernan Felix de Amador e *Século XX*, de Vina Centi; “Lourenzo Stanchina”, *A Imprensa*, 22 de fevereiro, onde comenta a obra do contista argentino de quem Câmara Cascudo recebera os livros *Desgraciados* e *Brumas*; “Ricardo Gutierrez”, *A Imprensa*, 25 de abril, no qual comenta o estilo e a qualidade poética do argentino Ricardo Gutierrez; “Moysés Kantor”, *A Imprensa* em 20 de julho, em que apresenta outro poeta argentino; “Elias Castelnuovo”, *A Imprensa*, 24 de fevereiro, onde apresenta outro estrangeiro, cuja nacionalidade não conhecemos; e “Ouro alheio”, publicado pela *A Imprensa* em 12 de novembro. Nesse último texto, Câmara Cascudo faz uma rápida caracterização de quinze escritores estrangeiros dentre eles, podemos identificar alguns de nacionalidade argentina, já apresentados anteriormente. Os escritores destacados em “Ouro alheio” são: Arturo Copdevila, Fernan Felix de Amador, Arturo Legario, Hugo Wast, Luis Emilio Soto, José Ingenieros, Manuel Galvez, Ricardo Guterrez, Elias Castelnuovo, Alfonsine Sotorni, Leopoldo Lugones, Moysés Kantor, Horacio Quiroga, Brandan Carafa e Braulio Sánchez-Saez.

integração dos países, por ele denominado, do Centro-América⁶, numa ação contra os Estados Unidos, e na tentativa de irmanar cada vez mais esses países pelo traço comum da criação artístico-literária, despertando, na intelectualidade desses países, uma consciência que já existia sobre os aspectos comuns que eles possuíam⁷.

Um texto sobre poetas estrangeiros que nos chama a atenção foi publicado em 27 de abril de 1924, com o título “Salvador Alfredo Gomis”. Para destacar a ação do poeta argentino, objeto de análise do texto, o autor faz uma reveladora evocação ao poeta mexicano Amado Nervo, por ele considerado um dos grandes nomes da arte literária. Vejamos o que foi escrito:

Quando falo dos poetas platinos cito Amado Nervo. Sahe-me da pena, sem querer, este nome. Penso te-lo na retina. Antes de ver o que desejo, surge a figura angulosa e os olhos tristes do maravilhoso vate mexicano.

De todos os outros que li, Chocano e Dario, Rueda e Villaes pesa, nenhum se agravou tão profundamente no meu espirito. Basta sentir nos versos lidos um perfume discreto de sua influencia, pronuncio o nome, como os crentes anunciando a vinda ineffavel do milagre. Devo a Amado Nervo a sensação do rythmo. Minha divida é igual a do Sr. Mario de Andrade para Blaise Cendrars. Nem mesmo Paul Verlaine actuou tanto em minha percepção. Somente, sem ser paradoxo, Emile Verhaeren.

O encanto desta recordação avivou-m'a o Sr. Salvador Alfredo Gomis, poeta argentino obrigatoriamente moço e com todas as delicadezas, as nuanças, a serenidade melancolica e doce de Amado Nervo.

É interessante notar a declaração dada por Câmara Cascudo, quando ele destaca a influência recebida do poeta mexicano. Ao declarar essa influência, o autor intensifica os argumentos para chamar a atenção em relação à literatura produzida no continente, procurando despertar, na intelectualidade daqueles países, a natureza dos elementos que constituem a realidade estética. Se pensarmos que as culturas desses países são constituídas a partir do intercruzamento entre os resquícios das culturas anterior à colonização e os traços culturais herdados do europeu, o procedimento de Câmara Cascudo seria um dado importante para

⁶ A idéia de criação do Centro-América não se limitava a uma questão geográfica, uma vez que nos textos de Câmara Cascudo a Argentina aparecia como sendo o país com maior número de poetas e intelectuais por ele divulgados.

⁷ No texto “Literatura e subdesenvolvimento”, Antônio Candido (1989, p. 151) chama a atenção para esse traço comum das literaturas latino-americanas, cujos pontos que as identificam e as igualam são as influências diretas deixadas pela figura do colonizador europeu, seja através da literatura ou da cultura de forma mais geral. Segundo o estudioso, “As nossas literatura latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos da metropolitana. E se afastarmos os melindres do orgulho nacional, veremos que, apesar da autonomia que foram adquirindo em relação a estas, ainda são em parte, reflexas”.

reforçar o desejo que o autor tinha em ver integrados esses países pelo traço característico da expressão cultural. Obviamente, não podemos descartar as outras inúmeras contribuições recebidas pelo escritor no seu processo de formação intelectual, haja vista ele ser um grande leitor da tradição clássica ocidental e estar bastante atualizado com as várias discussões em pauta naquele momento.

Ainda sobre a divulgação de escritores estrangeiros, no texto “La amada infiel” (*A Imprensa*, 25 de junho de 1924), Câmara Cascudo comenta o livro de igual nome de outro escritor argentino, Nicolas Olivari. Nesse texto, o autor lamenta que “A cultura anda lenta para estas bandas do Norte”. Por outro lado, comenta que “O senhor Nicolas Olivari o poeta argentino de ‘Amada infiel’ é um exemplo que eu desejaria ver seguido entre nós”. Dando continuidade à sua reflexão sobre as práticas literárias, Câmara Cascudo, em um instante de bastante consciência e já comungando das novas idéias estéticas em discussão naquele momento, apresenta nesse texto quais seriam os ajustes necessários para a atividade artístico-literária se adequar à realidade nacional:

A maior necessidade de quem tem a obrigação de escrever registros de livros poéticos é tentar diminuir o lyrismo dissolvente, o estrondo inutil, a copia vulgar e banalissima, o medo do homistechio, a prisao de rima que estão pulando no verso brasileiro.

O resultado é este versejar descolorido, unipessoal, decalcado de moldes pharaonicos, servil, choco, monótono.

Necessitamos de um outro ar, mais nosso, de nossa ephoca, vida influencia, geração.

Aspiramos um meros livrecoos bolorentos de “chefs d’or”, de parnasiano, de lyrico, de tal escola, quando o imperativo cathegorico é sorver largamente o que Nicolas Olivari diz ser o *selvage olor a trópicos y a solos*.

Neste “Amada infiel”, que o autor se lembra de mandarm’o, encontro muito de bem e de mal que podem caracterizar um aneio de nova esthetica. É sempre encantador ter-se entre os dedos um pulso vivo, agitado, nervoso, palpitando de sangue quente, generoso e rubro.

Já é tempo de dar-mos traços próprio móbil physionomia de nossa literatura.

Quando se lê uma pequena recolta de versos, como esta do snr. Nicolas Olivari é que vemos o desmesurado da inercia patricia. Inercia por que trabalho copiado é ausencia do esforço creador e só merece palmatoria e vara de marmeheiro.

Percebemos, novamente, que é grande o interesse de Câmara Cascudo em divulgar os nomes e trabalhos de escritores e poetas estrangeiros. Se pensarmos a ação do crítico a partir da divulgação dos nomes mais representativos da comunidade latino-americana, entenderemos que a política de integração do continente, através da literatura, foi uma atividade intelectual que contou com a sua intensa colaboração, segundo nos revelam os

textos. Naquele momento, Câmara Cascudo parece se interessar mais pelas literaturas de origem latino-americanas do que pelas literaturas da América do Norte ou da Europa⁸. O autor concentra suas ações nessa divulgação, assumindo, assim, uma postura diferenciada de outros escritores, a exemplo de Gilberto Freyre, em Pernambuco, cuja preferência se dera em torno das obras e autores dos países considerados maiores. Diante desse fato, podemos observar que, pelo intermédio de Câmara Cascudo, escritores e poetas brasileiros, e alguns que escreviam no Rio Grande do Norte, foram divulgados também nesses países por onde ele mantinha correspondentes. Se foram, qual a intensidade e a importância dessa divulgação? Uma pesquisa que visasse responder a essa questão, poderia elucidar o outro lado dessa história de suma importância para a atividade intelectual brasileira daquele período.

A preocupação com o continente americano não ficou restrita somente ao aspecto literário-cultural. Aqui, é necessário fazermos um corte na seqüência cronológica dos textos e avançarmos até o ano de 1928, momento em que o autor publica dois artigos que têm como tema aspectos da realidade do continente. No primeiro, “O dogma do imperialismo americano” (*A República*, 21 de junho de 1928), é feita uma análise das atividades empreendidas pelos Estados Unidos da América, destacando o esforço daquela nação para se tornar a grande potência naquele momento. Ao iniciar o texto, o autor comenta que nunca pode definir o seu americanismo. Nesse texto, ele acrescenta também que existe no continente “uma quase sociedade vastamente popular encarregada de espalhar coleras aos Estados Unidos”. Ele salienta, ainda, que “um dos argumentos é negar qualquer parcella de espiritualidade no yankee”. Entretanto, ele acrescenta:

Não sei como explicar esta ausência de elementos artísticos num país que possui milhares de milhões empregados em quadros, esculturas, moedas, armas, livros, tudo que é verdadeiramente arte.

Não há outro povo no continente que guarde as tradições de seu passado com mais carinho e minúcia. Tudo quanto possa recordar um fato histórico é cercado pelo cuidado severo do governo.

⁸ Podemos dizer que esse interesse quase que exclusivo pelas literaturas latino-americanas fora estratégico naquele momento, uma vez que, posteriormente, Câmara Cascudo publicou a tradução de três poemas do norte-americano Walt Whitman. Segundo Mamede (1970, p.640, vol.1 parte 2), “WHITMAN, Walter. [Três poemas. Trad. e notas de Luís da Câmara Cascudo] *República*, 18 abr. (Acta diurna: Um poema de Walter Whitman); 24 abr. (Acta diurna: The base of all Mataphysics) e 25 abr. (Acta diurna: For you, O’Democracy!”. Segundo ainda a autora, essas traduções foram publicadas pela Imprensa Oficial do Recife, em 1957. Em 1992, a “Coleção Mossoroense” republicou a tradução.

Diante dessa disposição norte-americana para ser líder, o autor destaca ainda que: “os Estados Unidos semelham um caterpillar ameaçador e bruto em sua grandeza implacável por que, há séculos estão unidos e se educam para um dia influir e ordenar”. Para Câmara Cascudo, nada depõe contra a falta de espiritualismo americano. Por outro lado, o autor destaca que para os outros povos do continente tornarem-se iguais aos habitantes do Norte seria necessário investir no trabalho e na guerra à retórica. Parece ficar claro, então, que a grandiosidade demandada pelo poderio daqueles habitantes da parte norte do continente não fora motivo para que o autor tivesse um discurso conformista em relação aos outros países⁹. Neste sentido, segundo ele, só existiria uma saída para os outros povos da América espanhola se libertarem da dominação do norte: através do esforço do trabalho deveria ser empreendida uma radical transformação na maneira como era compreendida a situação diante dos novos dominadores. Um dos fatores essenciais seria a mudança no tom do discurso do subjugado, o que faria reconstruir a alteridade perante esse novo modelo de colonização. A problemática volta a ser discutida no segundo texto, cuja temática são as questões políticas e econômicas do continente e onde o autor dá sugestões objetivando solucionar tais questões. No texto “Associação das Repúblicas Hispano-americanas” (*A República*, 17 de agosto de 1928), Câmara Cascudo faz referência ao prêmio Julian Coronel, recebido pelo Sr. Gustavo Ramirez, na Universidade de Guayas, no Equador, com o trabalho “Conveniências de la Formacion de una Asociación de las Republicas Hispano-Americanas y au *transcedencià* em la *Política Internacional del Futuro*”. Para Câmara Cascudo,

O autor quer uma associação (às vezes escreve Confederação) das republicas Hispanos Americanas para resistir aos Estados Unidos e auxiliarem-se mutuamente. A base ideológica desta concepção irrompe num lyrismo à 1830. Nenhum factor económico foi visado. Nem uma determinante logica no ponto de vista financeiro surgiu. O autor não explica a maneira funcional desta Associação nem suas expressões executivas.

⁹ É importante destacar, aqui, o posicionamento de Câmara Cascudo em relação aos Estados Unidos, uma vez que, mesmo reconhecendo a hegemonia dos norte-americanos, o escritor potiguar tem uma atitude crítica e uma opinião que poderia levar a um processo de reestruturação política e econômica do continente. Tal fato pode revelar um outro dado nessa postura do escritor: a de que ele está em uma clara contraposição a idéias defendidas por Gilberto Freyre. Como sabemos, o pernambucano, desde os primeiros momentos em que se ausentara do país, para estudar no exterior, sempre abastecera os seus leitores do *Diário de Pernambuco* com assuntos fora do contexto nacional, principalmente aqueles ligados à vida americana, sendo inclusive, em vários momentos, defensor enfático de alguns aspectos culturais daquele país, a exemplo da literatura. Sendo assim, a intenção de Câmara Cascudo parece caminhar no sentido contrário, pois, ao fortalecer os laços com a intelectualidade da América Latina, bem como ao propor a integração entre os países do continente, ele dá claros sinais de que o modelo do norte não seria a melhor opção a ser seguida.

Vários são os pontos apontados pelo nosso autor como incompatíveis para a finalidade a que o trabalho se propõe. Como saída para resolver os problemas Sul-americanos, Câmara Cascudo propõe “a unificação diplomática, a frente unica para Europa”. Essa não seria uma idéia fechada, uma vez que ele apresenta uma segunda saída, ou seja, “a razão logica seria uma mais segura associação sul-americana no sentido economico”. Diante do posicionamento do autor norte-rio-grandense, podemos constatar como é bastante atual o seu pensamento frente aos problemas políticos e econômicos vivenciados pelos países situados, principalmente na parte Sul do continente. Nos dias atuais, ainda é freqüente a discussão em torno dessas questões, cujo interesse se dá em criar uma maior proteção contra o poderio norte-americano em relação a esses países, construindo um mercado comum entre eles¹⁰.

Ainda sobre os Estados Unidos, Câmara Cascudo publicou o texto “No rasto de Hoover” (*A República*, 10 de janeiro de 1929). Nesse texto, é comentada a visita do Presidente norte-americano, Herbert Hoover, ao Brasil, no ano de 1928¹¹. Segundo o autor, inúmeros foram os protestos em torno do líder norte-americano nos vários países da América do Sul, dentre eles Bolívia, Paraguai e Peru, além dos países do Centro-américa. Seguindo a mesma linha de raciocínio adotada anteriormente, ele destaca o poderio dos Estados Unidos,¹² chamando a atenção para a lógica da política adotada pelo líderes daquele país. Neste sentido, escreveu:

¹⁰ Com o propósito de tal proteção, alguns desses países se reuniram e criaram, em 1995, o Mercosul, formando um bloco econômico em que participam Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Mais recentemente, aderiu ao bloco a Venezuela, em julho de 2006. Inicialmente, foi estabelecida uma zona de livre-comércio, em que os países signatários não tributariam ou restringiriam as importações um do outro. A partir de 1º de janeiro de 1995, esta zona converteu-se em união aduaneira, na qual todos os signatários poderiam cobrar as mesmas quotas nas importações dos demais países (Tarifa Externa Comum).

¹¹ Pela ocasião da visita do presidente norte-americano, Oswald de Andrade escreveu um poema satírico com o título “Hip! Hip! Hoover” (Mensagem poética ao povo brasileiro), criticando o modo deslumbrando com que o presidente Herbert Hoover foi recebido no Brasil. No poema, encontramos o tom da poesia crítica, inaugurada pelo poeta, e que pode ser melhor observada nos poemas de *Pau Brasil*. Eis o poema: América do Sul/ América do Sol/ América do Sal/ Do Oceano/ Abre a jóia de tuas abras/ Guanabara/ Para receber os canhões de Utah/ Onde vem o Presidente Eleito/ Da Grande Democracia/ Americana/ Comboiado no ar/ Pelo vôo dos aeroplanos/ E por todos os passarinhos/ Do Brasil. (1928). In: *Poemas menores* (1945).

¹² Em outros dois textos, os Estados Unidos voltam a ser discutidos pelo autor. No primeiro, “China, mundo novo” (*A República*, 14 de novembro de 1929), Câmara Cascudo chama a atenção, dentre várias outras questões, para o fato de a “China está construindo, à custa de luta e de sangue, um espírito nacional”. Nesse texto, a referência aos Estados Unidos é feita quando o autor afirma que “A China terá um só adversário a sua possível hegemonia. Os Estados Unidos, grandes vendedores à prazo”. Na verdade, podemos perceber a atualidade e a concretização do pensamento cascudiano, quando o ponto de referência é a liderança da economia mundial, já que, na atualidade, o embate econômico acontece entre essas duas grandes potências mundiais. No segundo texto, “De Makino a Adaci” (*A República*, 28 de novembro de 1929), o assunto comentado são as ações dos japoneses em busca de uma liderança política e econômica no cenário mundial, numa tentativa de contraposição aos Estados Unidos. Segundo o autor, “É o Japão o futuro creador da doutrina de Monroe no continente amarello. Uma doutrina Monroe em sua terceira phase. [...] o Japão será a nação fadada a dirigir a politica de proteção collectiva e de garantia territorial que os Estados Unidos conservam no continente americano desde o anno de 1823... [...] O Japão é potencia da Ásia e a maior barreira à sua victoria é a grandeza da terra yankee”.

Não importa que tudo isto de falatório seja inútil. Hoover ou Smith, Borah ou La Follete, qualquer ou quem quer que se veja nas alturas do poleiro da Casa-Branca, fará a política americana. Política nascida do próprio elástico financeiro. Política de transbordamento natural. E porque não seremos nós, sulamericanos, lógicos em *nossa* política?...

Como podemos observar, Câmara Cascudo estava bem articulado com os problemas que diziam respeito às questões relativas à América do Sul, sejam eles de ordem econômica ou cultural, bem como estava preocupado em contribuir para a construção de um projeto que viabilizasse a integração dos países situados naquela parte do continente. Como prova dessa sua efetiva articulação, podemos observar o trabalho feito por ele no sentido de uma aproximação entre os escritores, artistas e intelectuais desses países, principalmente nos anos de 1920, conforme demonstram os vários textos identificados por essa pesquisa.

A pesquisa identificou, ainda, vários textos nos quais Câmara Cascudo descreve e comenta elementos e idéias ligados diretamente ao estado de Pernambuco, e mais especificamente, a alguns fatos e figuras que faziam parte da vida literária da cidade do Recife com os quais ele conviveu intensamente. No total, são onze textos, sendo cinco deles escritos durante a estada do autor potiguar na capital pernambucana, entre os anos de 1924 e 1928, já que a indicação “de Recife”, que aparece após o título de cada texto, nos leva a tal constatação. Os textos têm por temáticas escritores, poetas e pintores que circulavam no ambiente, não só das rodas literárias da capital pernambucana, mas, de certa forma, também na região Nordeste, uma vez que a cidade era o centro cultural e econômico e exercia forte influência sobre ela. No ano de 1924, o potiguar era um freqüentador assíduo desse ambiente, na qualidade de estudante na tradicional Faculdade de Direito do Recife, após rápidas estadas em Salvador e na capital da República na condição de estudante de medicina. Sendo assim, a cena pernambucana com toda a sua tradição e com seus principais protagonistas não passou despercebida ao olhar atento e curioso do escritor norte-rio-grandense. Sobre as figuras e alguns acontecimentos da cidade, ele publicou, seguidamente, quatro textos. No primeiro texto, “Joaquim do Rego Monteiro” (*A Imprensa*, 09 de março de 1924), o autor escreve sobre o pintor cujo nome intitula o artigo. Inicialmente, ele nos informa que o pintor lhe foi apresentado por Gilberto Freyre. Em seguida, Câmara Cascudo comenta que o julgou como “uma destas nulidades elegantes”. No entanto, a opinião seguinte é a de que “Joaquim do Rego Monteiro é um desenhista seguro, natural honesto. A côr é própria, oportuna, absoluta. Effigia um talento irrequieto, mas serenando o espírito ante a paisagem que sua sensibilidade imobiliza”. Um pouco antes da publicação do texto de Câmara Cascudo, exatamente em 17

de fevereiro de 1924, Gilberto Freyre publicara, no *Diário de Pernambuco*, o texto de número “44”¹³, da série de “artigos numerados”, cujo assunto fora também a pintura dos irmãos Joaquim e Vicente do Rego Monteiro.

Sobre Gilberto Freyre, Câmara Cascudo publicou o texto “A bengala de Gilberto Freyre” (*A Imprensa*, 14 de março de 1924). No texto, conforme indica o título, o potiguar comenta sobre o estilo e a bengala do pernambucano. Dentre as várias considerações sobre o escritor, Câmara Cascudo destaca que essas duas coisas são absolutamente originais e próprias no pernambucano, e procura definir a bengala de Gilberto Freyre, moço que, segundo ele, está à frente do rebanho lerdo. Afirma que ela

É uma chibata de antigo mestre escola, cipó, tangedor de manada afoita ao descanso das demoras, vara afiada de guieiro moço desabituaado ao passo remorado e lerdo do rebanho balidor.

[...]De mim creio firmemente, expressionar melhor o “modo” estético de Gilberto Freyre esta bengala, filha transviada do gueri ancestralmente pundoroso, do gatambú mestre de moral privada, que as crônicas e artigos publicados.

A propósito desse texto, é bom lembrar que, no momento em que ele fora publicado, já se fazia intensa a movimentação na capital pernambucana em torno das idéias defendidas por Gilberto Freyre, cuja presença na cidade era recente, uma vez que ele acabara de retornar do exterior, após cinco anos de ausência. Como sabemos, Câmara Cascudo nesse mesmo período fora aluno da Faculdade de Direito do Recife e circulava com freqüência pelos principais ambientes de discussões literárias daquela cidade. Além disso, ele era um grande leitor das publicações editoriais e dos principais jornais da capital pernambucana, ou seja, Câmara Cascudo transitava com certa regularidade pelo espaço recifense. Sendo assim, percebemos que o seu tom, ao escrever sobre a figura de Gilberto Freyre, está mediado de certa prudência, no momento em que manuseia as palavras em busca de uma definição para o estilo do autor do *Manifesto Regionalista*. Estilo esse que poderia ser contemplado, segundo ele, através dos textos publicados por Gilberto Freyre nos jornais de Recife regularmente, principalmente no *Diário de Pernambuco*. Ora, sendo a publicação de textos a principal atividade intelectual de Gilberto Freyre, naquele momento, é de se estranhar o fato de o autor

¹³ O texto acima está reproduzido em Freyre (1979, vol. I, p. 369-371). No primeiro capítulo deste trabalho estão os comentários sobre as impressões de Gilberto Freyre a respeito da pintura dos irmãos Joaquim e Vicente do Rego Monteiro.

de *Alma Patrícia* declarar que a bengala expressava melhor o estilo estético que as crônicas e os artigos publicados pelo autor.

Na verdade, pensamos que a crítica feita por Câmara Cascudo já tinha, de certo modo, uma implicação, pois, ao afirmar que a bengala expressava melhor o estilo do autor do que seus artigos e crônicas, ele não entra no mérito do debate intelectual proposto por Gilberto Freyre, debate esse que, aos poucos, ia ganhando adeptos entre aqueles que o admiravam na cidade do Recife e, depois, entre vários outros seguidores pelo Nordeste afora, a exemplo da Paraíba e Alagoas. É de se notar que o escritor norte-rio-grandense tem uma posição crítica sobre o estilo e a figura de Gilberto Freyre, cuja experiência estrangeira, americana e européia o fez trazer para a vida cultural do Nordeste as idéias baseadas no princípio da regionalidade, em que a tese principal era a defesa incondicional do patrimônio tradicionalista da região. A discussão em torno da bengala de Gilberto Freyre pode revelar, ainda, outro aspecto da vida literária da época em que a figura do dandi¹⁴, descrito por Baudelaire, era incorporada, de forma descontextualizada em espaços como Recife, por exemplo. A mesma postura é assumida também pelo próprio Câmara Cascudo na cidade do Natal daquela época¹⁵. Sabemos que Câmara Cascudo não chega a ser um entusiasta das idéias de Gilberto Freyre, mesmo entendendo que a questão regional era um elemento fundamental dentro do processo de brasilidade que grande parte da intelectualidade buscava naquele momento¹⁶. Essa afirmação se faz tendo em vista que nenhum dos textos publicados por Câmara Cascudo nesse período faz referência direta às articulações que envolviam Gilberto Freyre, no sentido de permitir a identificação de um vínculo com o grupo liderado

¹⁴ Segundo Baudelaire, “O homem rico, ocioso e que, mesmo entediado de tudo, não tem outra ocupação senão correr ao enalço da felicidade; o homem criado no luxo e acostumado a ser obedecido desde a juventude; aquele, enfim, cuja única profissão é a elegância sempre exibirá, em todos os tempos, uma fisionomia distinta, completamente à parte. [...] A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é *desposar a multidão*. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente”. (BAUDELAIRE, 1988, p. 170 e 193).

¹⁵ Na crônica literária “Natal à noite”, publicada em *Joio* (1924), podemos perceber o momento exato em que Câmara Cascudo assumiu a figura do dandi. Na narrativa, o autor/narrador espera o anoitecer para sair em peregrinação pelos vários pontos da cidade, evocando, a partir da calma da noite, os elementos que a caracterizavam como uma cidade moderna e em estado de convulsão diurna. No trecho seguinte, o narrador, após já ter feito seu passeio pela cidade calma, recolhe-se, uma vez que a cidade começara a despertar para a vida diurna, movimentada: “[...] Grupos descem vagarosos e calmos. Pelas oficinas já existe um sussuro de vozes, um tenir de ferros. Nas gares, as locomotivas fremem sob pressão. Luzes espreitam pelas frinças das janellas. Apagam-se as filas luminosas das lampadas. Sacolejam-se, no calçamento, as primeiras carroças. Recolho-me. Pelo céu, desdobra-se, multiplica-se, alarga-se, uma imensa nodoa luminosa...” (p.18).

¹⁶ Um fato que pode ilustrar esse sutil distanciamento entre as idéias de Luís da Câmara Cascudo e Gilberto Freyre é a não participação do potiguar no *Livro do Nordeste*, organizado pelo pernambucano, em 1925, durante as comemorações do primeiro centenário de fundação do *Diário de Pernambuco*.

pelo pernambucano ou na defesa do movimento regionalista iniciado naquele período. Por outro lado, podemos dizer que, naquele instante, começava a surgir uma espécie de divisor de águas nas práticas literárias, tanto do Rio Grande do Norte, quanto de Pernambucano e do Nordeste. Levando em consideração tais situações, cabe aqui a indagar: não teria sido a discussão desse texto um dos motivos do distanciamento entre Gilberto Freyre e Câmara Cascudo? Ou a crítica do potiguar já não seria uma constatação de que, intelectualmente, os dois escritores se encontravam bastante distanciados? Como sabemos, eles tomaram posicionamentos diferentes em relação aos dois movimentos culturais daquele período: um movimento que já se consolidara no Centro-sul e começava a se irradiar pelo interior país, e o outro que começava a ser discutido pelos vários intelectuais que, como Gilberto Freyre, reivindicavam a retomada da hegemonia nordestina, a qual, a seu modo, era uma hegemonia pernambucana. Por outro lado, a ligação de Câmara Cascudo com os pernambucanos se deu mais com Joaquim Inojosa, o defensor do modernismo do grupo paulista, sendo também o seu principal divulgador no Recife e na região Nordeste¹⁷. Entretanto, não podemos esquecer que, mesmo em terra alheia, no caso Recife, Câmara Cascudo exerceu certa influência sobre a cena literária daquela cidade. O fato que pode ilustrar essa influência do potiguar é que “por intermédio de Câmara Cascudo, Ascenso Ferreira entra em contato com Mário de Andrade, inicialmente através de cartas, ligando-se, posteriormente, a ele por laços de amizade” (AZEVEDO, 1996, p. 184).

Ainda sobre o estado de Pernambuco, um outro texto nos chama a atenção, “As paisagens nos romancistas Pernambucanos”, publicado em 19 de março de 1924, no jornal *A Imprensa*. No texto, Câmara Cascudo faz referência ao trabalho de três escritores, Mario Sette, Humberto Carneiro e Lucilo Varejão, os quais têm na paisagem local o assunto para as suas obras. Após uma rápida consideração, o crítico chega à constatação de que o “senso da paisagem nos novos escritores brasileiros é convencional e sincero [...] Com Franklin Távora, Bernardo Guimarães e Domingos Olympio tivemos um esboço seguro, bem pannejado e limpo”. Ele acrescenta, ainda, que “O melhor exemplo desta natureza absorvente é José Vieira

¹⁷ É importante lembrar aqui que Joaquim Inojosa creditava à Câmara Cascudo uma atividade intelectual ímpar, chegando a afirmar, em um depoimento (INOJOSA, 1962, p. 111-113, citado em Araújo (1995, p. 48), que: “Dos escritores novos do Norte do Brasil, poucos os que vão realizando a obra de visão e emoção do sr. Luís da Câmara Cascudo. Residindo na cidade de Natal, diretor e proprietário de um jornal, não se contenta (e felizmente) com o meio que o tem visto envolver nas conquistas espirituais. [...] O Sr. Luís da Câmara Cascudo conhece quase todo o Brasil, e trabalha numa obra de aproximação mental entre os escritores argentinos e brasileiros, especialmente nortistas. Mantém, com os primeiros, assídua correspondência, informando-os da movimentação literária do nosso país. [...] Tem vinte e poucos anos de idade. Como é de notar, não se filiando a escolas, admira e acompanha os falangários da renovação artística que se está realizando nos países civilizados”.

com o “Livro de Thilda”. Por sua vez, dentre os pernambucanos, Mario Sette, segundo Câmara Cascudo,

É talvez quem desenhe mais ‘fielmente’ a paisagem do rincão pernambucano. As suas possibilidades de afaluação e enredo retardam o motivo thema ante efeito pictorial da vida matuta. A figura nos romances de Mario Sette é esbatida, suave, quase mystica entre o verde dos cannaviaes e revaldos macios. O escriptor, longe de accender-lhe o sangue pelo viver agreste e primitivo – halôa-a de tranquilidade e unção religiosa. Em quasi todos os seus livros as personagens vivem e pensam como no século XVIII. Nunca esperei ‘ver’ o comboio barulhando dentro da noite, o auto zumbidor, o sibilo dos bondes, a vida trepidante, intensa, arhythimica do minuto presente. É um aquarelista de moral severa e conservadoramente sincera. Empresta as suas criações as virtudes praieras.

Em relação aos outros dois escritores, Câmara Cascudo destaca que em Lucilo Varejão “a paysagem é fraca, dilineada com o desprazer das coisas necessarias”. Já Humbeto Carneiro preferiu “themas delicados cores brandas, luzes calmas, mar immôto e vagas lentas”. Em resumo, ele observa que “É paysagem pernambucana, fiel e linda em Mario Sette, decisiva e sóbria em Lucilo Varejão, tranquila e doce em Humberto Carneiro, expressa faces naturaes do seu encanto omnimodo e eterno”.

Gilberto Freyre também escrevera sobre os três pernambucanos destacados por Câmara Cascudo. O texto de Gilberto Freyre foi publicado, em 1º de março de 1924, pelo *Diário de Pernambuco* e encontra-se reproduzido na obra *Tempo de aprendiz*. Os comentários de Gilberto Freyre atestam para uma superioridade da obra de Mario Sette, principalmente no aspecto ligado à questão por ele denominada de “são regionalismo e são tradicionalismo”¹⁸. Neste sentido, os dois críticos estão em perfeito acordo, porém, o potiguar em nenhum momento se refere à questão do regionalismo tradicionalista, enfatizado por Gilberto Freyre. Em seu texto, Câmara Cascudo demonstra que é conhecedor da crítica de Gilberto Freyre aos escritores pernambucanos, quando faz a seguinte observação a respeito de Humberto Carneiro:

Gilberto Freyre disse ter elle somente o ‘andante gracioso’ e a expressão Watteau em sua arte. Entretanto a sensibilidade crêa o ambiente. A prisão pode dar-nos simultaneamente Dostoewsky e Wilde, Gorley e Pellico. Nós todos somos daltonicos. Sempre enxergamos algo diferente nas mesmas coisas respeitadamente

¹⁸ Freyre (1979), vol.I, p.375.

estudadas. Reside o segredo da própria renovação da natureza nesta miragem de vida immobilizada.

Em “Um retrato de Martin Francisco” (*A Imprensa*, 16 de maio de 1924), Câmara Cascudo aproveita o momento em que visitara a casa de Lucilo Varejão, em Olinda, para falar sobre a velha cidade. O autor inicia o texto já descrevendo a cidade, e, em seguida, comenta o retrato de Martin Francisco que estava exposto na casa do seu anfitrião. O que nos chama a atenção no texto é a declaração do autor em relação à tradição posta pela cidade de Olinda. A cidade destaca-se, neste aspecto, como o modelo ideal a ser observado nessa configuração que tem o processo de modernização como seu contraposto. Vejamos o que escreveu Câmara Cascudo sobre a questão:

Gosto de Olinda. Não aquella faixa onde o progresso uniformisou uma linha de “vilas” pedindo que lhes chamem Trouville ou Nice tropicalesca. Não o casino banalissimo e a pancadaria vulgar aos domingos. Idem, os historiadores modernos que descrevem a velha cidade quieta e doce como adormecida no carinho de suas egrejas e pateos ensolarados. Contra o bond, o cinema, a luz elétrica, o horrível desmantello nas torres da Sé, Olinda se defende da civilização, do Hoje avassalador e barulhoso. Pouco lhe importa que os Mascates elevem para o alto céu os mil dados das fabricas e os cubos cinzentos dos armazéns à ingleza.

No texto “O prof. Neto Campelo” (*A Imprensa*, 1º de junho de 1924), Câmara Cascudo destaca a ação intelectual do professor Neto Campelo, enfatizando que ele “Publicou vinte e um livros. Parlamentar, professor, sociologo, educador, politico, philologo, ensaista, amigo de polemicas e muito mais amigo de seus livros é de estranhar-se a plasticidade de sua cultura”. Sobre o professor Neto Campelo, Gilberto Freyre também publicou um texto, em 08 de julho de 1924, no *Diário de Pernambuco*. Gilberto Freyre destaca a atuação do professor no processo de retraditionalização da Faculdade de Direito de Recife, da qual era diretor. Sobre a questão, ele diz: “Vai o Dr. Neto Campelo admiravelmente imprimindo à sua ação de diretor, como de passagem salientei, vinco tradicionalista”¹⁹.

O “Quarto livro de Lucilo Varejão”²⁰ foi o texto publicado por Câmara Cascudo no jornal *A Imprensa*, de 09 de junho de 1924. No texto, o crítico faz uma apresentação do livro

¹⁹ Freyre (1979, vol. I, p.280.

²⁰ Com relação ao estado de Pernambuco ainda foram publicados os textos: “Missanga e a autora” (*A Imprensa*, 13 de junho de 1924), destacando o livro da autora pernambucana Débora do Rego Monteiro; “Mixed-Pickles (*A Imprensa*, 14 de setembro de 1924), em que o autor lamenta a falta de novidades na capital pernambucana; e “De

do escritor pernambucano, chamando a atenção para o estilo do autor, o qual ele diz ser “um romântico”. Em todo o texto, ele faz uma leitura em que o ponto de referência para a reflexão é dado a partir da relação com outros artistas, principalmente os estrangeiros mais eruditos. Neste caso, ele proclama que “[...] Ahi está onde eu vou enlugar Lucilo Varejão. Com Rodin”.

Conforme indicam os textos, Câmara Cascudo estava bastante sintonizado com os acontecimentos literários da cidade do Recife, bem como era leitor das crônicas publicadas por Gilberto Freyre. Neste caso, a capital pernambucana funcionava como uma espécie de referência para o potiguar em termos do que era publicado sobre a cultura e a literatura. Mesmo não se filiando às idéias regionalistas de Gilberto Freyre, podemos perceber que a paisagem da região e a sua arquitetura são elementos que se destacam na observação do crítico. Com relação à arquitetura, Olinda se apresentava para Câmara Cascudo como um modelo de cidade que reagia ao processo de transformação desordenada, processo que imprimia nas cidades antigas um estado de dismantelamento de suas estruturas. Sendo assim, o crítico considera como positivo o fato de Olinda querer conservar-se no seu aspecto de “velha cidade quieta e doce”. Podemos dizer, então, que aqui encontramos uma sintonia entre as idéias de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, haja vista que para ambos, ressaltando-se as perspectivas dos pontos de vista de cada um, o processo de transformação apresentava-se como um fator de destruição de alguns aspectos da tradicional história da região. Entretanto, Câmara Cascudo não considerava que o processo de modernização deveria ser um acontecimento a ser banido da vida das cidades, conforme defendia o pernambucano. A percepção de Câmara Cascudo em relação ao processo de transformação está na perspectiva de que tal processo deveria ser mediado em torno da conservação dos elementos que compõem a permanência dos aspectos tradicionais, sejam elas da cidade ou da vida cultural em si, como forma de convivência entre as duas esferas. A enfática defesa das transformações acontecidas no interior e na capital norte-rio-grandense, ao longo da década de 1920, comprovam a opção feita pelo escritor, mesmo que, naquele momento, esse processo ainda se apresentasse de maneira não muito definida para ele, ou seja, a modernização, principalmente do sertão, era algo que despertava preocupações no jovem escritor.

Ainda sobre os acontecimentos culturais referentes à cidade do Recife, é importante destacar alguns aspectos vivenciados pelo escritor norte-rio-grandense, os quais estão registrados na sua correspondência com Mário de Andrade. Fora da cena pública e protegido pelo sigilo da correspondência, o potiguar revela para o amigo paulista sua opinião sobre

Recife” (*A Imprensa*, 03 de outubro de 1924) que comenta a festa oferecida pela Academia Pernambucana de Letras ao poeta Faria Neves Sobrinho.

aquele ambiente intelectual. As cartas revelam, também, a falta de um maior interesse de Câmara Cascudo pelo regionalismo, principalmente quando o assunto é o I Congresso Regionalista, acontecido em 1926. Em 22 de agosto de 1925, ele remete ao amigo paulista um convite para o referido evento, salientando que se Mário não tivesse “tempo de rabiscar em cima de alguma these, assignale uma ou umas. No mínimo como curiosidade pelo inédito brasileiro”. Por sua vez, Mário de Andrade, em resposta ao correspondente potiguar, datada de 06 de setembro de 1925, escreve que “o tal de Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo”, porém enfatiza que o programa do congresso é um pouco “acanhado e além de regionalista regionalizante o que é um perigo”. Vários outros problemas foram apontados por Mário de Andrade na mesma carta. Dentre eles, o líder modernista destaca que:

Entre as teses dos “Problemas econômicos e sociais” vocês se esqueceram inteiramente do Brasil o que acho positivamente um erro. A primeira de todas as teses devia ser: “Contribuição do Nordeste para a constituição da Brasilidade psicológica, econômico-social, linguística e artística”²¹ (ANDRADE, 1991, p.39-40).

²¹ A seguir a transcrição dos trechos das três cartas trocadas pelos escritores Câmara Cascudo e Mário de Andrade, em que aparecem o assunto Congresso Regionalista: 1°) “Remetto um convite para o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Se V. não tem tempo de rabiscar em cima de alguma these, assignale uma ou umas. No mínimo como curiosidade pelo inédito-brasileiro” (carta de 22 de agosto de 1925, enviada por Câmara Cascudo); 2°) “O tal Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo. Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia da nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente o caráter individual psicológico duma raça porém os seus dados exóticos. Pode-se dizer que exóticos até dentro do próprio país, não acha? É certo no entanto que regionalismo bem entendido traz benefício grande sobre o ponto-de-vista da própria discriminação dos caracteres gerais psicológicos e outros dum povo. Si a minha adesão vale de alguma coisa aí vai sincera com uma enorme sodade mandada pra êsse Nordeste que amo como eu mesmo, que sou eu. Que pena não poder ir até aí! Si tivesse cobres e descobrisse tempo, ia de deveras. Como não vou mando estas rabugens pra você. Acho o programa um pouco acanhado e além de regionalista regionalizante o que é um perigo. Entre as teses dos “Problemas econômicos e sociais” vocês se esqueceram inteiramente do Brasil o que acho positivamente um erro. A primeira de todas as teses devia de ser: Contribuição do Nordeste para a constituição da Brasilidade psicológica, econômico-social, linguística e artística. Prás pessoas que vêm muito largo ou vêm amorosamente como é o meu caso, isso está implícito no programa geral. O malentendido nasceu de haverem mais noventa e nove pessoas que se ajustaram à primeira. Noventa-e-nove malentendidos quasi sempre é a percentagem. Veja si corrige isso com tempo. Si eu pudesse estudar seria essa a tese que escolheria ou então furava o programa falando sobre o “Conceito de regionalismo”. Vida artística e intelectual quasi com a mesma intenção nacionalizante em oposição à regionalizante das teses teria incluído: Caracteres gerais psicológicos dos Brasileiros refletidos ou organizados tradicionalmente nas artes nordestinas. II: Contribuições linguísticas do nordeste para a língua geral do Brasil (lexiologia, fraseologia sintática, modismos expressionais). III. Folclore nordestino. Não vejo bem aonde poderia tratar disso nas teses do Congresso a não ser de folclore no tratar de festas e jogos tradicionais. E assim mesmo...” (ANDRADE, 1991, p. 39-40) (carta de 06 de setembro de 1925, na qual Mário de Andrade responde ao convite para o Congresso Regionalista); 3°) “Sua carta de 6 do passado vai ser agora respondida. Demorei porque andei bestando atrás dum rol de coisas históricas para um diabo chamado “Potyguarania” em que penso há tempos. Riquififi é que é o tal ditinho mandado. Quanto ao Congresso...Que tenho eu com elle ? As suas idéas ficaram justinhas na minha cabeça. Como se diz por aqui – direito que nem dedo em venta” (carta de 12 de outubro de 1925, em que Câmara Cascudo comenta rapidamente as observações feitas por Mário de Andrade).

Mário de Andrade sugere ainda para Câmara Cascudo o seguinte: “veja se corrija isso em tempo”. A carta do potiguar que dá resposta às críticas do paulista foi escrita em 12 de outubro de 1925. Nela, Câmara Cascudo trata sem nenhum entusiasmo a questão e desfaz a idéia de que ele seria um dos organizadores do evento, conforme parecia acreditar Mário. Sendo assim, ele escreveu: “quanto ao Congresso... Que tenho eu com elle? As suas idéas ficaram justinhas na minha cabeça. Como se diz por aqui – direto que nem dedo em venta”. Como podemos perceber, a opinião de Mário de Andrade pode ter sido decisiva para que a aproximação de Câmara Cascudo com o grupo regionalista pernambucano perdesse força²². Outra carta enviada por Câmara Cascudo, em 9 de dezembro de 1925, pode nos ajudar a esclarecer os motivos que fizeram com que o autor norte-rio-grandense não tivesse uma afinidade maior com os intelectuais do Recife, principalmente com os do grupo ligado ao regionalismo. Nessa carta, Câmara Cascudo nos dá uma idéia de como se comportava a intelectualidade daquela cidade, além de nos deixa transparecer sua opinião a respeito dos homens que estavam discutindo arte na capital pernambucana. A “conversa” com Mário de Andrade, em tom confidencial, serve ainda para reforçar o clima de divisão que existiu entre os modernistas e os regionalistas. Nas entrelinhas da carta, parece ficar claro que cada vez mais Câmara Cascudo procurava se distanciar daquele meio, queixando-se de que existia lá um silêncio em torno de sua atividade intelectual, atitude que também era extensiva ao próprio Mário de Andrade. Vejamos então o que ele escreveu:

[...] deixe que eu faça esta confissão — o nível mental de Recife é incomparavelmente baixo. Zero à sombra. Congelação. Paisagem mental de inverno. Sem chaminés fumegando e trenós. Inverno esquimó. Grande segredo. Em desequilíbrio os camaradas são cortezes, delicados de espirito, polidos e amigos. Actuação nenhuma. Fazem versos para o salão. O dia em Recife é de 4 horas. O resto é silencio. E passa em silencio o seu julgamento sobre o meu espirito. E, meu querido Mario, fiquei triste. Calculei pelo meu desnível julgado attitude o que, aos seus olhos limpos de inveja e plenos de saúde mental, deveria ser a gente moderna

²²De forma geral, o regionalismo foi discutido por Câmara Cascudo no texto “Na ilustre companhia” (*A Imprensa*, 11 de julho de 1924), momento em que o assunto entrava em evidência na região. Para chegar à questão do regionalismo, o crítico questiona, primeiro, o processo de renovação, sugerido por Graça Aranha, na Academia de Letras e, em seguida o regionalismo em si. Neste sentido, ele indaga: “E regionalismo?”. Ao responder o próprio questionamento, ele emite o seguinte parecer: “Meio termo. Escreva o que sentir disposto a transmitir em igual intensidade”. Logo em seguida, percebemos a clara posição de Câmara Cascudo sobre o assunto, pois para ele: “o que deveria ser feito era um mais sério e formidável trabalho de conhecimento entre o sul e o norte. É deixarmos de julgar o nortista como matuto e o sulista, um frívolo. E tentarmos um serviço de publicação que os fosse reunindo, ligando, numa síntese vitoriosa de grandeza sadia. Tudo isso sem dogmas, regras, tábuas, lições de bem ou mal dizer. Não há nada pior neste mundo do que uma literatura igual, incolor, inodora e insípida com algumas dezenas de volumes ‘modernos’ recém vomitados pela pança indigesta do Rio de Janeiro”.

do Norte....Passei dois mezes em Recife com dinheiro, curiosidade e amigos d'alta sociedade. Deduzi o que vem a ser o "intelectualismo" de lá. É unicamente elegante, brunido, bebedor de chá, lambedor de sorvete, dansador de fox e guiador de automovel. Nada intimo, intenso, sentido, subjetivo, real, integralizando o sonho no trabalho. V., seu Mario, é ali em Recife, um ser anormal, enorme, gigantesco, temido, apavorando tudo. Só ouvi ao seu respeito exclamação de medo a espantosa cultura, ao curioso estylo, ao singular temperamento. Juízo propriamente não ouvi. Com exceções (fortuitas e raras) estamos ainda na phase da interjeição. Phase do berro. Do guincho. Do Carlos Gomes em "Guarany". Jamais em "Condor". Os "verdadeiros", los raros, vivem como esse maravilhoso M. Bandeira, como Gilberto Freyre e mais dois, cercados pelo odio e pelo respeito em um mundosinho de litteratilhos grasnadores. Olhe que é uma quasi ingratição minha. Sou festejado. Querido. Meio indeusado. Quero, a V. que é uma minha figura, tão intensamente minha que está desdobrada e vive ahi pelo meu aneio de encontro, quero diser a verdade. A um falta o livro. A outro, emoção. A quasi todos sensibilidade. O que não rareia é a coragem. Há em derredor de seu nome um grande respeito supersticioso. Quer um depoimento? A Escrava foi lida e relida. Tem as impressões? Perceberam? Há nelles a mania de "escola". Entretanto Austro-Costa é poeta. Gões Filho é alma. Inojosa é attitude. Austro é frivolidade elegante à Alvaro Moreyra. Waldemar de Oliveira é Paul Geraldez. Já falei muito dos outros. Falo de mim²³.

Diante da confissão do autor e de sua trajetória de trabalho nos anos seguintes, fica evidenciado que o projeto de Câmara Cascudo não se desvinculou do estudo das tradições locais, porém a perspectiva adotada pelo autor é que teve uma feição diferenciada daquela que via o elemento local como sendo uma força capaz de reabilitar a vida cultural e econômica da região para trazer de volta os momentos de glórias que foram vividos em um passado recente. Para os defensores do regionalismo, seria, então, através da reabilitação desses elementos do passado que a região enfrentaria as novas forças de transformações instituídas, principalmente, pelas modernas técnicas do trabalho, exigência do emergente capital de base industrial. Trabalhando em uma outra perspectiva, Câmara Cascudo foi construindo uma modalidade de estudo que via nas características tradicionais locais os elementos para se constituir o mapa da diversidade de costumes do país, desfazendo a idéia de que a arte deveria ser limitada ao aspecto circunscrito de um determinado espaço.

As trocas de informações, conselhos e orientações mútuas com Mário de Andrade foram fatores decisivos para a construção da obra do autor norte-rio-grandense. Além disso, esse intercâmbio foi um fator importantíssimo para a ampliação das fronteiras do movimento modernista que tinha no seu programa o objetivo de pesquisar a diversidade geográfico-

²³ As cartas de Câmara Cascudo a Mário de Andrade estão anexas ao trabalho *Correspondências*: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 1999, de Edna Maria Rangel de Sá Gomes.

cultural do país. Na perspectiva adotada por Câmara Cascudo, e que também era defendida por Mário de Andrade, deveria se retornar ao passado, mas com critérios e sob uma perspectiva crítica, transformadora. Sendo assim, o passado tinha como finalidade desvendar as tradições que pudessem levar à compreensão do presente e indicar novas perspectivas para o futuro. Ávido para se embrenhar no universo da cultura popular, Mário de Andrade foi introduzido, através de Câmara Cascudo, ao Nordeste brasileiro, principalmente no verão de 1928-1929, quando ele realizou sua segunda viagem etnográfica. A diversidade cultural da região despertou e acentuou no intelectual paulista o interesse e a busca pela documentação das manifestações populares e o posterior reaproveitamento em sua obra. Por sua vez, o potiguar escreveu durante mais de 50 anos sobre os mais variados assuntos, desde a história de sua província aos contos populares ouvidos da boca de velhas contadoras de histórias. Recolheu das mais diversas fontes a cultura popular do Nordeste, pesquisou a arte religiosa, a linguagem, a música, a cantoria. Visitou a África onde colheu material para a sua *História da alimentação no Brasil*. Câmara Cascudo sempre reafirmou e valorizou a importância da memória presente na oralidade como base para o conhecimento da cultura brasileira, sendo de sua autoria obras importantes sobre o assunto, como *Vaqueiros e cantadores* (1937) e *Literatura oral no Brasil* (1952), as quais serviram para coroar um interessante trabalho iniciado lá na década de 1920²⁴.

Além da divulgação de escritores e obras já mencionados, esta pesquisa identificou, ainda, no ano de 1924, nove textos²⁵ que tratam da divulgação de livros, além das obras dos escritores estrangeiros já mencionados. Neste caso, temos a divulgação das obras de escritores locais, nacionais, de Portugal, bem como a divulgação da tradução da obra ‘Tragedia

²⁴ Nesta perspectiva de colaboração e intercâmbio, tornar-se-ia bastante arriscado para a pesquisa estabelecer vínculos mais estreitos entre a atividade intelectual de Câmara Cascudo e as ações concretas do grupo regionalista liderado por Gilberto Freyre em Pernambuco, mesmo admitindo que existiram alguns momentos de perfeita harmonia na visão que os dois grandes intelectuais tiveram sobre a cultura da região.

²⁵ Os demais textos publicados por Câmara Cascudo, no ano de 1924, que tratam da divulgação de livros são: “Algo...o livro de Paulo Barreto Maranhão” (*A Imprensa*, 03 de fevereiro); “Registro bibliográfico” (*A Imprensa*, 07 de maio), comentando o livro *Lógica de um burro*, de Jayme d’Altavilla; “João Luso” (*A Imprensa*, 23 de maio), comentando a obra *Elogios*, escrito por Pedro Alexandrino; “O Sr. Mario Pinto Serva” (*A Imprensa*, 04 de junho), comentando *Alemanha Calumniada*, livro escrito por Mario Pinto Serva; “Lauréis insignes” (*A Imprensa*, 22 de junho), comentários sobre o livro de igual nome, escrito por Elysio de Carvalho, onde o crítico norte-rio-grandense destaca que a parte referente a “Gregorio de Mattos e a satira sotadia “é o melhor trabalho de ‘Laureis insignes”, e o texto “O livro do general Abílio” (*A Imprensa*, 24 de dezembro), comentando a obra não-literária, *Narrando a verdade*, escrito pelo General de divisão Abílio Noronha. Um outro texto que merece destaque nesse grupo é o “Eclogas de Bernardim Ribeiro” (*A Imprensa*, 21 de dezembro). O livro de igual nome foi escrito pelo Sr. Marques-Braga. O fato interessante do texto é a aproximação feita pelo crítico entre os vocábulos usados por Bernardim Ribeiro e aqueles existentes no sertão do Brasil. Neste sentido, escreveu o crítico: “No ponto de vista philologico ha muito trigo nessa messe loira e numerosa. Não será curioso atestar a existência e o uso de tantos vocábulos quinhentistas em pleno sertão do Brasil atual [...] Não é interessante diserser que Bernardim usava o nosso conhecidissimo *margimundo*, que tanta gente escreve entre aspas, temendo a escorregadela no brasileiroismo?”

Florentina”, de Oscar Wilde, feita por Elysio de Carvalho²⁶. Neste grupo, incluímos também um texto de crítica literária²⁷.

A produção literária local foi destacada por Câmara Cascudo nos textos escritos no ano de 1924. “Luz e cinzas” (*A Imprensa*, 04 de maio de 1924) faz referência ao livro de poemas de Francisco Palma, publicado com o nome que intitula o artigo de jornal. O autor chama a atenção para o fato de que o livro publicado “não está na alçada da crítica natalense”. O que justifica a opinião do crítico, segundo ele, é que “Luz e cinzas” escapa aos cinco dedos d’analyse”. Dando continuidade à questão, ele acrescenta:

Discutir ou discordar são modos absolutamente improprios de provar ter lido. O autor é uma sensibilidade inexplicavelmente fiel aos seus credos. A sua musa, como se escrevia a 1898, é ausente às nossas maneiras de sentir. Os nascidos espiritualmente depois de Saint Beuve, com Verlaine e Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé, ainda, com muita vontade, perceberão o subtil e vaporoso destes versos. O Sr. Francisco Palma é o derradeiro romantico.

Câmara Cascudo destaca, ainda, que o poeta era um “espírito em formação completa”. Por outro lado acrescenta que “As influências de Segundo Wanderley são poderosas” nele.

²⁶ Antonio Arnoni Prado (1983) faz um estudo dos desdobramentos seguintes à década de 1920, e descreve a atuação de Elysio de Carvalho nos acontecimentos ocorridos. Dentre outras questões, o autor escreve: “Retomo aqui o que já disse atrás, quando me referi a determinadas marcas irracionais do arbítrio na trajetória intelectual de Elísio de Carvalho. Na verdade, é através dele que entram em circulação muitos dos clichês autoritários que funcionarão depois como motivos decisivos do reformismo integralista. O seu argumento pretensamente filosófico, alto e culto, esconde nas entrelinhas alguns pontos de amarra que serão depois fundamentais aos apelos teóricos do Estado Nacional” (PRADO, 1983, p. 16). Em relação ao escritor potiguar, Araújo (2006) comenta que “a partir da experiência modernista, Câmara Cascudo daria continuidade ao ritual de viagens etnográficas como busca de um conhecimento do país”. O estudo acrescenta que essa questão pode ser verificada em comentários na sua correspondência com Mário de Andrade, “no livro *Viajando o sertão* (1934) e em relatos publicados nos livros *Vaqueiros e cantadores* (1939) e *Folclore do Brasil* (1967)”. Araújo chama a atenção ainda para o artigo “Câmara Cascudo e a erudição popular” (SILVA, 1998), no qual Marcos Silva observa que na obra *Viajando o sertão* “o olhar cascudiano se qualifica numa articulação administrativa e partidária. O autor da narrativa é o então Chefe Provincial do Integralismo no Rio Grande do Norte que acompanha o Interventor Estadual, Mário Câmara, em uma comitiva governamental que percorreu, durante treze dias do mês de maio de 1934, o interior do estado” (ARAÚJO, 2006, p. 38).

²⁷ Em 18 de maio de 1924, Câmara Cascudo escreve sobre a crítica literária no texto “A crítica de Giuseppe Prezzolini”. No início do texto, ele se coloca como um crítico independente comentando que “O mau que escrevo é absolutamente meu. Nenhuma penna por consagrada e illustre que fosse pouzou n’uma pagina que assigno”. Em seguida, acrescenta que “O crítico italiano é infinitamente *plus sympathique*, sem methodo, sem systema, sem caminho fixo, na monótona certeza da linha recta”. Câmara Cascudo faz considerações, ainda, à crítica brasileira, destacando dois nomes. Segundo ele, “Com Tristão de Athayde em synthese e Agrippino Griéco em analyse, a crítica existe no Brasil. Isto na acepção real do termo. De fazer e publicar juisos, qualquer legalhé rabisca e se julga algo parecido com Spencer. Em pretensão pelo menos”.

Em outro grupo, reunimos mais onze textos publicados no ano de 1924. Esses textos contêm assuntos variados, cuja contextualização se refere à cidade do Natal²⁸, espaço em que é divulgado o nome do paulista Mário de Andrade, figura importante para intensificar o debate na vida cultural e literária local naquele instante. O assunto modernismo também é abordado nesse grupo de textos, principalmente no aspecto que se refere à sua divulgação no estado; além de um discurso/homenagem ao ilustre conterrâneo Manoel Dantas, por ocasião de sua morte, dentre outros textos.

O primeiro texto desse grupo foi publicado em 07 de maio de 1924, pelo jornal *A Imprensa*, com o título de “Instituto Hist. E Geo. Do Rio G. do Norte”. No texto, o autor faz inúmeras críticas ao Instituto pelo fato de ele não estar estudando o que deveria estudar, vivendo apenas de comemorações. Neste sentido, Câmara Cascudo lamenta a inércia do Instituto comentando que:

[...] estas solemnidades realçam e brilham o fim de uma sociedade histórica, mas o que a prestigia, eleva e dignifica são os trabalhos realizados, os vultos roubados ao esquecimento e restituídos a admiração publica. Isto de viver rodeado a uma mesa e fazendo descurso – *fazem tantos anos que morreu Parrudo*, não é coisa que personalise um esforço.

Em outro texto, “A noite em Natal” (*A Imprensa*, 11 de maio de 1924), o autor lamenta a falta de atrativos noturnos para os moradores da cidade. A sua postura crítica em relação à vida noturna da capital do estado é bastante incisiva, uma vez que, mesmo possuindo cinemas, ela se configurava como uma cidade sem movimentação noturna. Segundo o autor:

Dispensa commentario. Basta anunciar. Estamos vendo uma cidade quieta como se aprendesse o movimento com as múmias pharaonicas. Sob a luz (quando ha) das

²⁸ Os textos de Câmara Cascudo, coletados durante a nossa pesquisa de mestrado, em 2000, que têm como temática a cidade do Natal, foram reunidos e publicados, no ano de 2005, por Raimundo Arrais, no livro *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. No livro, o organizador apresenta um estudo introdutório, segundo o qual Câmara Cascudo, ao lado de outros intelectuais conterrâneos seus, contemporâneos ou antecessores, foram construindo um conceito de cidade que, naquele momento, transitava entre a esfera do tradicional e a esfera do mundo de bases transformadoras, modernas. Segundo o autor, “A esses intelectuais deveria caber, é o que deduzimos dos escritos desse Cascudo, uma missão civilizadora. Seguindo uma tradição que se manifesta desde a passagem do século, com Manoel Dantas, Eloy de Souza e Henrique Castriciano, Cascudo é o intelectual inspirado pelo desejo de ação: ele traz sugestões de natureza pragmática, manifestando a firme intenção de intervir sobre a realidade local. Algumas de suas crônicas trazem esse desejo de agir sobre o meio, reformá-lo, orientar o rumo dos acontecimentos” (ARRAIS, 2005, p. 48).

lampadas amarela arrastam, meia duzias de criaturas magras, uma “pose” melancólica de Byrons papa-gerimúns.
Depois, um ‘film’ no Royal ou Rio Branco ou poker somnolento do Natal club.

O texto “O Sr. Mario de Andrade” foi publicado pela *A Imprensa*, em 11 de junho de 1924. Esse texto é bastante significativo para a vida intelectual do escritor potiguar, uma vez que é a partir dele que começa uma longa amizade entre os dois escritores²⁹, que pode ser traduzida em vários ganhos para a atividade literária local, bem como para a literatura brasileira de forma geral. No texto, o crítico potiguar tece elogios à figura do paulista afirmando que:

O sr. Mario de Andrade arranjou-se e conseguiu entrar no teatro onde todo o talento se acoitara madôrrando. Ahi chegado, pediu e fez encenar algo de si-mesmo. A orchestra rompeu a symphonia. Ou outra coisa. Era **Lohengrin**. E vem Lohengrin com as armas brancas e a voz mascula de guerreiro christão. Na indolencia do azul pincela de branco o cysne lento. Há um estrado e nelle o sr. Mario de Andrade explicando a genese do drama.
[...]O sr. Mario de Andrade é o homem busca-pé, o foguete, o elle mesmo. É um homem sério.

É importante destacarmos, aqui, a importância de Mário de Andrade para a compreensão do processo pelo qual a cidade do Natal passava naquele momento. Se o grande desejo de Câmara Cascudo era o de alçar a cidade a uma condição de moderna, fazendo com que ela se interligasse aos outros pólos que discutiam cultura no país à época, a presença do paulista Mário de Andrade, no ano 1927 e mais intensamente em 1928 e 1929, contribuiu sobremaneira para que esse seu objetivo fosse atingido. Neste sentido, Mário de Andrade fora um grande divulgador da cidade, pois, estando no estado, além das várias pesquisas realizadas, ele tratou de apresentar a cidade aos seus conterrâneos do Sul, escrevendo crônicas que foram publicadas no jornal paulistano *Diário Nacional*. O encantamento de Mário pela cidade lhe rendeu até presente do governo estadual, um terreno, localizado na praia Areia Preta. Para Mário de Andrade, a cidade era diferente das demais, pois ela

[...] é um encanto de cidadinha clara, moderna, cheia de ruas conhecidas encostadas na sombra de árvores formidáveis. De todas as capitais do norte é a mais

²⁹ A respeito da repercussão desse texto, conferir Araújo (1995).

democraticamente capital, honesta, sem curiosidade excepcional nenhuma (ANDRADE, 1976, p. 232).

Outro fator que chama a atenção de Mário de Andrade é o da familiarização dos natalenses com o moderníssimo elemento avião³⁰. Ao participar da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes e ao assistir a uma apresentação folclórica, Mário de Andrade destaca que o avião parecia que já estava incorporado ao cotidiano da cidade. Senão, vejamos o que ele anotou em seu diário:

Em Natal os cais são curtos, caudas de rua entre os quarteirões de beira-rio. Todos estão cheinhos de gente esperando a procissão passar. Nas bandas da Redinha as velas florescem batidas de sol, muito brancas [...] Um hidro-avião faz peraltices enquanto espera pra sacudir um bocado de flores sobre a mãe do Mar. É pouco olhado. Natalense não se amola mais com aeroplano. Ontem na apresentação do “Boi balemba” (sic) do bairro areiento do Alecrim, quando o mestre do “Bumba” mandou Berico buscar Mateus pra casar os Galantes e as Damas, o padre de mentira respondeu que não carecia de “aeroplano” para ir ao casório, era perto, ia a pé mesmo (ANDRADE, 1976, p. 243).

Porém, não fora somente esses elementos de natureza modernos que chamaram a atenção de autor de *Macunaíma*. A ação política do governo do Presidente José Augusto mereceu destaque nas crônicas do paulista. O projeto de lei que tinha por objetivo igualar os direitos entre os sexos no estado foi comentado por ele. Mário destaca também que o relator do projeto, apresentado pelo governo, fora Antônio Bento de Lima, seu amigo e um dos nomes que figuravam entre os modernistas daquele momento, sendo também um dos que acompanharam o escritor na viagem pelo Nordeste. Mário destaca, ainda, que a grande vitória da lei foi permitir os direitos de voto e a elegibilidade da mulher. Como resultado prático da lei, ele comenta a eleição de Alzira Soriano para a prefeitura da cidade de Lajes, em um momento bastante festejado no Rio Grande do Norte, uma vez que ela foi a primeira mulher a ocupar um cargo dessa natureza no país.

Outro aspecto da cidade que Mário chama a atenção está relacionado à natureza do seu patrimônio. Para Mário, Natal é feito São Paulo, “podendo progredir à vontade sem ter coisas que dói destruir”. Dando continuidade a essa idéia, o escritor ressalta que é necessário distinguir “tradição e tradição”. Segundo ele, “tem tradições móveis e tradições imóveis”.

³⁰ No terceiro capítulo desse trabalho, discutiremos a importância do elemento avião para a vida local.

Para o líder modernista, essas tradições móveis devem ser conservadas, uma vez que elas se transformam pelo simples fato da mobilidade que têm, a exemplo da cantiga, da poesia e das danças populares. Já as tradições imóveis, segundo ele, “não evoluem por si mesmas” (ANDRADE, 1979, p.254). Para exemplificar os tipos de tradição discutida, ele comenta a situação da Sé da Bahia e acrescenta que:

Natal não possui esse problema. O que é velho não é... antigo, pouco ou nenhum valor tem. Natal tem seu futuro enorme como banco de riquezas fundamentais: sal, gado, algodão, açúcar, e como pouso natural das asas européias. As tradições dela são todas móveis, danças cantorias. Essa felicidade americana de Natal está se objetivando neste momento como a inauguração do Aero-Clube [...] Os aeroplanos estão pintando o sete no ar (ANDRADE, 1976, p. 255).

A partir da análise de Mário de Andrade, em relação à cidade do Natal e ao estado do Rio Grande do Norte, de forma geral, podemos dizer que houve um maior interesse de Câmara Cascudo para o estudo da tradição popular, fato que pode ter se acentuado e tomado novos matizes. Como sabemos, logo no início da sua vida intelectual o autor norte-riograndense estava bastante preocupado em sistematizar os elementos que apontavam para uma incipiente tradição literária local, tarefa que foi empreendida com êxito e que, de certa forma, surtiu efeito positivo e se concretizou com a publicação do livro de poemas de Jorge Fernandes em 1927. Logo em seguida, Câmara Cascudo intensifica a sua pesquisa pelos caminhos da tradição popular e seu objeto de estudo é a tradicional cultura sertaneja, como se percebe nos textos sobre o folclore sertanejo que ele publicou entre os anos de 1927 e 1928. Naquele momento, podemos pensar que a própria presença de Mário, diante de toda a riqueza cultural do sertão foi um fator que contribuiu para que o autor do *Dicionário do folclore brasileiro* se consolidasse como estudioso da tradição popular.

Intensificando a discussão sobre o modernismo, Câmara Cascudo publica quatro textos sobre o assunto. Em 02 de julho de 1924, a publicação do texto “Na Imortal Companhia - um ‘rolo’ da Academia de Letras”, comentava o rompimento de Graça Aranha com a academia. Segundo Araújo (1995, p.36),

[...] parece que somente em 1924 os intelectuais do Rio Grande do Norte passaram a discutir o assunto ‘modernismo’, principalmente a partir da divulgação do ato de rompimento de Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras.

Vale lembrar que a notícia do rompimento chegou a Natal por intermédio de Câmara Cascudo com a publicação do referido artigo. Em outros dois artigos, Câmara Cascudo volta a discutir a questão que envolve Graça Aranha e a Academia de Letras. Nos textos “Na ilustres companhia” (*A Imprensa*, 11 de julho de 1924) e “O que eu diria ao Sr. Graça Aranha” (*A Imprensa*, 24 de agosto de 1924), o escritor potiguar intensifica a divulgação do movimento a partir de comentário sobre a atitude do poeta maranhense. Segundo Araújo (1995, p.38):

Como se pode notar [...], o fundamental no que se refere à influência de Graça Aranha para a divulgação do movimento modernista, na província, foi mais o ato em si de ruptura com a Academia do que o conteúdo vinculado pelas suas idéias que, aliás, foram recebidas de forma crítica por Câmara Cascudo. Talvez a recepção “crítica” da influência de Graça Aranha deva-se ao fato de já, naquele ano, Câmara Cascudo haver travado conhecimento com Mário de Andrade, e a julgar pelo tom de admiração que se percebe no elogio feito ao escritor paulista em artigo divulgado um mês antes da notícia sobre Graça Aranha.

Outro texto, “Registro bibliográfico – Arte Moderna”, publicado por Câmara Cascudo, em 22 de agosto de 1924, figura como o principal fato para a divulgação do movimento modernista no Rio Grande do Norte. Além de testemunhar a importância da “carta” de Joaquim Inojosa sobre o modernismo, o texto

[...] demonstra o desejo de Câmara Cascudo de uma certa independência com relação ao movimento, **se não uma dúvida ou temor de estar se filiando a algo comprometedor do seu trânsito livre entre as correntes de idéias então em voga, o modernismo e o regionalismo.** (ARAÚJO, 1995, p.40. Grifos nossos).

Por ocasião da morte do conterrâneo Manoel Dantas, Câmara Cascudo publica, em 18 de julho de 1924, o discurso que pronunciara naquela ocasião, cujo título é “Dr. Manoel Dantas” – *A homenagem da Maçonaria ao seu benemerito associado. – A sessão funebre da Loja “21 de março”. – A oração de Luis da Câmara Cascudo.* Na homenagem ao autor da famosa conferência “Natal daqui a cinqüenta anos” - momento em que Manoel Dantas³¹

³¹ Foi Manoel Dantas quem publicou, no jornal natalense *A República*, a tradução do *Manifesto Futurista* italiano, em 05 de junho de 1909, quatro meses após a publicação na Itália, bem como foi ele quem proferiu a famosa conferência “Natal daqui a cinqüenta anos”, também no ano de 1909. Segundo Santos (2006, p.136, 137-138), “jornalista reconhecido desde os tempos de *O povo*, ainda em sua cidade Caicó, Manoel Dantas revelou-se à sociedade das letras da Capital como detentor de múltiplas e interessantes facetas. Por exemplo: quando a cidade começou a ter as primeiras paisagens fixadas pelas lentes de um fotógrafo suíço chamado Bougard, também ele operando uma máquina fotográfica, certamente vinda do Exterior, trabalhou para que

projetava uma visão futurista da capital do estado, Câmara Cascudo fez um retrospecto da vida do homenageado, destacando, principalmente, a sua maior qualidade: a de ser um homem simples e do povo. Ele afirma:

Manoel Dantas era a synthese do povo. Sertanejo, geographo e matuto, advogado e um vivo anedotário, jornalista mestre pela capacidade de trabalho, fingia receber lições de qualquer um.

Sahira do Sertão. Não este Sertão cinematographado em “pose” de vigiliatura veranica. Não este Sertão de usos citadinos, mas o sertão autentico, o sertão de pedra.

[...] Sempre o senti vestido mentalmente de vaqueiro. Elle nada mais foi de que um vaqueiro de idéas.

“Cabelos curtos ou compridos” – Interessante “enquete”, sobre a moda feminina. Como se expressam os nossos mais legítimos representantes do espírito intelectual. Conservadores e Futuristas. Opiniões e critica publicado pela A Imprensa, em 17 de agosto 1924, é o texto em que Câmara Cascudo revela a posição de figuras importantes da cidade, ligadas ao mundo intelectual, sobre o corte de cabelo feminino. A pesquisa tinha como principal objetivo saber se as mulheres deveriam mudar o corte de cabelo ou permanecer à moda antiga. Na verdade, essa enquête serve como termômetro para medir a opinião da intelectualidade local sobre outra questão que era posta na ordem do dia: o processo de modernização que tomava conta do mundo ocidental naquele momento. Câmara Cascudo estava interessado, então, em saber qual a posição desses intelectuais sobre o processo de transformação que, aos poucos, tomava conta do cotidiano, exigindo das pessoas um posicionamento, seja a favor dos elementos ditos modernos ou a favor do conservadorismo, que aqui é refletido na opinião sobre a cabeleira feminina. O resultado da pesquisa revela que a cidade encontrava-se dividida em torno da questão, pois, dos quinze entrevistados, seis foram favoráveis ao cabelo curto, seis optaram pelo cabelo longo e três decidiram ficar com as duas modalidades. Diante da questão, pode se notar que a cidade, no caso a capital, estava preparada, mesmo que os intelectuais se encontrassem divididos, para a discussão em torno das questões modernistas. Por sua vez, o reflexo dessa tomada de discussão vem de uma

contemporâneos e pósteres pudessem contemplar o cenário, as autoridades e os eventos marcantes da Capital como lembrou o filho Osório. [...] Foi portanto, esse homem criativo em tudo que fazia, e ligado, profissional e ideologicamente, ao projeto republicano que, sintonizado com o *novum* mais que qualquer outro intelectual potiguar do período, acabou fazendo um grande sucesso ao preferir a conferência mencionada naquela promoção beneficente”.

conjuntura mais ampla que colocava o estado do Rio Grande do Norte em um processo de mudança, especificamente no que se refere a sua infra-estrutura. Essas mudanças são decorrentes de uma nova mentalidade política que chegara ao poder. Segundo Araújo (1995, p. 31), essas mudanças

[...] expressaram-se nas áreas da política, da economia e das relações sociais. No que diz respeito à cultura e à literatura, aparentemente não aconteceram grandes mudanças: as publicações locais, assim como o ambiente propício a uma vida literária na província, continuaram sob o patrocínio do governo. No entanto, sutilmente, acontecia uma mudança substancial no que diz respeito às ligações entre a produção cultural e os círculos governamentais do Rio Grande do Norte, talvez como fruto de mudanças mais gerais, nacionais e internacionais.

Em “A casa do operário” (*A Imprensa*, 19 de outubro de 1924) e em “In terra aliena...” (*A Imprensa*, 29 de outubro de 1924), Câmara Cascudo trata de assuntos que não estão ligados diretamente à literatura ou à vida cultural da cidade. Mesmo assim, os textos possuem uma importância pelo fato de estarem tematizando sobre a estrutura e os serviços da cidade naquele período, momento em que o processo de modernização se caracterizava como a principal novidade para os natalenses. No primeiro texto, o autor dá conselhos aos responsáveis pelo Centro Operário para que estes levantem fundos e construam a casa do operário³². Já no segundo, é elogiada a atuação do diretor do Departamento de Saúde e Assistência, o Sr. Amaury de Medeiros.

De forma geral, o que podemos perceber nesses textos relacionados à cidade do Natal é que Câmara Cascudo estava preocupado em discutir questões que diziam respeito à funcionalidade da capital do estado, incluindo, neste caso, o comportamento intelectual das suas mentes mais representativas. Se naquele momento era bastante evidente o processo de

³² Ao analisar a natureza do ambiente local daquele período, a partir das crônicas de Câmara Cascudo, Raimundo Arrais (2005, p.55) dá destaque à ação do governo José Augusto, que é sublinhada pela operosidade de seu governo e pela força do progresso que o impulsiona. Sendo assim, destaca o autor, “A concepção de uma sociedade em que o trabalho surge como o produtor de riquezas e de progresso, elevando-se a virtude social, ganha força na mesma medida em que desponta o operariado, que efetivamente passa a organizar-se como uma força na cena política”. Essa mesma questão, que envolve o processo de modernização do Estado do Rio Grande do Norte nas primeiras décadas do século passado, pode ser observada também em Araújo (1995).

mudança implantado pelos ares da modernidade em outros espaços urbanos do país, o autor parece reivindicar a mesma situação para a sua cidade. Neste sentido, a questão do atraso em contraste com o processo da modernização o faz tomar atitudes que colocam, se não a cidade, mas parte da intelectualidade local em sintonia com os movimentos que estavam na vanguarda da transformação cultural do país.

Por último, nossa pesquisa agrupou mais oito textos, cujos temas são os mais variados possíveis, ou seja, os assuntos não literários também fizeram parte das publicações esparsas de Câmara Cascudo. O primeiro texto desse grupo, “Aspectos de uma organização religiosa” (*A Imprensa*, 10 de fevereiro de 1924) trata da ação do terceiro bispo de Natal, D. José Pereira Alves. No texto, o autor aproveita para fazer a análise da função da igreja, mostrando que ela não está dissociada da vida prática do sertanejo, pois, segundo ele,

No Brasil o catholicismo é histórico. No Rio G. do Norte o padre foi o primeiro sementeiro de escolas, o primeiro bandeirante, a primeira coragem. Devedor de sua figura agruparam-se os instintos portugueses bramindo pelo ganho. Temos ainda hoje a lembrança a cultura religiosa pelas reminiscências clássicas de rethorica e latin. O velho sertanejo, conhece cinco ou seis phrases latinas para citar. O habito do portuguez de fixar-se no litoral não prendeu o padre à incipiente Natal. Depois do Capitão-mor Geraldo de Suny o Sertão recebe as primeiras investidas civilisadoras. Des anos antes o Padre mergulha no mundo ignoto e bravio do nosso *hinterland*...

A título de exemplificação, podemos demonstrar como a mobilidade de Câmara Cascudo em relação aos assuntos variados foi intensa. Em 1924, ele publicou textos tais como: “Julio do Carmo” (*A Imprensa*, 15 de fevereiro de 1924), no qual comenta a ação do cronista que dá nome ao texto, destacando que ele “Chronicava lealmente toda a historia social e política da Abolição aos reis presidentes”. Na observação do autor, Julio do Carmo “Era um destes ‘homens arquivos’”. Câmara Cascudo descreve a ação do cronista como um testemunho, uma vez que convivera com ele no Rio de Janeiro. Através das crônicas narradas por Julio do Carmo, o escritor potiguar mergulha em um mundo de onde “o Rio de quarenta, de trinta annos atraz, surgia integral, palpitante, vivendo ao gesto do seu amigo e mago”. Por fim, acrescenta que o cronista “Era bom d’alma e de coração. Tão bom que não escreveu livros. Seria a morte de muito historiador medalhado pelo publico”. Dois outros textos, “Rei Fuad” e “Visão esthetica da guerra”, publicados pela *A Imprensa*, respectivamente, em 25 de maio e 04 de julho de 1924, reforçam a idéia do ecletismo cascudiano. No primeiro texto, ele descreve a figura do rei Fuad, no Egito, bem como a brutal transformação que aquele rei

implementou no seu país. No segundo texto, Câmara Cascudo comenta a conferência de Odilon Nestor sobre a guerra, dando destaque às qualidades e ao estilo do conferencista. Ainda nesse ano de 1924, ele publica outros três textos com assuntos variados, quais sejam: “O esporte deseducador”, “A inutilidade do figurino” e “Minha chronica”. No primeiro, desses três textos, publicado em 15 de novembro de 1924, pelo jornal *A Imprensa*, o autor comenta a mania imitadora dos desportistas, principalmente, em seguir os modelos dos norte-americanos, uma vez que “Como os Estados Unidos é o paiz dos soccos e dos bollos, o esportista ama o americano”. Segundo o autor,

O esporte é uma gymnastica, cerece um methodo serissimo e acima de tudo uma finalidade social mais exstrictamente moralisadora, combatendo o horrendo elegantismo americano, educando o moço que o falso esporte deseducou para o mundo e para a vida.

Já o segundo texto, “A inutilidade do figurino” (*A Imprensa*, 23 de novembro de 1924) caminha no mesmo sentido, uma vez que a discussão gira em torno da onda de imitação que é ditada pela moda, principalmente a moda vinda de Paris e Londres. O autor conclama, então, que a mulher brasileira deva reagir: “E porque a brasileira distante, morena, trêfega, magra, agitada, aguda em sensibilidades e desejos, não crêa, não imagina, não inventa o que vai usar? O que lhe é inherente, muito mais seu de que a pelle – a vaidade?” Nestes textos, percebemos claramente a preocupação do escritor com os hábitos dos brasileiros que estavam sendo tomados pela mania da imitação, advinda de outros países. Já o último texto de assunto variado, “Minha chronica” (*A Imprensa*, 19 de dezembro de 1924), discute a questão do patriotismo. Após descrever a situação da Marinha e do Exército nacionais, dentre outras questões discutidas no texto, o autor chega à conclusão de que “Sem falar nos intentores, uma das mais urgentes reformas é na moral patriótica do brasileiro, animal orçamentivoro e politicoide por excellencia e proveito”.

Ainda no ano de 1924, outro tema, o folclore, foi motivo para a escrita de Câmara Cascudo. O texto “Folk-lore infantil – A parlenda ‘Amanha é Domingo’” foi publicado em 13 de julho de 1924. Esse texto tem por temática a origem da parlenda infantil a partir do estudo de João Ribeiro. No estudo, Câmara Cascudo demonstra como a cantiga infantil sofreu as “naturais deturpações do tempo e adaptação”. Ao invés da conhecida versão do “pé de cachimbo”, o estudo dá como certo que a primeira versão é o “Pé de galinha”. Para isso, o

autor se vale de inúmeros argumentos que atestam, juntamente com João Ribeiro, a tese defendida. O texto serve, ainda, como índice para o que seria o trabalho de Câmara Cascudo alguns anos depois, quando ele mergulhou profundamente na pesquisa sobre o folclore brasileiro.

Em termos de acontecimentos, o ano de 1924 é tão importante para o movimento modernista brasileiro quanto o momento de sua deflagração em 1922, na famosa semana realizada em São Paulo, uma vez que as idéias defendidas pelo movimento começam a ser disseminadas por outros lugares fora do eixo Rio - São Paulo - Minas Gerais. No Rio Grande do Norte, conforme demonstram os textos da época, principalmente aqueles publicados por Câmara Cascudo, é nesse mesmo período que a intelectualidade local toma conhecimento do movimento. Por sua vez, a ação de Câmara Cascudo, naquele momento, não fica limitada a discutir assuntos ligados à divulgação do modernismo, já que a apresentação de obras, escritores e poetas estrangeiros entraram para a sua pauta de ação intelectual. Por outro lado, a cidade do Natal também mereceu a atenção do jovem intelectual, tendo em vista que um dos seus propósitos fora habilitar, como os demais intelectuais contemporâneos seus, as práticas literárias e culturais da província para, nos momentos seguintes, reagirem em relação às provocações que se estavam processando nos cenários regional, nacional e no contexto mundial. Outro fato marcante para a vida intelectual do norte-rio-grandense é o início da correspondência entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade. A troca de cartas entre os dois escritores se inicia em 1924 e vai até o ano de 1944. Sendo assim, os demais anos da segunda década do século passado foram decisivos para a ação intelectual do escritor norte-rio-grandense, bem como foram decisivos para alguns dos artistas e intelectuais com os quais ele se relacionava, uma vez que, bem ao gosto modernista, por aqui foram discutidas e produzidas obras que contemplavam aquela estética.

3.2. 1927: intensificação da ação modernista

Em relação ao ano de 1927, a pesquisa identificou dezessete textos publicados por Câmara Cascudo. Quatro desses textos saíram no jornal *A República* e os demais n'*A Imprensa*³³, o jornal de propriedade da família Cascudo que encerrou suas atividades

³³ O jornal *A Imprensa* foi fundado pelo Sr. Francisco Cascudo, pai de Câmara Cascudo, “em 07 de setembro de 1914, sem auxílios alheios, mantendo-o até julho de 1927”. Segundo, ainda, Câmara Cascudo, “foi o ‘jornal dos

justamente naquele ano. Em comparação aos demais anos pesquisados, a escassez de textos em 1927 pode ser atribuída ao fechamento do jornal dirigido pelo escritor e, ainda, devido à falta de conservação dos acervos dos jornais *A Imprensa*³⁴ e a *República*, uma vez que Câmara Cascudo passou a escrever nesse jornal naquele ano. O grande acontecimento literário do ano para as letras locais seria a publicação de *O livro de poemas de Jorge Fernandes*. Na correspondência entre o Câmara Cascudo e Mário de Andrade, é possível notar que o livro de Jorge Fernandes fora, em várias ocasiões, assunto nas missivas trocadas entre os dois. É interessante lembrar que Mário de Andrade acreditava que Jorge Fernandes fosse uma invenção ficcional de Câmara Cascudo. Contudo, em uma das cartas que escreveu ao amigo norte-rio-gandense, ele comentou:

Me mande dizer alguma coisa certa sobre aquele poeta “dos poetas que morreram talvez na guerra contra o Paraguai”. É invenção de você ou existe realmente? [...] se não existe e é invenção de você fique sabendo que é uma in-venção (*sic*) grande, você deve firmar a psicologia dele e fazer dentro dessa psicologia ao menos uma plaquete. Garanto que saía interessantíssimo (ANDRADE, 1991, p.51-52).

É somente na rápida passagem por Natal, em 07 de agosto de 1927, de volta da viagem ao Amazonas, que Mário de Andrade vai conhecer o amigo Câmara Cascudo, bem como vai encontrar o poeta. Sobre ele, faz a seguinte anotação no seu diário: “[...] Encontro o poeta Jorge Fernandes na casa dele, encorujado” (ANDRADE, 1976, p.191). No ano seguinte, quando da sua visita mais longa ao estado, o famoso paulista novamente se ocupara do autor dos “Poemas das Serras”. A crônica de Mário sobre o poeta potiguar está em *O turista aprendiz*, bem como foi publicada no *Diário Nacional*, em 12 de janeiro de 1929. No trecho de *O turista aprendiz* que é dedicado a Jorge Fernandes, além dos comentários sobre o poeta, Mário transcreve dois dos seus poemas, “Manuel Símplicio” e “Canção da Seca”. Dentre as considerações feitas, ele chama a atenção para as qualidades do livro, destacando que ele pode ser “um bocado irregular pelos tiques de poesia antiga inda sobrados nele, porém possui coisas esplêndidas, das mais nítidas, das mais humanamente brasileiras da poesia contemporânea” (ANDRADE, 1976, p.237). Entretanto, o crítico paulista conclui o seu

Novos’, a voz operária, sem compromissos políticos e subvenções limitadoras” (CASCUDO, 1968, p. 36). Em relação à data de encerramento do jornal, parece existir um equívoco por parte do autor, uma vez que a nossa pesquisa identificou um texto por ele publicado, no referido jornal, cuja data é 14 de setembro de 1927.

³⁴ No material referente ao jornal *A Imprensa*, arquivados no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), encontramos partes danificadas e ilegíveis, fato que compromete a compreensão de alguns textos na íntegra.

pensamento acrescentando que “o livro dele foi pouco lido... Quase nenhum crítico não falou nele” (p.239).

As qualidades poéticas de Jorge Fernandes são referendadas, ainda, ao longo das correspondências entre os dois intelectuais. O único livro por ele publicado, com data de 1927, na verdade só ficou pronto em 1928, segundo consta na carta enviada por Câmara Cascudo a Mário de Andrade, em 2 de fevereiro de 1928: “dentro de vinte dias sahira o ‘Livro de Poema de Jorge Fernandes’”. Podemos dizer que, naquele momento, Câmara Cascudo já tinha uma consciência bastante consolidada em relação ao modernismo. Dessa forma, acreditamos que, devido a sua articulação, aparece, dentre os escritores norte-rio-grandenses, uma obra literária com valor estético considerável e que, de certa forma, agradou ao exigente gosto estético de Mário de Andrade.

Em relação aos textos publicados por Câmara Cascudo em 1927, quatro deles são sobre obras literárias. Os autores locais Peregrino Junior, Jayme dos Guimarães Wanderley e Palmyra Wanderley foram os que mereceram a atenção do crítico. Um outro texto faz referência à obra de crítica literária, *O club dos graphomanos*, de Eduardo Frieiro. No texto “O livro de Peregrino Júnior” (*A Imprensa*, 24 de abril de 1927), Câmara Cascudo faz uma rápida análise da obra *Jardim da Melancolia*, declarando que ele é “livro claro e lindo. E maciamente inútil. É um livro de frases suaves e espiraladas. De nervos sensíveis, de quintilharia lyrica e adorável. Mas, insincero. Homem à 1927 não pensa aquilo”. O mesmo tom crítico está presente no texto “Bric-à-Brac” (*A Imprensa*, 04 de agosto de 1927), momento em que o autor faz uma análise da obra *Fogo Sagrado*, escrito por Jayme Guimarães Wanderley. Dentre as considerações feitas sobre este segundo livro, o autor destaca que há “uma colleção de pássaros e de flores dennunciando o desejo estabelecido de fazer sonetos em serie”. Por outro lado, escreve o crítico, “há no autor uma suspensão de hostilidade ao modernismo e uma independência a escola em que se julga fiel”. Mesmo tendo um conceito de poesia pautado pelas concepções estéticas do modernismo, Câmara Cascudo limita-se apenas a ver o livro de Jayme Wanderley como sendo uma obra que “resulta da cultura e não da sensibilidade”. Neste sentido, acrescenta o crítico:

Não sei revendo seu amor obstinado às formulas rígidas do verso medido e certo, si, em boa e leal verdade, devo aconselha-lo a outras estadas em outra poética. O dever é libertar-se à intelligencia. Libertar-se de tudo, menos da sinceridade. Jayme Wanderley, deverá ficar onde possa ser sincero ao seu espírito. Sente-se que elle trabalha o soneto com evidente e profunda amisade.

Entretanto, a opinião do crítico muda de perspectiva quando a obra analisada é da poeta Palmyra Wanderley. No texto “Poesia d’aquí mesmo” (*A Imprensa*, 21 de agosto de 1927), Câmara Cascudo destaca a ação dessa poeta que “deixou todos os pássaros do estrangeiro, todas as flores de estufa, todos os typos de livro e olhou a paisagem ambiente”. É importante lembrar que, mesmo destacando o aspecto do ambiente local na poesia da conterrânea, o crítico não classifica esse tipo de poesia como sendo uma poesia regional, uma vez que “ella [a poeta] pode ser cotejada com qualquer poetisa do Brasil”. Indo mais além em sua análise, Câmara Cascudo estabelece um vínculo entre a poeta e Jorge Fernandes, considerados por ele os “dois ‘casos’ mais brilhantes e typicos que eu conheço no Rio G. do Norte desde 1900. Podem e devem ser discutidos. É impossível ser se indiferente a elles”. Discutindo ainda o exemplo de Jorge Fernandes, o crítico acrescenta que a poesia por ele criada ultrapassa os limites geográficos do estado para se assemelhar ao que se estava fazendo em outros lugares, fato que confere um caráter mais geral à arte poética que tanto ele quanto Palmyra Wanderley estavam produzindo naquele momento. Sendo assim, escreveu o crítico no mesmo texto: “Jorge Fernandes [...] é um talento de rara intuição maravilhosa. Realisa, distrahido, o que se faz em Paris, Roma, Londres, Buneos Aires, à custa de technica e de observação”.

Ainda se dedicando aos assuntos locais, o autor publicou mais três textos em 1927. Estes textos tratam de assuntos ligados às ações políticas do estado e à reformulação da estrutura da cidade. “Homo brasiliensis” (*A Imprensa* 1º de junho de 1927) foi o texto em que o autor comentou sobre um novo tipo de homem brasileiro, o qual, segundo ele, é um tipo de homem que “age, pensa, lê e realiza dentro de uma perspectiva brasileira”. Na verdade, Câmara Cascudo introduz a questão para comentar sobre as ações políticas do presidente do estado, Sr. José Augusto. Acrescenta o autor:

No Rio G. do Norte o “Homo brasiliensis” está bem vivo e palpável. Vai a toda parte, assiste a tudo, applaude o que quer e ri do que não gosta. Nasceu e medrou depressa. Um ambiente favorável e doce fez-lhe o Sr. José Augusto com o seu risinho mata-chaleira, affastando a fauna dos tatús-canastras polycolores. Informando ao Povo a marcha de acontecimentos que outro’ora eram segredo de justiça, com sette sellos e somente conhecidos pela “roda do Palácio”, o sr. José Augusto está nos últimos mezes de seu governo. Mais tarde, com o tempo ensinador de tanta verdade, o “Homo brasiliensis” saberá que o moço presidente do pequenino Rio g. do Norte foi um, dos primeiros, a rasgar-lhe estrada e a tornar, respirável e sereno, o ambiente social.

Ainda para louvar o processo de transformação intelectual que ocorria no estado, Câmara Cascudo publicou o texto “A lei n. 145” (*A Imprensa*, 10 de junho de 1927) dando

conta de uma lei estadual que protegia o livro, incentivando a sua publicação. Segundo o autor, “Lei única no Brasil, é um attestado da intelligencia do seu auctor. Constitue um dos melhores argumentos para a elevação de nível no ponto de cultura e de estímulo oficial”. Por outro lado, o autor não deixa de se preocupar com o processo de remodelação da cidade, principalmente no aspecto da sua arborização. O texto que trata do assunto foi publicado em 11 de agosto de 1927, na sessão “Bric-à-Brac”. A grande preocupação do autor é com a substituição de árvores como mangabeiras, gameleiras e tatajubeiras que estavam sendo trocadas pelo “ficus-benjamim”. Para justificar seu argumento em defesa da preservação das árvores antigas, Câmara Cascudo escreve que a “função da arvore na rua não é meramente o elemento decorativo. É sobretudo, um factor de bellesa plástica e coerente à tradição”. Diante das preocupações do autor, pode-se notar que as ações políticas e a parte estrutural da cidade do Natal passavam, naquele momento, por um processo de redefinição para a adequação à nova ordem de valores chegados com o advento da modernidade. Entretanto, é de se notar também que o projeto de modernização da cidade, através da sua “remodelação”, conforme enfatiza o autor, recebe por parte dele algumas considerações, no sentido de rejeitar aquilo que não seria benéfico para o aspecto tradicional da cidade. Assim, as velhas árvores que eram partes da sua história seriam os elementos que aliados a outros entrariam na nova estruturação da cidade sem perder de vista o seu aspecto mais antigo e tradicional. Neste caso, seria o passado reivindicando do momento presente a mediação para uma convivência em harmonia. Aqui, Câmara Cascudo dá a entender que o processo de modernização precisava interagir como o passado da cidade como forma de preservar as tradições nela existentes. Essa questão da arborização também foi motivo de preocupação de Gilberto Freyre em Recife, cidade que, naquele momento, também passava por um processo de transformação para se adequar às novas ordens de valores arquitetônicos. Gilberto Freyre é bem mais incisivo do que Câmara Cascudo em suas colocações. Na análise sobre o processo de modernização da capital pernambucana, o autor do *Manifesto regionalista* sai em defesa da tradição da cidade nas várias formas em que ela se apresenta³⁵. Sobre a questão, o pernambucano escreveu:

[...] não é só no mato e pela invasão dos canaviais das usinas insaciáveis, que desaparecem estas notas identificadoras da nossa paisagem e do nosso passado. Também na cidade. É com uma sem-cerimônia que acusa a ausência de toda a sensibilidade e de todo o gosto, que o arrivismo triunfante no Recife manda

³⁵ Gilberto Freyre chamou atenção para a questão da arborização de Recife e o processo de desmatamento nos anos de 1924 e 1925 em textos que estão publicados em Freyre (1979). Os comentários a respeito desses textos estão no primeiro capítulo deste trabalho.

derrubar árvores velhíssimas e destruir ou acatitar casarões de uma dignidade característica e de uma simpatia acolhedora – para a edificação amiudada, catita e espaventosa de modernices (FREYRE, 1979, vol. II, p.196).

No texto “A gravidade brasileira”³⁶, *A Imprensa* 06 de abril de 1927, Câmara Cascudo faz comentários sobre as impressões que o poeta Manuel Bandeira teve ao chegar a Natal e, ao procurá-lo na sede do jornal *A República*, ter sido recebido por um “‘redactor’ sem paletot à yankee, pena na munheca e tiras arrumadinhos perto do tinteiro”. O autor comenta que grande foi a surpresa do poeta, depois de ser apresentado à sala, ao saber que o redator era o Presidente do Estado. Em seguida, foi com o Presidente jornalista que Manuel Bandeira visitou a cidade.

Como sabemos, do ponto de vista literário e cultural, o ano de 1927 representa um momento de grande importância para a vida intelectual do estado, principalmente pelo aparecimento da obra poética de Jorge Fernandes. Para Câmara Cascudo esse foi um momento de mudanças, tanto no plano da ação intelectual como na vida pessoal, uma vez que o patrimônio construído pela sua família começou a decair, fato que pode ser comprovado com o fechamento do jornal de sua propriedade, talvez o mais importante bem que o escritor possuía, pois tinha a função de ser o principal porta-voz do grupo intelectual por ele liderado e que, de certa forma, estava agitando a vida cultural da provinciana cidade do Natal naquele momento. Interessante ressaltar que a publicação do livro de Jorge Fernandes faz com que a vida literária local ultrapassasse, mesmo que timidamente, as barreiras da Fortaleza do Santos Reis Magos - limite geográfico para se criar fama literária no estado, segundo observa o próprio estudioso -, para se integrar ao conjunto de obras modernistas que circulavam no Centro-sul do país, principalmente na capital do modernismo, São Paulo³⁷.

³⁶ No ano de 1927, Câmara Cascudo publicou também uma série de quatro textos, que tinham como assunto o Sr. Dom Pedro II. Os textos foram publicados pelo jornal *A Imprensa* nos dias 10,12, 17 e 24 de agosto. Na verdade, esses textos faziam parte da “Conferência de Luis da Câmara Cascudo em Recife, como orador oficial do Instituto Archeológico Pernambucano, na comemoração do primeiro centenario de nascimento do sr. Dom Pedro II, em 1925”. Ainda em 1927, ele publicou os textos “Conde Kaldac” (*A Imprensa*, 04 de fevereiro); “Entrevistas e elogios” (*A Imprensa*, 11 de fevereiro); “Bric-à-Brac (*A Imprensa*, 28 de julho) e “Bric-à-Brac (*A Imprensa*, 14 de setembro).

³⁷ Além dos comentários de Mário de Andrade no jornal paulistano, *Diário Nacional*, outros dois acontecimentos que deram maior visibilidade à obra poética de Jorge Fernandes, fora da cidade do Natal, foi a declamação do poema “Viva o Sol”, por D. Eugênia Álvaro Moreyra, na abertura do recital do teatro Sant-Anna, em São Paulo, no dia 13 de agosto de 1929, e a resenha feita por Antonio de Alcântara Machado, na *Revista de Antropofagia* (Ano I, No. I, p. 04, maio de 1928), na qual o crítico, dentre outras questões, escreve: “a poesia de Jorge Fernandes machuca. Deante dela fica-se com vontrade de gritar como o próprio poeta na Enchente”. Sobre o recital de D. Eugênia Álvaro Moreyra, conferir o texto “Sobre Jorge Fernandes”, reportagem sobre o recital acontecido em São Paulo, que se encontra anexo no trabalho de Araújo (1995).

Dessa forma, a ação empreendida por Câmara Cascudo durante os anos anteriores pareciam estar surtindo efeitos, uma vez que fora por seu intermédio que o assunto sobre a renovação da arte literária brasileira passou a ser comentado na capital norte-rio-grandense. Por outro lado, podemos pensar que as ações político-administrativas implementadas no estado, desde o começo da década, foram fatores positivos para se criar na população local, especialmente em alguns intelectuais e artistas, esse clima de mudança, cujo desejo maior parece ter sido o de inserir a provinciana capital no mundo das discussões estético-literárias, criando um diálogo com as principais mentes renovadoras da arte nacional e com vários daqueles intelectuais e artistas que se propunham a renovar a arte no continente latino-americano. Dessa forma, podemos dizer que, com a publicação da obra de Jorge Fernandes, a primeira parte dos objetivos de Câmara Cascudo estava concretizada, uma vez que essa obra chamou a atenção para um novo tipo de arte que era produzido fora dos espaços elitizados do Centro-sul. Cabe, aqui, lembrar que Câmara Cascudo chamou a atenção, também, para o fato de que a poesia de Jorge Fernandes não estava impregnada do rótulo regionalista, visto que a sua natureza era ser compreendida como arte brasileira. Ao analisar a obra Jorge Fernandes, Araújo (1997, p. 143-144) destaca esse aspecto:

A presença da cidade do Natal na sua poesia, como uma marca não regional, não tradicional, reforçará, antes, a face “brasileira” do poeta. Será este o poeta de uma cidade provinciana – mas capital de um estado e relativamente em contato com a modernidade – que produzirá poemas que tematizam a vida regional sem que seja, no entanto, regionalista.

3.3. 1928 E 1929: câmara cascudo recebe Mário de Andrade

Os textos identificados pela pesquisa, referentes aos anos de 1928 e 1929, foram todos publicados pelo jornal *A República*. Naquele momento, o ambiente literário em que vivia Câmara Cascudo já estava bastante familiarizado com a discussão em torno do modernismo, conforme já vinha acontecendo desde o ano de 1924. Por outro lado, encontramos um Câmara Cascudo inclinado para o estudo e a pesquisa dos temas ligados ao folclore e à cultura popular, principalmente, a sertaneja. As duas visitas de Mário de Andrade ao estado reforçariam a opção do autor, bem como estreitariam os laços de amizade entre os

dois escritores. Essa amizade foi iniciada com a primeira carta, em 1924, escrita pelo norte-río-grandense.

Referentes ao ano de 1928, a pesquisa identificou e transcreveu quarenta e nove textos. Decidimos agrupar esses textos em quatro grupos temáticos. No primeiro, estão reunidos treze textos que discutem cultura, literatura e modernismo ou que, de certa forma, contêm elementos que se referem a esses assuntos. No segundo grupo, estão seis textos que têm por assunto o folclore. Já no terceiro grupo, o assunto dos quinze textos é a divulgação de escritores e obras locais, nacionais e estrangeiros. O último grupo reúne quinze textos com os mais variados assuntos, os quais não estão diretamente ligados aos temas delimitados neste estudo.

No primeiro texto publicado em 1928, “Sobre a arte moderna” (*A República*, 03 de março), Câmara Cascudo faz um balanço do movimento por ele chamado de “Arte Moderna” que “D’aqui a três anos far-se-há a primeira década”. O autor enfatiza que, no Brasil, desde 1500, nenhum movimento despertou o interesse de tantos aliados e adversos como o modernismo. Para ele, a “raiva-maior é a disparidade entre uns e outros figurões do credo”. O autor alerta que não se pode querer colocar na mesma linha de pensamento os vários escritores que compõem o movimento:

Não podem meter Oswald de Andrade na bitola de Menotte del Picchia. Mario de Andrade em Ribeiro Couto. Plínio Salgado para o lado de Sergio Milliet. Ronald e Guilherme de Almeida. Couto de Barros e Cassiano Ricardo. A musica de Villa-Lobos e o “integralismo cósmico” de Mestre Graça Aranha... Cada homem destes possui figura intensa e sua. Tem maneiras diversas. E de mais a mais, outra sensibilidade.

A avaliação de Câmara Cascudo sobre o movimento, nos mostra que ele estava bastante atualizado com as diversas correntes de pensamento formadas em torno do modernismo naquele instante. Para a diversidade de pensamentos e ações, o autor potiguar entende que existia um elemento caracterizador, o nacionalismo literário, que funcionava como um fundo de cena comum. Para justificar esse pensamento, ele escreveu:

A victoria está sendo a lenta formação duma mentalidade nova. Viva. Original. Marcada ousadamente de tiques e macacoas brasileiras. Para este resultado os caminhos deferem. Em Ronald é cerebral e selecionador, depurado e subtil. (Epigrammas. Toda américa, ensaios). Em Guilherme é o lado pictórico que o

estimula (Meu, Raça, o “espírito” das Canções Gregas). Em Mário é o primitivismo, o thema puro na tentativa de fixar a verdadeira imagem-emoção-brasileira. (Losango Caqui, Paulicéa desvairada, Clan do Jaboti). Em Oswald... Oswald se anota, observa-se. E vai registrando curiosidades (Memorias de J. Miramar e o Condenados, Estrella de Absintho e Caderno de Poesia). Em Graça Aranha ver-se-há que existe em sua philosophia amável, a condenação ao nacionalismo que é essência do próprio movimento.

Seguindo em sua análise-balanço, Câmara Cascudo chama a atenção para o grupo de modernistas do Rio de Janeiro, enfatizando que este é “doutro estofo”. Na verdade, ele corrige a idéia de que no Rio existia um grupo e afirma que “o grupo ou melhor, os grupos guardam programmas e rythmos pessoas de acção”. O autor destaca ainda que Manuel Bandeira é sozinho. Já Sérgio Buarque, Prudentinho e Afonso Arinos Sobrinho têm seus próprios mundos. Saindo do plano individual de cada escritor, o crítico potiguar buscar mostrar que os grupos do Rio de Janeiro e São Paulo influenciaram, de certa forma, os de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, sendo que Minas Gerais é “fructo paulista”, já o Rio Grande do Sul “se filia meio ao Rio meio a S. Paulo e a outra parte a Cassiano, Plino, Bopp, etc”. Diante dessa problemática, ele acentua que cada estado vai construindo sua arte moderna. Não faltou uma representação para os estados de Pernambucano e Rio Grande do Norte, cujos escritores eleitos para sua análise foram Ascenso Ferreira e Jorge Fernandes, respectivamente. É importante destacar que Câmara Cascudo não se inclui entre aqueles indivíduos defensores do modernismo no Rio Grande do Norte. No entanto, Mário de Andrade, em carta escrita ao autor, datada de maio de 1925, já o incluía com um dos mais importantes modernistas da região. Segundo Mário de Andrade, “dos modernos do Nordeste é você incontestavelmente muito superior aos outros, sem mesmo, dentre os que conheço, possibilidade de comparação. Não é elogio que estou fazendo, é verdade. Si não achasse isso era incapaz de falar”(ANDRADE, 1991, p.47).

Por qual motivo, então, Câmara Cascudo não se inclui entre aqueles renovadores da arte moderna? Seria pelo fato de querer permanecer independente de qualquer vinculação ideológica? Mesmo não se incluindo entre os renovadores, o autor potiguar reivindica para o estado uma posição entre aqueles artistas que estavam mudando os rumos da arte brasileira. Porém, como sabemos, Câmara Cascudo foi o grande divulgador do movimento no Rio Grande do Norte, fato que motivou a intelectualidade local a pensar e discutir o assunto. A ação do poeta modernista Jorge Fernandes passou necessariamente por sua avaliação. Além disso, foi com base nos direcionamentos dados pelo crítico que o poeta enveredou pela temática modernista. É importante lembrar que fora Câmara Cascudo quem escreveu a crítica

ao livro de Jorge Fernandes, publicada conjuntamente à obra com o título de “Depoimento de Luis da Câmara Cascudo sobre o ‘livro de poemas’ de Jorge Fernandes - só para reforçar a proximidade entre os dois, lembramos que o livro de Jorge Fernandes foi impresso na tipografia do jornal *A Imprensa*, que era de propriedade do próprio Câmara Cascudo. No texto crítico sobre a obra do poeta, o autor destaca como um dos pontos principais o fato de Jorge Fernandes não pertencer a nenhuma corrente de pensamento do modernismo. Eis as palavras do crítico:

O livro de Jorge Fernandes é um livro isolado, sosinho, descolado no chromo de sala de jantar dos poetas e sua geração. Está forçosamente pertencendo ao movimento modernista mas não se filiou a nenhum capitão-mor do bando. As maiores sympathias de Jorge Fernandes vão parar em Mario de Andrade, Manuel Bandeira e Raul Bopp. Bastará esta predileção para termos a perfeita ausência de formão de talhadeira de qualquer dos três (CASCUDO, 1997, p.I).

Parece ficar evidente, então, que a atitude do crítico em não se filiar diretamente aos renovadores da arte modernista também fora válida para o poeta, pelo menos no seu entender. Tal fato pode ser evidenciado quando o próprio Câmara Cascudo publica um texto crítico, espécie de escudo defensor, no momento exato, ou mais precisamente em anexo, à publicação da obra do poeta. Neste sentido, podemos dizer que Câmara Cascudo reivindica uma posição autônoma e autêntica para o movimento no estado. Nos anos seguintes, as ações artísticas e intelectuais do potiguar podem confirmar as posições por ele adotadas anteriormente, haja vista a importância do seu trabalho, principalmente no campo do folclore e da etnográfica, estudos esses que ganharam uma maior intensidade na década de 1920, bem ao calor das discussões modernistas.

Ainda em relação à análise de Câmara Cascudo sobre o livro de Jorge Fernandes, outro trecho que nos chama a atenção trata ainda da filiação ideológica do autor. Nesse segundo ponto, entendemos que Câmara Cascudo procura desvincular qualquer traço de regionalismo na obra do seu conterrâneo. Vários dos poemas da obra de Jorge Fernandes estão recheados de termos, de vocábulos e de imagens locais. A presença de tais elementos seria motivo suficiente para se reivindicar a filiação do poeta à tendência regionalista presente na região, tendência essa que funcionava, a princípio, como contraponto às idéias modernistas advindas do Sul. Diante de tal situação, o crítico desfaz imediatamente essa provável

possibilidade e proclama esses elementos como sendo bem brasileiros. No entender de Câmara Cascudo,

O vocabulário, a *synthese* e a *ortographia* são, no “Livro de Poemas”, **bem brasileiras. Brasileiras do Norte**. Com todo vigor pictórico. Cada poema trouxe o seu contingente em perfeito equilíbrio. Um nortista reconhecerá a riqueza da *synonimia* empregada no livro de Jorge. N’alguns poemas (Enchentes, Fogo de Pasto, Avoêtes, Canção do Littoral, nos poemas das Serras) ha exemplos innumerados de vocabulos somente conhecidos nas regiões do septentrião brasileiro. Jorge tinha o cuidado detalhado de *scientificar-se* da propriedade insubstituível do termo antes de emprega-lo. Modismos idiomáticos, frases de comparação, tics regionaes, todos foram fielmente registrados, sem desejos de *philologia-tatú-canastra*, mas pelo necessario indumento (CASCUDO, 1997, p.VI e VII. Grifo nossos).

A defesa entusiasmada em torno da renovação da arte brasileira logo cede espaço a um Câmara Cascudo mais reflexivo quando o assunto é o processo de transformação operado no espaço do sertão nordestino. O texto “Gado de longe” (*A República*, 25 de março de 1928) foi o instrumento que o autor se utilizou para tematizar sobre a questão. Aqui, a voz do crítico é substituída pela do narrador que aos poucos nos conta o processo de mudança acontecido na vida do vaqueiro Simeão, quando o jovem e empreendedor Ernesto resolveu modernizar o processo de produção em sua fazenda. Na narrativa, Câmara Cascudo introduz a figura do velho vaqueiro como o elemento estranho a todo aquele processo. Na voz do narrador, ele escreveu: “Todos os outros se adaptaram, esquecidos do dia anterior. Só elle era o velho Sertão sem fim e sem nome, perdido na luta inglória de viver, marcado para o desaparecimento, prompto para o sacrificio”. O desfecho dessa narrativa se dá quando o patrão, após ter introduzido novos hábitos na vida dos empregados e feito uma radical transformação na infra-estrutura da fazenda, substitui o rebanho por outra espécie de gado, o zebu, vinda do estrangeiro. Para o velho vaqueiro, o gado “é que era inteira e claramente a razão de sua vida. Era quem lhe entendia o canto dolorido do abôio, o correr do cavallo, a loucura d’arrancada do mato, atraz do boi fugitivo”. Entretanto,

[...] o gado de estrangeiro, o gado invasor, o musculoso, o perfeito. Zebus, de corcova *camellina* ao cachaço, caracus enormes, bois. Herefords, pezados e scismarentos, bois indianos, amarellos e ageis, iam e vinham machinalmente no âmbito estreito.

[...] E aquelle amontoado vivo de corcovas e dorsos robustos não se agitaria quando elle soltasse na hora triste da tarde sertaneja a plangência monotona do aboio...

Em um ato de desespero, pois acreditava que já não tinha mais nenhuma utilidade naquele espaço transformado, o vaqueiro resolve a situação ateando fogo ao curral e, junto ao gado de longe, se dissipa nas grandes “labaredas como ondas d’água vermelha e atroadora erguidas para o alto”.

Sem emitir diretamente um juízo de valor diante da situação narrada, o autor nos deixa entender que o processo de transformação que se implementara naquele espaço tinha sua face desagregadora, uma vez que a inadequação de alguns dos seus elementos colocava em desarmonia o que foi feito para ser entendido como algo normal diante das transformações que o mundo moderno oferecia. De certa forma, tal processo colocava em um confronto direto as forças de um passado - com todos os seus costumes e tradições - e as de um presente em que o novo era o principal motivo. No caso da narrativa ora comentada, vimos que Semeão é a voz da tradição sertaneja isolada, sozinha que, perante à inovação, sucumbe por não mais ter nenhuma função naquele espaço que ora se modificava³⁸. Aqui, entendemos como radical a atitude do autor, uma vez que não existiu o processo da mediação entre o que já estava presente, a tradição, e aqueles elementos que se propunham como inovadores. Com a morte da tradição, representada na figura do vaqueiro, parece não sobrar argumentos para mostrar que aquelas duas forças poderiam conviver em um espaço em que a natureza dos elementos tradicionais se fazia caracteristicamente forte. Se imaginarmos a realidade sertaneja de hoje, podemos verificar que muitos dos seus traços do passado ainda se constituem como elementos representativos daquela cultura que atravessara as barreiras do tempo para se fazer ainda presente no momento atual. Contudo, não devemos acreditar que tais elementos permaneceram cristalizados, haja vista que, com o passar do tempo, vários outros elementos advindos de realidades diferentes foram inseridos naquele espaço. Neste sentido, entendemos que a atitude do autor se apresenta como uma preocupação com o desaparecimento daquela tradição, ou seja, parece que, para o autor, ainda não estava bastante claro que o processo de tradição era algo dinâmico e que mesmo com a inserção de novos elementos essa tradição possuía mecanismos suficientes para resistir em vários aspectos. Roberto Schwarz, ao fazer a análise do poema “pobre alimária”, de Oswald de Andrade, no célebre texto “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, chama a atenção justamente para o aspecto em que a o poeta resolve essa tensão entre os elementos do passado e a modernidade. O crítico, ao concluir seu pensamento, afirma:

³⁸ O assunto de transformação do espaço rural tradicional foi trabalhado por Graciliano Ramos em *São Bernardo* (1934). Na narrativa, Paulo Honório resolve mudar radicalmente a estrutura da fazenda que adquirira, transformando-a em um moderno latifúndio, fato que gera inúmeras complicações no decorrer da narrativa.

Portanto, a modernidade no caso não consiste em romper com o passado ou dissolvê-lo, mas em depurar os seus elementos e arranjá-los dentro de uma visão atualizada e, naturalmente, inventiva, como que dizendo, do alto onde se encontra: tudo isso é meu país (SCHWARZ, 1997b, p.22).

Por outro lado, acreditamos que a atitude do autor nesse texto põe em suspensão todo um discurso em torno do processo de modernização iniciado no interior do estado, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, nos governos de José Augusto e Juvenal Lamartine. Isso pode ser decorrente da dificuldade do autor aceitar a presença da modernização dos espaços sertanejos, pois era algo que ele ainda não sabia como resolver, uma vez que as transformações que o processo impunha eram uma forte ameaça às tradições sertanejas. Contudo, em vários outros textos, Câmara Cascudo defendia que o processo de transformação que ocorria no estado, deveria ser bastante festejado. Ele estava sempre reforçando a idéia de que com a ousadia daqueles governos houve um maior intercâmbio entre a cultura sertaneja e a população que vivia no litoral, e, mais especificamente, na capital do estado. Entendemos também que a preocupação do autor, abstraída a partir desse texto, se estende a todo o conjunto da sociedade brasileira que naquele momento tinha a sua atenção voltada para o consumo das novidades, incorporando ao espaço nacional, desordenadamente, todos os elementos estrangeiros que se apresentavam com tal.

Conforme já ficou claro na análise de Roberto Schwarz, o poeta Oswald de Andrade, no campo específico da arte, resolvera essa tensão entre o passado e a modernidade. Tanto no manifesto da *Poesia Pau-Brasil* (1924) como no *Manifesto Antropófago* (1928) o assunto é tratado. Com a criação da antropofagia, o poeta decreta que o problema entre os elementos do estrangeiro e toda a nossa herança cultural seriam resolvidos através de um ato em que “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” (ANDRADE citado por TELES, 1999, p. 353). O final disso tudo seria o surgimento dos elementos matrizes para a reelaboração de um novo tipo de arte, antropofagicamente nossa, desrecalcadamente brasileira, uma vez que, naquele momento “as nossas *deficiências*, supostas ou reais, são reinterpretadas como *superioridades*” (CANDIDO, 2006, p.127). Provavelmente, o autor potiguar não tinha conhecimento das idéias de Oswald de Andrade contidas no *Manifesto Antropófago*, já que o manifesto foi publicado posteriormente ao texto de Câmara Cascudo, em de maio de 1928, no primeiro número da *Revista de Antropofagia*.

Novamente o processo de modernização da capital do estado volta a ser discutido em dois textos publicados por Câmara Cascudo, “Por que não temos um centro musical?” (A

República, 03 de maio de 1928) e “Eu não temo a mocidade” (*A República*, 07 de junho de 1928). O autor demonstra, no primeiro, uma espécie de insatisfação com o processo de evolução mental da cidade, ao mesmo tempo em que faz, no segundo, inúmeros elogios ao presidente Juvenal Lamartine e as suas ações de governo. Para Câmara Cascudo, as condições rumo ao progresso e ao desenvolvimento estavam postas na capital e no interior, porém, o que não existia era uma reação em torno da elevação do seu patrimônio intelectual. Neste ponto, ele se refere diretamente às atividades musicais, uma vez que em Natal “nós não ouvimos musica há muito tempo”. A proposta de Câmara Cascudo, para se resolver o problema, fora no sentido de que os elementos esparsos da capital se reunissem e lutassem pela educação artística da cidade, criando um centro musical, cujo objetivo seria, nas palavras do autor: “equilibrarmos o desenvolvimento mental ao prodigioso desenvolvimento material do Estado”. Justificando a sua idéia, o autor nos dá um panorama de como estaria o estado brevemente:

Nós vamos de certo concorrer para um conjunto harmonico. **O Rio Grande do Norte vai ouvir breve-breve rythmos novos de vida nova.** Rythmos de tractores e de arados, rythmo de autos e caminhões bojudos de carga, rythmos de algodoaes bracejantes, **rythmo ondulante da cannaviaes** rythmo do vozear nas escolas, **rythmo das usinas**, dos rios descendo, de todo vigor eterno com que o homem disciplina e orienta a força convulsa da natureza.

Bem seria que a musica, coherentemente, desse um ar de sua graça. Era outro som, mais cerebral e eterno, subindo para o alto, para o caminho sem rasto dos aviões trepidantes³⁹ (CASCUDO, *A República*, 03 de maio de 1928. Grifos nossos).

É revelador o entusiasmo de Câmara Cascudo com o processo de modernização do estado. Essa atitude do autor reforça cada vez mais o distanciamento entre as idéias dele e as do grupo de Recife, que defendia a conservação de um estado mental apegada ao passado como forma de garantir a continuidade de uma estrutura com resquícios da época colonial⁴⁰.

³⁹ Nesse momento, o que nos chama a atenção é ato de Câmara Cascudo incluir como elemento de vida nova o “rytmo ondulante dos cannaviaes” e o “rytmo das usinas”, em contraste visível com aqueles momentos em que o autor se mostra simpático ao antigo ritmo da região dos engenhos de Pernambuco.

⁴⁰ Mesmo diante da enfática defesa em torno da modernização, Câmara Cascudo, em alguns momentos, parece comungar das mesmas idéias do grupo de Recife. Como exemplo, temos o texto em que ele defende o modelo de construção colonial, um dos elementos usados na pregação regionalista. Em “A casa neo-colonial” (*A República*, 28 de junho de 1928), o autor enfatiza que “a casa racional é a casa velha, segura, firme, plantada no solo como uma garantia à perpetuidade da família. A casa velha dos engenhos e a casa-grande das fazendas, são verdadeiramente, o legítimo, o glorioso lar onde a raça se apromptou para ir bater o hollandez, semear cidades em cima das montanhas e recuar para oeste o meridiano espanhol. Nos lares apalaçados, coroando collinas pintadas pelo verde ondulante dos cannaviaes preparou-se aquella serie de gente boa e sadia, testuda, arrogante e altiva, que dirigiu o Brasil, creou-o, administrou-o e defendeu-o [...]. A raça dirigente sahiu de casas amplas,

Neste sentido, Câmara Cascudo proclama com todas as palavras a ação renovadora que estava acontecendo no Rio Grande do Norte. No entendimento do autor, o estado possuía todos os ritmos necessários para o seu ingresso ao mundo do progresso, do desenvolvimento, da modernização, mesmo assim ainda faltavam a este os ritmos da atividade intelectual para habitá-lo por completo. Toda essa euforia do autor é reforçada pelos comentários que ele faz do discurso do Presidente Juvenal Lamartine, quando o titular do executivo estadual proclamara a todos que não teme a mocidade. Justificando a defesa, o autor escreveu:

[...] Não a teme por que se identificou com ella. A solidariedade deste governo aos Novos não é meramente rethorica, phrase bonita de mensagem e fala de sobrezeza. Um presidente que guia automovel, viaja de avião, discute litteratura, dirige politicamente a campanha do Feminismo Brasileiro⁴¹ é pouco parecido com as figuras hirtas e que quatrienalmente recebem dithirambos nos Estados. Numa cidade onde o Palacio não tem bayonetas, nem os chefes de serviço são invisíveis o rythmo deve ser, incontestavelmente, outro.

A atitude de Câmara Cascudo não fora, contudo, somente no sentido de proclamar a modernização acontecida no estado. No texto “Actualidade de problemas velhos” (o problema do Valle do Ceará-Mirim ha dusetos annos), *A República*, 25 de outubro de 1928, o autor aponta os entraves que fizeram com que a região produtora da cana-de-açúcar no estado não prosperasse. A conquista do vale açucareiro, segundo ele, só aconteceu no século XIX, porém “as cousas que retardaram o progresso do valle e dos seus agricultores são ainda estudadas no seculo XVIII (1799)”. Na verdade, o emperramento do progresso da região se deu, segundo o autor, devido a

desunião dos senhores de engenho, a falta de unificação commercial para regular a sahida do producto, a carência dos transportes, tudo o Senado da Camara de Natal lembrou e reclamou a Dona Maria I Rainha Nossa Senhora...

largas, varridas do sol, abertas para visões eternas da belleza nos horizontes recuados e lindos [...] A casa brasileira deve ser lógica e confortável. Acima te tudo simples comprehensivel e sympatica. Disto é que se deveria tratar em vez de pregoar-se Arte Moderna”.

⁴¹ Sobre a questão do feminismo, Câmara Cascudo publicou o texto “A outra Berta Lutz” (*A República*, 12 de julho de 1928). No texto, o autor discute sobre Berta Lutz, a líder feminista, ao mesmo tempo em que faz considerações sobre a outra atividade exercida pela ativista como secretária do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A partir das observações do autor, podemos perceber que existia um de clima de ressentimento pela falta de prosperidade do elemento cana-de-açúcar no solo potiguar. Provavelmente, se essa região destacada pelo autor tivesse investido no cultivo e beneficiamento do produto, a história econômica do estado seria outra. Como sabemos, a grande prosperidade do Nordeste, desde os idos coloniais até metade do século XIX, ocorreu em torno da produção e do comércio do açúcar. Coube, então, ao estado de Pernambuco a grande liderança comercial e, conseqüentemente, a liderança política da região. Entretanto, o estado do Rio Grande do Norte só teria uma maior viabilidade econômica no início do século XX, momento em que

a expansão e consolidação da lavoura algodoeira, voltada para o abastecimento de fábricas têxteis do Sudeste, correspondeu ao processo de integração da economia norte-rio-grandense à Divisão Internacional do Trabalho, em estruturação entre o final do século XIX e o começo do século XX (MONTEIRO, 2007, p.134).

Os efeitos políticos dessas mudanças na estrutura agro-econômica se deram com a chegada ao poder dos representantes da economia algodoeira-pecuária, grupo que, de certa forma, estava se contrapondo à decadente economia do Nordeste açucareiro, cuja oligarquia Albuquerque Maranhão era a principal representante política no Rio Grande do Norte. Segundo Monteiro (2007, p.135),

À crescente importância econômica da cotonicultura no Rio Grande do Norte correspondeu uma crescente importância política daquela parcela da elite agrária do estado que era ligada aos interesses da produção e comércio do algodão. Assim, foram os grupos políticos do Seridó – a mais importante área produtora de algodão no Rio Grande do Norte – que passaram a deter o poder, a nível estadual, nos anos de 1920, desalojando definitivamente do poder os Albuquerque Maranhão.

Essa mudança de rumo na administração política local fez com que os anos de decadência econômica fossem revertidos em expectativas e na tentativa de superação do atraso, objetivando colocar a vida local, da capital ao interior, em sintonia com algumas das transformações que marcaram as primeiras décadas do século XX no Brasil e no mundo.

O folclore nordestino foi um dos temas que também foram abordados por Câmara Cascudo nos textos publicados no ano de 1928. Nossa pesquisa identificou, no total, seis

textos sobre a questão. No primeiro deles, “Satanás no folk-lore nordestino” (*A República*, 22 de março de 1928), com o subtítulo “Historia, synonymia e morphologia satânica”, o autor faz uma pesquisa das várias acepções do demônio na cultura ocidental, dando maior enfoque para essa figura no espaço do sertão nordestino. Segundo Câmara Cascudo, a sinonímia diabólica é vasta no sertão, contudo, “o satanaz sertanejo é systematicamente um negro alto, magro, agil, com olhos raiados de sangue, dentadura rebrilhante, afoito, dansador, cantador, derrubador infatigavel. Os feiticeiros, a maioria dos curadores de rasto, são negros”. Para burlar a presença dessa figura, conforme demonstra o autor, usam-se orações, ensalmos e água benta. Porém, existe um outro elemento que confrontado com o diabo leva sempre a melhor: segundo Câmara Cascudo, “no nordeste brasileiro, todas as vezes que Satanás se mede com um cantador, perde inevitavelmente”. Aqui, temos o momento em que o homem do sertão se utiliza de um instrumento literário, uma vez que o cantador de viola é um dos representantes mais autênticos da cultura sertaneja nordestina, para exorcizar a presença do demônio. Neste caso, religião e arte (esta representada aqui pelo “violeiro ingênuo”, conforme classifica o autor) se fundem para se colocarem a favor da proteção e manutenção de um sistema de crenças e tradições, cujas bases de origem remontam ao passado da tradição ocidental. É interessante notar como esses dois elementos, religião e arte poética, sempre caminharam juntos, uma vez que suas presenças no Brasil acontecem com o processo de colonização e os desdobramentos seguintes. Nas terras áridas do sertão nordestino, a presença desses dois elementos mais o contato com outros elementos aqui existentes, ou advindos também do colonizador, adquiriram feições próprias para compor hábitos, costumes, lendas e tradições que povoam o universo folclórico e mágico dessa parte do Brasil.

Em outro texto, “Rosario de Beltran Nunez”⁴² (*A República*, 12 de abril de 1928), Câmara Cascudo continua o estudo da tradição sertaneja. Nesse texto, o autor procura justificar as características da linguagem do homem do sertão, a exemplo da ausência do plural, dentre outras questões, confrontando-as com vários escritos da tradição literária ocidental. Escreve o autor:

O sertão guarda (em breve este tempo de verbo será no preterito perfeito) prosodia velha e larga copia saborosa de archaismos. O encanto maior é encontrar vocabullos tidos por brasileiros, idiotismos e mais coisas feias de “origem desconhecidas” em serios livreções portuguezes dos seculos XV e XVI.

⁴² Ahamos que houve um erro na publicação do título desse texto, uma vez que, em 19 de abril 1928, Câmara Cascudo publicou outro texto com o título de “Rosário Beltran Nunez” para discutir sobre a poeta argentina de igual nome.

Em outro texto, “O rei mandou me chamar” (*A República*, 17 de maio de 1928), o autor faz um estudo da presença dos versos da canção “O Rei mandou me chamar”, no norte do Brasil, principalmente no sertão, e chega à constatação de que esta canção leve, fácil, doce, “inconscientemente incorporada ao nosso orgulhoso patrimonio cultural, é uma velhissima cantiga da Europa, estudada ha muitos annos, cantada por inummeros povos, em varias musicas, com a mesma vibração lyrica e afoitesa romantica”.

Dando continuidade ao estudo das tradições sertanejas, outro aspecto que chamou a atenção do autor foram as superstições metereológicas. Sobre o tema, ele publicou dois textos com o mesmo título, “Folk-lore do Rio Grande do Norte” (superstições meteriologicas I e II), *A República*, 1º e 08 de novembro de 1928. Nesses dois textos, Câmara Cascudo faz um inventário da questão metereológica na cultura ocidental para chegar à conclusão de que “o sertanejo do Nordeste Brasileiro estava inconscientemente ligado à meterologia romana a Lucrecio”. Dentre as várias colocações feitas pelo autor, uma mostra que o caráter religioso está intimamente ligado à essa tradição sertaneja, uma vez que, segundo ele, esta “é fiel as experiencias-da-chuva. As mais respeitadas e seguidas são tres. A da mancha-do-carreiro, a de Santa Luzia e a de S. José [...] usadas onde se encontre um sertanejo”. Dando prosseguimento à questão, podemos verificar que essa busca pela genealogia da tradição sertaneja é enriquecida quando o autor procura identificar outros elementos da cultura brasileira. O texto “Instrumentos musicais dos negros no norte do Brasil” (*A República*, 27 de setembro de 1928) serve para demonstrar o grande interesse de Câmara Cascudo em mapear a presença dos vários elementos na construção da cultura nacional. Segundo o autor, os negros trouxeram para o Brasil “o seu canto, as sua danças, as suas superstições. E tudo isso se dilue, num cadinho de trezentos annos, nalma sofrega das creanças, yayás e yoyôs birrentos e mimados aos peitos tortos das Mães-Pretas”. Provavelmente, todas essas questões foram retrabalhadas por Câmara Cascudo com maior intensidade na obra *Literatura oral no Brasil*, publicada em 1952. Neste trabalho, o autor mostra, dentre várias outras questões inerentes à nossa formação cultural, que é da fusão dos elementos indígenas, portugueses e africanos que se constitui o grande legado do nosso patrimônio musical.

De forma geral, o que podemos depreender dessa situação é que, tanto no estudo da formação literária quanto no estudo da tradição oral, a linha de pensamento converge no sentido de mostrar que a predominância do elemento europeu é fator determinante na nossa natureza cultural. Assim sendo, chamamos a atenção para a importância do estudo de Câmara Cascudo sobre essa problemática, uma vez que seu ponto de vista aponta em uma direção da qual não podemos nos desviar ao estudarmos a literatura e a cultura brasileira. Antonio

Candido, dentre outros estudiosos, confirma esse posicionamento através de trabalhos que buscam uma compreensão mais ampla do mesmo processo na literatura. Na verdade, o fato que deve ser considerado é a maneira própria como os elementos artísticos, frutos dessa relação não amistosa entre colonizador, índio e negro, subverteram uma suposta ordem hierárquica e transformaram/recriaram em algo próprio aquilo que lhes era imposto pela cultura dominante. Sabemos que a subversão desses elementos não elimina a presença dos elementos europeus da nossa cultura, pois a língua impregnada dos traços ideológicos do dominador foi a que prevaleceu. No entanto, conseguimos chegar a um estágio em que a nossa representatividade cultural é reconhecida pela heterogeneidade que caracteriza a mistura dessas raças e, sobretudo, pelo traço próprio imprimido diante de todos esses elementos cuja imagem e peripécias da personagem de Mário de Andrade, Macunaíma, é a mais forte expressão.

Nos textos de 1928, destinados à divulgação de obras e autores, Câmara Cascudo faz a apresentação de uma escritora da Argentina, Rosario Beltran Nunez, bem como divulga a revista mensal *Orientacion*. O texto que faz a apresentação da escritora foi publicado em 19 de abril de 1928 com o título de “Rosario Beltran Nunez”. Para o crítico, a autora de *Sol de Amanhecer* “é uma linda expressão da mentalidade da Argentina moderna”. Já a revista de crítica, arte e literatura, *Orientacion*, cuja apresentação foi feita no texto “Registro bibliografico”, de 08 de maio de 1928, destaca-se porque é “optimamente colaborada pelas mais altas expressões literarias da América”. Uma poetisa chilena também foi apresentada por Câmara Cascudo. No texto “Berta Quezada – poetisa chilena” (*A República*, 24 de maio de 1928) o autor faz inúmeros elogios às qualidades literárias dessa poeta, destacando, em sua análise, que “para Natal, cidade-leader do Feminismo, creio ter apresentado uma sonora e viva mentalidade sul americana”. Já na série de textos que são publicados com o título de “Bibliion”⁴³, aparecem o registro das obras de dois escritores estrangeiros. O primeiro texto é dedicado ao poeta argentino Rafael Jijena, autor do livro *Achalay*. A principal característica da obra, segundo Câmara Cascudo, é que “o poeta conserva os regionalismos idiomáticos e dedica o livro a Virgem del Valle, padroeira da terra amavel”. No segundo, publicado em 19 de junho, Câmara Cascudo comenta o livro *Horeb*, de Alberto Larran de Vere. Essa divulgação dos escritores estrangeiros demonstra que o projeto de intercâmbio, feito por ele,

⁴³ Nessa série de textos foram apresentadas ainda as seguintes obras: *Cânticos da terra jovem*, escrito por Eudes de Barros (*A República*, 26 de maio); *Diário de todos os amantes*, obra de Jayme d’Altavilla (*A República*, 29 de maio); *Bahianinha e outras mulheres*, de Ribeiro Couto (*A República*, 02 de junho); *Parahyba e a evolução de sua gente*, escrito por Paulo Bougard de Magalhães (*A República*, 06 de junho); *Caludio Torrigirs*, de Eugenio Julio Iglesia (*A República*, 09 de junho); *Paulistica*, livro de Paulo Prado (*A República*, 27 de julho) e *Dia de sol*, de Oliveira Ribeiro Netto (*A República*, 13 de outubro).

entre os escritores brasileiros e de outros países, ocorreu por praticamente toda a década de 1920.

Ainda no campo das artes, o autor publicou três textos que discutem a questão literária local. No primeiro deles, “O livro de Policarpo Feitosa”, *A República*, 20 de maio de 1928, é feita a apresentação do livro *Flôr do sertão*, escrito por Policarpo Feitosa⁴⁴. A leitura crítica de Câmara Cascudo começa fazendo a aproximação da obra com uma outra publicada naquele período, *A Bagaceira*, do paraibano José Américo de Almeida. Entretanto, no ponto seguinte, Câmara Cascudo recua e declara que “Flôr do Sertão” difere de tudo. Não é romance, nem novella, nem conto. Não é livro moderno nem antigo [...] É uma narrativa. Depoimento de uma sensibilidade”. Apesar de tecer inúmeros elogios ao livro do escritor conterrâneo, ele aponta o seu principal defeito:

Apezar de narração o livro se caracteriza pela notação psicologica. A paisagem não é viva. Há mais dinamismo psychico que pintura de natureza. O autor não é paysagista. Os espiritos de seus personagens preocupa-lhe mais a atenção que ao pincel de colorista [...] O enredo absorve inteiramente a paisagem. É um livro onde o homem anula a natureza circundante. O leitor segue o fio da intriga sem olhar o caminho. Como se viajasse de auto [...] Policarpo Feitosa é mais analista que pintor.

No segundo texto publicado sobre a arte local, “Fabião das Queimadas” (*A República*, 02 de agosto de 1928), Câmara Cascudo faz a apresentação do poeta cantador do sertão, o ex-escravo Fabião das Queimadas. A figura do cantador chama a atenção do crítico pelo fato de ele ter uma

Timidez atávica da raça oprimida e subjugada por três séculos de chicote e feitor. As figuras vinham lentas. Poesia barbara, sem paisagem com as canções de gesta, vivo ritmo nas colcheias de oitossílabos accezos, imaginação selvagem e brutal, mnemonica, registrando, automatica, o ciclo visível da vida sertaneja. Não contou batalhas nem teve desafios ruidosos. Mais íntimo, mais meigamente nosso, Fabião foi o cronista das vaqueijadas, herança bravia das arrancadas doidas furando o marmelleiro embastido.

⁴⁴ Esse era o pseudônimo usado por Antonio José de Melo e Souza (1867-1955), que fora governador do estado nos períodos de 1907-1908 e de 1920 a 1924.

Dentre as inúmeras qualidades daquele poeta, o autor chama a atenção para o fato de ele ser o “derradeiro cantador do sertão, do agreste, ultimo fidalgo desta extinta raça de vates valorosos e naturaes”.

No último texto sobre a literatura local, o texto “Manoel Segundo Wanderley”, *A República*, 30 de agosto de 1928, Câmara Cascudo comenta que Segundo Wanderley “é o poeta mais conhecido do Rio G. Do Norte e um dos tres ou dois que passaram a fortaleza dos Santos Reis Magos, limite geographico da fama litteraria potyguar”. Diante da importância do poeta para a cidade, o crítico declara ainda que:

É um nome epoca. Um marco na sensibilidade cidadina. Um poeta que convulsionava o socego das almas como um vento encrespador de muralhas no espelho immovel das lagôas. Nem por não o termos como semelhante diminue o dever moral de lembra-lo. Elle foi o pregador da Belleza, um plantador de arvores cujas sombras se estiram, saudaveis e acolhedoras, aos nossos ombros modernos. Foi um dos que ajudaram a lançar, nagua escura do diluvio, a arca onde se reuniu toda a manifestação da litteratura provinciana. Poeta grande em sua grandeza imaginativa, em sua bondade serena.

É interessante notar o momento em que Câmara Cascudo faz referência ao poeta como sendo um daqueles que contribuiu, de alguma forma, para intensificar a atividade literária local, atividade essa entendida por ele como “manifestação da litteratura provinciana”. Cabe aqui questionarmos, então, em que sentido o autor está utilizando o conceito de manifestação da literatura, uma vez que esse termo só seria utilizado pela crítica literária tempos depois, na famosa construção de Antonio Candido, quando conceitua a formação da literatura a partir da diferenciação entre *manifestação literária* e *literatura* propriamente dita. Ao distinguir os dois conceitos, Antônio Candido entende que a literatura propriamente dita passa por um processo que ele assim descreve como

[...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (CANDIDO, 1993, p. 23 e.24).

Todos esses fatores são fundamentais para se formar a tradição literária, o que, segundo o crítico, é uma espécie de

[...] transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem essa tradição não há literatura como fenômeno da civilização.

Antonio Candido está se referindo ao sistema como um conjunto que engloba a produção literária do país e a tradição como uma forma de dar a essa produção poética uma feição que auxilie no processo de construção da representatividade nacional. Obviamente, a provinciana Natal, à época em que vivera o poeta Segundo Wanderley (1860-1909), diferentemente dos centros culturais do país que tinham atividades culturais mais intensas e organizadas, não possuía as condições referidas pelo crítico local para nela se constituir um sistema literário orgânico e com vida própria. No entanto, entendemos que a idéia de Câmara Cascudo caminha no sentido do que Antonio Candido chamaria, anos depois, na famosa obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Para o crítico potiguar, a natureza dos elementos literários esparsos, com os quais contribuíram, dentre outros, Segundo Wanderley e Ferreira Itajubá, possuía em sua constituição os indícios de uma tradição incipiente que, mesmo assim, poderia caracterizar a natureza da arte literária local. Consciente de tal situação, ele, o crítico, empreendera um trabalho que teve por objetivo sistematizar e apresentar à intelectualidade da época as bases formadoras daquela tradição.⁴⁵ Em seguida, Câmara Cascudo articulou, na provinciana cidade do Natal, uma ação intelectual que foi capaz de produzir arte literária dialogando com o passado, ou para dizer como o poeta Jorge Fernandes, no famoso poema, “Remanescente”, que abre seu livro e que representa a síntese dessa questão: “Sou como antigos poetas natalenses”/“Ah! Eu sou a remanescente dos poetas”.

O fato mais importante da situação acima é que, através da ação de Câmara Cascudo, uma obra produzida no estado adquiriu uma nova feição, passando a integrar o conjunto de obras da produção artística nacional e alcançando leitores determinantes para o seu valor, a exemplo de Mário de Andrade. Esse fato tem um significado para a inteligência local da época, uma vez que, se no cenário das transformações políticos-administrativos o

⁴⁵Sobre essa questão, conferir os capítulos I e II da nossa dissertação de mestrado, momento em que fazemos uma leitura da ação de Câmara Cascudo na década de 1920 (FERREIRA, 2000).

estado tinha despontado como promissor, no campo das artes possuía intelectuais com significativa expressão, cujos passos ensaiados seriam capazes de colocá-los dentre as figuras que estavam na vanguarda intelectual do país daquele momento. Assim sendo, as décadas seguintes serão decisivas para Câmara Cascudo se consolidar como um dos pensadores brasileiros preocupados em contribuir para o processo de compreensão da cultura nacional. Ações como as empreendidas pelo escritor potiguar revelam-se, ainda, como um dos momentos mais importantes do modernismo brasileiro, uma vez que a “conquista magnífica da descentralização intelectual” possibilitou que as várias realidades locais entrassem para a pauta de discussão da arte nacional, ou seja, para Mário de Andrade, “o movimento modernista pondo em relêvo e sistematizando uma ‘cultura’ nacional, exigiu da Inteligência estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguazes [... Natal]” (ANDRADE, 1972, p. 248).

Em relação ao ano de 1929, a pesquisa identificou oitenta e um textos publicados por Câmara Cascudo no jornal *A República*. Desses total, seis foram publicados com o título de “Diário dos 1.104 klmts”⁴⁶, entre os dias 29 de janeiro e 03 de fevereiro de 1929, e se referem diretamente à viagem feita por Câmara Cascudo, Mário de Andrade e Antonio Bento de Lima ao sertão do Rio Grande do Norte, chegando até a Paraíba, no período de 18 a 22 de janeiro daquele ano. O que caracteristicamente marca esses textos, que Câmara Cascudo chama de “notas”, é a forma telegráfica com que o autor os escreveu, tentando, provavelmente, dar à escrita uma idéia da agilidade experimentada durante a viagem. A bordo de um automóvel Oakland, o grupo vai em direção ao sertão, local que durante muito tempo permanecera isolado da capital, haja vista as poucas condições de acessibilidade que se tinha. A viagem do grupo modernista é marcada por um momento em que o velocímetro do automóvel passar a ser uma espécie de medidor oficial do tempo, inclusive o próprio título das notas tem relação com essa questão. Nas notas, rapidamente, como em um vídeo *clip*, as imagens do sertão e as ações do grupo, principalmente as impressões do autor, são registradas (a mobilidade apresentada no texto nos faz lembrar a forma como Mário de Andrade concebeu a movimentação da personagem Macunaíma). Senão, vejamos:

⁴⁶ Nas anotações de Mário de Andrade sobre essa viagem, existe a diferença de um quilômetro na distância percorrida: “Às 17 e 40 fechamos o “O” da viagem topando com a estrada de Lajes, tomada na manhã de 5 dias atrás. A boca-da-noite fecha rápida. Desilusória como todo fim da viagem. Macaíba. Às 19 e pico, triângulo elétrico da capelinha de S. Pedro no Alecrim. Natal. Mil cento e cinco quilômetros devorados” (ANDRADE, 1976, p. 301).

De Natal – Lages corre-se entre matto secco [...] a estrada torta se direita e dispara em rectas saborosas pedindo os noventa kilometros no velocimetro. Depois de juremas, pedras e facheiros, os pereiros gritam um verde humido. O joazeiro continua pintado de inverno, desmentindo o negro-cinzento do ambiente. É agora um estirão saccodido, puchando nervos para um grito de vida. Depois as filas de sal amontoado. Barracas dum acampamento. E, no fim do aterro, Macau (18-1-29) (I, *A República*, 29 de janeiro de 1929).

Que pulos! O auto charlestonea, trepando, esbarrando, parando, bufando. Anoitece. De cinco em cinco minutos dão distancias differentes. Uma falta abosluta do senso das distancias. Vento rodador. Ceu pintado de chumbo. Friozinho traz-chuva [...] Chuva. Vento. Trovão. Relampago. Relampago iluminador, num livido ornamental, a trilha sinuosa [...]. o carro adianta-se inquirindo pelas perguntas medrosas e detalhadas. Pavor de Lampião. Às nove horas estamos no “hotel” de Justino Ferreira, já jantados, ceitados, enxutos e deitados. Salomão Salles Levy, inglez que fugiu do “fogo” londrino para ser agente da Meza de Rendas em Bôa Esperança, encarrega-se de conversar. Os vagalumes riscam o quarto. Adormeço (V, *A República*, 02 de fevereiro de 1929).

Porém, diferentemente do que pode parecer - a rapidez como inimiga da perfeição, conforme sentenciam o ditado popular - os estudiosos tudo anotam, bem como tudo registram na memória. Mário de Andrade aproveitou os apontamentos feitos durante viagem em seus estudos, publicando, inclusive, as anotações do diário em crônicas de jornais e o livro cujo título é *O turista aprendiz*. Já Câmara Cascudo, conforme já vinha dando atenção à tradição do sertão, intensificou o trabalho a partir daquele ano. De certa forma, a viagem do grupo ao interior do estado serviu para os dois estudiosos terem um maior contato com a realidade e a tradição sertaneja, além de testemunharem o processo de transformação pelo qual estava passando aquela região do estado (lembramos que a viagem de automóvel só fora possível graças aos investimentos feitos pelo governo do estado na construção de estradas)⁴⁷.

O momento da visita às salinas de Macau é o instante em que Câmara Cascudo mostra para o leitor que alguns dos elementos que caracterizavam o processo da modernização estavam, de fato, presentes naquele espaço. Segundo o autor observa, na crônica número II (*A República*, 30 de janeiro de 1929):

Em Macau limpei o olhar no cinzento da paisagem que a seca mastigara em poeira. Deu a salina a nota de alvura que faltava à vista de ver escurezas soturnas e monotonas. Um gosto sereno, correr sereno entre as barreiras de sal. E na tarde os moinhos redondos rodavam, lentos [...] Sal do anno passado. Trituração. Horário de

⁴⁷Entretanto, mesmo diante do otimismo vivenciado perante aquelas transformações no espaço sertanejo, o escritor paulista registra em seu diário a indignação frente à situação de miséria em que vivia muitos daqueles que ali moravam.

trabalho. Preferencia pelas horas da noite. Dois mil operarios grudam a vida aquelles montes que parecem areia do morro.

Além dos textos/notas sobre a viagem ao sertão, os demais textos publicados em 1929 possuem os mais variados assuntos possíveis. O primeiro deles foi publicado a 1º. de janeiro com o título de “Desembargador Antonio Ferreira”. Nesse texto, Câmara Cascudo destaca o quarto centenário do poeta e desembargador português Antonio Ferreira. O autor destaca, também, que uma das principais defesas do poeta foi em torno da língua portuguesa, e que ele fora um dos primeiros defensores da democracia, muitos antes que se falasse nela.

Seguindo essa linha de raciocínio, em torno de assuntos mais gerais, o autor publicou vários outros textos; na verdade, contabilizamos vinte e três. Neste sentido, os temas ligados à realidade local, nacional e estrangeira continuaram na pauta de discussão dos seus textos esparsos. A título de exemplificação, já que são muitos os textos com temas variados, podemos citar “Senso da decoração doméstica” (*A República*, 27 de março de 1929), momento em que o autor discute a ausência de sensibilidade na decoração doméstica brasileira, o que, segundo ele, ocorre devido à falta de educação voltada para a questão e à falta de estímulo intelectual e artístico desde a infância, dentre outros fatores. Em outro texto, “A victoria dos trabalhistas ingleses” (*A República*, 20 de junho de 1929), podemos perceber como existe uma mudança substancial em torno dos assuntos. Neste segundo texto, ele comenta a vitória comunista na Inglaterra, os aspectos da política liberal dos Comuns e dos trabalhadores comunistas⁴⁸.

O folclore é um dos temas que aparece em cinco textos esparsos publicados em 1929, sendo inclusive um dos primeiros assuntos daquele ano. No texto “Folk-lore do Rio Grande do Norte (A tradição das estrellas cadentes e remoinhos)” (*A República*, 04 de janeiro de 1929), Câmara Cascudo refere-se à tradição das estrelas cadentes no sertão, mostrando como o sertanejo a conhece e saúda. Segundo o autor, esta tradição advém da descendência portuguesa, do Minho, fonte colonizadora do Brasil. Com relação ao “remoinho”, ele faz uma

⁴⁸ Os demais textos publicados com assuntos variados foram: “Os ‘amigos’ de Jackson...” (*A República*, 17 de janeiro); “Proteção aos aliados econômicos” (*A República*, 14 de fevereiro); “Prajadhipock de Sukhodaya” (*A República*, 17 de fevereiro); “Amanullah” (*A República*, 22 de fevereiro); “Quem descobriu o Brasil” (*A República*, 28 de fevereiro); “Sahida dos nossos trabalhos de artes” (*A República*, 03 de março); “Historia de gente coroada” (*A República*, 10 de março); “Imprensa divulgativa” (*A República*, 14 de março); “Angelo Roselli” (*A República*, 12 de abril); “Delenda 3 de maio” (*A República*, 15 de maio); “Tasso”, (*A República*, 23 de junho); “Cayrú” (*A República*, 27 de junho de 1929); “O endosso de Miguel Ribeiro Dantas” (*A República*, 4 de julho); “O outro Basílio Torreão” (*A República*, 06 de julho); “O presidente dos trinta e um ministros” (*A República*, 24 de setembro); “Bérgson” (*A República*, 18 de outubro); “Patriotismo Arithmetico” (*A República*, 5 de dezembro); “Briga parlamentar há oitenta annos!” (*A República*, 19 dezembro); “Junqueira Ayres” (*A República*, 29 de dezembro)”.

caracterização do fenômeno, bem como, insere a tradição popular no manejo com o vento, citando os ensalmos, rezas e santos que podem ajudar o sertanejo contra a fúria desse elemento da natureza. Em outro texto sobre o folclore, “Notas de philologia folklorica”⁴⁹ (*A República*, 10 de dezembro de 1929), Câmara Cascudo faz um apanhado de algumas expressões herdadas do português quinhentista ou seiscentista, que, muitas vezes, são considerados como brasileirismos. Escreveu o autor:

O elemento sertanejo inkystado e sem contatos com o litoral onde o idioma tinha sua renovação mercê da activa cambiagem entre Estados e Extranjeiros, ficou conservando, num ambiente rarefeito, antigas expressões, modalidades syntaticas do linguajar de antanho.

Ao estabelecer uma relação entre essas formas e o português daquela época, o autor se mostra preocupado também com o possível desaparecimento de tais formas, acrescentando que:

O sertão está esperando (e esperará pouco tempo porque dia a dia se transforma e desaparece) um analysta do seu linguajar. Um cotejo com o portuguez velho traria surpresas. Especialmente para quem vive collando disticos de “regionalismos” em todo vocabulo cuja origem não se dá o trabalho de procurar.

Como podemos perceber, a tradição foi um dos assuntos recorrentes nos textos de Câmara Cascudo publicados em 1929. Na verdade, encontramos oito textos que tratam do assunto diretamente. Dentre os destaques dados ao tema, a cidade de Caicó (“Caicó”, *A República*, 20 de março de 1929) é descrita pelo autor como o centro da tradicional cultura sertaneja. Situada na árida região do sertão do Seridó potiguar, Caicó é berço dos senhores plantadores de algodão, local de onde se irradiaram os mais expressivos elementos daquela tradição rumo ao litoral. Câmara Cascudo assim descreve a cidade seridoense:

⁴⁹ Os demais textos sobre o folclore publicados em 1929 são: “A Lenda de Santo Ivo (tradição Bretanha)” (*A República*, 27 de janeiro), texto em que o autor comenta a saga do santo advogado, que, ao tentar entrar no céu, trava uma batalha com São Pedro, reivindicando, juridicamente, seus direitos de ali permanecer; no texto “Carnaval! Carnaval” (*A República*, 10 de fevereiro), Câmara Cascudo comenta essa festa popular pagã, desde sua origem, passando pela introdução dos festejos no Brasil, como ainda descreve os elementos dessa tradição na cidade do Natal daquela época; já, no último texto, sobre a questão, “Folk-lore do Rio Grande do Norte (tradições do oceano)” (*A República*, 31 de março), o destaque é dado às tradições populares ligadas ao oceano, momento em que o autor estabelece uma ligação entre essas tradições das praias do Nordeste e os elementos folclóricos europeus, ocidentais, enfocando também as adaptações e modificações sofridas por eles quando se estabeleceram no espaço da região.

Plantada entre dois rios, Caicó tem mesmo o ar senhorial de Casa Grande de Fazenda rica [...] Ali o *homo seridoense* vence a terra antes de semear. Planta a terra antes da semente [...] Caicó é cercada, defendida e guardada pelas pedras. Elas sobem direitas ou se aglomeram em torrões, adarvando, numa dupla muralha ciumenta e feudal, o acesso à capital sertaneja.

Por outro lado, fora também da capital do Seridó que viera o presidente do estado responsável por grande parte da transformação que se processara naquele momento. Ao comentar sobre esse presidente que viera do sertão seridoense e as modificações que este operara, principalmente na capital, o autor assim se expressa:

José Augusto não ficou como um padrão de patriotismo **regional**. Nunca a cidade de Natal fora trabalhada. Com mais afinco e carinho. Um polvo de rodovias tentaculisou os municípios. As famílias tradicionais desceram para o litoral, construindo residências, fixadas em cercanias da cidade. Atividades legitimamente sertanejas vieram trabalhar em Natal. José Augusto presidiu este movimento de escoamento e de litoralização do Seridó. Os pneumáticos do seu automóvel puseram abaixo o muro **regionalisticamente** erguido depois da Serra do Doutor (Grifos nossos).

O sertão é tema ainda no texto “Arborização nas cidades sertanejas” (*A República*, 05 de abril de 1929). Ao começar o texto, o autor comenta que nas suas viagens de automóvel pelo sertão duas coisas lhe têm impressionado, o gradual desaparecimento do negro e a ausência quase total das árvores nas cidades do interior. Para a ausência das árvores, ele atribui uma ligação com o elemento colonizador, ou seja, “Herança do português, fazedor de charneca, o sertanejo é o homem que derruba a mata para ter o que elle chama ‘O limpo-da-casa’”. O autor desfaz o argumento de que a derrubada das árvores se dava em decorrência do plantio do algodão, demonstrando que a preocupação com o desmatamento já se fazia presente naquele momento. Segundo ele, “O plantio do algodão veio dar-lhe a desculpa do arrazamento sob pretexto econômico. Bateu o machado nas corôas-dos-rios e largos tractos de terra que conheci sombreados e frescos, encontrei-os devastados. E sem algodão”.

A preocupação com a tradição popular vai aparecer novamente em “A nossa universidade popular” (*A República*, 24 de janeiro de 1929) e “Proteção da alegria popular” (*A República*, 17 de março de 1929)⁵⁰. No primeiro texto, o autor comenta a proposta não concretizada do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em criar uma

⁵⁰ Em Cascudo (2005), esse texto aparece como tendo sido publicado em 17 de janeiro de 1929, quando, na verdade, a data correta é 17 de março.

Universidade Popular. Câmara Cascudo ressalta a importância dessa universidade para a vida intelectual do estado, que poderia servir de modelo a outros estados do país. Dentre as várias proposições de temas e oradores, o autor sugeriu que o governador do estado, Juvenal Lamartine, fosse o orador responsável para falar sobre a tradição das fazendas sertanejas. Já em “Proteção da alegria popular”⁵¹, Câmara Cascudo discute sobre a necessidade de se instituir, através dos organismos governamentais, um ambiente de conservação das festas populares tais como Bumba-meu-boi, Congos e Cheganças⁵², a exemplo do que estava ocorrendo em outros países. Para o autor, se tal proteção não acontecesse, esses costumes desapareceriam, uma vez que “o povo já não fará novamente outro Boi”⁵³.

Outros textos, ligados à questão de estabelecimento do aspecto tradicional no estado, foram escritos pelo autor no ano de 1929. Numa série de cinco textos, publicados com o título de “Notas para a história do Atheneu”, entre 21 de abril e 02 de junho de 1929, no jornal *A República*, é feito um levantamento com a finalidade de estabelecer a data de criação e funcionamento daquela que foi, por muito tempo, a principal instituição de ensino em Natal. Numa espécie de trabalho arqueológico, o autor restabelece do passado aspectos ligados à formação do Atheneu Norte-rio-grandense como: a data de criação, o primeiro diretor, primeiros professores e disciplinas, dentre outros detalhes. Segundo Mamede (1970, p. 19), Câmara Cascudo publicou, em 1961, o livro *Ateneu Norte-Rio-Grandense*. Portanto, acreditamos que os textos de 1929 serviram como base para o livro publicado quatro décadas depois.

Em outra série de cinco textos sobre a tradição, o autor publica, entre os dias 09, 10, 24, 28 de julho e 04 de agosto, os textos “Pall-Mall – Ceará Mirim”. Nesses textos, a cidade de Ceará-Mirim é descrita, a partir da visita que ele fez ao município, com todo o seu ar de recordação da velha arquitetura dos engenhos, simbolizada pelos “pontos de exclamação das

⁵¹ Alguns aspectos da tradição política e da genealogia das principais famílias do estado foram comentados também por Câmara Cascudo. Esses temas estão contemplados, respectivamente, nos textos “Mathias Maciel, linhagista” (*A República*, 24 de maio de 1929), “Os presidentes ‘titulados’ do Rio Grande do Norte” (*A República*, 24 de maio de 1929) e “Olyntho José Meira” (*A República*, 11 de agosto de 1929).

⁵² A preocupação com a tradição popular passou a ser um dos grandes motivos da atividade intelectual de Câmara Cascudo nos momentos seguintes. Os principais trabalhos nesta linha são *Vaqueiros e cantadores* (1937) e *Literatura oral no Brasil* (1952). Nas duas obras, o autor verticaliza o estudo desse assunto, tratado desde a publicação dos seus primeiros textos esparsos.

⁵³ Mário de Andrade já chamara a atenção para a necessidade de proteção dos elementos da cultura popular, quando publicou a crônica “Natal, 6 de janeiro, 22 horas” (*Diário Nacional*, 5 de fevereiro de 1929) e que se encontra reproduzida em *O Turista aprendiz*. No texto, o autor critica o fato de a polícia da cidade do Natal exigir dos blocos o pagamento de uma licença para estes se apresentarem. Mário observou essa questão bem de perto quando veio à cidade e, mais especificamente, quando assistiu à apresentação do Boi do Alecrim, no dia de Santos Reis, momento ao qual ele faz referência no texto. Segundo o escritor paulista, “seria justo é que protegessem os blocos, Prefeitura, Estado: construíssem palanques especiais nas praças públicas centrais, instituíssem prêmios em dinheiro dados em concursos. Duzentos mil-réis é nada pra Prefeitura. Pra essa gente seria, além do gozo da vitória, uma fortuna” (ANDRADE, 1976, p.267).

chaminés”. O autor comenta ainda que a cidade possuía um ar de calma, de recordação, apesar de sua luz elétrica e dos automóveis. A principal figura evocada do passado é a do Barão de Ceará-Mirim, e o engenho São Francisco é lembrado como o primeiro a esmagar os gomos de cana naquela região. Além de fazer o registro histórico, o autor dá conta da principal atividade econômica da região, dando ênfase também ao aspecto da memória cultural. Buscando restabelecer o fio da tradição nos descendentes do Barão de Ceará-Mirim, Câmara Cascudo descreve a ostentação em que viveu um dos filhos do Barão, Chandú. Este trouxe à cidade todo o luxo e nobreza de cortes como Londres e Paris. Os bisnetos do Barão dariam continuidade à tradição herdada. No momento da visita do autor à terra do vale, a continuidade dessa tradição estava acontecendo de outra forma e perante a presença de elementos modernos: o velho engenho São Francisco é transformado na Usina São Francisco. Vejamos o que ele escreveu:

Luis e Paulo Lopes Varella, os bisnetos do Barão de Ceará Mirim, passeiam e mostram-me a usina São Francisco. São elles os continuadores efficientes de Manoel Varella do Nascimento. Estes dois rapazes, os “*meninos de Varella*”, repetem modernamente o esforço continuo de seu bisavô [...]

São Francisco safrejará nove mil saccas de assucar. Um decimo da produção total do Valle inteiro. Dará uma produção diaria de duzentos e vinte saccas. Mil trezentos e vinte kilos em horario de tarefa quotidiana.

Agora os manos conversam. Fico fumando e ouvindo. Correm cifras, planos, temas, projectos. Visito as machinas, tanques, caldeiras motores. A um canto um dynamo espera o minuto de accender suas vinte mil velas. Mostram galpões, armazens, salas. A teia dos andaimes aranhóla e edificio.

A partir da tentativa de reconstrução da memória açucareira no vale do Ceará Mirim, podemos perceber que Câmara Cascudo está dialogando, de certa forma, com as idéias propostas pelo movimento regionalista de Gilberto Freyre. Entretanto, o escritor potiguar parece se distanciar da posição assumida pelo líder pernambucano, uma vez que ele não percebia a tradição colonial como forma de apego saudosista ao passado da região. A tradição colonial para o escritor potiguar seria, então, o elemento a partir do qual se impulsionaria o presente: o progresso da usina São Francisco não acontecia por acaso, nem de forma aleatória, por trás da produção diária das duzentas e vinte sacas de açúcar existia todo um processo anterior, o qual teve origem na figura do Barão de Ceará-Mirim de quem os seus sucessores herdaram o modo de administrar a atividade de beneficiamento da cana-de-açúcar. Nesta perspectiva, o que restou do passado foi o traço cultural herdado e a identidade daquela região que precisava ser continuada dentro das perspectivas da nova conjuntura, uma conjuntura que

estava permeada pelo processo de modernização da sociedade e, conseqüentemente, pelos novos meios de produção.

Em *O Turista Aprendiz*, Mário de Andrade também registrou alguns aspectos de funcionamento dos engenhos Bom Jardim e Canhaú, no momento de sua visita em 1929, quando estava acompanhado de Câmara Cascudo e Antonio Bento de Araújo Lima. Nas crônicas do diário modernista de Mário de Andrade, o Engenho Bom Jardim possui “ainda processos bem primários de fábrica...” (p.272). Tanto em Mário como em Câmara Cascudo a tradição dos engenhos de cana-de-açúcar é trazida à discussão sob a ótica do processo de modernização. O que vai distinguir as posições desses escritores com relação à retomada da tradição em Gilberto Freyre é a maneira como eles percebem esse elemento. Gilberto Freyre vê a tradição colonial e, por conseguinte, a atividade dos engenhos no Nordeste – incluindo-se aí a tradição dos senhores de engenho e o mando patriarcal na região – como o ponto de partida para a retomada do crescimento nordestino, conforme esclarece a seguinte análise:

[...] o Regionalismo nordestino da década de 20 – através de seus intérpretes – perfaz a historia em sentido contrário, proclamando uma tradição incrustada no tempo, elevada a mito e a liturgia pela compensação simbólica de valores culturais tornados edificantes sob o aval da colonização [...] Assim sendo, a ideologia da tradição libera o discurso reivindicatório de uma cultura (a nordestina) como síntese da nacionalidade brasileira, com o fito de mascarar a dialética mais profunda do confronto entre a antiga sociedade de base rural e a nova sociedade que se reorganiza em bases urbanas (D’ANDREA, 1992, p. 46).

Por sua vez, Câmara Cascudo vê essa tradição nordestina dentro de uma linha evolutiva, a qual, se não resolve a dialética apontada no estudo acima, mantém com esta uma convivência harmoniosa: em Câmara Cascudo, o elemento que simboliza o passado colonial (o engenho tradicional) se traduz em força continuadora tanto da atividade comercial quanto do aspecto cultural da região. Do mesmo modo, Mário de Andrade, ao descrever o processo rudimentar de funcionamento do Bom Jardim, mostra a inadequação do engenho ao tempo em que a máquina começa a reinar. Neste sentido, escreveu Mário de Andrade:

Como se vê são ainda processos bem primários de fábrica... Os pessimistas falam que pelo menos trinta por cento do açúcar perde. Parece muito... Porém vinte por cento que seja, o brasileiro já está cansado com os 400 anos de banguê... Pede usinas. O “coqueiro” se inspira e na **“pancada do ganzá” celebra as turbinas modernas...** (ANDRADE, 1976, p. 272. Grifo nosso).

Neste caso, podemos ver que a apologia feita por Câmara Cascudo à modernização apresenta elementos de forma contraditória, pois se, em um momento, ele a caracteriza como um processo que proporciona o desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que dá continuidade a uma tradição cultural herdada no vale do Ceará Mirim, em outro momento, essa mesma modernização é causadora do desaparecimento das tradições sertanejas, conforme o autor atesta nas crônicas do “Diário dos 1.104 Klmts”. Mesmo assim, achamos que o intelectual norte-rio-grandense soube resolver a questão: para a ele, a modernização deve ser um princípio de desenvolvimento baseado na solidificação das estruturas existentes, e não a simples proclamação do novo como forma de destruição dos traços remanescentes de um passado que simboliza a história e a cultura de uma comunidade. Para irmos mais além nessa questão, podemos verificar que tanto Mário de Andrade como Câmara Cascudo tinham consciência dessa contradição, a qual para eles não era empecilho para o progresso e sim uma força motivadora caracterizando e redefinindo os padrões de uma nação que procurava se inserir em uma nova órbita de valores, fossem eles políticos, econômicos ou culturais.

Além da preocupação com a tradição popular, Câmara Cascudo se ocupou da cidade do Natal, lugar onde ele viveu toda sua vida. Naquele período, a cidade adquiria novos ares, uma vez que as mudanças vivenciadas em outros espaços urbanos também começaram a aparecer na provinciana capital potiguar. Foi, portanto, sobre a modernização e alguns outros aspectos da vida da cidade, na segunda década do século passado, que o autor escreveu vários textos esparsos. Além dos nove textos que já identificamos, publicados no ano de 1929, com referência direta à cidade, em vários outros textos o autor também se ocupou em descrever, comentar, enaltecer e até, mesmo, se posicionar contrariamente a alguns aspectos daquele espaço urbano que, segundo ele, não combinava com os ares de cidade moderna que Natal estava adquirindo naquele momento. Ele lamentava que tal espaço estivesse perdendo alguns dos seus aspectos mais tradicionais. O texto “A taça florida” (*A República*, 7 de fevereiro de 1929) revela a preocupação dele com o desaparecimento de uma dessas tradições, a de cultivar flores nas calçadas, nas cercas e nos jardins. Como forma de reverter tal situação, propõe ao prefeito uma taça prêmio que objetivasse premiar os jardins floridos. O autor lembra que não seria qualquer tipo de flor que deveria ser plantada, pois, para ele, a cidade deveria cultivar “as nossas, aquelas cujos nomes sabemos de côr, invariáveis nos nossos terreiros de mancha e boca-de-ferro, estas cuja presença denunciava o lar e eram tratadas por doce mão de mulher recatada, desta é que tenho saudades”. O autor faz ainda uma relação entre o sonetário potiguar e aquela tradição de cultivar flores. Para essa comparação, ele

lembra que “todo lyrismo de antanho, Lourival Açucena e Ferreira Itajubá, Segundo Wanderley e Gothardo Neto protestariam ante nossos jardins povoados de croptons, de avencas melindrosas e de calladios batidos de bronze”. Câmara Cascudo faz, então, uma ligação direta com a tradição de plantar flores e o ato de produzir sonetos, demonstrando que os elementos que davam suporte à tradição literária na cidade eram intimamente ligados a essa atividade, ou seja, segundo ele, a atividade literária daquele período refletia todo o “lyrismo de antanho”. Para o autor, o fato de a cidade estar, naquele momento, passando por um processo de transformação não excluía a possibilidade de se continuar a tradição de cultivar as flores locais.

Outro aspecto na vida da cidade que preocupava o autor era a falta de um ambiente musical. Sobre o assunto ele já se ocupara em 1928, momento em que questionava os motivos pelos quais a cidade não possuía um centro musical. Em 1929, ele publicou quatro textos sobre o assunto música, todos eles com o título de “Musicalerias”⁵⁴. Em um dos textos que tratam da música na capital potiguar, Câmara Cascudo, novamente, reforça a questão da modernidade presente na capital para lamentar a ausência da atividade musical. Vejamos, então, como o autor descreve a cidade:

Com jornaes de hoje de Recife e revistas de hontem do Rio, Natal dá uma impressao de cidade bem informada. Com Aero Club, avião, tres diarios, bonde electrico, luz razoavel e auto corredor temos outra impressao de modernidade [...] Mas porque sera que este impulso [não] chega até a musica? Natal é uma cidade zona neutra. Os annos correm aqui num vozear monotono [...] Não há na cidade de quarenta mil habitantes um só nucleo de amadores musicistas.

No outro texto, publicado alguns meses depois, mais exatamente em 13 de novembro de 1929, o autor destaca com bastante entusiasmo, bem como parabeniza, a primeira audição do Grêmio feminino de Natal. Parece, então, que os incentivos do autor surtiram algum efeito, pois a cidade passara a contar com um centro musical, atividade por ele tantas vezes reivindicada.

Ainda em relação à cidade, outro aspecto que chamou a atenção de Câmara Cascudo foi a toponímia e a reestruturação da cidade a partir de um novo plano diretor. A primeira

⁵⁴ Os textos “Musicalerias”, publicados em 5 de setembro e 16 de outubro, se referem, respectivamente, ao trabalho do músico Igor Strawinsky e ao envio que Mário de Andrade fez ao Congresso de Arte Popular de uma memória sobre a “Influência portuguesa na rodas infantis do Brasil”.

questão foi discutida em “Toponymia de Natal” e “Toponymia de Natal II”, publicados pela *A República*, em 22 e 28 de setembro de 1929. Nesses textos, ele fez um levantamento das figuras que davam nomes às ruas da cidade naquela época, bem como concluiu que existiam vários nomes que mereciam e não tinham seus nomes em alguma rua. O que mais chama atenção dele é o fato de o mecânico de Augusto Severo, Sachet, dar nome a uma das mais bonitas ruas da cidade, enquanto que “um dos bons presidentes do estado, Olyntho José Meira, está esquecido”. Uma das grandes contestações do autor é em relação a mudanças dos nomes antigos das ruas, os quais, segundo ele, são uma denominação popular. Sendo assim, apela para que esses nomes continuem, pois eles relavam aspectos da história da cidade:

Quem dá nome a rua é o povo. Rua velha, nome velho. Paris guarda os seus nomes velhos medievais. Londres e Berlim. Em toda a parte. Rua nova, nome novo [...] Conservar oficialmente as denominações que tem secullos de vida na alma collectiva. Deixem a rua do Fogo, a rua do Vai quem quer, a rua do Camboim, a rua da Estrella.[...] Quem baptizou tinha o direito de baptizar. Mantenha o nome de ruas das Virgens. Deixe a rua Santo Antonio ter o seu nome que é do século XVIII. Que vem fazer rua Senador Bonifácio. Rua Senador Nilo Peçanha. Conservem a physionomia sonora da cidade que lhe é dada por estas designações burlescas e curiosas.⁵⁵

Nos textos “O novo plano da cidade I: a cidade” e o “Novo plano da cidade II: a Ribeira no ‘Master Plan’” (*A República*, 30 de outubro e 7 de novembro de 1929), Câmara Cascudo destaca as novas modificações que a administração da cidade planejava fazer. Segundo o autor, a cidade poderia ser dividida em dois grandes arcos, um antigo, irregular, a parte tradicional, centenária, e o outro arco, que é a parte moderna, racionada, montada pela “sizuidez geometrica do enxadrezado”. Com relação à Ribeira, o autor destaca, euforicamente, o novo traçado para o bairro, “Master Plan”, que o prefeito da cidade, Omar O’Grady, entregou ao técnico Palumbo, o que, segundo Câmara Cascudo, é a “utilização da massa citadina num plano racional de correção”. Dentre os vários aspectos citados pelo autor, o que mais o entusiasma é aquele que “apresentará uma harmonia da nossa Cidade tradicional com sua paisagem corrigida pela intelligencia”.

Alguns dos textos publicados por Câmara Cascudo em 1929 também trataram da literatura, totalizando dezessete textos. Em cinco desses textos, o autor faz comentários sobre

⁵⁵ Em vários dos textos reunidos em *Tempo de aprendiz*, o escritor pernambucano Gilberto Freyre também se manifestara contra a atitude de se mudar os nomes das ruas antigas do Recife. Os comentários sobre os textos de Gilberto Freyre estão no primeiro capítulo desse trabalho.

dois poetas norte-rio-grandenses, um escritor nacional e um estrangeiro⁵⁶, além de discutir a necessidade de as atividades intelectuais locais possuírem um romance. Os demais textos sobre o assunto, doze no total, são dedicados à apresentação de obras e autores e foram publicados com o título de “Biblion”, nome que caracteriza uma espécie de espaço/sessão permanente do jornal dedicado a essa ação de divulgação dos escritores locais, nacionais e estrangeiros, exercida por ele ao longo dos anos.

“O nome de Lourival” (*A República*, 17 de maio de 1929) foi o texto que Câmara Cascudo publicou esclarecendo as dúvidas que existem em torno da utilização do nome “Lourival” pelo mais conhecido e tradicional poeta da cidade, Lourival Açucena. Dentre várias pesquisas sobre o caso, o autor que também foi organizador do livro *Versos*, publicado em comemoração ao centenário de nascimento do poeta, afirma que uma delas, feita no Tomo de Frequência do Atheneu de 1834 a 1851, descobriu que o poeta já utilizava o nome Joaquim Lourival de Melo Açucena, com vinte anos de idade, sete anos antes de uma representação teatral que teria motivado o nome do poeta, ou seja, a descoberta desfaz a idéia de que Lourival utilizasse o prenome devido ao papel que representara na peça “O desertor francês”, cuja personagem chamava-se capitão Lourival. Por sua vez, o texto “Sobre Jorge Fernandes” (*A República*, 25 de outubro de 1929) noticia a presença da poesia de Jorge Fernandes em um sarau modernista na capital paulista, promovido por uma das mais importantes damas da sociedade pulistana, D. Eugenia Alvaro Moreyra, na data de 31 de agosto. Esse texto possui importância fundamental para a história do modernismo no estado, uma vez que ele atesta a leitura do poema de Jorge Fernandes, “Viva o sol”, conjuntamente aos poemas de Manuel Bandeira, Raul Bopp, Oswald de Andrade, Jorge de Lima, Mário de Andrade, dentre outros grandes nomes do modernismo brasileiro. Segundo Câmara Cascudo, “D. Eugenia Alvaro Moreyra iniciando seu recital com o Jorge Fernandes incluiu-o na primeira fila dos poetas modernos de hoje, se elle já não estivesse e não fosse superior a muitos pela expontanea e irresistível força creadora”.

Ainda sobre a literatura local, Câmara Cascudo publicou o texto “Para fazer um romance” (*A República*, 11 de setembro de 1929). Nesse texto, ele comenta que a literatura local está à espera do seu romancista. A partir dessa afirmação, o autor enfatiza que dois escritores se aventuraram no gênero, Luis Carlos Wanderley, cujo romance é “velho-velho” e

⁵⁶ “As histórias do Sr. Assis Cintra” (*A República*, 28 de abril de 1929) comenta o novo livro de Assis Cintra, destacando as inúmeras incoerências históricas cometidas pelo autor; enquanto que o texto “Sir Arthur Conan Doyle” (*A República*, 20 de setembro de 1929) faz referência à importância desse escritor na literatura mundial, uma vez que ele consegue chegar com a sua personagem Sherlock Holmes, a todos os cantos do mundo, segundo observa Câmara Cascudo.

o do Polycarpo Feitosa que “merece as honras da iniciação. Verdadeiramente o romance começará delle”. Por outro lado, acrescenta o autor, “há um desequilíbrio de algumas toneladas de poemas”, uma vez que a produção nesse gênero é abundante. Outro aspecto que o autor chama a atenção é o fato de esses poemas não terem nada que identifiquem o ambiente local. Neste sentido, ele imediatamente justifica a sua posição, retirando de si quaisquer traços que pudessem identificá-lo como regionalista, ou seja, essa posição não quer dizer que ele seja “estritamente **regionalista** e condemne um poeta por que elle não rimou o Cabugy”(grifo nosso). Como forma de exemplificar a presença dos elementos locais na expressão artística, o crítico toma como modelo o poeta Ferreira Itajubá e, a partir da experiência do poeta, abstrai dela a idéia central para as práticas artísticas locais em que o elemento “nosso” devesse aparecer não somente nos poemas, mas deveria animar também os futuros romances. Para isso, ele escreveu:

Penso que um acidente geographico nao distinguirá um temperamento de uma habilidade. Quasi todos os críticos elogiam em Ferreira Itajubá a sua maneira “que é nossa”. O que ha de verdade em Itajubá é sua mentalidade. Esta é bem nortista. O “Terra Natal” pode ser cearense ou parahybano. O thema é perfeitamente amoldavel. O que é nosso é o espirito do poeta. Ha um vago sentimento inconfundivel, impalpavel, infixo, denunciando a nossa adhesao a do poetador. Esta sintonização classifica. Itajubá poderia descrever a Siberia em vez das praias de Natal. Nós sentiríamos o patricio. Em compensação ha quem poeta coisas puramente potyguares e eu vou identificando almas de terras longes⁵⁷.

Entre os meses de abril e agosto de 1929, Câmara Cascudo fez a divulgação de doze obras literárias, todos os textos foram publicados na sessão Biblion. Quatro desses textos foram dedicados a escritores estrangeiros⁵⁸, sendo dois deles argentinos: *Para la ninos de*

⁵⁷ No ensaio *Instinto de nacionalidade*, escrito em 1873, Machado de Assis chama a atenção para o comprometimento do escritor com relação aos elementos nacionais. Dentre as questões colocadas pelo autor, destacamos: “devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata limitaria muito os cabedais da nossa literatura”. Entretanto, acredita Machado de Assis, “não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a região, mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço [...] Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação lhe de seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto”. Disponível em: <http://br.geocities.com/paulopes.geo/instinto.htm>. Acessado em 15 de março de 2008.

⁵⁸ As demais obras divulgadas na sessão Biblion foram: *Fundo do espelho*, escrita por Rocha Ferreira (*A Republica*, 6 de abril); *Senhores & escravos*, de Severino Silva (*A Republica*, 10 de abril); *Dia de sol*, de Oliveira Ribeiro Neto (*A Republica*, 23 de abril); *Meia-Pataca*, de Guilhermino César e Francisco I. Peixoto (*A Republica*, 27 de abril); *Cartazes*, de Paulo Mendes de Almeida (*A Republica*, 11 de maio); *O mameluco*

America, escrito por Gaston Figueira (*A República* em 1º. de maio de 1929) e “*Vicenta Castro Combóm*”, escrito por Alberto Larran de Vere (*A República*, 7 de abril de 1929). Já o texto *Dom Quixote em la Gloria*, escrito por Carlos Bolívar Sevilla, traz a indicação de publicação por uma editora do Equador, enquanto que o texto *Margherita di Savoia*, obra escrita por Coutessa Elena Della Rocca Muzzati, foi publicado na Itália. A divulgação dos escritores estrangeiros reflete a ação de Câmara Cascudo de tornar cada vez mais próximos os países da América Latina por intermédio da literatura. Entretanto, no ano de 1929, essa divulgação ficou um pouco escassa, uma vez que, em outros momentos ela já fora bem mais intensa. De qualquer forma, podemos imaginar que em 1929, os interesses do autor estavam tomando um outro rumo, ou seja, o interesse pela cultura popular passaria a ser uma das preocupações maiores nos seus estudos e pesquisas.

A partir da leitura dos textos em questão, podemos ter uma amostra da ação intelectual de Câmara Cascudo, ao longo da década de 1920, principalmente durante aqueles anos que possuem um significado maior na história literária do estado. De maneira geral, podemos dizer que a articulação do autor serviu para se incluir a atividade intelectual local no circuito da inteligência nacional e até dos países latino-americanos, haja vista que o seu trabalho de intercâmbio entre os escritores de outros países aconteceu de forma bastante intensa. Com base nos elementos que os textos estudados nessa pesquisa nos oferecem, e em outras pesquisas que tematizam sobre a ação intelectual do autor, podemos afirmar que Câmara Cascudo esteve bem mais ligado ao grupo intelectual de São Paulo do que ao grupo dos regionalistas do Recife. A amizade com Mário de Andrade, aliada às duas visitas do escritor ao estado, e a pouca incidência do tema regionalismo nos textos do autor potiguar, dentro da linha ideológica defendida pelo grupo liderado por Gilberto Freyre, revelam que o seu interesse pela questão que deu corpo ao Centro Regionalista do Nordeste foi minimizado. Mesmo sendo praticamente inexistente o registro de uma atuação regionalista nos textos cascudianos é de ressaltar que o “príncipe do Tirol” participava da vida literária de Recife à época. Por outro lado, indícios da convivência do autor com os intelectuais de Recife apareceram na correspondência com Mário de Andrade, no momento em que o escritor norte-rio-grandense parece querer retirar de si qualquer vinculação com aquele grupo e com suas idéias, desfazendo assim a impressão do paulista que parecia acreditar que ele tivesse um envolvimento efetivo na direção do movimento, principalmente na organização do Congresso Regionalista.

Boaventura, de Eduardo Frieiro (*A República*, 8 de junho); *Caminho cheio de sol*, de Peryllo Oliveira (*A República*, 19 de abril); *A Guerra do Lopes*, de Gustavo Barroso (*A República*, 20 de abril).

4. GILBERTO FREYRE E CÂMARA CASCUDO: PERSPECTIVAS DO ELEMENTO REGIONAL

[...] Caicó, a cidade tradição.

Dera o primeiro Presidente Sertanejo.[...]

José Augusto não ficou como um padrão de patriotismo regional. Nunca a cidade de Natal fora trabalhada com mais afincio e carinho. Um polvo de rodovias tentaculisou os municípios. As famílias tradicionais desceram para o litoral, construindo residências, fixando em cercanias da cidade. Actividades legitimamente sertanejas vieram trabalhar em Natal. José Augusto presidiu este movimento de escoamento e de litoralização do Seridó. Os pneumáticos do seu automóvel puzeram abaixo o muro regionalisticamente erguido depois da Serra do Doutor (Câmara Cascudo, *A Imprensa*, 04 de outubro de 1929).

Confrontar alguns dos elementos da tradição nordestina presentes nas idéias de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo é o objetivo deste capítulo, tendo em vista que é a partir desse confronto que poderemos situar a posição dos dois escritores no contexto de discussões que remontam à segunda década do século passado. Entretanto, não pretendemos discutir exaustivamente as idéias do autor pernambucano nesse período, uma vez que já existem interessantes trabalhos sobre a questão, a exemplo de D'Andrea (1992) e Azevedo (1996). Porém, retomá-las aqui será necessário para fazermos esse contraponto com os posicionamentos adotados pelo potiguar no mesmo período em questão.

É perante o quadro de mudanças ocorrido no Brasil, nas primeiras décadas do século passado, que encontramos as figuras de dois jovens intelectuais, Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, cujas ações desenvolvidas foram decisivas para a inserção das idéias debatidas na região Nordeste no contexto das discussões mais gerais que circulavam naquele momento. Segundo Mário de Andrade, o ponto fundamental do processo que viria caracterizar aquele momento de transformação cultural no país se deu através do que ele chama de “atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional” (ANDRADE, 1972, p.243). O trabalho desses dois escritores nordestinos terá relevância porque eles, assim como os vários outros intelectuais brasileiros naquele momento, estavam preocupados em discutir aspectos da realidade cultural brasileira, recalcados ao longo do processo de formação e afirmação do país. Para Araújo (2006, p.27):

Pertencentes a uma geração que tinha a literatura como referência para a compreensão dos mais variados setores da vida intelectual, Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Gilberto Freyre (1900-1987) produziram obras que se aliam a uma tradição de estudos sobre o aspecto da “formação” nacional, estudos que revelam a experiência brasileira no contexto do mundo moderno. A produção intelectual de ambos foi engendrada na perspectiva de quem estava inserido em um processo ainda em formação a exemplo de outras obras canônicas da cultura brasileira, e com a exceção do livro *Formação da literatura brasileira* (1959), de Antonio Candido, obra que marca, segundo Roberto Schwarz, uma diferença pelo fato de “historiar uma formação [a literária] que já se havia completado”.

Os dois escritores nordestinos contribuem para uma ampliação acerca do conhecimento da complexidade e da diversidade cultural do país e oferecem, através dos seus estudos, diferentes possibilidades para o processo de compreensão da cultura brasileira. No caso do pernambucano, a sua contribuição é de fundamental importância para o entendimento dos vários aspectos da vida sociológica do país. Já Câmara Cascudo entra para a história do pensamento nacional como sendo um dos intelectuais que mais ativamente estudou o folclore e a etnografia nacional, dentre outros aspectos da nossa cultura.

Conforme apresentamos no primeiro capítulo desse trabalho, o caminho percorrido por Gilberto Freyre começa a tomar relevo por volta do ano de 1923, momento de sua chegada ao Recife, após a ausência de cinco anos no exterior. A partir de então, ele passa a comandar um movimento cultural que foi responsável pela grande discussão em torno dos aspectos tradicionais da região Nordeste, espaço geográfico que ele considerava como o mais autêntico, onde se forjaram os primeiros sinais da cultura brasileira. O movimento comandado por Gilberto Freyre trouxe para a ordem do dia a discussão sobre a valorização dos elementos regionais, ingrediente básico para a efetivação da retraditionalização do espaço em questão¹ e bandeira de luta do jovem pernambucano que, por um longo período de sua adolescência, estudou em dois tradicionais centros universitários dos Estados Unidos, as Universidades de Baylor e Columbia, e em um na Europa, a Universidade de Oxford. A estada de Gilberto Freyre nessas universidades serviu para reforçar a grande atração que ele tinha pela tradição, principalmente a tradição dos britânicos, conforme esclarece Pallares-Burke (2005, p. 35):

Um número considerável dos livros da biblioteca de Freyre que sobreviveram, incluindo os que foram marcados em profusão, é britânico ou sobre os britânicos e a Grã-Bretanha. Eles provêm evidência para o argumento central deste livro: a importância dos autores britânicos, especialmente do período vitoriano, para o desenvolvimento intelectual de Gilberto Freyre. Sua atração pela cultura britânica já estava presente desde a adolescência, quando, como relata, escolheu o tema

¹ Conferir D'Andreia (1992).

“British Civilization” para o seu primeiro ensaio do curso avançado de história que seguiu no Colégio Americano do Recife.

O projeto empreendido por Gilberto Freyre, naqueles anos da segunda década do século passado, trazia para a linha de frente da discussão do movimento regionalista a longa tradição que se formara em torno do cultivo da cana-de-açúcar, atividade que remonta aos idos do Brasil-colônia. De certa forma, a grande atenção dada pelo futuro autor de *Casa Grande & Senzala* fora em torno dos elementos culturais que estavam fixados na faixa de terra que compreendia a Zona da Mata nordestina, numa extensão que vai desde os estados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba até o Rio Grande do Norte. Por sua vez, as idéias que alicerçavam o movimento eram oriundas de um grupo de intelectuais do Recife, capital do estado que se apresentava como o centro cultural e econômico da região naquele momento. Entretanto, as idéias do grupo estavam na contramão do processo histórico, haja vista a contínua decadência da atividade açucareira. Na verdade, o movimento dos pernambucanos ultrapassava os limites do aspecto cultural e se enveredava numa ação política que reivindicava a retomada da posição político-econômica perdida pelo estado, fato que ocorria em virtude da ascensão de outras atividades que começavam a surgir no Centro-sul, atividades essas que marcavam a entrada do país na era do capitalismo industrial. Segundo a análise de D’Andrea (1992, p. 46),

Vivendo ao sabor das regras ditadas pelo capital estrangeiro, o latifúndio nordestino, a partir do século XIX, começa a minguar como força produtiva do capital. Outros espaços econômicos soerguem-se na balança capitalista. A área cafeeira encabeçada pelo estado paulista reverte a situação de longa hegemonia da classe oligárquica açucareira do Nordeste. E logo São Paulo, com o Modernismo à frente, tornar-se-ia o principal adversário cultural do discurso regionalista. Começa então a se fortalecer a *consciência do espaço em crise dessa representação cultural*. O espírito clânico da classe rural, vendo ameaçado seu poder de mando, vai acionar através de seus intelectuais a revitalização culturalizada de valores concebidos a partir da visão de mundo patriarcal. Tais valores serão vistos sob a ameaça de uma *crise*, que põe em perigo sua integridade. Tal crise começa a ser identificada como a desagregação dos valores morais, religiosos e culturais da *gente nordestina* sob a ameaça do “delírio modernista”.

É interessante destacarmos, aqui, a importância da faixa de terra onde se formou o “império de plantadores de cana”, já que ela é uma área fértil e, devido ao cultivo da cana, fora transformada em um espaço de densidade demográfica considerável, em relação aos demais espaços, principalmente se imaginarmos a concentração populacional dessa área em

relação a outras situadas mais para os lados do sertão nordestino. Além disso, os elementos culturais que se formaram em torno daquela concentração populacional apresentavam-se de forma singular e os remetiam ao sincretismo étnico do processo de formação da identidade brasileira, o que, segundo Gilberto Freyre, caracterizava a região como sendo a mais brasileira das regiões. A Zona da Mata sempre despertou bastante interesse, tanto pela fertilidade da terra como pela localização próxima à faixa litorânea do continente, posição estratégica para produção e escoamento do açúcar, como ainda era o principal meio de ligação entre as várias cidades do país e o mercado consumidor do produto na Europa.

É interessante destacarmos, também, a simbologia que essa faixa de terra representa no imaginário de outra figura nordestina que vive mais distante do litoral, o homem sertanejo, um dos objetos de estudo do nosso outro escritor, Câmara Cascudo. Em vários momentos, principalmente na representação literária, esse lugar, a Zona da Mata, é posto como uma espécie de terra prometida, lugar onde reina a fartura, a riqueza, a abundância; sendo, então, uma terra “tão fácil, tão doce e rica,/ não é preciso trabalhar/ todos as horas do dia,/ os dias todos do mês,/ os meses todos da vida”². É através dessa simbologia da terra prometida que o sertanejo teria resolvido todos os seus problemas mais preeminentes, já que essa terra “tão feminina” é o oposto do seu sertão, árido em tudo. O retirante Severino, personagem do famoso poema “Morte e vida Severina”, do também pernambucano João Cabral de Melo Neto, é um dos principais exemplos, da apologia sertaneja a essa faixa de terra, sem esquecermos, é claro, os romances *Quinze* e *Vidas Secas*, dois grandes momentos na literatura que marcam essa questão. Nas palavras de Severino retirante, no momento em que ele sai do seu sertão e ruma ao litoral numa viagem que perfaz a trajetória do rio Capibaribe, podemos ver a descrição exata da “terra prometida”, quando o sertanejo, numa espécie de visão paradisíaca, avista (a situação lembra o avistamento de um oásis) o objeto fruto do seu desejo:

- Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quanto mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
Nessa terra que diziam.
como ele é uma terra doce
para os pés e para a vista
[...]
Não tenho medo de terra
(cavei pedra toda vida),

² Trecho do poema “Morte e vida severina” (MELLO NETO, 1994, p.183).

e para quem lutou a braço
contra a piçarra da Caatinga
será fácil amansar
esta aqui, tão feminina (MELLO NETTO, 1994, p. 182-183).

A partir das colocações acima, principalmente aquelas feitas no estudo de D'Andrea, podemos entender que a reação, por parte da intelectualidade à forte ameaça que rondava a estrutura conservadora da região, começa a ser esboçada a partir de vários textos esparsos publicados por Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco*, entre os anos de 1918 e 1926, e editados em livro no ano de 1979, sob o título de *Tempo de aprendiz*. Neste sentido, é possível percebermos que o autor inicia o delineamento geográfico da região e começa a prepará-la para ser o espaço do movimento que teve como marco principal o Congresso Regionalista de Recife, realizado em 1926. No entanto, a cartografia cultural traçada por Gilberto Freyre era basicamente a cartografia cultural do estado de Pernambuco, conhecido à época como o Leão do Norte, apelido adquirido pelo seu potencial histórico de lutas. Nesses textos, Gilberto Freyre chama a atenção da intelectualidade local para uma tomada de consciência em torno do patrimônio cultural da região, ameaçado pelo surgimento de novos valores advindos com o processo da modernização. No entanto, a idéia inicial em defesa do elemento regional, ou mais especificamente em defesa do romance regional, fora de Oliveira Lima, conforme se refere o próprio Gilberto Freyre no artigo “Senhora de engenho”, publicado em 30 de outubro de 1921, no qual ele escreve: “Vejo em *Senhora de Engenho* resposta, não sei se deliberada, ao apelo do Sr. Oliveira Lima, em discurso na Academia Pernambucana de Letras, a favor de romances de cunho regional”³ (FREYRE, 1979, vol. II, 150). Por outro lado, acreditamos que a liderança do movimento fora parar nas mãos de Gilberto Freyre pelo fato de que a sua presença na cidade de Recife se constituía em uma novidade. Naquele momento, a vida cultural da tradicional cidade precisava de um novo líder que pudesse agregar à sua volta um número considerável de adeptos para enfrentar as novas discussões postas com o surgimento das idéias vanguardistas na Europa e os seus desdobramentos dados no país a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. Essas mudanças nos cenários europeu e brasileiro encaminhavam as discussões estéticas do país para um processo de redefinição que certamente mexia com os brios da cultura patriarcal nordestina, secularmente hegemônica na região. Sendo assim, a figura de Gilberto Freyre se constituiu, naquele momento, como “uma mão na luva” para aquela empreitada, pois a comprovada

³ Conferir Azevedo (1996, p.102).

inteligência daquele jovem associada à sua experiência no exterior e a sua descendência de origem aristocrático-patriarcal se converteram nos ingredientes básicos para se organizar o movimento de reação ao Centro-sul, ou seja, ele era o homem ideal para combater os afoitos intelectuais do grupo paulista.

Seguindo, então, a dinâmica cartográfica esboçada pelo autor, a partir dos textos esparsos publicados à época, podemos dizer que estes são construídos a partir de três elementos principais, quais sejam: a tradição, o moderno e o regional. O regional, no entanto, é o elemento que norteia todas as demais perspectivas discutidas pelo autor, conforme apresentamos no primeiro capítulo desse trabalho.

O fator desencadeador de toda essa discussão, conforme já salientamos, fora o acelerado processo de decadência da região e as conseqüentes mudanças advindas do processo de modernização, que exigiam a mecanização do processo de produção do açúcar e, atrelado a essa mecanização, um novo modelo de trabalho e de relações sociais. Entretanto, grande parte da intelectualidade local, aqui representada na figura de Gilberto Freyre, teimava em resistir àquelas transformações - anunciadas mundo afora - e buscaram, através da criação do movimento regionalista, os subsídios para dinamizar a vida da região, pelo menos do ponto de vista intelectual, que outrora fora o centro econômico do país e que agregava, também, todas as outras benesses que esta posição demandava. Gilberto Freyre e vários outros artistas e intelectuais nordestinos construíram, ao longo da década de 1920, um tipo de reação que, se não foi suficiente para devolver a hegemonia à região, forneceu a matriz norteadora para a construção do romance regionalista na década seguinte, momento de grande importância para a literatura brasileira.

Ao fazer a defesa do regionalismo, Gilberto Freyre trabalha com uma idéia de tradição que, ao invés de colocar os elementos que constituíam a natureza da região numa perspectiva de transformação para se adequar à nova conjuntura da realidade mundial e brasileira, defende a transplantação do passado para o presente como alternativa para a retomada da hegemonia nordestina. Para D'Andrea (1992, p. 35), “é justamente esse movimento de repúdio ao presente, mesclado pelo apelo ao passado, que estabelece o ponto de identidade entre Manuel Bandeira⁴ e a proposta do Regionalismo freyreano”. Ao trabalhar o conceito de tradição e as suas várias implicações, Bornheim (1987, p.20) define que:

⁴ Na mesma análise, a autora esclarece, logo em seguida, que, no poeta, “essa zona de confluência se dá apenas pela inserção mais ou menos constante do passado em sua poesia que, contingentemente, tem um lapso de tempo na cidade do Recife” (p, 35-36).

A tradição pode, assim, ser compreendida como o conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata apenas das formas do conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade.

Essa idéia de tradição pode ser aplicada ao conjunto de valores defendidos por Gilberto Freyre, bem como pode se entendido como um conceito básico para se compreender de forma bem ampla o conjunto de valores de uma dada sociedade, o que pode ser amplamente denominado de cultura. Por outro lado, o mesmo estudo aponta com bastante clareza uma idéia que pode ser aplicada ao pensamento de Gilberto Freyre, quando este defende a necessidade de manutenção dessa tradição sem a mediação com o presente. Segundo o autor,

A tradição só parece ser impertubavelmente ela mesma na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna, sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a à estagnação da morte. A necessidade da ruptura se torna, em consequência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia “sem vida” (BORNHEIM, 1987, p.15).

Nessa perspectiva, podemos dizer que o projeto do pernambucano era no sentido de criar, em torno daquela tradição, uma espécie de escudo protetor, livrando-a das influências externas, já que a conjuntura mundial indicava a reformulação do pensamento nas várias formas de relacionamento do homem, dentro eles os elementos culturais, que possivelmente sofreriam influência das mudanças que estavam se processando, principalmente, nos maiores núcleos urbanos do país e do mundo. Numa outra abordagem acerca das idéias do grupo regionalista, D’Andrea, no estudo já citado (p. 43), acrescenta:

E o que é reivindicado por esse *intuito nacionalista*? Reivindicam os tradicionalistas a *defesa de uma cultura genuinamente brasileira*. Uma cultura que, em última instância, repousa no mito colonizador; no passado de além-mar; na dependência de uma tradição cultural imposta, assimilada e totalmente acrítica. O manejo ideológico torna-se eficaz quando, mercê de uma identificação com o colonizador, elege-se o passado como autenticamente brasileiro. Torna-se o passado um presente contínuo que se mantém enquanto tradição revitalizada por valores e hábitos culturais moldados à feição do figurino da dependência colonizadora. Passado também enriquecido pelo fascínio do recém-abolido regime monárquico brasileiro.

Sendo assim, Gilberto Freyre nos leva a pensar a tradição como algo cristalizado e estanque, cujo propósito era a perpetuação daquelas estruturas herdadas do colonizador as quais se encontravam carcomidas pelo tempo em virtude da transplantação de um modo de viver que não intercambiava com o momento presente. A visão de tradição defendida por Gilberto Freyre encontra ressonância também na perspectiva adotada pelo crítico T. S. Eliot. Para o inglês,

Nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, detém, sozinho, o seu completo significado. O seu significado, a sua avaliação, é a avaliação da sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode avaliá-lo sozinho; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos (ELIOT, 1997, p.23).

Apesar da perspectiva de que os mortos comandam os vivos, Eliot reserva a essa idéia de tradição o “sentido histórico, o qual podemos considerar quase indispensável a quem continue a ser poeta além dos seus vinte e cinco anos” (ELIOT, 1997, p.22), perspectiva que também é considerada por Gilberto Freyre só que de um ponto de vista a partir do qual é o passado quem deve guiar o presente sem a perspectiva de interação entre ambos.

Dando continuidade à sua defesa da tradição, Gilberto Freyre vê no tradicionalismo cultivado pelos ingleses e norte-americanos o exemplo e o modelo ideal para delimitar as primícias do seu projeto. Para consolidar o posicionamento defendido, ele propõe a criação de um “Dia do Passado” e utiliza como argumento para reforçar a idéia, a clássica tradição dos ingleses, escrevendo que “talvez em nenhum outro país se encontre hoje tanto amor pelas coisas antigas como na Inglaterra”. A proposição exata do autor seria:

[...] estabelecer-se um Dia do Passado. Ou da Tradição. Um dia em que nos recolhêssemos misticamente ao Brasil brasileiro dos nossos avós; e falássemos deles. Um dia de romagem aos edificios velhos: tantos deles cheios de boas inspirações para bons edificios modernos (FREYRE, 1979, v. I, p. 343).

Com base nos modelos de tradição dos norte-americanos e ingleses, notadamente, bem como de outras experiências vividas ou estudadas ao longo de sua permanência no exterior, o autor estabeleceria as linhas gerais das idéias de tradição que seriam a referência para se emoldurar o movimento de recomposição dos elementos culturais existentes na região. Porém, na prática, Gilberto Freyre se portou de forma bastante diferenciada daquela em que ele descrevia na tradição norte-americana. Para os norte-americanos, a tradição era cultivada

como uma constante na vida coletiva da população, já que os elementos do passado interagiam com a dinamicidade do processo de modernização daquele país, modernização essa que é a tônica do espírito e do jeito norte-americano de ser. Diferentemente do que acontecia nos Estados Unidos, Gilberto Freyre pregava uma forte reação à incorporação de qualquer fator ou elemento que pudesse desagregar a suposta estabilidade daquela situação e, para garantir estabilidade, ele defendia o isolamento dessa tradição nordestina como forma de preservá-la em suas reminiscências. Vejamos, então, qual a visão do autor sobre a tradição dos norte-americanos:

[...] longe de ser um como saudosismo coletivo, vago e passivo, é ativo, dinâmico, pragmático. Reconhecendo a influência **dos mortos sobre os vivos**, o povo que, em tantos sentidos, é mais contemporâneo da posteridade do que do nosso tempo, volta-se constantemente para o passado, como para um velho mestre. Isto é talvez paradoxal. Mas é pelo paradoxo que o bom senso muita vez se manifesta (FREYRE, 1979, p. 236. Grifo nosso).

Mesmo tendo consciência de que no tradicionalismo norte-americano residia um certo paradoxo, o autor dará provas, no decorrer de sua ação intelectual, de que a perspectiva da tradição que se alimentava apenas do passado seria a adotada por ele, para estudar a cultura nordestina. Ampliando a compreensão a respeito dessas influências sobre tradição e, mais especificamente sobre as idéias regionalistas recebidas pelo pernambucano, D'Andrea (1992, p. 44), afirma:

No intento de zelar pela conservação do passado, Gilberto Freyre busca a identidade ideológica-literária com o grupo de tradicionalistas franceses e portugueses. Na França, os mestres de sua concepção regionalista foram os nomes que reeditaram a tradição, influenciando, no terreno das idéias, tanto na política como na literatura. Foi uma revisão neotradicionalista de alcance nacional que teve origem a partir de Joseph de Maistre, no século XVIII. Nomes como os de Bonald, Le Play, Barres Maurras são freqüentemente invocados na defesa da concepção regionalista pelo autor de *Região e tradição* e por seus seguidores nordestinos tais como José Lins, Aníbal Fernandes, Mário Marroquim, Valdemar Cavalcanti e outros.

Trabalhando numa perspectiva de tradição que considera o processo da construção dialética na definição de tradição, Antonio Candido a definirá a como sendo uma

[...] espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização (CANDIDO, 1993, p. 24).

Essa mesma idéia de tradição já era defendida por Mário de Andrade, pois, para o líder modernista, o passado deveria estar referido no presente de uma forma que se possa viver o passado e não revivê-lo. Para o autor do *Prefácio Interessantíssimo*, uma vivência da realidade brasileira implicaria também em uma vivência histórica e esta significaria a presença do passado no presente, consciência de que, atingidos os objetivos de uma ruptura, o recurso ao passado seria indispensável. A prova de que o modernismo tinha como base de sustentação o grande legado da tradição nacional é a defesa que Mário Andrade faz do movimento, ao rebater as críticas de que o grupo modernista de São Paulo era formado por “[...] uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados [...]” (ANDRADE, 1972, p. 235). Para Mário, essa visão não passava de “falta de subtileza crítica” (p. 235). E complementa a defesa, acrescentando que “[...] estudávamos a arte tradicional brasileira e sobre ela escrevíamos [...]” (p. 235).

É com uma posição mais inclinada para essa outra perspectiva de tradição que podemos encontrar o escritor o norte-rio-grandense, Luís da Câmara Cascudo, que, ao seu modo, também procurou incluir, na pauta de discussão da estética nacional, os elementos da cultura nordestina, dando um destaque maior ao modo de viver do homem sertanejo. Neste sentido, os pólos de estudos dos dois escritores, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, tinham em comum os traços culturais da região, porém os enfoques e a perspectivas adotadas, por cada um deles, fizeram com que as idéias debatidas revelassem posicionamentos que demonstram o clima das discussões que foram travadas naquele momento. Câmara Cascudo se distancia, então, da discussão em torno do regionalismo, seja porque o Rio Grande do Norte possuía uma situação econômica bastante diferenciada de Pernambuco, já que a inserção da cultura açucareira não aconteceu com a mesma proporção nas terras potiguares, ou ainda devido ao entendimento do autor de que a discussão estaria, de certa forma, na contramão do processo de modernização dos núcleos urbanos, cuja capital do estado começava sofrer as influências dessas mudanças. Câmara Cascudo não poderia, assim, incorporar um debate que se opusesse ao processo que mudaria a vida da sua cidade e, conseqüentemente, do seu estado, haja vista que por aqui sempre perdurou o clima de atraso,

uma vez que o Rio Grande do Norte encontrava-se na periferia da economia açucareira nordestina. Assim, a visão do autor norte-rio-grandense era no sentido de se apropriar de toda a tradição existente ao longo da formação do estado e, a partir dela, oferecer a matriz norteadora para a compreensão de uma possível gênese cultural local, fator que certamente auxiliaria no fortalecimento das várias outras estruturas da vida do estado. Dessa forma, aconteceria a integração dos elementos da tradição local ao processo mais amplo que buscava um entendimento da cultura nacional a partir da descentralização das ações intelectuais. O projeto cascudiano pressupunha, assim, ultrapassar os limites geográficos da Fortaleza dos Santos Reis Magos, abolindo as barreiras que separavam o estado do restante do país. Para Câmara Cascudo, o exemplo claro para essa empreitada seria a ousadia do presidente José Augusto, uma vez que os “pneumáticos do seu automóvel puseram abaixo o muro **regionalisticamente** erguido depois da Serra do Doutor” (CASCUDO, *A Imprensa*, 04 de outubro de 1929. Grifo nosso). A ação de transpor as barreiras geográficas e elevar as potencialidades do estado foi continuada por Câmara Cascudo e o grupo de artistas e intelectuais a ele ligados, através de um intercâmbio cultural que divulgava as práticas literárias produzidas na cidade, cujo resultado era fazer com que a capital potiguar estivesse atualizada com as discussões estéticas que aconteciam naquele momento no Brasil e no mundo.

Sendo assim, podemos dizer que, da mesma forma que Gilberto Freyre, guardando-se as devidas proporções, é claro, Câmara Cascudo também comandou, nos anos 20, uma discussão intelectual na cidade do Natal, a qual foi responsável pelo debate em torno das idéias modernistas e atrelado a estas o conseqüente debate que envolvia as posições conservadoras. Tal debate não ficara imune também às questões ligadas ao regionalismo, pois, seja para aceitá-las ou não, o assunto se fazia presente naquelas discussões, já que a capital potiguar refletia, diretamente, os acontecimentos que se davam no Recife, bem como em outros centros como o Rio de Janeiro, capital da República. Não podemos esquecer, também, que Câmara Cascudo presenciou bem de perto toda a articulação em torno do regionalismo, uma vez que ele morou na capital pernambucana, na qualidade de estudante do curso de Direito, entre os anos de 1924 e 1928, e estabeleceu vínculos de amizade e de discussão intelectual com vários dos participantes daquele movimento. Isso posto, podemos afirmar que o distanciamento do autor daquela discussão aconteceu de forma bastante consciente e que seus objetivos como intelectual, naquele momento, seriam definidos a partir da atenção voltada para o estudo da tradição sertaneja que, diferentemente da cultura patriarcal litorânea, se desenvolvera em um ambiente inóspito, devido, principalmente, às condições climáticas.

Mesmo a região litorânea e o sertão estando separados pela adversidade climática, esse último também se configura como um espaço em que há herança de elementos culturais advindos do processo de colonização. O clima causticante que caracteriza o sertão e influencia a figura humana que lá vive chama a atenção de Mário de Andrade, quando ele esteve nos municípios de Caicó, no Rio Grande do Norte, e Catolé do Rocha, na Paraíba, durante a viagem que fez em 1928. Chocado com a natureza climática da região, o turista aprendiz anotou no seu diário:

Pois eu garanto que **Os sertões** são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial porém uma falsificação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar duma literatura linda a largar da literatura duma vez pra encertarmos o nosso trabalho de homens. Euclides transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopéia... Não se trata de heroísmo não. Se trata de miséria, de miséria mesquinha, insuportável, medonha. Deus me livre de negar resistência a este nordestino resistente. Mas chamar isso de heroísmo é desconhecer um simples fenômeno de adaptação. Os mais fortes vão-se embora (ANDRADE, 1976, p.294-295).

Mesmo diante de toda essa situação adversa, Câmara Cascudo enxergou os elementos culturais dessa parte da população como algo a ser revertido, através de estudo, em conhecimento para a intelectualidade brasileira, naquele momento em que fora grande o interesse em redefinir os padrões estéticos da cultura nacional, incorporando a eles aqueles elementos recalcados ao longo do processo de construção e afirmação cultural do país. Neste caso, está claro que Câmara Cascudo se desviou das polêmicas vividas entre modernistas e regionalistas para se direcionar ao estudo de uma tradição cultural, a sertaneja, que despertava pouco interesse aos estudos da época, haja vista que a importância de tal cultura era minimizada pela pouca visibilidade econômica e política que o estado do Rio Grande do Norte representava no cenário da região e do país até aquele momento, conforme já assinalamos. Contudo, a situação, naquele instante (estamos nos reportando aos anos de 1928 e 1929), parecia estar se modificando, conforme constata, ainda, Mário de Andrade, nas mesmas páginas da anotação acima. Segundo ele, “paramos nesta cidade [Caicó] em progresso [...] (p.294)” ou ainda:

Atravesso Caicó, partindo pra vencer a última etapa dessa viagem. 7 e 40. Caicó me assombra, bem arrumada, casas novas. São casas pequenas, enfeitadas muito, no geral feiosa porém se sente o progresso.

A região do Seridó mostra com evidência um ar de progresso que até agora eu não tinha sentido neste raide nem mesmo nas salinas. De-fato é a região mais progressista do Estado, valorizada pelo algodão “mocó” e facilitada pelos processos econômicos em uso (ANDRADE, 1976, p.299 e 300).

Estando Gilberto Freyre situado numa cidade que representava uma certa vanguarda, do ponto de vista do desenvolvimento econômico e das idéias lá discutidas, em relação à cidade do Natal, entendemos que a produção intelectual e cultural que lá acontecia refletia na capital norte-riograndense, pois Natal figurava como uma espécie de periferia, tanto do Recife como de outros centros produtores de cultura naquele momento, conforme já destacamos. Se pensarmos que o projeto defendido por Gilberto Freyre tinha como ponto de partida habilitar toda a natureza cultural da região Nordeste em torno de suas idéias, as quais se davam através do vínculo tradicionalista-conservador, verificaremos que o protótipo desse projeto se dava a partir de uma configuração que tinha a cidade do Recife como modelo. Conservar o patrimônio arquitetônico de base colonial, incluindo a simbologia dos nomes das ruas antigas, e cuidar da arborização da cidade, sem a interferência de espécies estrangeiras, são ingredientes em torno dos quais o autor empunhará outros para a sua luta, como por exemplo, a culinária regional, que se tornou o elemento principal da trincheira tradicionalista freyreana. O processo de transformação operacionalizado na cidade do Recife, com a chegada de outra ordem de valores, ditos modernos, foi uma das grandes preocupações de Gilberto Freyre. Para ele, “o Recife está sendo desmanchado pelos ‘progressistas’ mais do que pelo ‘progresso’ e é preciso que fique ao menos as fotografias e desenhos” (FREYRE, 2006, p.283). Porém, não fora somente Gilberto Freyre quem registrara o processo de transformação da capital pernambucana⁵, uma vez o poeta Joaquim Cardoso, por exemplo, também se ocupara da questão no poema “Recife morto”. Na última estrofe do poema, podemos visualizar o momento exato em que o poeta descreve a cidade diante daquele processo:

Recife,
Ao clamor desta hora noturna e mágica
Vejo-te morto, mutilado, grande,
Pregado à cruz das novas avenidas.
E as mãos longas e verdes

⁵ No estudo *A capital da saudade* (ARRAIS, 2006), o autor traça um percurso, que vai aproximadamente de 1920 a 1950, procurando reconstruir “o modo como alguns intelectuais – Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, Antônio Austragésilo e sobretudo Gilberto Freyre [...] olham a cidade, atentando para o que eles vêem, o que eles acreditam que mereçam ser conservados ou restituído na paisagem de sua cidade” (p.7). Segundo o autor, “o Recife será o centro do modernismo tradicionalista e ao mesmo tempo o reservatório onde modernistas-traditionalistas vão sorver as energias para se confrontar com as forças emanadas do mundo industrial. Neste sentido, o Recife pode ser visto como centro de intermediação cultural, reunindo em coro as vozes desse Nordeste” (p. 21-22).

Da madrugada
Te acariciam

Entretanto, na análise que faz do poema de Joaquim Cardoso, D'Andreia (1992) esclarece que a posição do poeta não marca uma atitude saudosista em relação ao passado, conforme pregava Gilberto Freyre. Ao invés disso, a transformação que acontecia no Recife era vista, pelo poeta, como algo que poderia ser revertido em ganhos futuros para a cidade. Neste sentido, escreveu a autora:

Colocando em evidência essa dualidade físico-social referendada por uma questionável representação de sua identidade, instaurando os pólos de tensão do espaço físico no âmbito do espaço poético, Joaquim Cardoso internaliza o produto das transformações por que passa a cidade do Recife. E por extensão o Nordeste. De um lado, o marco da memória de um tempo passado, alienado pela tradição; de outro, a consciência de um presente histórico, travesso “duende” de uma “manhã” vindoura. Transformações contextuais que não são vistas como categorias negativas, mas sobretudo como elemento dinamizador que desmistifica a aparente unidade do passado (p.28).

Ainda acerca da cidade do Recife, na segunda década do século XX, temos também a análise de Neroaldo Pontes de Azevedo, que estudou a presença dos dois movimentos, modernismo e regionalismo, no estado de Pernambuco e, partir daí, esboçou um panorama histórico da cidade naquele período. Segundo Azevedo (1996, p. 25-26):

Embora capital regional, Recife não escapava às conseqüências de um longo período de depressão econômica. As péssimas condições de trabalho, os salários baixos e as notícias da revolução russa de 1917 davam lugar a uma tomada de consciência por parte dos trabalhadores que relegados à pobreza e miséria, se sentiram cada vez mais ameaçados, criando-se uma “tônica de protesto político e conspiração permanente”.

Em outra passagem de sua análise (p.28), o autor afirma, entretanto, que:

não obstante o atraso em que se encontrava o Nordeste em relação ao Sul, Recife de qualquer modo era palco de um incipiente desenvolvimento urbano, industrial. Tal fato contribuía para gerar um estado de mudança nos níveis político, econômico e social. Ora, essa nova realidade que se esboça pedia, do ponto de vista cultural, novas formas de manifestações e, do ponto de vista artístico, novas formas de representação, o que não deixa de significar uma abertura para a pregação de idéias novas.

A partir da análise acima, podemos observar que a cidade do Recife se constituía em um ambiente com as condições necessárias para concentrar os embates que se deram naquele momento. Esses embates seriam refletidos para outros espaços urbanos da região Nordeste, pois, se, de um lado estavam aqueles que lutavam pela preservação do passado de origem colonial da região, de outro existia os que solicitavam do momento presente ações que a dinamizasse e criasse as condições para se integrar a aquele momento que se anunciava transformador.

Na mesma linha de pensamento em que atuou Joaquim Cardoso, no poema “Recife morto”, Câmara Cascudo publicou uma crônica sobre a cidade do Natal no livro *Joio* (1924), “Natal à noite”. Nessa crônica literária, o autor descreve a cidade sob a visão de quem está vivendo o processo de transformação. O autor se inspira, conforme ele escreve no início da crônica, na maneira como outros grandes escritores descreveram suas cidades à noite: Dickens com sua Londres e Forjaz de Sampaio com Lisboa. Na crônica cascudiana, a cidade do Natal reveste-se de uma atmosfera nostálgica e o narrador/autor percorre-a na sua quase escuridão noturna. Nesse passeio, o narrador nos revela as mais íntimas sutilezas e aspectos da cidade, os quais pareciam estar escondidos durante o dia, reaparecendo à noite. Tudo isso era o resultado do processo de transformação decorrente da incorporação de vários elementos modernos ao seu cotidiano de cidade provinciana, como por exemplo, o bonde, o automóvel, o cinema, etc. Eis a voz do narrador:

Quando o sol desaparece, quando o último Cinema escurece, quando o derradeiro bonde se recolhe, um mundo estranho, bizarro, esquisito, enche Natal de sombra, de mysterio, de evocação. Só passam pelo ar as notas graves do sino da Cathedral [...] Uma dormência enche as ruas, de paz tranqüila, duma nevoa fria de esquecimento.

A perspectiva adotada por Câmara Cascudo, no momento em que ele começa a discutir as questões relacionadas aos aspectos tradicionais, encontra uma certa ressonância nas idéias de Gilberto Freyre, idéias essas que acreditamos ser conhecidas pelo potiguar, principalmente quando o assunto é a defesa do aspecto tradicional. Logo, quando confrontadas mais diretamente essas idéias com as de Gilberto Freyre, entendemos que elas

possuem, realmente, algumas semelhanças, pelo menos do ponto de vista temático, como por exemplo, a defesa da arborização da cidade, a manutenção dos nomes antigos das ruas, dentre outros elementos da tradição local. No entanto, a grande defesa do potiguar é no sentido de que a cidade possa ser modificada, porém devendo ser conservados os seus aspectos mais tradicionais, seja na arquitetura, na urbanização ou nos aspectos culturais propriamente ditos. Isso quer dizer que, na realidade, as idéias cascudianas se distanciam do posicionamento do pernambucano que tinha outra concepção de cidade e defendia sua transplantação do passado para o presente, sem modificações. Como sabemos, a cidade do Natal não possuía àquela época a configuração tradicional dada à cidade do Recife, palco de vários episódios importantes na história do país, sendo possuidora, também, de um importante centro de estudos, a tradicional Faculdade de Direito, além de ser “palco de um incipiente desenvolvimento urbano, industrial”, conforme demonstra a citação do estudo acima referido. Mesmo não tendo tais características, a capital potiguar passava por um considerável processo de modernização, fato que fazia com que os intelectuais que nela viviam ficassem divididas entre a preservação de alguns dos seus aspectos tradicionais e a defesa daquele processo que estava em curso, situação que foi vivenciada e discutida diretamente por Câmara Cascudo. Segundo o estudo de Araújo (1995, p.26):

Pode-se afirmar que os novos elementos culturais, relacionados à modernidade, chegaram a Natal reforçados por dois fatores que muito contribuíram para as mudanças ocorridas na década de 20: a intensificação do comércio do algodão com o mercado inglês e a inauguração da aviação comercial que, facilitada pela posição geográfica da cidade, foi a grande novidade na pacata Natal dos anos 20. Com isso, dois elementos entraram para as páginas principais da imprensa de então: automóveis e aviões.

Naquele momento, a década de 1920, o jovem intelectual Câmara Cascudo começou a ter consciência de que os aspectos da tradição existentes na cidade precisavam ser reestabelecidos e sistematizados dentro da perspectiva que iria configurar o ideal do movimento modernista. Assim, as idéias do movimento que fora deflagrado em 1922, passaram a ser discutidas na cidade a partir do ano de 1924, sendo articuladas pelo próprio Câmara Cascudo. Antes disso, a cidade vivia longe dos principais acontecimentos que movimentavam a vida política, econômica e cultural do país e se caracterizava como uma cidade bastante provinciana, conforme descreve Santos (2006, p. 32):

As descrições de Natal na transição do século XIX para o XX, feitas por historiadores e memorialistas, dão-na como uma capital de Província que não conseguia ter expressão econômica e cultural, atributos que não faltavam à pequenina Macaíba [...]. A despeito dos não poucos episódios dignos de registro ao longo de sua história colonial, a importância cultural e político-econômica da Capital seria, conforme tais descrições, proporcional ao seu tamanho físico.

Foi, então, neste cenário de cidade atrasada, que nasceu, no ano de 1898, Luís da Câmara Cascudo. Se a entrada do século XX significaria uma nova perspectiva de mudança para o cenário provinciano, essas mudanças foram acompanhadas bem de perto pelo menino que crescia e vivenciava aquelas transformações. Conhecedor de todos os recantos da cidade, Câmara Cascudo logo percebeu que os traços de uma produção esparsa, e neste caso estamos falando da tradição literária, precisavam ser organizados e levados à cena do debate intelectual. Foi com esse objetivo que ele publicou, no ano de 1921, o seu primeiro livro, *Alma Patrícia*. A partir dessa obra, o autor estabeleceu os elementos iniciais para a sistematização da tradição literária local. Podemos perceber que o processo de modernização da cidade e o processo de amadurecimento intelectual daquele que foi um dos seus principais cronistas vão acontecendo de forma paralela, ou seja, ao mesmo tempo em que Câmara Cascudo mergulhava nos estudos sobre os aspectos da tradição e da cultura popular, tudo feito no calor dos debates em torno das perspectivas de renovação literária, a cidade ia adquirindo uma configuração moderna, uma vez que, além da sua reestruturação urbana, ela passara a conviver com a discussão da renovação cultural, iniciada no Sul país e trazida para a discussão local pelo próprio Câmara Cascudo.

O jovem intelectual também se ocupava de divulgar e interligar as idéias e as obras locais publicadas como os nomes mais expressivos da cultura e da literatura latino-americana. Sendo assim, podemos dizer que, naquele momento, a vida provinciana da cidade é literalmente sacudida por esses e outros acontecimentos que vão marcar decisivamente a consolidação da modernização na capital potiguar, já que os contatos com outras cidades e países a fazem emergir da sua condição de cidade provinciana. Um dos fatos que pode atestar essa nossa observação foi a publicação da crônica “Cidade Natal do Rio Grande”, na *Revista de Antropofagia*, em 1928, por Câmara Cascudo. Nessa crônica, o autor nos dá conta da situação estrutural da cidade, descrevendo, além das suas belezas naturais, toda a atmosfera que comprovaria a situação de cidade que estava sintonizada com a modernização. A importância principal dessa crônica se dá porque ela foi publicada em veículo de expressão

caracterizadamente modernista, a *Revista de Antropofagia*, cuja circulação se dava, notadamente, no Centro-sul do país. Sendo assim, a cidade e o autor da crônica adquiririam, com aquela publicação, uma certa notoriedade perante à intelectualidade brasileira da época que se concentrava nos espaços do Rio de Janeiro e São Paulo. Por outro lado, pode-se imaginar que a apologia feita aos aspectos modernos da cidade, conjuntamente com seu lado tradicional, tem uma pitada de provocação, mesmo que feita indiretamente, aos líderes do movimento regionalista para quem o progresso seria algo a ser abolido das cidades que respiravam um certo ar tradicionalista. Assim, Câmara Cascudo parece estar provando que a junção dos dois elementos estavam dando certo na capital potiguar que, neste aspecto, estaria à frente de tais discussões. Vejamos, então, como o autor apresentou a cidade:

35000 patriotas. Fundada em 1599. Nasceu Cidade como filho de Rei é príncipe. Padroeira: Nossa Senhora da Apresentação que veio dentro dum caixote, lento e manso pelo rio. Século XVIII. Tem um rio e tem um mar. Campo de Latecoere. Tennis. Cinemas. Autos. Cinco pharmacies. Bispado. Dois jornaes diarios. As mulheres votam. O presidente guia automóvel e viaja de avião. O secretario mais velho roda dos quarenta anos. Sal de Macau. Algodão do Seridó. Cera de carnauba. Couros. Assucar de quatro valles largos e verdes. **Boiadão histórico que em 1799 mandava dezesseis mil cabeças para Pernambuco [...]** (Grifos nossos).

Com a publicação dessa crônica, em um veículo de expressão comprovadamente modernista, Câmara Cascudo, além de projetar Natal dentro de uma perspectiva de cidade que estava em considerável processo de transformação, destaca, também, os principais elementos que a configuravam como uma cidade inserida numa atmosfera de tradição. A data de fundação, 1599⁶, além dos outros elementos descritos, é um dos principais pontos que atestam uma atmosfera tradicional identificada pelo autor. Neste sentido, podemos pensar que essa crônica faz com que Câmara Cascudo demonstre, mais uma vez, um certo distanciamento em relação às propostas regionalistas do grupo de Recife, já que para aquele grupo o progresso era um processo que deveria ser visto com ressalvas, principalmente quando o assunto era a incorporação das novidades às cidades que estavam circunscritas à atmosfera tradicional.

⁶ Em 1947, Câmara Cascudo publicou o livro *História da cidade de Natal*. Leda Guimarães esclarece que esse livro “constitui-se a obra pioneira na bibliografia natalense e do Rio Grande do Norte. Reúne artigos publicados na imprensa local, a partir de pesquisa bibliográfica, documental, coleta de dados e informações do temário histórico-social e cultural, durante as décadas de 1930 e 1940. Compreende-se, então, porque não existe nos capítulos uma ordem metodológica, como também cronológica do seu temário no tempo e espaço” (GUIMARÃES, 2003, p.105).

A partir dessa perspectiva, entendemos que a vida do intelectual Câmara Cascudo e a história da cidade, enquanto espaço que cultivava alguns aspectos modernos, se confundem e se complementam, já que cada um necessita dos atributos do outro para se constituir e se afirmar naquele momento. Neste caso, estamos pensando na primeira década do século passado, uma vez que é do misto de tradição e modernidade que a cidade e o escritor são constituídos, sendo então esses dois referidos elementos, a marca principal das transformações ocorridas na vida das pessoas, das cidades, etc. Se quisermos ir mais além na questão, podemos observar que esse processo de nascimento da cidade do Natal moderna e o surgimento do intelectual Câmara Cascudo acontecem de forma bem equilibrada, processo inserido na dialética que rege o movimento cultural de então, já que os dois surgem a partir desse duplo elemento, tradição e modernidade (podemos lembrar aqui o entusiasmo do escritor com o novo plano diretor da cidade que reestruturou o bairro da Ribeira, o mais tradicional, adequando-se às novas exigências de urbanização e a construção do bairro do Tirol, deliberadamente moderno, traçado, planejado). Assim, vários foram os aspectos regidos pela tensão instalada na cidade, que mereceram destaque nos artigos e crônicas publicados pelo autor ao longo da década de 1920, conforme demonstra o material coletado referente a 1924, 1927, 1928 e 1929, anos delimitados, especificamente por nossa pesquisa.

Uma das grandes preocupações do autor era vivida em torno da dicotomia modernização e atraso. Se, por um lado, ele proclamava o processo de modernização vivida na cidade do Natal, por outro, ele percebia que esse processo não foi revertido em torno das ações intelectuais, como por exemplo, em favor da atividade musical que não tinha uma expressão significativa na cidade. A questão literária também foi bastante discutida pelo autor. Neste caso, a reivindicação de Câmara Cascudo se deu em torno da produção de um romance, já que, no campo da poesia, a obra de Ferreira Itajubá tinha um significado importante para a vida literária local, sendo considerado por ele o poeta mais importante do estado. Outro poeta que possuía uma importância na tradição literária potiguar foi Segundo Wanderley, que teve a obra organizada e publicada, em 1924, pelo próprio Câmara Cascudo. Para o crítico, este foi um dos mais conhecidos poetas do Rio Grande do Norte e sua fama literária está dentre aqueles conseguiram ultrapassaram os limites da crítica local.

Em relação ainda à cidade do Natal, várias foram as ocasiões em que Câmara Cascudo se preocupou em descrevê-la, mas o processo de modernização parece ter sido o fato que mais o preocupou ou encantou, digamos. Na verdade, conforme já salientamos, ele acompanhou de perto todas essas transformações. Um dos aspectos que coloca a cidade nessa vanguarda da modernização e mereceu a atenção do escritor é a presença constante do avião.

Sobre essa questão, ele escreveu várias notas que foram publicadas, recentemente, em *No caminho do avião...: notas de reportagem aérea (1922-1933)*. Em uma das notas, o autor descreve o ambiente da cidade em que o elemento avião já estava incorporado ao seu cotidiano:

Fundação festiva do Aero clube de Natal, sob a presidência do Dr. Juvenal Lamartine de Faria e Fernando Pedroza e tendo como diretor-técnico o Comandante Djalma Petit. O Aero clube chegou a possuir dois aviões e manter Escola de Voo em campo próprio.

Foi o mais intenso núcleo de divulgação da aviação civil em todo o norte-nordeste do Brasil graças às magníficas instalações que possuía. As repetidas viagens do Dr. Juvenal Lamartine para o sul do País e especialmente aos municípios do Estado, popularizaram o avião. Foram preparados 17 campos de pouso no interior do Rio Grande do Norte (CASCUDO, 2007, p. 55).

O elemento avião também virou matéria poética no livro de Jorge Fernandes, sendo tema em quatro poemas: “Aviões 1, 2 e 3” e “Jahú”. Como não podia deixar de ser, o poeta que simbolizava a modernidade literária na cidade incorporou aquele mais recente elemento ao seu fazer poético, no momento em que a máquina voadora chegou anunciando a consolidação de uma nova era. O avião fazia a interligação da capital do estado a outras grandes cidades do país, bem como a outros continentes, fato que deu uma nova dimensão ao processo de mobilidade do homem, conforme é descrito no poema “Jahú”:

- Prei! prei! prei! prei!
Lá vêm os paulistas escanchados no seu
Cavalo de pau côm de café pilado...

Curupira bateu - tres vezes – quatro vezes – cinco vezes –
Com o pé no chão vigiou as grossas arvores
Das grandes florestas e gritou pras terras de África:
- Eles vêm!
E os ananguéras vieram todos cheios de óleos e sujos
De poeira das terras feias...
Passaram por sobre os mares e as terras verdes
- Norte a Sul – aos gritos alegres dos periquitos: - crá! crá! cra!
Aos gritos dos cabôcos: - viva! viva! vivôôô!
Aos gritos dos estrangeiros: - biva! ó brasile! bibô!
- Lê brasile!
- Uberale bresiliense!
- Ipê! Ipê! urra! ipê! ipê! urra!⁷

⁷ Fernandes (1997, p. 33-34).

É importante lembrar, aqui, que, além de Natal ter entrado na rota do tráfego aéreo internacional, o estado inaugurou vários elementos que deram suporte ao avião, como os dezessete campos de pouso no interior e o Aeroclube da capital. Definitivamente, é com o avião que o sertão se integra de vez, pelo menos no plano do imaginário, ao mundo da modernidade, conforme representa o poeta Jorge Fernandes no poema “Aviões 2”: “Lá vae o automóvel fazendo zuada por cima da gente.../Não encontra porteira fechada no Seridó!...”. Aqui, o poeta moderno, que, declaradamente, ainda traz consigo marcas de uma poética alçada a um mundo idealizado (“Sou como antigos poetas natalenses/Ao ver o luar por sobre as dunas...”) ⁸, consegue ver concretizado aquele sonho romântico que muitas vezes deu asas à imaginação, ou seja, o poeta é uma das testemunhas que vê realizado o grande desejo que o homem tinha de voar. Em Jorge Fernandes, o avião é descrito não como um elemento estranho, desagregador, mas na perspectiva de aproximação da máquina voadora com os elementos da fauna local ou de elementos presentes ao universo infantil: “- Besouro roncando: zum... zun... umumum.../Aonde irá aquele Rola-Titica parar?” ⁹/ “Lá vêm os paulistas escanchados no seu/Cavalo de pau cor de café pilado...” ¹⁰, ou ainda tentando aproximá-lo de outro elemento moderno já bastante conhecido da população, o automóvel.

Nestes termos, a linguagem poética utilizada por Jorge Fernandes é revestida do puro modernismo, pois o aspecto prosaico, associado aos elementos da paisagem local para descrever um objeto de dimensão universal, configuram essa modernidade do poeta. Para o potiguar, o deslumbramento provocado pelo avião é transformado, em certos momentos, em mero episódio de gracejo: “E a marmóta vae: ron... ron... – cevando o vento -/Por cima dos coqueiros, varando as nuvens...” ¹¹. A partir desse posicionamento do poeta, parece que a grande máquina moderna é minimizada na sua tarefa de voar, numa tentativa de mostrar que o homem moderno, e mais especificamente o homem potiguar, parecia que já estava acostumado com as várias novidades tecnológicas que a modernidade apresentava, sendo o avião apenas mais uma delas. Mesmo assim, as características daquela máquina estranha mexeu com a mente do homem provinciano que, acostumado ao marasmo do dia-a-dia, sente-se provocado na sua maneira de pensar e interpretar o mundo ao seu redor, mundo que para ele parece ter perdido as fronteiras do concreto, do imediato e cujo controle parece ter alçado, literalmente, vôo. O avião distendeu todos os conceitos do agora, do aqui, elevando a uma certa potencialidade mágica e quase instantânea os limites básicos em que a “porteira fechada

⁸ Trecho do poema “Remanescente”.

⁹ Trecho do poema “Aviões 1”.

¹⁰ Trecho do poema “Jahú”.

¹¹ Trechos do poema “Aviões 1”.

do Seridó” seria a representação simbólica de um mundo do passado, para qual o atraso teria sido abolido pelas asas do avião. Em uma análise mais ousada, podemos imaginar que o sertão, pelo menos do ponto de vista da imaginação literária, vence o atraso e chega ao mundo do progresso pulando etapas desse processo, uma vez que o procedimento esperado seria que as portas fossem ser abertas e, aos poucos, fossem dando lugar aos elementos do progresso. Neste caso, segundo nos deixa ver o poeta, o avião ignora esse mecanismo, “passando por cima” e anunciando que as mudanças chegaram. Mesmo diante da ruptura desses limites, podemos perceber que não existem receios ou nostalgia para o poeta, pois a chegada do avião parece representar um momento de festa, de alegria:

[...]
 Passaram por sobre os mares e as terras verdes
 - Norte a Sul – aos gritos alegres de perequitos: - crá! crá! crá!
 Aos gritos dos cabôcos: viva! viva! vivôôô!
 Aos gritos dos estrangeiros: biva! ó brasileiro! bibô!¹²

[...]
 Parece que tem pauta com o demonio.
 Nem pára nem topa...
 Lá vae subindo uma rampa que ninguém está vendo...
 Lá vae torcendo numa curva que ninguém vê...
 Não mata cobras na estrada...
 Não se impáca nos rios cheios...
 Lá vae danisco pelas estradas sem largura e sem fim...
 As pedras meudas não batem no para-lama...
 E a lama ninguém vê...
 E lá vae o automóvel de asas com milliêtas de léguas
 E parece que vae bater nos confins dos infernos...¹³

Se confrontarmos a temática do avião, presente nos poema de Jorge Fernandes, com o poema “pobre alimária¹⁴”, de Oswald de Andrade, logo perceberemos que, no poeta paulista, a questão da modernização acontece de forma mais concreta, realista. Em Oswald de Andrade a cidade envolvida é São Paulo e lá esse processo aconteceu, de fato, com maior intensidade, uma vez que a cidade configurava-se como o principal centro do país que irradiava aquelas mudanças no início do século XX. Neste sentido, podemos imaginar que o poema de Oswald é mais realista (o bonde está no chão e impaca); em Jorge Fernandes, o

¹² Trechos do poema “Jahú”.

¹³ Trechos do poema “Aviões 2”.

¹⁴ “O cavalo e a carroça/Estavam atravancados no trilho/E como o motorneiro se impacientasse/Porque levava os advogados para os escritórios/Desatravancaram o veículo/E o animal disparou/Mas o lesto carroceiro/Trepou na boléia/E castigou o fugitivo atrelado/Com um grande chicote”.

avião apresenta-se como um elemento com características surrealistas, uma vez que a transitoriedade de sua presença não deixa marcas no chão e muito menos no ar, digamos. Desse modo, o avião não veio para se fixar na cidade e muito menos no sertão por onde passou, fato que faz com que essa modernidade por ele apresentada seja de caráter “efêmero”. Em todo caso, a São Paulo presente no poema de Oswald é a cidade-ícone na representação que marca as duas faces do processo no qual vivia o país naquele momento, já que lá os elementos que configuram aquela situação existiam de fato, enquanto que por aqui os elementos modernos apenas se esboçavam através de traços no cotidiano da cidade e com menor intensidade ainda no interior. Segundo Roberto Schwarz (1997b, p.15),

A cidade em questão é adiantada, pois tem bondes, e atrasada, pois há uma carroça e um cavalo atravessados nos seus trilhos. Outro sinal de adiantamento são os advogados e os escritórios, embora adiantamento relativo, já que o bonde só de jurisconsultos sugere a sociedade simples, o leque profissional idílica ou comicamente pequeno. Sem esquecer que o progresso requeria engenheiros, e que neste sentido, corrente até hoje, o batalhão de bacharéis está na contramão e aponta para “o lado doutor, o lado das citações, o lado autores conhecidos”. O progresso é inegável, mas a sua limitação, que faz englobá-la ironicamente com o atraso em relação ao qual ele é progresso, também.

O crítico lembra, ainda, que uma das singularidades de Oswald de Andrade “é a total ausência de saudosismo na exposição de figuras e objetos do mundo passado (o contraste com os nortistas, ligados à decadência da cana de açúcar, neste ponto é instrutivo)” (SCHWARZ, 1997b, p.24).

Ainda em relação ao elemento avião, podemos lembrar que, em Natal, o debate sobre ele se faz constante, devido à posição geográfica que a cidade ocupa em relação à Europa, fator decisivo para as várias situações em que este elemento esteve presente. Seria assim, na Segunda Guerra Mundial, momento em que a cidade sediou uma base aérea, palco das manobras militares da Força Aérea norte-americana que atuava na defesa do continente contra os possíveis ataques das tropas nazistas; como ainda é bastante atual o debate em torno da construção de um aeroporto comercial que figurará como o maior da América Latina nos arredores da área denominada de a Grande-Natal. Este aeroporto seria a porta de entrada e

saída do país para a comunidade européia, interligando, também, o promissor mercado comum latino-americano, Mercosul, ao restante do mundo¹⁵.

Essa harmonia entre a tradição e a modernização não será, contudo, uma constante na vida do escritor Câmara Cascudo, pelo menos no período a que se refere o estudo em questão. Se, por um lado, o processo de modernização da capital entusiasmou sobremaneira o nosso escritor, por outro lado, ele vê com bastante preocupação esse “avanço”, no momento em que tal processo sai do principal centro urbano do estado e atinge algumas áreas do interior. De certa forma, a desconfiança de Câmara Cascudo com a chegada dos elementos modernos ao sertão aconteceu porque o escritor acreditava que a tradicional cultura sertaneja pudesse sofrer algum processo de desagregação, fazendo desaparecer alguns dos costumes com a incorporação de hábitos citadinos. Essa mesma preocupação pode ser vista no momento em que o autor faz a defesa da manutenção dos aspectos mais tradicionais da cidade do Natal. Neste sentido, a preocupação dele tem uma fundamentação com base no processo de compreensão dos elementos culturais existentes no interior do estado, principalmente aqueles situados na região do Seridó, uma vez que ele elege a cidade de Caicó como a capital da tradição sertaneja. Essa preocupação do intelectual potiguar se faz pelo simples fato de ele ter consciência da necessidade urgente de um maior estudo dessa tradição, que se constituía em um repositório de vários outros traços culturais advindos com o processo de colonização portuguesa e seus desdobramentos, ou seja, para ele, a cultura sertaneja se constituía em um dos aspectos da própria história cultural do país. Mesmo entendendo esse processo com bastante ressalva, o potiguar era um defensor da modernização, haja vista ele ter nascido sob o signo das mudanças, bem como tal processo ter possibilitado as inovações através das quais foi possível aproximar o interior do estado à capital, colocando em contato os elementos culturais existentes nessas duas esferas. Essa preocupação com a tradição sertaneja o faz, portanto, algumas vezes, portar-se contraditoriamente sobre o processo. Na verdade, podemos pensar que a preocupação do autor se fazia necessária, haja vista que, quando escreveu o prefácio de *Vaqueiros e cantadores* (1939), alguns anos depois dos primeiros textos esparsos publicados nos anos de 1920, ele constatou que vários dos costumes do sertão haviam sido modificados em decorrência da introdução de alguns elementos símbolos do progresso. No prefácio da obra, o autor assim descreve o processo pelo qual estava passando o sertão:

¹⁵ Segundo as análises políticas e econômicas mais recentes, a construção do aeroporto nos arredores da cidade do Natal seria a alavanca para a consolidação do desenvolvimento econômico do estado, uma vez que este concentraria grande parte do embarque e desembarque dos produtos que saem e chegam ao país, cujas origens de destino são, além da comunidade européia, vários outros mercados consumidores do mundo.

A transformação é sensível e diária. As estradas de rodagem aproximaram o sertão do agreste. Anulando a distância, misturaram os ambientes. Hoje a luz elétrica, o auto, o rádio, as bebidas geladas, o cinema, os jornais, estão em toda a parte. Os filhos se educam nos colégios distantes. Tudo perto pelo auto (CASCUDO, 1984b, p.15).

E, ainda:

O sertão se modifica rapidamente. Uniformiza-se, banaliza-se. Naturalmente a crítica é inoperante para eles. Melhor a vida modernizada que a maneira velha do cavalo de sela e a viagem com “descanso” (p. 16).

Anteriormente à publicação de *Vaqueiros e cantadores*, Câmara Cascudo já havia anotado nas crônicas do “Diário de 1.104 Kmts”, viagem feita com Mário de Andrade e Antonio Bento de Lima pelo interior dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba no início de 1929, essas mudanças nos hábitos do sertão. Nas anotações, o autor registra que tais mudanças aconteciam, principalmente, entre os jovens. Senão, vejamos o que ele escreveu na crônica de número III, publicada em *A República*, no dia 18 de fevereiro de 1929:

Meninas, rapazes, troços de palavras. O sertão está se praciando. Em todo cochicholo, de Lages até aqui, deparámos todas as cuhãs com as bochechas lambusadas de encarnado. Bancando “rouge”. E nem uma com a trança das modinhas saudosas de Lourival Açucena e do padre Areias.

O assunto sertão também rendeu outra obra, *Viajando o sertão*, publicada no ano de 1934, resultado também de uma outra viagem feita pelo escritor ao interior do estado, conforme escreveu Manoel Rodrigues de Melo na nota publicada na 2ª. edição da obra, em 1974:

[...] na gestão do Interventor Mário, que, em viagem de observação pelo interior, leva em sua companhia técnicos em educação, agricultura e açudagem, além de um escritor de renome capaz de ver com olhos voltados para o futuro os grandes problemas artísticos e culturais do estado¹⁶.

¹⁶ Sobre esse livro Marcos Silva escreveu o artigo “Câmara Cascudo e a erudição popular” (SILVA, 1998). Conferir, neste sentido, a nota 26 do segundo capítulo deste trabalho.

Um dos fatores que Câmara Cascudo atribui a esse seu interesse pela vida tradicional do sertão é o fato de ele ter vivido por algum tempo naquele espaço. Tanto no prefácio de *Vaqueiros e cantadores* quanto no prefácio de *Literatura oral no Brasil* (1952), o autor dá testemunho da sua vivência nas terras áridas do sertão. No prefácio da obra publicada em 1939, ele escreveu:

O material colhido diretamente na memória duma infância sertaneja, despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, o que mais se passou posteriormente, vieram reforçar, retocando o “instantâneo” que meus olhos de menino haviam fixado outrora. É o que fielmente se continha em minha’alma. Dou fé.

[...]

Vivi nesse meio. E deliciosamente. Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos do inverno. Esperei a *cabeça do rio* nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei “lanços” nos açudes. Cacei mocós e preás nos serrotes [...].

Tios e primos eram vaqueiros e maníacos pelos cantadores. Sempre que era possível tínhamos um deles, arranchado, cantando [...] (CASCUDO, 1984b, p.15 e 17).

Também no prefácio de *Literatura oral no Brasil*, o autor confirma esse vínculo com a vida tradicional do sertão nordestino. Nesse escrito, Câmara Cascudo dá o testemunho de que ele não tinha noção da importância de tudo que vira e aprendera durante a sua estada como menino sertanejo. Porém, enfatiza que tudo aquilo “era o primeiro leite alimentar da minha literatura” (CASCUDO, 1984a, p.16). Dando continuidade ao testemunho de quem lá viveu, o autor acrescenta: “cantei, dancei, vivi, vivi como todos os outros meninos sertanejos do meu tempo e vizinhanças, sem saber da existência de outro canto, outra dança, outra vida” (p.16).

Provavelmente, esse capítulo da história do Câmara Cascudo sertanejo está ligado mais diretamente às imagens ficcionais do autor do que propriamente às experiências por ele vividas. De fato, o autor teve uma passagem de sua vida no interior do estado, todavia, a própria história do menino rico na primeira infância e na adolescência, bem como a história de fragilidade de sua saúde, nos levam a acreditar que as “aventuras de menino sertanejo” têm origem na convivência com outras pessoas e à capacidade que ele tinha de ouvir as histórias, e nestas se incorporar como personagem para dar maior veracidade aos fatos. O outro lado da infância do autor nos é contada por ele próprio, na obra *O tempo e eu* (1968), momento em que ele escreveu a autobiografia. Nessa parte, ficamos sabendo que Câmara Cascudo sempre

fora uma criança cercada de cuidados, devido à sua frágil saúde, situação que desfaz a idéia de ele tiver vivido todas as aventuras de um autêntico sertanejo durante a infância. Nos trechos da obra referida, intitulados de “VIII Mestras” e “XII Meninice”, ele escreveu:

Fui menino magro, pálido, enfermizo. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimentação lúdica infantil. Não corria. Não saltava. Não brigava. Nunca pisei areia nem andei descalço. Jamais subi uma árvore.

[...]

Com o pavor de que os colegas de sexo me pusessem a perder, como depois puzeram, minha Mãe fez-me estudar no “Externato Sagrado Coração de Jesus”, das irmãs Andrade, Guilhermina e Maria Emília. Externato exclusivamente feminino. Eu era o único varão sobre a terra da salinha quente, paredes ornadas de estampas piedosas e feias (CASCUDO, 1968 p.44-45).

E, mais:

Tive uma meninice isolada e doente. Cercado de brinquedos mas sem companheiros de folias. Não possuí “amigos de infância”. Meus mais antigos amigos datam dos cursos “preparatórios” [...] Jamais manobrei velocípede, carro, bicicleta. Podia cair e machucar-me. Meu primeiro auto era verdadeiro, um Ford, de bigode, em 1921. (p. 54, 55-56).

[...]

A minha solidão, ausência de companheiros: falar só, abstração, timidez-repulsão ao grupo, silêncio pelo isolamento, intensidade de vida interior suprimindo a distância da convivência menina. Lia muito, mais do que apreciava os jogos materiais. Ficava horas e horas imóvel, num cadeirão de braços, com o livro na perna, viajando na imaginação (p.57).

Diante das colocações do autor, é difícil imaginar que seus pais o tenham liberado para as peraltices de uma vida no sertão, já que a saúde frágil sempre o fizera ficar longe de qualquer extravagância infantil. Mesmo assim, não podemos dizer que a vivência do autor com a cultura sertaneja não possuía nenhuma importância para os seus estudos. Lembramos aqui que o termo “Dou fé”¹⁷, no primeiro parágrafo do prefácio de *Vaqueiros e cantadores*, é

¹⁷ Essa expressão é geralmente usada na “presunção legal de autenticidade, verdade ou legitimidade de ato emanado de autoridade ou de funcionário devidamente autorizado, no exercício de suas funções. Tudo o que for registrado possui fé pública. O registrador age em nome do Estado quando usa a expressão “Dou fé”, significando que, o afirmado, transcrito e certificado, é verdadeiro. Visa proteger o terceiro, que contrata, confiando no que o registro publica, no que dele consta. Em sentido geral, esse princípio possibilita que o terceiro realize de boa-fé um negócio oneroso e registre essa aquisição, passando a ter a presunção de segurança jurídica. No entanto, no sistema registral brasileiro, essa presunção é relativa, admitindo prova em contrário, porém quem deverá provar não é o detentor do registro, mas quem a ele se opõe. Aquele que registra sua aquisição, se não o faz de forma ilícita, tem a seu lado a presunção da verdade do conteúdo do registro, caso

utilizado pelo autor para dar testemunho de pura verdade aos fatos narrados na obra. Na realidade, a confissão da própria experiência tem como função mesma dar autenticidade aos fatos estabelecidos pelo autor, no momento em que ele queria imprimir na mente do leitor que tudo isso foi vivido e que realmente esses elementos faziam parte da expressão e da cultura do homem sertanejo, pois tinha ele como testemunha. Contudo, a verdade, em si, é o que menos interessa neste caso, uma vez que o fato de ser pesquisador anula a exigência dele, o autor, ter vivenciado ou não aqueles acontecimentos. Por outro lado, imaginamos que, naquele momento, seria bastante interessante para Câmara Cascudo incorporar a própria imagem do homem sertanejo, radicado à sua terra e dela falar para o mundo. Seria, então, pela própria voz do homem que viveu todas aquelas experiências que a história registraria aqueles costumes, lendas, hábitos e tradições. Um fato que chama a atenção no episódio que marca o interesse de Câmara Cascudo pelo estudo da tradição sertaneja é a viagem que ele faz com Mário de Andrade e Antonio Bento de Lima por várias cidades da região. Dessa feita, Câmara Cascudo além de se mostrar ele próprio interessado no estudo daquele tipo de cultura, leva consigo um dos maiores nomes do modernismo brasileiro. A ida de Mário de Andrade ao sertão pode ter sido uma estratégia, consciente ou não, para chamar a atenção do meio intelectual brasileiro para aquela outra realidade cultural nordestina, um contraponto ao estudo proposto pelo regionalismo de Gilberto Freyre, que se interessava exclusivamente pela tradição sedimentada na zona litorânea da região. Como sabemos, Mário publicou os principais episódios da viagem em crônicas no *Diário Nacional*, dando maior visibilidade ao caso.

Diante da situação posta acima, entendemos que a atitude de Câmara Cascudo, ao se declarar como um autêntico sertanejo, possui, ao nosso ver, implicações que vão além das meras declarações do autor. Se pensarmos que, naquele momento, o seu objetivo era no sentido de se afirmar como um estudioso daquela tradição, parece ser verdade que ao fazer essa afirmação como alguém que, além de conhecer a tradição do sertão, também a vivenciou, o autor está, de certa forma, fazendo o caminho contrário de Gilberto Freyre - a figura central na discussão cultural daquele momento na região Nordeste - já que este se ausentou do país para estudar e de volta trouxe consigo os conceitos e procedimentos que foram a motivação para o movimento que liderou. Enquanto isso, o escritor potiguar se embrenha pelas estradas e veredas do sertão para estudar a cultura daquele povo. Na verdade, o modelo de tradição

contrário, o registro poderá ser cancelado”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A9>. Acesso em: 25 de abril de 2008.

defendido por Gilberto Freyre tinha como base vários estudos dos norte-americanos, ingleses, franceses e etc, ou seja, para se debruçar no estudo e na defesa da cultura local, nordestina, o pernambucano viajou ao exterior, aos grandes centros de conhecimento do mundo ocidental, atitude que não foi utilizada por Câmara Cascudo que, ao invés disso, trocou os estudos em Salvador e no Rio de Janeiro pelas viagens e pesquisas no sertão. Neste sentido, Câmara Cascudo queria se afirmar como o estudioso da cultura que na própria experiência do dia-a-dia descobre, entende e vivencia. Tal fato não elimina de forma alguma o lado cosmopolita do escritor Câmara Cascudo, grande leitor das obras clássicas e atualizado com as principais idéias em voga naquele momento, do mesmo modo que não exclui o mérito e autenticidade dos estudos do escritor pernambucano. Os pontos que parecem distanciar os dois escritores se referem aos métodos de estudos adotados por cada um deles, pois se, por um lado, Gilberto Freyre sente-se orgulhoso de se referir a cada momento às suas experiências vivenciadas fora do país, em ambientes como Nova Iorque, Paris e Londres; por outro, Câmara Cascudo faz questão de demonstrar a sua experiência sertaneja, o seu fascínio por aquela cultura para onde ele sempre se reportara à busca de matéria para suas pesquisas.

Não podemos esquecer que, até aquele momento, estudar a cultura e o homem sertanejo, os temas da tradição abordados por Gilberto Freyre ou, ainda, qualquer outro tema recalcado da realidade nacional era algo que não despertava interesse. Quando isso acontecia era sempre do ponto de vista do distanciamento, da atitude academicista, haja vista que os principais temas de estudos do pensamento brasileiro foram sempre pautados nos aspectos mais eruditos da cultura. Sendo assim, os estudos modernistas ofereciam essa nova perspectiva para a compreensão de outras realidades nacionais que tinham dinamicidade própria e existiam nas longínquas províncias fora dos grandes centros intelectuais do país e que se constituíam em aspectos importantes para a compreensão da vida nacional.

Antonio Candido, ao estudar, no texto “Literatura e cultura de 1900 a 1945 (panorama para estrangeiro)”, os dois grandes momentos da literatura brasileira, Romantismo e Modernismo, enfatiza que, nesse segundo momento, “o particularismo se afirma agora contra todo academicismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a conseqüente atenuação da rebeldia” (CANDIDO, 2006, p. 120). Na parte do estudo que faz referência ao elemento sertanejo e ao homem rural, o autor enfatiza que naquela visão esses elementos sempre foram vistos pelo “ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito idéias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético” (p.121).

Entretanto, observa, “caberia ao Modernismo orientá-lo no rumo certo, ao redescobrir a visão de Euclides, que não comporta o pitoresco exótico da literatura sertaneja” (p.121)¹⁸.

O sertão seria tema também em um dos poucos poemas escritos por Câmara Cascudo, “Não gosto de sertão verde”. Nesse poema, o autor declara sua preferência pelo sertão árido. Neste sentido, ele escreveu:

Não gosto de sertão verde,
 Sertão de violeiro e de açude cheio,
 Sertão de rio descendo,
 l
 e
 n
 t
 o

 Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo,
 com o couro da terra furado pelos serrotes
 hirtos, altos, secos, hispídos
 e a terra é cinza poalhando um sol de cobre
 e uma luz oleosa e molle
 e
 s
 c
 o
 r
 r
 e
 como o óleo amarelo de lâmpada de igreja.

A preferência pelo “sertão vermelho, bruto, bravo”, demonstra a grande atração que o autor tinha pela cultura sertaneja, fato comprovado na divisão do sertão em dois pólos, sendo que aquele que caracteriza o sertão com toda sua aspereza e adversidade é o que predomina, mesmo ele atestando a existência de um outro sertão que, de certa forma, ameniza o clima de adversidade referido. É curiosa essa opção do poeta, uma vez que a grande alegria do sertanejo se dá justamente com a chegada do inverno, momento em que tudo se transforma e a vida renasce naquelas terras áridas. Contudo, a opção feita pelo poeta reforça a idéia de que é a cultura sertaneja, constituída e mantida dentro das condições de adversidade, principalmente, do clima, que será o grande objeto de estudo e do desejo dele como

¹⁸ Contudo, Mário de Andrade já havia expressado uma opinião de discordância em relação a Euclides da Cunha acerca do sertão, no momento em que o escritor paulista afirma que “*O sertões* são um livro falso”, acusando Euclides da Cunha de ter transformado em brilho toda a desgraça do homem sertanejo.

“autêntico” sertanejo. Essa perspectiva parece conceber que é diante do clima hostil daquela região que o homem sertanejo se constitui e se mantém nas suas tradições.

A temática sertaneja foi amplamente (re)trabalhada nos anos seguintes, sendo talvez o romance de 1930 quem melhor tenha construído uma visão sobre o sertão nordestino. Neste caso, podemos imaginar que as inquietações de Mário de Andrade, a respeito da deformação da realidade do sertanejo posta por Euclides da Cunha em *Os sertões*, tomaram voz nas palavras de escritores como Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, por exemplo. Sobre Graciliano Ramos, Antonio Candido faz a seguinte observação:

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos leva ao máximo a sua costumeira contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos, para exprimir o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência (CANDIDO, 1989, p.161).

Diante do estabelecido, podemos afirmar que Gilberto Freyre e Câmara Cascudo possuem posicionamentos diferentes em relação à defesa do elemento regional. Porém, tais posicionamentos não se apresentam, assim, tão opostos ou deliberadamente polêmicos entre si, uma vez nossa pesquisa não encontrou nenhum material que ateste um enfrentamento de idéias ou divergências entre os dois escritores. Em certos momentos há muitas convergências entre os dois, entretanto as divergências entre eles não se cruzam. Assim sendo, podemos dizer que os dois escritores têm olhares diferentes acerca do elemento regional. Se por um lado, Gilberto Freyre elege aqueles elementos culturais que se desenvolveram em torno do cultivo da cana-de-açúcar, no litoral nordestino, como produto principal que animara a discussão em torno do movimento regionalista, por outro lado, podemos perceber que Câmara Cascudo desenvolveu uma ação cujo objetivo fora um inter-relacionamento entre dois pólos culturais existentes no estado do Rio Grande do Norte, o da capital e o do interior, como forma de ampliar um processo de transformação implementado pelo grupo político que chegara ao poder trazendo consigo o fardo legado cultural que se desenvolvera na região do Seridó norte-rio-grandense.

Portanto, as ações dos dois escritores os colocam em posições diferenciadas quando o assunto é a defesa direta das idéias em torno dos dois movimentos culturais presentes na região naquele período, modernismo e regionalismo. Entretanto, se olharmos mais detalhadamente, podemos perceber que, na prática, as linhas de defesas dos dois escritores

possuem pontos de confluências que desautorizam qualquer posicionamento mais firme, em torno da atuação de um e de outro. Na batalha travada pelos dois escritores, o motivo principal era a defesa da tradição da região Nordeste, através dos elementos que configuram a natureza de sua cultura híbrida. As cidades e suas arquiteturas, a gastronomia, enfim o modo de viver do homem nordestino, esteja ele situado na fértil região da zona da mata ou no árido sertão potiguar, despertaram nos dois escritores um modo próprio de levar à discussão estético-literária formas de vida que, somadas ao sincretismo cultural brasileiro, demonstram que a atuação dos dois escritores, bem como a natureza dos dois movimentos, modernismo e regionalismo, cumpriram os objetivos a que se propunham: levar ao mundo da arte erudita outras formas de expressão da cultura brasileira e incorporá-las à realidade artística nacional. Para falarmos como Mário de Andrade, é a partir da ação de cada um deles que podemos ver concretizada a “conquista magnífica da descentralização intelectual” (ANDRADE, 1972, p 248). De qualquer forma, podemos dizer que, mesmo defendendo idéias opostas no aspecto geral, as duas correntes de pensamento, presentes na região Nordeste no início do século XX, estudavam elementos da identidade cultural do país e cada uma, a seu modo, se expressavam numa busca pela brasilidade. Esse fato pode ser verificado quando analisamos a produção intelectual dos dois escritores em questão naquele período e constatamos que o interesse de cada um se conjuga no interesse de apresentar ao debate intelectual da época aspectos da cultura de uma região que representava uma grande parte da diversidade étnico-cultural do país.

5. MODERNISMO: DO DESRECALQUE LOCALISTA À INCORPORAÇÃO DA DIMENSÃO REGIONAL

Hoje, vemos que é necessário chamar Modernismo, no sentido amplo, ao movimento cultural brasileiro de entre as duas guerras, correspondente à fase em que a literatura, mantendo-se ainda muito larga no seu âmbito, coopera com os outros setores da vida intelectual no sentido de diferenciação das atribuições, de um lado; da criação de novos recursos expressivos e interpretativos, de outro (CANDIDO, 2006, p. 142).

Como sabemos, um dos principais momentos vivenciados na década de 1920, na região Nordeste, especialmente no estado de Pernambuco, foi a polêmica entre os adeptos do modernismo de origem paulista e os regionalistas do grupo de Recife, conforme afirma Azevedo (1996, p. 17): “a década de 20 em Pernambuco foi agitada por duas vertentes de idéias destinadas a sacudir, que na época em que existiram, quer nas suas conseqüências, a vida cultural do Nordeste”. Esse mesmo processo de discussão não se estendeu com igual nível de tensão aos outros estados da região, pelo menos se pensarmos na posição assumida pelos intelectuais norte-rio-grandenses, grupo que nos interessa diretamente neste estudo. Estamos nos referindo diretamente à figura de Luís da Câmara Cascudo, o principal articulador em torno das novas idéias estéticas no Rio Grande do Norte.

No âmbito do corpus analisado, as posições assumidas por Câmara Cascudo, pelo menos é o que demonstra a análise que ora realizamos nos seus textos esparsos publicados no período, não nos autorizam a concluir que ele entrou nesse terreno das polêmicas travadas em Pernambuco, conforme acontecia, por exemplo, entre Joaquim Cardoso e o grupo que tinha à frente Gilberto Freyre. Segundo Azevedo (1996, p. 46):

Gilberto Freyre também se coloca do lado daqueles que criticam o “modernismo” em geral e, em particular, as idéias futuristas vindas de São Paulo. Sua postura polêmica, neste momento, decorre da preocupação em resguardar os valores tradicionais e em apontar a necessidade de valorização das realidades regionais.

Distante das polêmicas entre modernistas e regionalistas, Câmara Cascudo foi traçando um percurso que culminaria, anos depois, em um trabalho cujas premissas combinavam aspectos da tradição local a um modo de “expressão moderna”. Mário de Andrade comenta o aspecto modernista de Câmara Cascudo, em carta datada de 03 de fevereiro de 1926, momento em que o paulista fazia referência ao texto “Atos dos Modernos” que o autor potiguar havia publicado na revista *Letras Novas*:

De moderno mesmo só você. Pela sensibilidade pelo inédito da invenção, pelo cortante incisivo da expressão [...] o que falta a essa gente é coragem e um pouco mais de estudo dirigido de coisas modernas (ANDRADE, 1991, p.51).

Fora a opinião de Mário de Andrade a respeito das práticas literárias de Câmara Cascudo, existe um depoimento do próprio autor demonstrando que sua decisão fora em favor do modernismo, bem como testemunhando que, de certa forma, não existiu em Natal ninguém que se contrapusesse às idéias por ele defendidas¹. Esse fato fez com que a vida literária da capital do estado tivesse um movimento tranqüilo naquele período. O referido depoimento está na carta enviada a Joaquim Inojosa, em 09 de setembro de 1925, na qual o escritor potiguar dá conta, ao líder do modernismo em Pernambuco, das suas atividades em Natal. Foi dessa forma que Câmara Cascudo participou ao amigo pernambucano o que ele estava fazendo em termos de divulgação da arte moderna:

- E que faz V.? E a *Arte Moderna*? Aqui tenho feito maravilhas. Arrebanhei Othoniel Menezes, Jorge Fernandes, Luís Torres, Padre Lopes Junior, Joaquim Wanderley, grandes nomes das quatorze patas do soneto. **Publicarei revistas. Escrevi coisas tremendas. Tenho feito rumor, barulho, guincho.** E não apareceu ninguém para o remoque. Entretanto continuo tal História e... a Cendrars (INOJOSA, 1975, p.10. Grifos nossos).

¹ Na verdade, o depoimento do autor ficou restrito ao sigilo da correspondência epistolar, tirando, assim, da cena pública qualquer comprometimento do remetente com o movimento naquele momento. O depoimento de Câmara Cascudo só passou a ser de conhecimento público alguns décadas depois, quando Joaquim Inojosa, o destinatário, o publicou na obra *Movimento Modernista em Pernambuco – Vol. 1, pág. 387*).

Joaquim Inojosa encerra o artigo, em que transcreve o trecho da carta que lhe foi enviada por Câmara Cascudo, fazendo comentários sobre a ação do escritor:

Se é exato que os nascentes etnólogos nordestinos da década de 20/30 primaram pelo combate sistemático ao modernismo, considerando incompatíveis passado e renovação, não menos certo é que a etnologia e o passado viriam a salvar-se do erro pelo “rico espírito rapidíssimo” de Luis da Câmara Cascudo, conciliador daquelas tendências aparentemente antagônicas e destruidor de falsos preconceitos da sociologia literária provinciana... (INOJOSA, 1975, p.10).

Além da própria declaração do autor, presente na carta acima citada, e do comentário de Joaquim Inojosa, existe outro comentário feito, também, por Joaquim Inojosa no momento da publicação da plaquete *A Arte Moderna*, em 1924. Nessa carta/panfleto, Joaquim Inojosa informava sobre as movimentações modernistas em Pernambuco, as primeiras repercussões no Pará e no Rio Grande do Norte, onde o movimento estava, segundo ele, sob a liderança de Câmara Cascudo, como ainda apelava para que os paraibanos aderissem ao movimento. Vejamos, então, um trecho do que escreveu o autor da famosa plaquete sobre o escritor potiguar: “tem vinte e poucos anos de idade. Como é de notar, não se filiando a escolas, admira e acompanha os falangários da renovação artística que se está realizando nos países civilizados” Inojosa (1962, p. 113).

De fato, a carta/panfleto encontrou no jovem intelectual potiguar um admirador e divulgador, porém, ao comentar o teor do manifesto, no artigo “Registro bibliográfico: Arte Moderna” (*A Imprensa*, 22 de agosto de 1924), Câmara Cascudo trata com uma certa cautela a indicação dada pelo pernambucano, quando o assunto é a sua participação no movimento, sem, contudo, rejeitá-la de um todo. Dessa forma, Câmara Cascudo não recusa a posição que lhe é atribuída por Joaquim Inojosa, mas também não se coloca como um líder na linha de frente da batalha do movimento:

No Rio Grande do Norte coube-me os galões do generalato. Vindo de tais mãos dadivosas não recuso. Mas, ponho restrições. Não sei sob qual bandeira me bato e ajo.
Até aqui a única teoria literária que me seduz é a minha. Há a compensação de ser eu só. E já é muito.

Fora esses episódios que atestam uma aproximação de Câmara Cascudo com o modernismo do grupo paulista, existem outros que são bastante conhecidos, como por exemplo, a longa correspondência com Mário de Andrade, além das duas visitas feitas pelo escritor paulista ao estado e, ainda, os aspectos de sua obra que, notadamente, estão inseridos na atmosfera das idéias programáticas daquele movimento². No entanto, Câmara Cascudo sempre foi cauteloso no que se refere à sua adesão oficial ao modernismo.

Mesmo diante dessas colocações, sabemos que, por outro lado, a movimentação em torno do regionalismo foi noticiada nos jornais que circulavam na cidade do Natal naquela época, uma vez que os acontecimentos ocorridos em Recife eram divulgados com bastante frequência na capital potiguar. Entretanto, Araújo (1995, p.31) esclarece:

Antes de ser noticiado como um movimento organizado, em 1924, o regionalismo expressava-se no Rio Grande do Norte, como em todo o Nordeste, sob a forma de uma tendência presente na cultura local. Essa tendência apareceu de modo sistemático na ação cultural desenvolvida por Henrique Castriciano e de modo mais espontâneo nas atividades da vida literária e social dos intelectuais locais, indiscriminadamente.

Certamente, os primeiros anos da década de 1920 foram para Câmara Cascudo um momento em busca de definição e de tomada de posição para suas práticas literárias. Sendo assim, entendemos que, naqueles instantes iniciais, o autor viveu em meio a um certo clima de tensão, tendo em vista que a posição que ele ia assumindo, aos poucos, perante os outros intelectuais locais, exigia dele atitudes firmes e coerentes. As discussões postas pelo cenário nacional e regional estavam nos seus momentos iniciais e ainda eram, portanto, incipientes, dificultando talvez uma adesão mais consistente do jovem escritor a qualquer uma daquelas correntes de pensamento. Se é verdade que Câmara Cascudo assistiu bem de perto ao embate acontecido no Recife, também é certo que a sua vida intelectual estava inserida em outro contexto, a cidade do Natal, que aos poucos também se modificava em termos de estrutura física, bem como aprimorava o

² A título de ilustração, conferir as resenhas elaboradas por Araújo (2003); Lopes (2003); Ferreira (2003), assim como o estudo introdutório de Silva (2003), que estão no *Dicionário crítico de Câmara Cascudo*.

debate intelectual, já que poetas, escritores e artistas locais, enfim aqueles que discutiam a questão cultural e artística na cidade, estavam buscando a atualização com as novas formas de pensamento que circulava em grande parte do mundo ocidental naquele período. Assim, podemos sugerir, sem nenhuma pretensão de apresentar uma verdade absoluta, que a natureza do movimento acontecido em Pernambuco não satisfazia aos interesses intelectuais imediatos do nosso escritor, tendo em vista que em sua pregação ideológica existia um forte apelo para que a tradição e o presente entrassem em harmonia com as mudanças que se estavam efetivando, diferentemente da proposição que buscava a retraditionalização do espaço nordestino com os olhos exclusivamente voltados para o passado colonial, uma espécie de fonte primitiva da vida cultural do país. Naquele mesmo contexto, podemos perceber que os interesses de Câmara Cascudo eram também comungados pelo grupo intelectual com o qual ele estava envolvido, haja vista que não é conhecida nenhuma voz dissonante em torno do projeto cascudiano naquele momento, ou seja, tanto Câmara Cascudo como os demais intelectuais do estado permaneceram distanciados das polêmicas vividas na capital pernambucana.

A tensão acima mencionada não comprometera a posição de líder intelectual assumida por Câmara Cascudo no Rio Grande do Norte, ao contrário, trouxe influxos à sua produção artístico-literária, conforme ficou evidenciado nos anos seguintes. Na parte da obra *Asas de Sófia*, intitulada de “A experiência modernista”, Araújo (1998) destaca os principais pontos dessa tensão vivida pelo escritor potiguar. Em um desses pontos, o autor da obra em questão aponta a atração que Câmara Cascudo sentia pelo estado de Pernambuco, considerado pelo potiguar como o mais brasileiro de todos os estados. O texto que dá embasamento ao estudo de Araújo é aquele que faz referência à atuação do escritor pernambucano Lucilo Varejão, e foi publicado em *Joio* (1924)³. No referido texto, Câmara Cascudo reivindica a criação de um romance nacional, bem como apresenta Pernambuco como o estado com as melhores condições para essa empreitada. Neste sentido, ele escreveu:

O romance com a mais perfeita expressão de cultura ambiente, só representará o Brasil legítimo se sahir do Norte. Não é separatismo. – É

³ Anteriormente esse ensaio já fora publicado no jornal *A Imprensa*, em 21 de janeiro de 1923, com o título de “Lucilo Varejão. Arabescos em tórno dos seus livros” (MAMEDE, 1970, p.181). Diga-se de passagem, em data anterior ao auge do movimento em torno do regionalismo tradicionalista pernambucano.

exclusivamente a construção artística de um cenário que a Europa tem parcamente influido.

[...] Pernambuco de história tão vasta e tão longa que é a própria história do Brasil por muitos séculos, está na obrigação, está na obrigação moral de agir fortemente.

Se algo existe de novo, é demasiado novo. Pernambuco efígia tipicamente o Brasil. Vive por crises. Crises de letras, crise de finanças, crise de política. Na minha sympathia pelo Estado, vive o desejo de vê-lo, maior ainda mais do que está e menos do que merece. Para o seu viver intelectual, vários nomes animam um futuro melhor (CASCUDO, 1991, p. 90).

Percebe-se, então, que Câmara Cascudo não desconsidera a importância que tinha o estado de Pernambuco para a configuração de um tipo de arte que imprimisse na literatura brasileira e, conseqüentemente, na cultura os elementos da “cultura ambiente”, prefigurando, assim, o ideal de brasilidade defendida naquele momento cultural do país, e antevendo, intuitivamente, os acontecimentos da década seguinte (1930), ocasião em que o romance foi o grande caracterizador das letras nacionais. Para Araújo (1998, p. 49), este é o “raro momento em que se percebe uma sintonia perfeita entre o pensamento cascudiano e as idéias regionalistas de Gilberto Freyre”.

Câmara Cascudo voltou ao tema Pernambuco em seus textos esparsos no ano de 1924. Dos onze artigos escritos em *A Imprensa*, sobre o estado em questão, cinco deles saíram com o título comum “De Recife”⁴. Ao fazer a análise desses cinco textos, juntamente com o texto anterior já referido, Araújo (1998, p. 50-51) afirma:

De conjunto, os seis escritos pernambucanos de Câmara Cascudo são reveladores de alguns dados e comprovam, antes de tudo, a tensão que se colocará o modernista potiguar, que entre Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, equilibrar-se-ia no esforço por dotar o Rio Grande do Norte de um perfil próprio e, ao mesmo tempo, nacional.

O dado mais revelador que se percebe nos escritos pernambucanos de Câmara Cascudo tem como referência, no entanto, não a província potiguar, e sim, o país como um todo. Ao clamar pela construção de um romance nacional, aquele, vamos dizer, “regionalista de ocasião”, estava antevendo uma tendência que se manifestaria apenas na década seguinte, não mais nos influxos diretos do Regionalismo nem do Modernismo – antevia, evidentemente de forma intuitiva, a força do chamado “romance de 30”, cujas raízes nordestinas espalhar-se-iam por toda a nação, num processo até então inédito para a história da literatura brasileira.

A obra do poeta Jorge Fernandes talvez seja o exemplo mais claro de como foram processadas as influências das duas tendências literárias com as quais o estado

⁴ Os comentários sobre esses textos estão no segundo capítulo deste trabalho.

teve contato na segunda década do século passado. Neste caso, estamos considerando o regionalismo como uma tendência presente na cultura local, com raízes históricas, e, ainda, como efeito dos ecos propagados a partir da cidade do Recife. Sendo assim, o livro do poeta figura como a representação desse momento estético que escapa a qualquer rótulo ideológico que tente enquadrar a produção literária norte-rio-grandense daquele momento. A ação direta de Câmara Cascudo, nessa obra, está registrada diretamente no pós-fácio do livro, espaço onde ele saiu em defesa da posição independente de Jorge Fernandes, defesa essa que pode ser estendida à ação do próprio Câmara Cascudo, pois, como sabemos, ele atuou nos bastidores do processo de articulação que possibilitou a publicação da obra em questão. Para Câmara Cascudo,

O livro de Jorge Fernandes é um livro isolado, sozinho, descolado no chromo de sala de jantar dos poetas de sua geração. Está forçosamente pertencendo ao movimento modernista mas não se filiou a nenhum capitão-mór do bando.

O vocabulário, a synthese e a orthographia são, no “Livro de Poemas”, bem brasileiras. **Brasileiras do Norte** (CASCUDO, 1997, p. I e VII. Grifo nosso).

Ao estudar a obra do poeta em questão, Araújo (1997) esclarece:

No *Livro de poemas de Jorge Fernandes*, os poemas que representam o homem nordestino estão localizados no “núcleo” do livro, ou seja, depois dos onze primeiros poemas [...]. São poemas que, embora representem traços de um Regionalismo de cunho geográfico, não se assemelham ao Regionalismo edênico e fraternal pregado através do movimento regionalista liderado por Gilberto Freyre.

Neste caso, estamos diante da representação de um “outro” Nordeste, aquele cujas raízes localizam-se no sertão, no centro de uma vida social que gira em torno da economia algodoeira-pecuária. A paisagem local aparece povoada de personagens e o poeta que observa essas personagens o faz a partir de uma perspectiva nova: a sua atitude humilde, e o respeito pelos modos de vida representados, caracterizam uma tomada de posição social que se revela em um discurso tenso, irônico e entrecortado de silêncios, sem pompa e sem a tradição açucareira que interfira no discurso regionalista-tradicionalista nordestino (ARAÚJO, 1997, p.146-147).

Para ilustrarmos essa questão, transcrevemos abaixo um dos poemas de Jorge Fernandes que versam sobre os traços regionais, mostrando o manejo do poeta com os

elementos da realidade local, sem, contudo, apelar para uma radicalidade ou fazer o enquadramento da linguagem poética a partir dos preceitos da ideologia tipicamente regionalista. No poema que se segue, bem como em vários outros poemas do livro, segundo Araújo (1998), a imagem da cobra está relacionada à “noção de *nacionalidade*”⁵, cuja simbologia está intimamente ligada à imagem da tradição literária, e foi utilizada por Jorge Fernandes como recurso poético para pôr em jogo o embate entre os elementos da tradição já instituída e as novas formas de expressão estética. Os elementos da natureza local, regional (neste caso o teju), oferecem, assim, novas alternativas para a expressão moderna. Eis o poema:

Briga do Tejú e a Cobra

Nas pontas dos dedos arfando como um fóle
 O lagarto pedrez desafia a cobra
 Que enrodilhada espera o golpe –
 Trabalha o sol á toda força – hora do meio dia –
 Zine nos troncos secos os insectos...
 Tejú vibra a cauda: Léxo.. recúa...
 A cobra embolada arma outro bote...
 Léxo! léxo!.....léxo!
 Léxo..... – luta demorada –
 Léxo! léxo!.....
 Silencio... luz... movimento de sombras...
 Léxo! léxo!
 Num bote certo fere o dente venenoso...
 Tejú corre á raiz do cardeiro e volta imune...
 Golpeia de novo: - léxo! – outra volta – léxo!
 Botes...coleios...ésses...oitos relusentes escamosos...
 Recebe a ultima chicotada
 Extenuada se estira...brilha ensangüentada ao sol
 Sob as vistas upadas do tejú arfante e victorioso... (FERNANDES, 1997,
 p.31-32).

Os fatos, acima apresentados, demonstram que o escritor potiguar, bem como os intelectuais e artistas que a ele estavam ligados, não travou uma batalha em torno das

⁵ Seguindo a análise, Araújo (1998, p. 157-158) esclarece: “Em todos os poemas citados – assim como em “Ninho de pedras” – a cobra aparece como um elemento que é sacrificado em função de uma força maior [...] ‘Essa força maior’ é representada pelo elemento da modernidade (o ‘Forde’) e pelo elemento absolutamente regional (o ‘teju’ e a ‘Acauã’), novos elementos que entram como possibilidade para o cânone literário nacional. No caso do elemento da modernidade, o automóvel, acontece uma espécie de apoteose pela sua aparição, através da dança da cobra que ironicamente, homenageia o ‘bicho fera’. O elemento regional, por sua vez, aparece de forma não menos impetuosa: a sua força selvagem, primitiva, emerge da cultura regional para o poema e se nutre da cobra para a sobrevivência. Na cultura, a cobra é tradicionalmente primitiva e selvagem, mas o campo semântico que lhe dá conformidade é mais amplo do que os dois elementos da região que a enfrentam: a cobra pertence a uma tradição cultural já estabelecida e em nível bastante amplo”.

idéias modernistas e muito menos assumiu uma postura, pelo menos publicamente, que tivesse na defesa dos ideais regionalistas um propósito definido. Ao discutir a questão, Araújo (2006, p. 34) chega à seguinte constatação:

A obra produzida por Câmara Cascudo, em tal conjuntura, passou ao largo da polêmica Modernismo/Regionalismo, concentrada em Pernambuco, obviamente ocasionada pela força da tradição conservadora que enfrentava os interesses mais imediatos da modernização. Despregado de uma base sólida, Câmara Cascudo adquiriu a agilidade moderna e tentou, com ela, dar movimento à tradição que se formava no Rio Grande do Norte e, ao mesmo tempo, conferir aos resquícios de tradição existentes um valor positivo e articulado ao discurso modernista.

Entendemos, também, que um estudo mais detalhado das cartas trocadas entre Câmara Cascudo e outros escritores, na época, talvez seja um bom instrumento para se discutir mais elementos em torno da questão. Após os anos que marcaram mais intensamente a divulgação do modernismo paulista e a articulação do regionalismo em Pernambucano (1922-1924), percebe-se que Câmara Cascudo procurou desenvolver os seus estudos apontando para a necessidade da pesquisa da realidade local, refletindo, de alguma forma, o ideário nacionalista que se desenharia nas primeiras décadas do século XX. É a partir dessa constatação que Araújo (1998, p. 10) afirma:

[...] após introduzir a crítica literária em forma de livro [*Alma Patrícia*, 1921] na província, Câmara Cascudo chegou à metade da década de 20 com um senso crítico bastante apurado, o que lhe permitiu uma assimilação crítica do Modernismo, de um modo que não é possível identificar na sua trajetória um possível atrelamento seu a qualquer das tendências que se manifestaram na região Nordeste e no país como um todo, naquela época.

Contudo, falar de nacionalismo, questão que sempre esteve presente não só na literatura brasileira, mas também em todas as etapas das literaturas dos países que fazem parte do continente latino-americano, requer certo cuidado, uma vez que o termo tem, em seus diferentes contextos, significações diversas. Ao delimitar as fronteiras dos paradoxos que rondam a definição da idéia de nacionalismo nessas literaturas, Perrone-Moisés (2007, p.35) afirma:

Em todas as metáforas e qualificativos utilizados pelos latino-americanos, podemos ver o auto-reconhecimento de seu caráter atrasado e subdesenvolvido, nos sentidos biológico, econômico, e cultural do termo. O nacionalismo, nessas condições, só pode ser vivido como ressentimento e recriminação de si mesmo e do outro, numa oscilação entre ufanismo e complexo de inferioridade.

Dando prosseguimento a discussão, a autora acrescenta:

Os nacionalismos literários latino-americanos, do romantismo aos dias de hoje, têm essa característica de uma reivindicação que não conhece muito bem os limites dos direitos e das recusas, correndo sempre o risco de misturar razões políticas e econômicas com razões estéticas, e de querer eliminar um inimigo que do ponto de vista da história cultural, é constitutivo de sua identidade (PERRONE-MOISÉS, 2007, p.37).

A autora considera, entretanto, que o nacionalismo esboçado por Mário de Andrade, cujo exemplo clássico é a obra *Macunaíma*, fez dele, o autor, “um nacionalista lúcido, crítico, reflexivo” (p. 202). A autora acrescenta ainda que “por suas fusões e ambigüidades, *Macunaíma* não se presta a nenhum idealismo nacionalista ou regionalista, e sua (re)leitura evidencia como retrocessos os retornos posteriores da ficção brasileira a essas ideologias” (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 195).

Diante do contexto em que os ideais dos vários nacionalismos tomavam conta da cena intelectual brasileira, nas primeiras décadas do século XX, a obra de Mário de Andrade surgia como um elemento que desarmava os vários discursos ufanistas, pessimistas ou patrióticos e se inseria em uma categoria de discurso que visava transformar a vasta superfície do país, “com suas enormes diferenças geológicas, climáticas e culturais num único *espaço mental brasileiro* (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 193). Em um sentido mais amplo, acrescenta a autora:

Vale lembrar que até a década de 1930 a economia brasileira se baseava em plantações agrícolas voltadas para o mercado internacional, sem que houvesse comunicação entre elas. As diferentes regiões brasileiras tinham estruturas políticas autônomas, e o Estado era muito fraco para integrá-las. A diversidade social e cultural das regiões era também um entrave para a formação de uma “consciência nacional”. M.A. [Mário de Andrade] aspirava a essa união nacional por meio de uma “desregionalização”, que em seu momento só podia ser concebida como ficção (p. 194).

Uma das intenções de Mário de Andrade, ao escrever *Macunaíma*, era no sentido de apreender a natureza da constituição da “entidade nacional dos brasileiros”. Assim, o escritor ultrapassou os limites de enquadramento que a idéia de “identidade nacional requeria”, já que a constituição do país passava, enquanto nação, por processos que implicavam na consideração de várias outras situações, as quais não seriam explicadas unicamente pela busca da definição de um ser idêntico, com características e traços culturais comuns a todos ao longo da extensão territorial do país que possui uma dimensão continental. A proposição de Mário de Andrade abolia, portanto, as fronteiras territoriais do país/continente sem excluir, é claro, as peculiaridades locais de cada uma delas, para se montar o complexo mosaico cultural do país. Ao refletir sobre a problemática na obra de Mário de Andrade, Perrone-Moysés (2007) faz uma anotação que é bastante esclarecedora para o caso:

M. A. tinha muitas intenções ao escrever *Macunaíma* “[...] tive intenções por demais” (Segundo prefácio). A obra ultrapassou suas intenções, mas a principal dela foi mantida: retratar artisticamente a “entidade nacional dos brasileiros”. Atente-se para a expressão “entidade nacional”, sabiamente utilizada pelo autor em vez da expressão “identidade nacional”, que se tornaria corrente e insistente na ensaística brasileira a partir do modernismo. “Entidade”, na linguagem filosófica, é um objeto de pensamento que se concebe como um ser desprovido de toda determinação particular”. A primeira prova de genialidade de M. A. foi não ter caído nas armadilhas da “identidade”, que supõe essência e origem. Como “retrato” do brasileiro, *Macunaíma* é fiel, na medida em que o retratado é um ser híbrido, contraditório, em processo (PERRONE-MOISÉS, 2007, p.191).

O que pode ser compreendido de toda essa situação abordada acima, em relação a Câmara Cascudo - principalmente nos aspectos ligados mais diretamente ao modernismo e ao regionalismo -, é o fato de o escritor potiguar ter conservado uma postura intelectual que não trouxera nenhum entrave para que ele circulasse em meio a esses conflitos, uma vez que não é conhecido nenhum confronto direto entre ele e o líder do movimento pernambucano, Gilberto Freyre. Na verdade, o que podemos perceber é que, somente nos anos finais da década de 1920, a obra e os posicionamentos estéticos e ideológicos cascudianos refletiram mais diretamente as idéias programáticas do movimento modernista, ou seja, Câmara Cascudo se aproxima do final da década de 1920 com um ideal nacionalista bastante afinado com as idéias defendidas por Mário de Andrade. Sobre essa aproximação entre os dois escritores, Araújo (2006, p.30) esclarece

que Câmara Cascudo assimilou essas novas idéias “[...] a maioria delas advindas da correspondência com Mário de Andrade”. A partir da década de 1930 é nítida a sua adesão ao desejo de se integrar os vários Brasis pelos diferentes aspectos, uma vez que o estudo da tradição sertaneja foi umas das formas com que o escritor contribuiu para que se tivesse redesenhado um mapa da diversidade étnica, cultural e geográfica do país. A obra de Mário de Andrade, especialmente o livro *Macunaíma*, talvez tenha sido, não só para Câmara Cascudo, mas para vários outros intelectuais e escritores da região Nordeste, um dos pontos de partida para os novos rumos⁶ tomados pela arte e pela literatura produzidas na região e no país como um todo. Aqui, estamos lembrando, mais especificamente do romance de 1930 e das dimensões sociológicas e etnográficas das obras de Gilberto Freyre e de Câmara Cascudo que, de certa forma, se incluem nesse momento de amadurecimento das questões estéticas, superando as discussões e os embates ideológicos travadas no calor da eclosão de cada tendência.

No caso de Câmara Cascudo, vale lembrar que, além da configuração de sua obra a partir dos matizes que desfazem as fronteiras do regional, sem, contudo, eliminar a natureza dos elementos locais, ele estabeleceu um longo intercâmbio de divulgação de idéias e obras com outros escritores dos países latino-americanos. Neste caso, estamos pensando, hoje, que essa atitude do escritor está, de certa forma, em sintonia com o que defende Perrone-Moisés (2007), quando ela afirma que a cultura latino-americana é resultante de um processo em que estão presentes “mestiçagem, recriação cultural permanente, transculturação”, diferente daquele processo que visa tolerar a coexistência de várias culturas, conforme defende o tão badalado “multiculturalismo” presente nos discursos universitários dos países hegemônicos. Para a autora,

A transculturação se efetuou e se efetua em todos os países latino-americanos, mas em cada um deles ela produziu resultados originais. Essa originalidade precisa ser reconhecida, quando se fala da cultura latino-americana. O Brasil, por exemplo, é sem dúvida latino-americano, mas não é culturalmente uniforme nem mesmo em seu enorme território (PERRONE-MOISÉS, 2007, p.23).

⁶ Embora paradoxalmente, se considerarmos a adesão de Câmara Cascudo, por exemplo, ao ideário do integralismo na década de 1930.

Outro ponto interessante no estudo da autora faz referência à importância da preservação dos traços que caracterizam as culturas originais no continente, posição que está, de certa forma, em consonância com aquelas defendidas pelos modernistas. Segundo ela,

Esquecer nossas origens é perder nossa identidade. Manter o que resta das culturas originais e garantir os direitos das populações que as conservam é não apenas uma obrigação ética, mas também uma maneira de cuidar de uma riqueza cultural que nos pertence. Agora querer reduzir nossa identidade ao que nos restou dos índios ou ao que nos trouxeram os africanos é uma regressão, que pode nos levar a um racismo às avessas. Nos países do hemisfério rico, a preocupação com o “especificamente nacional” só existe entre os conservadores ou entre os francamente fascistas, com o objetivo de recusar a imigração e a mistura de raças (PERRONE-MOISÉS, 2007, p.24).

Pensando nessas questões discutidas acima, afirmamos que a dimensão das idéias de Câmara de Cascudo naquele momento, especificamente na década de 1920, não se limitava apenas ao aspecto de um regionalismo emparedado entre os muros e os limites fronteiriços de uma tradição circunscrita ao estado do Rio Grande do Norte ou delimitada nos limites territoriais e culturais da região Nordeste. Suas idéias ultrapassavam, então, guardando-se as devidas proporções ao pensamento da época, as fronteiras do país e tomavam a dimensão do que hoje pode ser entendido como transculturação⁷, haja vista que, segundo defende Perrone-Moisés (2007, p.48 e 49),

Apesar de tudo, uma cultura ou, mais precisamente, várias culturas se constituíram nos países latino-americanos. Tendo ultrapassado há muito, no terreno da política formal, as etapas do nacionalismo libertador, falta-nos adquirir uma verdadeira atitude pós-colonial no que se refere à cultura. Resta-nos assumir “uma *terceira* natureza, que não é arcaica e pré-histórica, mas que deriva historicamente e por abdução das privações do presente”.

⁷ Nessa perspectiva, ao analisar os processos de criação literária, na América Latina, Rama (1976, p. 19) aponta Câmara Cascudo como um dos autores fundamentais da época. Para o autor, [...] “si bien la orientación inferior, folklórica, se presenta como um continuo persistente e invariante, las numerosas recopilaciones com que contamos (Juan Alfonso Carrizo, Vicente T. Mendoza, Augusto Raúl Cortazar, Luis da Camara Cascudo, Carlos H. Magis) permite reconstruir su interna movilidad – com um ritmo diferente al que mueve a la orientación culta – y el processo productivo constante que dentro de ella se cumple, em particular el correspondiente a uma apropiación lingüística a partir de la realidad ambiente”.

[...] o desforço do filho não consiste em ruminar indefinidamente o ressentimento relativo à sua origem, mas em reivindicar a herança e gozá-la livremente, em fazê-la prosperar, acarreado para ela preciosas diferenças lingüísticas e culturais.

Ainda sobre a filiação de Câmara Cascudo ao regionalismo da década de 1920, enquanto movimento literário, não nos parece seguro dar como certa a sua vinculação direta àquele movimento, porém conforme já anotamos, as pesquisas realizadas no material publicado pelo autor nesse período apontam que ele agiu de modo cauteloso em relação ao assunto. Dois outros fatos que foram bastante caros ao movimento liderado por Gilberto Freyre podem corroborar com essa idéia de que o autor norriograndense manteve-se distanciado das atividades em torno do movimento, já que ele não entrou diretamente no mérito das idéias pregadas pelo grupo de Recife. O primeiro desses fatos está relacionado à não participação efetiva de Câmara Cascudo com a publicação de texto no *Livro do Nordeste*, organizado em 1925 por Gilberto Freyre; e o segundo diz respeito à sua ausência no Congresso Regionalista do Nordeste, realizado em 1926. Por outro lado, está claro que existe na obra do autor elementos que demonstram a incorporação da natureza regional ao seu fazer intelectual. A cultura sertaneja, a tradição literária e cultural da cidade do Natal, além dos traços culturais que constituem a tradição do cultivo da cana de açúcar, principalmente no vale do Ceará Mirim e no litoral sul do estado – o sertão, a cidade do Natal e o vale do Ceará-Mirim se constituem nos três principais núcleos da tradição, identificados por ele – são reveladores da importância dos elementos local e regional na obra do pesquisador. Mesmo assim, podemos dizer que o regionalismo de Câmara Cascudo e o regionalismo de Gilberto Freyre trilham, naquele momento, caminhos diferentes, já que a valorização dos elementos de cunho regional não representam, na perspectiva cascudiana, uma defesa enfática da volta ao passado e de uma retraditionalização dos espaços que se transformavam com a chegada de uma nova ordem de valores. Para Araújo (2006, p. 30):

Câmara Cascudo trilhou um caminho distinto daquele tomado por Gilberto Freyre em Pernambuco, cujo conteúdo sócio-cultural estava intimamente relacionado à economia açucareira em declínio. Diferentemente dos pernambucanos, os potiguares buscavam e valorizavam, no início do século, uma região com raízes sertanejas e com uma vida social relacionada à

economia algodoeira-pecuária, embora, também neste sentido, fosse reivindicada uma tradição.

O exemplo claro de que Câmara Cascudo procurou inserir em sua obra uma das linhas de forças do Modernismo – linha essa que tinha por base a “junção do elemento primitivo com o moderno e ao mesmo tempo, na busca de laços com as tradições locais” (ARAÚJO, 2006, p.30) – é quando ele descreve o processo de urbanização pelo qual passou a cidade do Natal nas duas primeiras décadas do século XX. A opinião de Câmara Cascudo traduz o desejo de se ver harmonizado o aspecto tradicional e antigo da cidade com o traçado planejado pelo novo projeto de urbanização. Esse mesmo desejo pode ser evidenciado, ainda, no momento em que ele visitou a Usina São Francisco, em Ceará Mirim, local onde essas transformações também eram evidentes:

Luis e Paulo Lopes Varella, os bisnetos do barão do Ceará-Mirim, passeiam e mostram-me a usina São Francisco. São elles os continuadores efficientes de Manoel Varella do Nascimento. Estes dois rapazes, os “*meninos de Varella*”, repetem modernamente o esforço continuo de seu bisavô. Elles em anno de lucta erguem São Francisco a um nível não attingido. O diagrama cuja maior ascendência fôra em tempos do barão terá outra subida. Agora os manos conversam. Fico fumando e ouvindo. Correm cifras, planos, temas, projectos. Visito as machinas, tanques, caldeira, motores. A um canto um dynamo espera o minuto de accender suas vinte mil velas. Mostram galpões, armazéns, salas. A teia das andaimes aranhóla o edificio (CASCUDO, *A República*, 04 de agosto de 1929).

O fascínio do autor potiguar pelo estudo da tradição é correlato ao fascínio por outros aspectos da modernização, como se percebe nos exemplos destacados. Mas a constatação deste fato não resolve a problemática que discutimos; antes, aumenta a sua complexidade. Com o intuito de abrir uma discussão que, acreditamos, não se esgota no âmbito dessa pesquisa, convocamos o esclarecimento de Antonio Candido no que diz respeito à análise de um momento privilegiado da literatura brasileira, quando convergiram para a obra literária os elementos programáticos do modernismo e do regionalismo do Nordeste, sob a forma de “solução estética”.

Na obra *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos, Antonio Candido estuda o processo de formação das letras nacionais desde os primeiros

momentos até o romantismo. A segunda parte do estudo, com a ampliação até o modernismo, está em outro texto chamado “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. É nesse segundo texto que o crítico formula a idéia base que sintetiza todo o percurso do processo de formação e afirmação da nossa literatura. Segundo Antonio Candido,

Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu (CANDIDO, 2006, p.119).

Diante de tal fato, nos perguntaríamos, então, em que posição o crítico acomoda o movimento nordestino da segunda década do século passado. Para responder a esse questionamento, observamos que, no tocante à produção literária e do pensamento, durante o modernismo, Antonio Candido enfatiza que o período do decênio de 1930 é o que se apresenta como o mais decisivo. Os embates ideológicos, do começo da década, referentes aos episódios vivenciados na capital pernambucana, estariam diluídos, então, nas obras que sucederam os movimentos, obras essas que representariam o chamado “romance do Nordeste” ou “romance de 1930”⁸. É notável, então, que, nos momentos em que os ânimos intelectuais encontravam-se bastante acirrados entre os defensores do modernismo e do regionalismo, não é dada no estudo de Antonio Candido uma importância capital, do ponto de vista do que o crítico denomina de “momentos decisivos”. Portanto, esses embates não se configuram para a área dos estudos literários como sendo os elementos dominantes nas perspectivas da expressão artística das letras nacionais, uma vez que a natureza do movimento pode estar inscrita em uma das várias vertentes do nacionalismo discutido à época⁹. Desse modo, Antonio Candido não inscreve o regionalismo do Nordeste nos “momentos decisivos”, pois os frutos engendrados no contexto do regionalismo ultrapassaram os limites das barreiras e idéias regionais para se constituírem em um tipo de literatura que

⁸ É interessante lembrarmos, ainda, que, ao lado do romance de 1930, a poesia de Jorge de Lima, de Ascensão Ferreira e do poeta potiguar Jorge Fernandes, dentre outras, marcaram também esse momento de relevante importância para as letras nacionais.

⁹ Aspecto tão importante quanto o aspecto da **expressão literária**, mas que merece uma análise mais acurada por parte dos estudiosos das nossas áreas afins, como a sociologia e os estudos históricos. Com este princípio, entendemos que o que é “decisivo” em uma área pode não ser em outra, o que não elimina o caráter dialógico da interdisciplinaridade, antes, relativiza a noção de “verdade”.

retratou o país destacando aspectos de sua diversidade cultural. A importância intelectual do líder do movimento do Recife, Gilberto Freyre, será capitalizada, então, segundo Antonio Candido, com o ensaio sociológico da década seguinte, através de obras, como *Casa Grande & Senzala*. Para Antonio Candido, foram essas obras que redimensionam a história sociológica do país e, ao serem conjugadas às conquistas estéticas e ideológicas do modernismo de 1920, se constituíram em um importante fundamento para se compreender as várias questões da vida nacional, concorrendo para isso a literatura, a cultura e a própria sociologia. Enfim, é na década de 1930 que se tem um panorama mais completo da diversidade brasileira e sempre a partir do acúmulo de questões abertas desde o início do século. Segundo o crítico,

Na maré montante da Revolução de Outubro, que encerrara a fermentação antioligárquica já referida, a literatura e o pensamento se aparelharam numa grande arrancada. A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego), poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); [...]

Ao lado da ficção, o ensaio histórico-sociológico é o desenvolvimento mais interessante do período. **A obra de Gilberto Freyre assinala a expressão, neste terreno, das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático**, ao estudar com livre fantasia o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária (*Casa-grande & senzala, Sobrados e mucambos, Nordeste*)¹⁰ (CANDIDO, 2006, p.131. Grifos nossos).

Conforme apresenta o crítico, toda a produção acima citada está inserida dentro do que ele caracteriza como sendo **modernismo**, ou seja, a produção literária e intelectual, engendrada no contexto em que a pregação das idéias regionais no Nordeste

¹⁰ Já no texto “Plataforma da nova geração”, Antonio Candido chama a atenção para os perigos da “sociologia cultural”, destacando nela a atuação de Gilberto Freyre. Mesmo o comentário se referindo a um outro contexto da obra do autor pernambucano, é importante destacarmos essa passagem, uma vez que nela encontramos elementos que podem ser estendidos a uma possível conceituação das idéias regionalistas defendidas nos anos de 1920. Assim escreveu o crítico: “veja você o nosso mestre Gilberto Freyre – a que ponto o está levando o seu culturalismo. Suas últimas obras descambam para o mais lamentável sentimentalismo social e histórico; para o conservadorismo e o tradicionalismo. Enamorado do seu ciclo cultural luso-brasileiro, é levado a arquitetar um mundo próprio, em que se combine o progresso com a conservação dos traços anteriores característicos. Tudo estará justificado se trouxer a marca do mundo que o português criou e que nós vamos desenvolvendo e preservando, sim senhor, com a ajuda de Deus e de Todos os Santos Unidos. O mesmo movimento que o leva a gostar das goiabadas das tias e dos babados da prima Fulana o leva gostosamente a uma democracia patriarcal, em que, etc., etc. Como vê, Mário Neme, aí está um caso em que o método cultural carrega água para o monjolo da Reação” (CANDIDO, 2002, p.248-249).

dava o tom do discurso, ganha um *status* que ultrapassa os limites territoriais locais e regionais para se inserir na dinâmica do pensamento nacional. Para Antonio Candido,

Parece que o Modernismo (tomado o conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro. Nele e, sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-1940), fundiram-se a libertação do academicismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. A sua expansão coincidiu com a radicalização posterior à crise de 1929, que marcou em todo o mundo civilizado uma fase nova de inquietação social e ideológica (CANDIDO, 2006, p.132).

É inquestionável e, portanto, legítima a natureza ideológica do movimento nordestino da década de 1920, porém o que se postula hoje, na história literária do país, é que as matizes ideológicas do movimento foram, de certa forma, superadas pela força das obras produzidas naquele contexto, as quais desfizeram as amarras das fronteiras regionais do movimento, subvertendo o espaço especificamente local e se incorporando à produção literária e do pensamento daquele momento que, de forma geral, pode ser entendida como um tipo de arte “interessada”¹¹. Para Candido, (2006, p.132), a “alegria turbulenta e iconoclástica dos modernistas preparou, no Brasil, os caminhos para a arte interessada e a investigação histórico-sociológica do decênio de 1930”.

No ensaio “A revolução de 1930 e a cultura”, Antonio Candido (1989, p. 187) enfatiza a questão apontando que:

Traço interessante ligado às condições específicas do decênio de 1930 foi a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira.

É o caso do “romance do Nordeste”, considerado naquela altura pela média da opinião como o romance por excelência. A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não “regionalista”, no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem

¹¹ Segundo Antonio Candido, a “idéia de que a literatura *deve* ser interessada [...] foi expressa por toda a nossa crítica tradicional, desde Ferdinand Denis e Almeida Garret, a partir dos quais tornou-se a *brasilidade*, isto é, a presença de elementos descritivos locais, como traço diferencial e critério de valor. Para os românticos, a literatura brasileira começava propriamente, em virtude do tema indianista, com Durão e Basílio, reputados, por este motivo, superiores a Cláudio e Gonzaga” (CANDIDO, 1993, p. 27-28).

antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o País ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representando na sua realidade viva pela literatura.

Em outro ensaio, “Literatura e subdesenvolvimento”, ao fazer um retrospecto da literatura nos países do continente latino-americano, o crítico apresenta o fato de que a temática regionalista ressurgiu, no momento de tomada de pré-consciência do subdesenvolvimento, em um processo que se pode inserir no contexto pós-colonial das nações consideradas periféricas do sistema capitalista mundial. Para ele,

Na fase de pré-consciência do subdesenvolvimento, ali pelos anos de 1930 e 1940, tivemos o regionalismo problemático, que se chamou de “romance social”, “indigenismo”, “romance do Nordeste”. Segundo os países, e, sem, ser exclusivamente regional, o é em boa parte (CANDIDO, 1989, p. 160).

Como é possível observar, o crítico se refere ao tema do regionalismo para destacar que ele foi uma tendência não só na literatura brasileira, mas que sempre esteve presente em toda a literatura do continente latino-americano. Neste caso, ele acrescenta que o “regionalismo foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local” (CANDIDO, 1989, p.159).

Se verificarmos, portanto, que a década de 1920 foi um momento de grande efervescência para as letras nacionais, e que a região Nordeste participou efetivamente dessas discussões através da ação direta dos grupos intelectuais que se formaram em Recife, bem como o estado do Rio Grande do Norte teve participação considerável naquele processo, é fácil creditarmos às figuras de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, dentre outros intelectuais, escritores e poetas parte do mérito desse momento. O que pesa em torno da discussão que envolve Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, modernismo e regionalismo é que, segundo defende Araújo (2006, p. 35),

Diferenças à parte, as pesquisas dos dois nordestinos [...] podem ser lidas como um legado modernista, assim como a pesquisa realizada por Antonio Candido sobre a configuração do sistema literário nacional, [...] Neste sentido, estamos falando de estudos que formam uma tradição cujo eixo foi problematizado por Mário de Andrade ao longo dos anos 20, na busca de dar sentido ao “esforço nacionalizante. Para o autor de *Macunaíma*, tal esforço

significava a tentativa de singularizar e individualizar o brasileiro no contexto da civilização.

Porém, o difícil é entender a obra desses dois escritores - que, no calor de suas juventudes se debruçaram sobre o estudo da cultura local -, perante um contexto em que o academicismo era a postura reinante. Sendo assim, esses jovens intelectuais, ao lado de vários outros, romperam com essa linha de estudo do academicismo no pensamento brasileiro e ofereceram, cada um a seu modo, novas perspectivas de entendimento dos elementos da cultura brasileira, elementos até então recalcados por uma postura europeizada, cuja tematização se dava sempre no campo da idealização. Dessa forma, os elementos primitivos ascenderam à categoria de material viável à manipulação estética nas várias formas de expressão artística como a literatura, a pintura, a música, ou, para falar como Antonio Candido, “nas ciências do homem”. Em uma idéia mais geral acerca dessa situação, poderíamos recorrer novamente ao crítico citado, no momento em que ele faz uma interessante síntese para a questão:

Desrecalque localista; assimilação da vanguarda européia. Sublinhemos também o nacionalismo acentuado desta geração renovadora, que deixa de lado o patriotismo ornamental de Bilac, Coelho Neto ou Rui Barbosa, para amar com veemência o exótico descoberto no próprio país pela sua curiosidade liberta das injunções acadêmicas. Um certo número de escritores se aplica a mostrar como somos diferentes da Europa e como, por isso, devemos ver e exprimir diversamente as coisas. Em todos eles encontramos latentes o sentimento de que a expressão livre, principalmente na poesia, é a grande possibilidade para manifestar-se com autenticidade um país de contrastes, onde tudo se mistura e as formas regulares não correspondem à realidade (CANDIDO, 2006, p. 129).

6 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o contexto do pensamento cultural e literário brasileiro, nas primeiras décadas do século XX, especificamente na década de 1920, momento que marca o ápice no processo de reformulação desse pensamento, encontramos na região Nordeste dois jovens intelectuais, Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, que, bastante sintonizados com aquele momento, souberam tirar dele dividendos, tanto para a vida cultural dos seus estados, quanto para a vida cultural do país de uma forma mais ampla.

No caso de Gilberto Freyre, a atuação aconteceu em torno da articulação de um movimento de idéias que reivindicava a retomada de um processo que se dizia tradicional no Nordeste, em que as premissas básicas datavam dos idos coloniais, com vistas à reabilitar a região, e, portanto, oferecer tal tradição como um escudo de reação perante as novas forças produtivas que começavam a se tornar realidade no país, cujos reflexos atingiam diretamente a hegemonia da tradição patriarcal formada em torno da econômica açucareira da região.

O autor de *Casa grande e senzala* passou a discutir em seus textos esparsos, bem como com outros intelectuais, as idéias que se tornaram os principais ingredientes em torno do movimento regionalista nordestino. A arquitetura colonial da cidade do Recife, aliada, principalmente, à gastronomia que se formou nas cozinhas das casas grandes dos engenhos, dentre outros fatores, foram os motivos que orientaram a discussão sobre os rumos daquele movimento. De forma geral, Gilberto Freyre insistia na tese de que o Nordeste se configurava como a região brasileira que possuía uma singularidade no processo de formação da cultura nacional. Levando em consideração a importância cultural da região, o intelectual articulou o movimento que buscava jogar luzes no passado e, a partir dele, procurar estabelecer alguns dos pressupostos de uma possível identidade cultural do país. Com essa perspectiva, o autor atraiu a atenção de vários outros intelectuais e as discussões tornaram-se bem significativas a ponto de ser realizado, em 1926, o primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

Um capítulo importante da história do movimento acontecido no Nordeste é creditado à experiência do próprio Gilberto Freyre, no momento em que ele esteve estudando no exterior, onde manteve contato com escritores, poetas e pensadores que nutriam no passado e nos elementos de natureza regional a defesa e a sistematização dos traços culturais de um determinado espaço ou região, a exemplo do que o poeta francês Mistral pregava em relação ao sul da França. Sendo assim, as idéias defendidas por Gilberto Freyre advêm de uma experiência estrangeira, a qual, por sua vez, era o reflexo do pensamento daqueles que

discordavam dos rumos que a arte e a cultura estavam tomando, principalmente na Europa, com o advento dos vários movimentos de vanguarda por lá surgidos. Gilberto Freyre trouxera para o Brasil essas idéias que eram o contraponto às idéias dos modernistas, que tem como marco oficial a Semana de Arte Moderna realizada em 1922 , cuja inspiração era também de origem estrangeira e tinha como referência os vários movimentos de renovação surgidos na Europa.

O regionalismo não ficou restrito apenas ao campo da defesa de idéias e proposições para reabilitar a região em torno dos seus elementos culturais. Os defensores do movimento travaram uma batalha ideológica que tinha como alvo principal refutar as idéias difundidas pelos modernistas de São Paulo, uma vez que tal movimento já era uma realidade discutida por grande parte da intelectualidade brasileira. No entanto, coube ao também pernambucano Joaquim Inojosa assumir a linha de frente de defesa do movimento, de origem paulista, no Recife. Diante dos embates entre as duas correntes ideológicas, os assuntos futurismo, modernismo, tradição e regionalismo se efetivaram como a pauta principal na ordem do dia no pensamento da região. A trincheira de batalha foi organizada entre aqueles que, de certa forma, rechaçavam os avanços que a modernidade pudesse imprimir, especialmente na principal da cidade da região, Recife. O advento da modernidade trouxe em seu bojo várias modificações nas formas de relacionamento humano, tais como as mudanças dos hábitos, dos costumes e a introdução de novidades tecnológicas. A energia elétrica, o automóvel, o avião, dentre outras novidades, foram aos poucos sendo introduzidas na vida das cidades que respiravam os ares da mudança. Contraopondo-se a essas mudanças, os regionalistas basearam suas opiniões numa linha de pensamento que passou a ser denominada de regionalista-tradicionalista. Do outro lado, estavam aqueles que reivindicavam a reformulação do pensamento, da arte, da literatura, e receberam, de início, a denominação de futuristas, haja vista que nos instantes iniciais todo o posicionamento que se originasse dessas idéias renovadoras receberia essa denominação, numa clara alusão ao manifesto futurista de Marinetti. Enfim, o embate entre as duas correntes de pensamento aconteceu entre aqueles que defendiam a manutenção de uma estrutura econômica, política e social conservadora - e, junto a essa estrutura, todas as formas de manifestação cultural que estavam atreladas àquela estrutura - e os que defendiam a reformulação do fazer artístico e cultural, objetivando acertar os passos do pensamento nacional com uma nova ordem de valores e procedimentos estéticos vivenciados no mundo ocidental.

Em relação a Câmara Cascudo, a atuação se dá em torno da criação de um ambiente intelectual na cidade do Natal, na segunda década do século XX. Inicialmente, sabemos que

Câmara Cascudo manteve um intenso contato com os principais intelectuais estabelecidos na capital pernambucana, uma vez que esteve lá na condição de aluno na Faculdade de Direito Recife. Por outro lado, sabemos, também, que o autor potiguar desenvolvera uma intensa correspondência com Mário de Andrade, um dos mais festejados líderes modernistas, sendo inclusive um dos principais divulgadores das idéias modernistas no Rio Grande do Norte. Contudo, está claro que Câmara Cascudo não se vinculou oficialmente a nenhum dos movimentos que estiveram na cena intelectual brasileira da época.

Mesmo não tendo participação direta na articulação de nenhum dos movimentos, Câmara Cascudo não teve dificuldades para conviver com escritores, poetas e intelectuais que a eles se vincularam. Neste sentido, sua ação foi além dos limites territoriais, seja no espaço nordestino ou do próprio espaço brasileiro, já que ele se envolveu em um intenso processo de divulgação de obras e artistas dos países da América Latina, cuja intenção seria a de ver cada vez mais as literaturas e as culturas desses países aproximadas. Parece ser claro, então, que Câmara Cascudo tinha plena consciência de que o fortalecimento político e econômico desses países passaria, antes de tudo, por um processo de identificação e aproximação de suas culturas.

Assim, a grande ação do autor potiguar foi com o objetivo de sistematizar os elementos que apontavam para a identificação de núcleos tradicionais no Rio Grande do Norte. O pontapé inicial para essa empreitada foi no sentido de reabilitar as obras daqueles que foram os dois principais poetas da cidade do Natal, Lourival Açucena e Ferreira Itajubá, sem esquecermos, é claro, a importância do poeta Segundo Wanderley. Seguindo na caminhada em busca da tradição, Câmara Cascudo percorreu os vários recantos da cidade do Natal que, mesmo passando por um processo de transformação estrutural, conservava traços de sua arquitetura, dentre outros que lhe dariam o aspecto de cidade que nutria um ar tradicional. Ainda nesse clima tradicional, o escritor foi à região do vale do Ceará-Mirim e lá manteve contato com os descendentes do Barão de Ceará-Mirim, um dos mais antigos senhores produtores de cana-de-açúcar naquela região. Em contato com aqueles descendentes, o escritor pôde observar que parte da tradição no cultivo da cana ainda estava preservada, bem como várias técnicas modernas estavam sendo introduzidas no processo de beneficiamento do produto, em uma combinação que dinamizava e agregava valor econômico a ele, sem perder de vista seus outros valores, dentre eles, os traços culturais herdados historicamente. Por fim, Câmara Cascudo volta sua atenção para o interior do estado, local onde estava enraizada a cultura sertaneja, principalmente aquela incrustada na região Seridó, cujo núcleo-base era Caicó, cidade por ele considerada como a capital daquele tipo de cultura.

A partir desse mapeamento, o escritor consegue, então, estabelecer três núcleos principais de tradição no Rio Grande do Norte, os quais se configuram como elementos que, ao invés de se contraporem ao processo de transformação que o Rio Grande do Norte estava vivenciando e reivindicarem a permanência do passado apegado àquelas forças tradicionais, ofereciam uma base de sustentação para um estado que queria acertar o passo com o contexto mundial da modernização. Assim, do ponto de vista da literatura e da cultura, Câmara Cascudo procurava dar continuidade à evolução político-administrativa implantada no Rio Grande do Norte, principalmente nos governos de José Augusto e Juvenal Lamartine, oferecendo as bases para que passado e presente passassem a coexistir de forma pacífica com vistas a um desenvolvimento harmonioso, bem como oferecendo uma possibilidade de integração cultural entre as diferentes regiões do estado, litoral e sertão, integração essa que já acontecia em termos de estrutura física com a construção de estradas e campos de aviação. No tocante à questão cultural, esse foi um grande passo dado pelo estado, pois, a partir da tomada de consciência de suas forças tradicionais, foi possível disseminar as propostas do modernismo e elaborar produtos literários e culturais que contemplavam as premissas daquela estética. Tal fato fez com que a literatura e a cultura local começassem a integrar aquilo que, anos depois, Antonio Candido denominou de sistema literário nacional. Neste caso, estamos pensando, por exemplo, em obras como o *Livro de poemas de Jorge Fernandes* e na obra *Vaqueiros e cantadores* do próprio Câmara Cascudo.

A partir dessas considerações, podemos dizer que a postura de Câmara Cascudo, em não se filiar diretamente a nenhum daqueles movimentos de idéias, pode ter sido estratégica, uma vez que ele ficou bastante à vontade para transitar pelos vários espaços em que as discussões aconteciam. Neste sentido, é fato que o autor potiguar não possuiu, na cena pública do debate cultural daquele momento, nenhuma idéia contrária as idéias que ele defendia. Ele soube, então, tirar proveito da situação e, com isso, a literatura e a cultura do seu estado passaram por um momento de grande dinamicidade. A opção em favor das idéias modernistas, opção essa reforçada a partir do intercâmbio e amizade com Mário de Andrade, talvez tenha sido um dos pontos fundamentais na estratégia adotada pelo autor, já que a amizade iniciada com o paulista foi iniciativa do potiguar. Neste caso, estamos pensando que Câmara Cascudo era bastante conhecedor das idéias articuladas em torno do regionalismo em Recife, pois, conforme já foi mencionado, ele conviveu intensamente naquela cidade e participou das rodas de conversas sobre a questão.

Entretanto, Câmara Cascudo valorizou os elementos de natureza regional. Diferentemente da proposta do grupo de Recife, o elemento regional presente em suas idéias

era aquele que caracterizava o espaço local e se oferecia como um conjunto de práticas para a formação de uma espécie de rede de valores dentro da complexidade geográfica, étnica e cultural do país. Desse modo, podemos pensar que as idéias regionalistas de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo trilham caminhos diferentes, porém as linhas de defesas dos dois escritores possuem pontos de confluências que desautorizam qualquer posicionamento unilateral, em torno da atuação de cada um deles. A empreitada intelectual desses dois escritores tinha como eixo a tradição da região Nordeste, cujos elementos híbridos de sua cultura estavam em sincronia com a diversidade étnica da cultura nacional. As cidades e suas arquiteturas, a gastronomia, o modo de viver do homem nordestino, estivesse ele situado na fértil região da zona da mata ou no árido sertão potiguar, despertaram nos dois escritores um modo próprio de levar à discussão estético-literária formas de vida que, incorporadas ao processo cultural brasileiro, demonstram que a atuação deles, bem como a natureza dos dois movimentos, modernismo e regionalismo, cumpriram os objetivos a que se propunham: levar ao mundo da arte erudita novas formas de expressão da cultura brasileira e incorporá-las à realidade artística nacional. Esse princípio está em consonância com o pensamento de Mário de Andrade, uma vez que a partir dele podemos ver concretizada o que ele denomina de a “conquista magnífica da descentralização intelectual”. De qualquer forma, podemos dizer que, mesmo defendendo idéias opostas no aspecto geral, as duas correntes de pensamento, presentes na região Nordeste no início do século XX, estudavam elementos da identidade cultural do país e cada uma, a seu modo, se expressavam numa busca pela brasilidade. Esse fato pode ser verificado quando analisamos a produção intelectual dos dois escritores em questão naquele período e observamos que o interesse de cada um se conjuga no interesse de apresentar ao debate intelectual da época aspectos da cultura de uma região que representava uma grande parte da diversidade étnico-cultural do país.

Diferenças à parte, podemos dizer que essa movimentação está incluída naquele período que Antonio Candido caracteriza como sendo o segundo grande momento da literatura brasileira, uma vez que, vistas em suas configurações gerais, as idéias discutidas naquele momento podem ser lidas a partir da perspectiva de que não são homogêneas e sim que comportam uma grande gama heterogênea, paradoxal, inclusive.

É inquestionável e, portanto, legítima a natureza ideológica do movimento regionalista tradicionalista nordestino. Entretanto, o que se postula hoje, na história literária do país, é que as perspectivas ideológicas de tal movimento foram superadas pela força das obras produzidas naquele contexto, desfazendo as amarras de uma ideologia regional e subvertendo o espaço especificamente local para se incorporar à produção literária e do

pensamento nacional que buscava expressar a cultura brasileira em sua diversidade. Assim, está claro, ainda, que não existiu o atrelamento das obras às idéias programáticas dos respectivos movimentos.

7. BIBLIOGRAFIA

7.1. CONSULTADA

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1972.
 _____. Mário. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto. Introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Introdução e notas de Veríssimo de Melo. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Vila Rica, 1991.

ANDRADE, Oswald. *Pau Brasil*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2003 (obras completas de Oswald de Andrade).

ARANTES, Otília Beatriz Fiori e ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. São Paulo: Paz e terra, 1997.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Leituras sobre Câmara Cascudo*. João Pessoa: Idéia, 2006.

_____. Joio. In: SILVA, Marcos (org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDFURN, Fundação José Augusto, 2003.

_____. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN - SESI, 1998.

_____. *O lirismo nos quintais pobres: uma leitura da poesia de Jorge Fernandes*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

_____. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Editora da UFRN, 1995.

ARAÚJO, Marta Maria. *José Augusto Bezerra de Medeiros: político e educador militante*. Natal: EDUFRN; Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte; Fundação José Augusto, 1998.

ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

_____. Estudo introdutório: o nascimento do cronista e o nascimento da cidade de Natal. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. (Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais). Natal: EDFURN, 2005.

ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade*. Disponível em: <http://br.geocities.com/paulopes.geo/instinto.htm>. Acesso em 15 de março de 2008.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: anos 20 em Pernambuco*. 2 ed. João Pessoa: Secretaria de Educação e cultura da Paraíba, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Apresentação de Teixeira Coelho; tradução de Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, 1.v. (obras escolhidas).

_____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução Jose Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, 3.v. (obras escolhidas).

BORNHEIM, Gerd A. “Conceito de Tradição”. In: *Cultura Brasileira: tradição contradição*. 2 ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987.

BOSI, Alfredo. “Cultura como tradição”. In: *Cultura Brasileira: tradição contradição*. 2.ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

_____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

_____. *Vários Escritos*. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Formação da literatura brasileira: momento decisivos*. 7. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

_____. *A educação pela noite & outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. *No Caminho do avião: notas de reportagem aérea (1922-1933)*. Natal: EDUFURN, 2007.

_____. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais. Natal: EDFURN, 2005.

_____. *Alma patricia*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

_____. *Alma Patricia: crítica literária*. Edição Fac-similar de 1921. Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1991 (Coleção Mossoroense. Série C, v. 743).

_____. *Joio: páginas de literatura e crítica*. Edição Fac-similar de 1924: Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1991 (Coleção Mossoroense, série C, v.749).

_____. Depoimento de Luis da Câmara Cascudo sobre o ‘Livro de poemas’ de Jorge Fernandes. In: FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. Natal: Fundação José Augusto, 1997, p. I-VIII.

_____. Joaquim Eduvirges... In: AÇUCENA, Lourival Lorêncio (org.). *Versos reunidos por Luís da Câmara Cascudo*. 2.ed. Natal: Editora Universitária, 1986.

_____. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984a.

_____. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984b.

_____. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

_____. *Nosso amigo Castriciano. 1874-1947. Reminiscências e notas*. Natal: Imprensa Universitária, 1965.

COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio bibliográfico*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

COSTA, Maria Suely da. *O Canto de Cigarra e outros cantos: revistas literárias do Rio Grande do Norte nos anos 20. (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2000.*

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a Literatura Regionalista*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

ELIOT, T.S. *Ensaio de doutrina crítica*. Traduzidos com a colaboração de Fernando de Mello Moser; Prefácio, seleção e notas de J. Monteiro-Grillo 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

FERNANDES, Jorge Fernandes. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. 2. ed. Fac-similar. Natal: Fundação José Augusto, 1997. (Coleção Biblioteca Potiguar, 3).

FERREIRA, José Luiz Ferreira. *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20. (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2000.*

FERREIRA, Sônia Maria Fernandes. *De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado*. Natal: Clima, 1986.

FERREIRA, Jerusa Pires. Literatura oral. In: SILVA, Marcos. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. (Marcos Silva organizador). São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDFURN, Fundação José Augusto, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*. Apresentação de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke e bibliografia de Edson Nery da Fonseca. São Paulo: Global, Recife, PE: Fundação Gilberto Freyre, 2006.

_____. Entrevista com Gilberto Freyre. In: D'ANDREA, Moema Selma. *A Tradição Re(des)coberta*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. *Vida, forma e cor*. Prefácio de Renato Carneiro Campos. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. *Manifesto regionalista*. 6 ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.

_____. *Região e tradição*. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

_____. *Tempo de aprendiz*. (Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926). Nota de José Antonio Gonsalves de Mello, prefácio de Nilo Pereira, introdução do autor. São Paulo: Ibrasa/Brasília: INL, 1979, 2.v.

_____. *Além do apenas moderno*: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. *Presença do Recife no modernismo brasileiro*. Recife: Ed. de Cadernos Moinho Recife, 1972.

_____. *Retalhos de jornais velhos*. Prefácio de Luís Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

GICO, Vânia. *Luís da Câmara Cascudo*: uma bibliografia comentada 1968/1995. Natal: EDUFRN-Editora da UFRN, 1996.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências*: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 1999.

GUIMARÃES, João de Amorim. *Natal de meu tempo*: crônicas da cidade do Natal. Introdução e Notas de Humberto Hermenegildo de Araújo. 2. ed. Natal: SCB/FHG, 1999.

GUIMARÃES, Leda. História da cidade do Natal. In: SILVA, Marcos (org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDFURN, Fundação José Augusto, 2003.

INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.

_____. *Crítica e polêmica*. Rio de Janeiro: Editora Férias, 1962. (Estudos diversos 2).

_____. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1968-1969. 3.v.

LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo*: um brasileiro feliz. Natal: RN/Econômico, 1998.

LOPES, Telê Ancona Porto Lopes. Canto de Muro. In: SILVA, Marcos (org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDFURN, Fundação José Augusto, 2003.

MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo*: 50 anos de vida intelectual: 1918/1968; bibliografia anotada. Natal: Fundação José Augusto, 1970, 2.v em 3.

MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte: 1909-1987*. São Paulo: Cortes; Natal: Fundação José Augusto, 1987 (Documentos potiguares, 3).

MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Volume único.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 3. ed. revista e ampliada. Natal, RN: EDFURN, 2007.

PEREIRA, Nilo. Prefácio de Nilo Pereira. In: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz*. (Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926). Nota de José Antonio Gonsalves de Mello, prefácio de Nilo Pereira, introdução do autor. São Paulo: Ibrasa/Brasília: INL, 1979, 2.v.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerários de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: editora brasiliense, 1983.

RAMA, Angel. *Los gauchipolíticos rioplatenses: literatura y sociedad*. Buenos Aires: Calicanto Editorial S.R.L, 1976.

SANTOS, Tarcisio Gurgel dos. *Bellé Époque na Esquina: o que se passou na República das Letras Potiguares*. (Doutorado em Literatura Comparada) Programa de Pós-Graduação da Linguagem, UFRN, 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

_____. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das letras, 1997a.

_____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das letras, 1997b

SILVA, Marcos. Nota Preliminar. In: _____. (org.) *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDFURN, Fundação José Augusto, 2003.

_____. *Câmara Cascudo e a erudição popular*. Projeto História, São Paulo, n. 17, p. 317-334, nov, 1998.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

7.2. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO ANO DE 1924

Froylan Turcios. *A Imprensa*, Natal, 30 jan.

- Algo... Sobre o seculo XX. *A Imprensa*, Natal. 01 fev.
- Algo... O livro de Paulo Barreto Maranhão. *A Imprensa*, Natal, 03 fev.
- Aspectos d'uma organização religiosa. *A Imprensa*, Natal, 10 fev.
- Julio do Carmo. *A Imprensa*, Natal, 15 fev.
- Lourenzo Stanchina. *A Imprensa*, Natal, 22 fev.
- Elias Costelnuovo. *A Imprensa*, Natal, 24 fev.
- Joaquim do Rego Monteiro. *A Imprensa*, Natal, 09 mar.
- A bengala de Gilberto Freyre. *A Imprensa*, Natal, 14 mar.
- As paisagens nos romancistas pernambucanos. *A Imprensa*, Natal, 19 mar.
- Hora poetica de João Barreto. *A Imprensa*, Natal, 30 mar.
- Do riso e da seriedade. *A Imprensa*, Natal, 02 abr.
- Ricardo Gutierrez. *A Imprensa*, Natal, 25 abr.
- Salvador Alfredo Gomis. *A Imprensa*, Natal, 27 abr.
- Bric-à-Brac. *A Imprensa*, Natal, 04 maio.
- Registro bibliografico. *A Imprensa*, Natal, 07 maio.
- Instituto Hist. e Geo. do Rio Grande do Norte. *A Imprensa*, Natal, 07 maio.
- A noite em Natal. *A Imprensa*, Natal, 11 maio.
- Um retrato de Martin Francisco. *A Imprensa*, Natal, 16 maio.
- A critica de Giuseppe Prezzolini. *A Imprensa*, Natal, 18 maio.
- João Luso. *A Imprensa*, Natal, 23 maio.
- Rei Fuad. *A Imprensa*, Natal, 25 maio.
- Prof. Neto Campello. *A Imprensa*, Natal, 1º jun.
- Sr. Mario Pinto Serva. *A Imprensa*, Natal, 04 jun.
- Gabriel Marques. *A Imprensa*, Natal, 06 jun.
- O Senhor Mário de Andrade. *A Imprensa*, Natal 11 jun.
- Missanga e a autora. *A Imprensa*, Natal, 13 jun.
- Dr. Manoel Dantas. *A Imprensa*, Natal, 18 jun.
- Laureis insignes. *A Imprensa*, Natal, 22 jun.
- “La amada infiel”. *A Imprensa*, Natal, 25 jun.
- Visão esthetica da guerra. *A Imprensa*, Natal, 04 jul.
- Quarto livro de Lucilo Varejão. *A Imprensa*, Natal, 09 jul.
- Na ilustre Companhia... *A Imprensa*, 11 jul.
- Folk-lore infantil. *A Imprensa*, Natal, 13 jul.
- Moyses Kantor. *A Imprensa*, Natal, 20 jul.

Registro bibliografico. *A Imprensa*, Natal, 13 ago.
 Cabelos curtos ou compridos. *A Imprensa*, Natal, 17 ago.
 Registro Bibliografico – Arte Moderna. *A Imprensa*, 22 ago.
 O que eu diria ao Senhor Graça Aranha. *A Imprensa*, 24 ago.
 Mixed-pickles. *A Imprensa*, Natal, 14 set.
 De Recife. *A Imprensa*, Natal, 03 out.
 A casa do operario. *A Imprensa*, Natal, 19 out.
 In terra aliena... *A Imprensa*, Natal, 29 out.
 Ouro alheio. *A Imprensa*, Natal, 12 nov.
 Esporte deseducador. *A Imprensa*, Natal, 15 nov.
 A inutilidade do figurino. *A Imprensa*, Natal, 23 nov.
 Minha chronica. *A Imprensa*, Natal, 19 dez.
 Eclogas de Bernadim Ribeiro. *A Imprensa*, Natal, 21 dez.
 Livro do general Abilio. *A Imprensa*, Natal, 24 dez.

7.3. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO NO ANO DE 1927

Conde kaldak. *A Imprensa*, Natal, 04 fev.
 Entrevistas e elogios. *A Imprensa*, Natal, 11 fev.
 A gravidade brasileira. *A Imprensa*, Natal, 06 abr.
 Livro de Peregrino Junior. *A Imprensa*, Natal, 24 abr.
 O sr. Eduardo Frieiro. *A Imprensa*, Natal, 29 abr.
 Homo brasiliensis. *A Imprensa*, Natal, 01 jun.
 A lei n. 145. *A Imprensa*, Natal, 10 jun.
 Sobre o Sr. dom Pedro II. *A Imprensa*, Natal, 10 ago.
 Sobre o Sr. dom Pedro II. *A Imprensa*, Natal, 12 ago.
 Sobre o Sr. dom Pedro II. *A Imprensa*, Natal, 17 ago.
 Poesia d'aqui mesmo... *A Imprensa*, Natal, 21 ago.
 Sobre o Sr. dom Pedro II. *A Imprensa*, Natal, 24 ago.
 Bric-à-Brac. *A Imprensa*, 14 set.
 Bric-à-Brac. *A República*, Natal, 28 jul.
 Bric-à-Brac. *A República*, Natal, 04 ago.
 Brica-à-Brac. *A República*, Natal, 11 ago.

Bric-à-Brac. *A República*, Natal, 25 ago.

7.4. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO NO ANO DE 1928

Sobre a arte moderna. *A República*, Natal, 03 mar.

Satanás no folk-lore nordestino. *A República*, Natal, 22 mar.

Gado de longe. *A República*, Natal, 25 mar.

Anedoctas... *A República*, Natal, 26 mar.

Oliveira Lima, meu amigo. *A República*, Natal, 29 mar.

Rosario de Beltran Nunez. *A República*, Natal, 12 abr.

Rosario Beltran Nunez. *A República*, Natal, 19 abr.

Por que não temos um centro musical? *A República*, Natal, 03 maio.

Registro bibliografico. *A República*, Natal, 08 maio.

Uma conversa com Pero Vaz de Caminha. *A República*, Natal, 10 maio, p. 1 e 2.

O rei mandou me chamar... *A República*, Natal, 17 maio.

O livro de Policarpo Feitosa. *A República*, Natal, 20 maio.

Berta Quezada – poetisa chilena. *A República*, Natal, 24 maio.

Biblion. *A República*, Natal, 26 maio.

Biblion. *A República*, Natal, 29 maio.

O nosso maior fidalgo. *A República*, Natal, 31 maio.

Biblion. *A República*, Natal, 02 jun.

Biblion. *A República*, Natal, 06 jun.

“Eu não temo a mocidade”. *A República*, Natal, 07 jun.

Biblion. *A República*, Natal, 09 jun.

O livro das velhas figuras. *A República*, Natal, 14 jun.

Biblion. *A República*, Natal, 19 jun.

O dogma do imperialismo americano. *A República*, Natal, 21 jun.

A casa neo-colonial. *A República*, Natal, 28 jun, p.1 e 2.

Os desenhos infantis nas escolas primarias do Japão. *A República*, Natal, 06 jul.

A outra Bertha Lutz. *A República*, Natal, 12 jul.

A nossa D.G. *A República*, Natal, 26 jul.

Biblion. *A República*, Natal, 27 jul.

Fabião das Queimadas. *A República*, Natal, 02 ago, p. 1 e 2.

O factor espiritual no estado-economico. *A República*, Natal, 09 ago.

Associação das republicas hispano-americanas. *A República*, Natal, 17 ago.

Historias de soldado. *A República*, Natal, 23 ago.

Manoel Segundo Wanderley. *A República*, Natal, 30 ago.

Conclusoens da viagem que fez Luis da Câmara Cascudo chronista da expedição que às terras do toiros mandou o Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Norte nos setimo et sexto kalendas septembris, MCMXXVIII, anno de N.S.J.C. *A República*, Natal, 06 set.

Metu-astarté, nevegador phenico. *A República*, Natal, 13 set.

Instrumentos musicais dos negros no norte do Brasil. A República, Natal, 27 set.

Adaptações e variantes poeticas. *A República*, Natal, 04 out.

Os poetas do pé. *A República*, Natal, 11 out.

Biblion. *A República*, Natal, 13 out.

Historias comicas de cousas serias. *A República*, Natal, 18 out.

Biblion. *A República*, Natal, 23 out.

Actualidade de problemas velhos. *A República*, Natal, 25 out.

Folk-lore do Rio Grande do Norte. *A República*, Natal, 1º nov.

Folk-lore do Rio Grande do Norte. *A República*, Natal, 08 nov.

A pesca do voador e outros assumptos. *A República*, Natal, 16 nov.

Michael, 1º rei do mundo. A República, Natal, 29 nov.

O doutor Antunes. *A República*, Natal, 06 dez.

O livro infantil brasileiro. *A República*, Natal, 13 dez.

Um dos problemas da fadiga. *A República*, Natal, 20 dez.

7.5. TEXTOS ESPARSOS PUBLICADOS POR CÂMARA CASCU DO NO ANO DE 1929

Desembargador Antonio Ferreira. *A República*, Natal, 1º jan.

Folk-lore do Rio Grande do Norte. *A República*, Natal, 04 jan.

No rasto de Hoover. *A República*, Natal, 10 jan.

Os “amigos” do Jackson... *A República*, Natal, 17 jan.

E a nossa universidade popular? *A República*, Natal, 24 jan.

A lenda de santo Ivo. *A República*, Natal, 27 jan, p. 3.

Diario dos 1.104. Klmts: I. *A República*, Natal, 29 jan.

Diario dos 1.1.04. Klmts: II. *A República*, Natal, 30 jan.

Diario dos 1.1.04. Klmts: III. *A República*, Natal, 31 jan.

Diario dos 1.1.04. Klmts: IV. *A República*, Natal, 1º fev.

Diario dos 1.1.04. Klmts: V. *A República*, Natal, 02 fev.

Diario dos 1.1.04. Klmts: VI. *A República*, Natal, 03 fev.

A taça florida. *A República*, Natal, 07 fev.

Carnaval! Carnaval! *A República*, Natal, 10 fev.

Protecção aos aliados economicos. *A República*, Natal, 14 fev.

Prajadhipock de sukhodaya! *A República*, Natal, 17 fev.

Amanullah. *A República*, Natal, 22 fev.

Quem descobriu o Brasil?... *A República*, Natal, 28 fev.

A sahida dos nossos trabalhos de arte. *A República*, Natal, 03 mar.

Mathias Maciel, linhagista. *A República*, Natal, 07 mar.

Historia de gente corôada. *A República*, Natal, 10 mar.

Imprensa divulgativa. *A República*, Natal, 14 mar.

Protecção da alegria popular. *A República*, Natal, 17 mar.

Caicó. *A República*, Natal, 20 mar.

Senso da decoração domestica. *A República*, Natal, 27 mar.

Folk-lore do Rio Grande do Norte. *A República*, Natal, 31 mar., p. 1-2.

Arborisação nas cidades sertenejas. *A República*, Natal, 05 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 06 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 07 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 10 abr.

Angelo Roselli. *A República*, Natal, 12 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 19 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 20 abr.

Notas para a historia do Atheneu. *A República*, Natal, 21 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 23 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 26 abr, p. 2.

Biblion. *A República*, Natal, 27 abr.

As historias do Sr. Assis Cintra. *A República*, Natal, 28 abr.

Biblion. *A República*, Natal, 1º maio, p. 2.

Notas para a historia do Atheneu. *A República*, Natal, 05 maio.

Biblion. *A República*, Natal, 11 maio.

Delenda 3 de maio.... *A República*, Natal, 15 maio.

O nome de Lourival. *A República*, Natal, 17 maio.

- Notas para a historia do Atheneu. *A República*, Natal, 19 maio.
- Os presidentes “titulados” do Rio Grande do Norte. *A República*, Natal, 24 maio.
- Notas para a historia do Atheneu. *A República*, Natal, 26 maio.
- Notas para a historia do Atheneu. *A República*, Natal, 02 jun.
- Bilbion. *A República*, Natal, 08 jun.
- Musicalerias. *A República*, Natal, 14 jun.
- A victoria dos trabalhistas inglezes. *A República*, Natal, 20 jun.
- Tasso. *A República*, Natal, 23 jun.
- Cayrú. *A República*, Natal, 27 jun.
- O endosso de Miguel Ribeiro Dantas. *A República*, Natal, 04 jul.
- O outro Basilio Torreão. *A República*, Natal, 06 jul.
- Pall-Mall – Ceará Mirim. *A República*, Natal, 09 jul.
- Pall-Mall – Ceara Mirim. *A República*, Natal, 10 jul.
- Pall-Mall – Ceara Mirim. *A República*, Natal, 24 jul.
- Pall-Mall – Ceara Mirim. *A República*, Natal, 28 jul.
- Pal-Mall – Ceara Mirim. *A República*, Natal, 04 ago.
- Bilbion. *A República*, Natal, 09 ago.
- Olyntho José Meira. *A República*, Natal, 11 ago.
- Edouard Risler, pianista. *A República*, Natal, 18 ago.
- Musicalerias. *A República*, Natal, 05 set.
- Para fazer um romance... *A República*, Natal, 11 set.
- Sir Arthur Conan Doyle. *A República*, Natal, 20 set.
- Toponymia de Natal. *A República*, Natal, 22 set.
- Presidente dos trinta e um ministros. *A República*, Natal, 24 set.
- Toponymia de Natal. *A República*, Natal, 28 set.
- José Augusto. *A República*, Natal, 04 set.
- Musicalerias. *A República*, Natal, 16 out.
- Bergson. *A República* Natal, 18 out.
- Sobre Jorge Fernandes: o poeta iniciou um programa de D. Eugenia Álvaro Moreira, em São Paulo. *A República*, Natal, 25 out.
- O novo plano da cidade. *A República*, Natal, 30 out.
- O novo plano da cidade. *A República*, Natal, 07 nov.
- Musicalerias. *A República*, Natal, 13 nov.
- China, mundo novo. *A República*, Natal, 14 nov.

De Makino a Adaci. *A República*, Natal, 28 nov.

Patriotismo arithmetico. *A República*, Natal, 05 dez.

Para fazer um Romance... *A República*, Natal, 08 dez.

Notas de philologia folklorica. *A República*, Natal, 10 dez.

Briga parlamentar ha oitenta annos! *A República*, Natal, 19 dez.

Junqueira Ayres. *A República*, Natal, 29 dez.